UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS

LOURIVAL AGUIAR TEIXEIRA CUSTÓDIO

**Um estudo de classe e identidade no Brasil: Movimento Negro Unificado (MNU) –
1978 – 1990**

São Paulo
2017

LOURIVAL AGUIAR TEIXEIRA CUSTODIO

**Um estudo de classe e identidade no Brasil: Movimento Negro Unificado (MNU) –
1978 – 1990**

Versão Original

Dissertação apresentada à Escola de Artes,
Ciências e Humanidades da Universidade
de São Paulo para obtenção do título de
Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-
graduação em Estudos Culturais.

Área de concentração:
Cultura, Política e Identidades.

Orientadora:
Prof.^a Dra. Madalena Pedroso Aulicino.

São Paulo

2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)

Custódio, Lourival Aguiar Teixeira

Um estudo de classe e identidade no Brasil : Movimento Negro Unificado (MNU) – 1978-1990 / Lourival Aguiar Teixeira Custódio ; orientadora, Madalena Pedroso Aulicino. – 2017
95 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo.
Versão original

1. Movimentos sociais - Brasil - 1978-1990. 2. Negros - Brasil. 3. Identidade. 4. Movimento Negro Unificado. I. Aulicino, Madalena Pedroso, orient. II. Título

CDD 22.ed.- 303.4840981

Nome: CUSTODIO, Lourival Aguiar Teixeira

Título: Um estudo de Classe e Identidade no Brasil: Movimento Negro Unificado (MNU)
- 1978 – 1990

Dissertação apresentada à Escola de Artes,
Ciências e Humanidades da Universidade
de São Paulo para obtenção do título de
Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-
graduação em Estudos Culturais.

Área de concentração:
Cultura, Política e Identidades.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Dedico este trabalho a construção de um partido revolucionário no Brasil, que possa libertar a população negra, assim como todo o conjunto de explorados e oprimidos pelo capitalismo do jugo da submissão capitalista, além de todos aqueles que tombaram no caminho desta construção.

AGRADECIMENTOS

Agradeço muito a minha família, minha mãe e inspiração, Sonia Maria Teixeira, que nunca desistiu de mim e possibilitou que eu estivesse hoje defendendo uma dissertação de mestrado, meus avós, Antônia de Aguiar Teixeira, de quem eu herdei não apenas o sobrenome que irei carregar com orgulho na carreira academia, mas também a força que demonstrou não apenas para mim, mas para toda a minha família como exemplo de força, meu avô, Josias Teixeira Pinto, que me observa desde onde estiver, e permitiu que eu fosse uma criança alegre e crescesse em meio ao amor, meus irmãos e sobrinhos, que foram meu apoio para eu nunca desistir (Te amo Lucas Aguiar, meu eterno presente), meus tios e tias que sempre depositaram suas confianças em mim, meus amigos e eternos camaradas de luta contra o racismo e o capitalismo, da minha eterna família do Movimento Revolucionário de Trabalhadores, em especial aos companheiros da Direção de Negros do partido, que trilharam comigo este longo caminho e aos meus eternos amores, Aline Cristina Messias, que esteve ao meu lado por todo este percurso, dividindo cada frustração, cada alegria e cada conquista, sem jamais desistir de mim e Juliana Gonçalves, que também acreditou que eu poderia voar até aqui e me apoia para que eu possa voar mais longe a cada dia.

*“Enquanto o Leão não puder contar a sua história, as lembranças das
caçadas sempre irão exaltar o caçador”*

Provérbio Africano

RESUMO

AGUIAR, Lourival Teixeira. **Um estudo de Classe e Identidade no Brasil: Movimento Negro Unificado (MNU) - 1978 – 1990.** 2017. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Escola De Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. 271p. Versão Original.

Este trabalho teve como objetivo principal realizar uma análise do movimento negro brasileiro entre os anos de 1978 e 1990, expressando neste trabalho o caminho percorrido pelo Movimento Negro Unificado - MNU, que foi fundado em 18 de Junho de 1978, nascendo assim no seio do levante operário de 1978, e que existe até os dias atuais, e como objetivo específico de identificar quais foram as influências mais centrais em sua formação e na linha política que este tomou, tendo sido parte de um imenso movimento social, operário e popular, que se colocou contra a Ditadura Militar, sendo a conformação do MNU como parte e resultado deste processo de mobilização social. A partir desses objetivos foram levantadas as seguintes hipóteses: O MNU influenciou a formação da identidade negra no Brasil e a própria identidade dos entrevistados; contribuiu no Brasil para o debate de Raça e Classe; e recebeu influências externas à experiência vivida no Brasil. Foram feitos levantamentos bibliográficos sobre a história da luta antirracista no Brasil após a Abolição e das organizações oriundas dessa luta, que remontam desde as primeiras décadas do século XX, atravessam o Estado Novo e encontraram dentro do período da ditadura a resistência que dará forma ao Movimento Negro Unificado. Para analisar os processos que influenciaram este desenvolvimento, foram utilizados autores como Florestan Fernandes, Lélia Gonzalez, Abdias do Nascimento, Hamilton Cardoso e Clovis Moura. Para isso foram realizadas dez entrevistas com militantes e integrantes do movimento negro brasileiro que participaram próximos ou no MNU durante o período estudado, sendo estes entrevistados divididos em sete homens e três mulheres. Durante estas entrevistas foi constatado que o MNU teve como referência algumas organizações negras estadunidenses, que fizeram parte do Movimento pelos Direitos Civis, além dos movimentos de libertação de países africanos, com destaque aos países de língua portuguesa, como Moçambique e Angola. No território nacional, os integrantes do MNU

foram influenciados pelas experiências vividas nas greves operárias contra a Ditadura e por intelectuais brasileiros que desmistificaram a ideia do “negro pacífico”, e entre os mais citados temos Abdias do Nascimento e Lélia Gonzalez. Essas influências e atuação política permitiram ao MNU se destacar no cenário político brasileiro no final dos anos de 1970 e durante 1980 como a principal organização do movimento negro brasileiro, porém sem romper com a confiança na burguesia paulista, não dando um caminho independente aos negros no Brasil, tendo expressado suas posições dentro de setores dos movimentos sociais, mas também em setores dos movimentos sindicais e no Partido dos Trabalhadores – PT, que foi um grande conciliador de classes e atenuador das tensões nacionais. Desta maneira poderemos entender o papel Movimento Negro Unificado para a composição da identidade do negro brasileiro entre as décadas de 70 e 90, sua relação com o cenário de greves e atos contra a Ditadura Militar e como as pautas levantadas pelos negros foram incorporadas, muito parcialmente, a políticas públicas nos anos seguintes, que apesar de importantes somente foram conquistadas mediante anos de luta do movimento negro brasileiro.

Palavras-Chave: Identidade, Movimento negro, Consciência de classes, Movimento Negro Unificado – MNU.

ABSTRACT

Custódio, Lourival Aguiar Teixeira. **A study of Class and Identity in Brazil: Unified Black Movement (MNU) - 1978 - 1990.** 2017. Dissertation (Master in Philosophy) - School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo. São Paulo, 2017. 271p. Original Version.

This work had the main objective of analyzing the Brazilian black movement between 1978 and 1990, expressing in this work the path traveled by the Unified Black Movement (MNU), which was founded on June 18, 1978, and that exists until the present day, and as a specific objective to identify which were the most central influences in its formation and the political line that this took, having been part of an immense social movement, worker and popular, that is Placed against the Military Dictatorship, being the conformation of the MNU as part and result of this process of social mobilization. From these objectives the following hypotheses were raised: The MNU influenced the formation of the black identity in Brazil and the identity of the interviewees themselves; Contributed in Brazil to the Race and Class debate; And received influences external to the experience lived in Brazil. Bibliographical surveys were made on the history of the anti-racist struggle in Brazil after Abolition and from the organizations that came from that struggle, dating back to the first decades of the twentieth century, cross the Estado Novo and found within the period of the dictatorship the resistance that will shape the Movement Unified Black. For that, ten interviews were carried out with militants and members of the Brazilian black movement who participated in the MNU during the period studied, and these were divided into seven men and three women. During these interviews it was verified that the MNU had as reference some black American organizations, that were part of the Movement for the Civil Rights, besides the movements of liberation of African countries, with emphasis to the countries of Portuguese language, like Mozambique and Angola. In the national territory, the members of the MNU were influenced by the experiences of the workers' strikes against the dictatorship and by Brazilian intellectuals who demystified the idea of the "pacific negro", and among the most cited are Abdias do Nascimento and Lélia

Gonzalez. These influences and political action allowed the MNU to stand out in the Brazilian political scenario in the late 1970s and 1980s as the main organization of the Brazilian black movement, but without breaking with confidence in the São Paulo bourgeoisie, not giving an independent path to blacks in the Brazil, having expressed their positions within sectors of social movements, but also in sectors of the trade union movements and in the Workers' Party (PT), which was a great conciliator of classes and attenuator of national tensions. In this way we will be able to understand the Unified Black Movement's role in the composition of the identity of the Brazilian Negro between the 70s and 90s, its relation with the scenario of strikes and acts against the Military Dictatorship and how the patterns raised by the blacks were incorporated, to public policies in the following years, that although important were only conquered through years of struggle of the Brazilian black movement.

Keywords: Identity, Black Movement, Class Consciousness, Unified Black Movement - MNU.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – A Redenção de Can.....	82
-----------------------------------	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Análise resumida das entrevistas.....	129
--	-----

LISTA DE SIGLAS (POR ORDEM ALFABÉTICA)

AI - 5 – Ato Institucional número 5

AIB – Ação Integralista Brasileira

ANB – Associação de Negros Brasileiros

ANL - Aliança Nacional Libertadora

ARENA – Aliança Renovadora Nacional

BLM – *Black Lives Matters* (Movimento “A vida dos negros importa”)

BPP – *Black Panthers Party* (Partido dos Panteras Negras)

CECAN – Centro de Cultura e Arte Negra

CIA - Central Intelligence Agency (Agência Central de Inteligência)

COINTELPRO - *Counterintelligence Program* (abreviação para “Programa de Contra Inteligência”)

CS – Convergência Socialista

CUT – Central Única dos Trabalhadores

DEOPS – Departamento de Ordem Política e Social

FBI – *Federal Bureau of Investigation* (Escritório Federal de Investigação)

FNB – Frente Negra Brasileira

FRENAPO – Frente Negra para a Ação Política de Oposição

GELEDÉS – Instituto da Mulher Negra é uma organização política brasileira de mulheres negras contra o racismo e sexismo

GTPLUN – Grupo de Profissionais Liberais Negros

IPCN – Instituto de Pesquisa das Culturas Negras

LIBELU - Liberdade e Luta, foi uma tendência do movimento estudantil brasileiro dos anos 1970, ligada ao trotskismo (*Lambertismo*) e ao jornal O Trabalho

MDB – (Partido) Movimento Democrático Brasileiro

MNU OU MUCDR OU MNUCDR – Movimento Negro Unificado (nome utilizado a partir de 1979 até os dias atuais) ou Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial (nome utilizado de sua fundação até 23 de julho de 1978)

MR-8 – Movimento Revolucionário Oito de Outubro, organização política de ideologia comunista que participou da luta armada contra a ditadura militar brasileira

NBPP – *New Black Panthers Party* (Nova Partido dos Panteras Negras)

NNS – Núcleo Negro Socialista

NOI – *Nation Of Islam* (Nação do Islã)

OAB – Ordem dos Advogados do Brasil

PC – Partido Comunista

PCB – Partido Comunista Brasileiro

PSTU – Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado

PT – Partido dos Trabalhadores

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

SINBA – Sociedade de Intercâmbio Brasil-África

TEN – Teatro Experimental do Negro

TPB – Teatro Popular Brasileiro

UNE – União Nacional dos Estudantes

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
2	MOVIMENTO NEGRO NO BRASIL: ENTIDADES E PAUTAS.....	22
2.1	A Frente Negra Brasileira: o início das organizações de negros livres no Brasil.....	29
2.2	O Estado Novo (1937-1945) e as organizações negras.....	37
3	IDENTIDADE E SUA INFLUÊNCIA NA CULTURA NEGRA NO BRASIL: O PERÍODO DA REDEMOCRATIZAÇÃO.....	46
3.1	Movimentos culturais ou sociais.....	51
4	O CONTEXTO HISTÓRICO DE 1964 A 1978: A DITADURA MILITAR E O NEGRO BRASILEIRO.....	63
4.1	O Brasil e a teoria do embranquecimento.....	76
4.2	O “mito” da democracia racial: o racismo a serviço da ideologia dominante.....	86
5	O MOVIMENTO NEGRO E A DEFESA DO SOCIALISMO.....	91
5.1	Classes sociais e seus papéis na revolução social.....	97
5.2	O papel do movimento negro na organização operária brasileira.....	103
6	A FORMAÇÃO DO MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO (MNU).....	112
6.1	Por que os negros lutam? O surgimento do MNU.....	117
6.2	Pautas da luta dos negros no Brasil: pelo que lutar?.....	124
7	COM A PALAVRA, O MNU: ENTREVISTAS.....	129
8	CONCLUSÃO.....	140
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	146
	APÊNDICES.....	157
	ANEXOS.....	269

1. INTRODUÇÃO

A resistência negra brasileira nasce a partir da presença dos primeiros negros africanos escravizados no Brasil, trazidos da embarcação de Tomé de Souza por volta de 1549, uma vez que diferente dos livros da “história oficial”, a relação do negro africano com sua condição de escravizado nunca foi pacífica ou de aceitação, mas sim de combate e revolta (MOURA, 2013). Este sentimento foi cada vez mais acentuado pelas condições de humilhação e sofrimento pelas quais negros africanos passaram no decorrer de décadas e séculos no País, para além da violência de terem sido retirados à força de seus países de origem por traficantes de escravos, transportados em condições degradantes em navios e vendidos para os senhores de escravos separados de seus filhos, cônjuges, irmãos de pátria e forçados a trabalhar sem saber se viveriam o dia de amanhã. A primeira resposta dos negros africanos a esta condição foi se rebelar, lutando assim pelo seu direito à liberdade e de todos os outros negros nestas condições, e isso faz parte do alicerce da história do negro no Brasil. Essa força de resistência é que mais tarde se tornará o que entendemos por Movimento Negro. Apesar da periodização apresentada no trabalho, vamos marcar aqui num período da resistência negra na história dos negros, com destaque para as tensões existentes no século XIX.

Após a Abolição da escravatura, em 1888, que apesar de também ter sido pressionada a ocorrer devido à influência da Inglaterra, que com a industrialização precisava ampliar seu mercado consumidor nos países de Terceiro Mundo (Fausto, 1995), internamente sofria a pressão exercida pelos movimentos abolicionistas. Estes movimentos envolveram figuras como o ex-escravizado e rábula (praticante de direito autodidata) Luiz Gama, o farmacêutico e jornalista negro José do Patrocínio, e um dos primeiros engenheiros negros a servir a coroa portuguesa, André Rebouças, que compunham uma elite negra influente que pressionava a Coroa e pelas revoltas negras, que se intensificam no século XIX com a rebelião de Carrancas – MG (1833), seguida pela Revolta dos Malês - BA (1835), com a revolta de Manoel Congo, em Vassouras - RJ (1838) e desperta também no Maranhão, entre 1839 e 1842, com a Balaiada. Revoltas essas que mesmo sendo derrotadas levaram preocupação à Coroa brasileira. Surge então com a

Abolição da escravidão, em 1888 um novo momento para a organização dos negros brasileiros, em que os negros são agora cidadãos livres na sociedade, porém sem receber os mesmos direitos dos brancos. Mas, entre 1549, quando chegaram os primeiros africanos negros escravizados, até 1888, com a Abolição, foram 339 anos de cativeiros, torturas, consolidação de atitudes, posturas, costumes, imagens e autoimagens, que não seria um decreto que iria mudar radical e instantaneamente esta situação. Foi necessária uma nova movimentação de setores negros para colocar na ordem do dia, o problema de que os negros estavam libertos, porém jamais livres. Esta reorganização dos negros inclui um importante aspecto: em sua maioria estas organizações serão materializadas pelas relações de trabalho. Após a Abolição, a mão-de-obra negra foi substituída por imigrantes europeus brancos, principalmente da Itália e alemães ou asiática com japoneses e sírio-libaneses, o que não colaborou para aumentar a qualificação em trabalhos fabris, uma vez que essa experiência prévia raramente existia, mas para produzir um exército de mão-de-obra barata (Kovarick, 1994), que somado à quantidade de negros desempregados, fez com que houvesse uma depreciação nos salários de todos os trabalhadores, independente de serem negros, asiáticos ou brancos. Essa exclusão e precarização dos postos de trabalho desencadearam algumas respostas de negros, que se materializam em levantes como a Revolta da Chibata, liderada pelo marinheiro João Cândido, em 1910 para frear os castigos físicos feitos contra aos marinheiros de baixo escalão, negros em sua maioria; e em ações organizativas como a criação da primeira organização sindical de negros em Campinas em 1914, protagonizada por mulheres negras; em 1915, com a criação do primeiro jornal redigido por negros e para a população negra paulista, o Manelick, que inaugura a imprensa negra; criação do Centro Cívico Palmares, uma das primeiras organizações urbanas de negros na Cidade de São Paulo, que posteriormente seria o alicerce da Frente Negra Brasileira. Ao analisarmos a relação entre revoltas e organizações de negros com relações baseadas no caráter das atividades trabalhistas, poderemos notar uma relação íntima, de modo que raça e classe caminhassem lado a lado na história do negro no Brasil, e que influenciam diretamente na transformação do que significa ser negro no Brasil. Relação esta que está diretamente relacionada com a crise do Estado enquanto propagador da

ideologia dominante. A identidade negra se fortalece na luta contra o sistema que a aprisiona.

No Brasil, a organização do movimento negro também foi bastante impactada, pelo período efervescente da vida política brasileira nos anos 60, que passava pelos primeiros anos da ditadura militar e perseguição à “ameaça comunista” que rondava o imaginário nacional, efervescência esta que assume um discurso radical e contestador, e que começa a dar visibilidade às questões raciais e aos desdobramentos políticos e sociais que essas reivindicações demandavam (Karin Kössling, 2007). O Governo brasileiro, com medo de que a luta pela igualdade racial crescesse à luz de movimentos internacionais como o Partido dos Panteras Negras ou o Movimento pelos Direitos Civis nos EUA, e que este se voltasse contra a polícia, passou a seguir os passos de militantes e reuniões do embrionário movimento negro brasileiro. Para alguns autores, como Risério (2007), Kössling (2007) e Hanchard (2001) o renascimento do movimento negro, que ganha força na década de 1960 nos Estados Unidos e em 1970 no Brasil, tem sido associado à formação de um segmento ascendente da população negra que, por motivos raciais, sentiu bloqueado seu projeto de mobilidade social. Este cenário possui implicação direta na formação da subjetividade do negro brasileiro, pela observação de conflitos que ocorriam naquele momento principalmente nos Estados Unidos, em torno da campanha pelos direitos civis e também nos processos de libertação das colônias africanas, como Angola, Gana e Moçambique, como destacado por Reginaldo Bispo (Entrevista nº1) durante sua entrevista para esta pesquisa. Neste trabalho queremos também identificar a relação do negro brasileiro com as convulsões sociais que “observa” nos EUA e no continente africano em torno da questão racial e como este contexto social pode ter influenciado o surgimento o Movimento Negro Unificado, MNU.

Esta pesquisa visou responder aos seguintes problemas: teria o movimento negro brasileiro contemporâneo, representado centralmente neste trabalho pela análise do Movimento Negro Unificado, MNU, influenciado de maneira determinante na formação de uma concepção de identidade negra e consciência de classe entre negros residentes no Estado de São Paulo? Teria o MNU inaugurado no Brasil o debate de Raça e Classe? Teria o MNU recebido influências externas á experiência vivida no Brasil? Para responder a

estes questionamentos, o período analisado será o compreendido entre as décadas de 1970 e 1990, momento em que a linha política que o movimento negro contemporâneo no Brasil poderia seguir ainda não se encontrava consolidada, mas sim em disputa por diversas correntes de pensamento, como apresentado em Risério (2007), e que encontrava um cenário de profunda crise política no regime da Ditadura Militar, que naquele momento esta pressionada pelas greves de trabalhadores contra os ajustes, a carestia da vida e o arrocho salarial, com destaque para as metalúrgicas do ABC paulista.

Tivemos então como objetivo realizar uma análise do movimento negro brasileiro entre os anos de 1978 a 1990, para identificar a influência que o MNU teve sobre a formação da identidade negra no Brasil, e possíveis influências internacionais e nacionais que tenha sofrido. Para isso, iremos utilizar uma abordagem diferente para analisar o movimento negro, que não partirá apenas de entender o MNU em si, enquanto importante movimento que pautava o debate racial, mas de entender todo o caldo político no qual este estava inserido e que possibilitou que o mesmo pudesse emergir. Desta maneira, temos que localizar seu surgimento dentro do período da Ditadura Militar e, acima de tudo, no período em que as greves nacionais saltavam de 1 milhão de trabalhadores grevistas em 1978 para 3 milhões destes em 1979, que pressionavam o regime, colocando a Ditadura Militar em cheque e que ganharam repercussão nacional. A partir daí, poderemos encontrar na análise do MNU, os dois campos centrais desta pesquisa: aspectos de defesa racial e luta antirracista contra o mito da democracia racial, e uma articulação, mesmo que de maneira contraditória e sem uma perspectiva de independência de classe, ligado ao setor reformista do PT, do debate de raça ligado a consciência de classe. Identificar quais influências foram mais centrais na formação do MNU e na linha política que este tomou podem nos ajudar a compreender como isso impactou na formação da identidade do negro brasileiro. A hipótese defendida é que o MNU recebeu forte influência externa, no âmbito da atuação política, dos processos de luta pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos, que teve lideranças como Martin Luther King Jr. e Malcolm X, e do processo de libertação dos países africanos, conhecido também como movimento Pan-Africanista, ocorrido em países como Gana, com Kwame Nkrumah, ou Moçambique, com Samora Machel e também

recebeu influência interna dos processos de greves e de forte contestação social ao regime militar que fervilhava em todo país. Este cenário foi o que permitiu uma aproximação do movimento negro brasileiro com o debate de identidade presente nos movimentos “*Black Power*” e de negritude, que foram movimentos estadunidense e africano, respectivamente. Além destas influências externas, no Brasil a articulação do movimento de trabalhadores contra a ditadura, que passou pelo raio das organizações de influência *trotskista* (corrente de pensamento criada por Leon Trotsky, revolucionário russo e fundador da 4ª Internacional Comunista, que possui como principal contribuição a Teoria da Revolução Permanente) e que posteriormente iria culminar na formação do Partido dos Trabalhadores, o PT, e da Central Única dos Trabalhadores, CUT, também influenciou na concepção do negro enquanto ator social e político diretamente relacionado com a questão do trabalho, da divisão da sociedade em classes e na condição de imensamente explorado e também marginalizado, motivado pela questão racial, uma vez que este cenário nacional de politização permitiu que os negros começassem a questionar o mito da democracia racial e como esta falácia servia apenas para engessar a mobilidade urbana e social dos mesmos.

Neste trabalho queremos abordar a questão de identidade negra e de consciência de classes no Brasil como partes de uma mesma engrenagem, que mobiliza toda a sociedade em momento de instabilidade no regime brasileiro. Ao olharmos para os fenômenos de uma maneira mais holística, podemos identificar os elementos mais globais que possibilitam que a identidade negra ganhe projeção a partir do momento em que o pacto social criado ao redor do “mito” da democracia racial (usamos aqui aspas, pois a teoria em si existe, porém a mesma faz parte de camuflar as tensões raciais existentes, não oferecendo elementos de democracia aos negros, como iremos abordar no capítulo 3), que era reivindicado pela Ditadura Militar, começa a ruir, o que abre espaço para que as identidades individuais dos grupos oprimidos possam se projetar frente o processo de luta contra o regime. Para isso, uma análise da luta de classes no período estudado, entre 1978 e 1990, se faz necessária.

A metodologia adotada para este trabalho foi a pesquisa qualitativa que inclui entrevistas com 10 integrantes do MNU e militantes do movimento negro

que atuaram no período estudado, sendo seis homens e seis mulheres, visando assim dar visibilidade também às militantes negras que atuaram neste período, algo escasso de fontes. Além disso, como parte de seguir esta visibilidade, os nomes das autoras utilizadas neste trabalho serão descritos de maneira a incluir nome e sobrenome, para que seja possível identificar as mulheres que contribuíram para a formação teórica deste trabalho. As entrevistas ocorreram por meio de uma abordagem de caráter semiestruturada, composta por perguntas objetivas e perguntas abertas, sobre as quais os entrevistados tiveram liberdade para discorrer livremente e apresentar sua visão sobre os questionamentos. Este método foi escolhido por possibilitar a verificação de fenômenos envolvendo a luta dos negros no Brasil, de maneira a entender com profundidade estes fenômenos e sua similaridade com o ocorrido em outros países.

Além de pesquisas em livros, artigos, jornais e materiais próprios do acervo do MNU encontrados tanto na mídia impressa quanto na mídia digital, foram utilizadas para esta análise obras nacionais como de Clóvis Moura (2014), Lélia Gonzalez (1982), Florestan Fernandes (2008), Abdias do Nascimento (1982), e internacionais como Stuart Hall (2006, 2009), CLR James (1939), Kwame Nkrumah (1977) e Leon Trotsky (2010).

2 - Movimento negro no Brasil: entidades e pautas

Iremos apresentar aqui o que significa o termo movimento negro, suas utilizações e como o mesmo começou a se desenvolver no mundo e especialmente no Brasil, em que passou por três fases que serão abordadas neste capítulo. Para poder estudar o movimento negro no Brasil, devemos entender que ele deve ser dividido em dois períodos: um **primeiro** que se inicia com a chegada de negros africanos em território brasileiro, na segunda metade do século XVI até o período antes da Abolição da Escravatura, em 1888, período este marcado pelos processos de resistência e rebeliões negras, que possuíam como objetivo retirar os negros da situação de escravidão e subserviência perante a elite nacional branca e o **segundo** que se inicia imediatamente após a assinatura simbólica da Abolição, esta já contendo elementos de integração do negro na sociedade como ela é, sem questionarem de fundo a estrutura racista sobre o qual o Estado Brasileiro seria formado. Estes movimentos nascem inicialmente da necessidade dos negros de garantirem sua liberdade perante a escravidão e posteriormente a aquisição de iguais direitos entre negros e brancos, de forma a diminuir diferenças existentes entre esses dois grupos, na luta pelos direitos que foram negados a negras e negros, desde que foram sequestrados do continente africano.

Podemos caracterizar então como Movimento Negro todo grupo que atuou ou atua na luta, seja pela via ideológica, como houve nos movimentos abolicionistas e acadêmicos, ou pela via física, como podemos notar nas lutas de resistência quilombola e rebeliões e confrontos armados, pela igualdade de direitos entre negros e brancos e pelo fim da desigualdade social que tange as relações raciais e que recebem novos contornos dentro do sistema capitalista. Para Pereira (2013 p. 110):

“[...] considero o movimento negro organizado como um movimento social que tem como particularidade a atuação em relação à questão racial. Sua formação é complexa e engloba o

conjunto de entidades, organizações e indivíduos que lutam contra o racismo e por melhores condições de vida para a população negra, seja através de práticas culturais, de estratégias políticas, de iniciativas educacionais etc.”

Desta maneira, podemos ver que o campo de atuação do movimento negro é bastante amplo, não sendo uma entidade engessada ou pragmática em seu modelo e conteúdo, mas que pode atuar de diversas maneiras e apresentar as suas várias pautas de maneiras distintas. Ainda assim, Santos J. (1985) verifica nos discursos de lideranças do movimento negro publicado em um artigo, dois sentidos diferentes para a expressão “movimento negro”. A primeira se refere a uma visão “excludente”, que entendia o movimento negro como uma produção dos últimos 50 anos, destinado apenas à luta contra o racismo de maneira declarada. O segundo sentido seria uma visão do movimento negro numa dimensão mais ampla, que inclui todas as entidades e ações, de qualquer natureza e de qualquer tempo, que foram fundadas e promovidas por negros, que podemos entender como integrantes das mais diversas instituições e que, invisíveis ou não, extemporâneas ou cotidianas, compõem o movimento negro.

Mesmo para alguns autores, somente são consideradas entidades do movimento negro aquelas que surgiram após a Abolição da escravidão, em 1888, porém segundo Risério (2007), a organização do movimento negro pode ser dividida em dois grandes períodos, sendo um que se inicia no século XVI e vai até o século XIX, dentro do qual se encontram todos os ajuntamentos coletivos de negros e negras durante o período escravista, que lutaram pela libertação dos escravos e que possui como um de seus maiores exemplos o Quilombo dos Palmares, localizado na Serra da Barriga, na então Capitania de Pernambuco, região hoje pertencente ao Município de União dos Palmares, no estado brasileiro de Alagoas, que durou em torno de 100 anos e chegou a abrigar cerca de 20 mil pessoas, tornando-se o principal símbolo de resistência dos negros africanos durante o período escravista no Brasil.

O segundo período, ainda segundo Risério (2007) contempla os períodos pós-Abolição, entendidos durante os séculos XX e XXI, nos

quais houve diversas organizações ligadas a diferentes correntes ideológicas, como as correntes pan-africanistas, afrocentristas, maoístas e marxistas que estiveram atreladas ao movimento negro. Dentre estas organizações, no Brasil podemos citar a Frente Negra Brasileira (FNB), fundada em 1931 na Cidade de São Paulo, por Arlindo Veiga dos Santos, José Correa Leite, Isaltino Veiga dos Santos, Gervásio de Moraes e Jaime de Aguiar, sendo que destes, Arlindo Veiga e Correa Leite são seus mais notórios membros. Ainda neste mesmo período, ou seja, entre os séculos XX e XXI e na análise feita por Pereira (2013), podemos incluir aqui também a imprensa negra, que nasce em São Paulo no começo do século XX, que além da Capital paulista, onde foi produzido o maior número de periódicos, também esteve presente em Cidades como Campinas, Piracicaba, Santos e São Carlos. O Portal da Imprensa Negra Paulista da Universidade de São Paulo possui uma coleção que abrange periódicos produzidos no período de 1903 a 1963, sendo que o jornal mais antigo foi “O Baluarte”, editado em Campinas. Apesar das precárias condições de produção desses jornais, devemos destacar que alguns deles foram referências no período, além de possuírem as maiores durações, como: O Clarim d’Alvorada (1924-1932), Progresso (1928-1931), A Voz da Raça (1933-1937) e Novo Horizonte (1946-1961), segundo Risério, 2007.

Indo além e ainda sobre o segundo período, que se encontra entre os séculos XX e XXI, outro autor, Domingues (2007) identifica dentro deste período três diferentes fases que atravessaram a formação do movimento negro brasileiro, todas com suas características distintas ao longo do século XX, nas quais Abdias do Nascimento, importante artista, escritor e ativista brasileiro, participou de maneira ativa em todas elas. Podemos então enumerá-las da seguinte maneira:

- 1) A primeira fase, que vai do início do século XX até o golpe do Estado Novo em 1937;
- 2) A segunda fase, que se inicia no processo de redemocratização em meados dos anos 40, passa pelo golpe militar de 1964 e se encerra no começo da década de 1970;

3) E a terceira fase, em que o movimento negro contemporâneo que surge na década de 1970, com este último ganhando impulso após o início do processo de abertura política em 1974.

Na **primeira fase** temos a transformação das entidades negras que estavam espalhadas pelo Estado de São Paulo e que possuíam um perfil cultural em entidades políticas, que se consolida com formação da Frente Negra Brasileira através da congregação de diversos grupos culturais negros, na **segunda fase** entre 1940 e meados de 1970, com o fechamento da “janela política”, ou seja, da liberdade democrática da criação de organizações e partidos políticos, a forma encontrada pelos negros para se organizarem foi voltar suas insatisfações para as artes em seus âmbitos mais diversos como a música, literatura, as artes plásticas e as artes cênicas, surgindo assim com destaque o Teatro Experimental do Negro, fundado por Abdias do Nascimento, e o Teatro Popular Brasileiro, fundado em São Paulo por Solano Trindade, que foi o principal artista e ativista paulista negro neste período, que pautavam as reivindicações negras através da literatura, das artes cênicas e da música. A **terceira fase**, que se inicia na década de 1970, já após a instauração da Ditadura Militar no Brasil, ganha força com a abertura política em 1974, que permite que as entidades possam voltar a se reivindicar como órgãos políticos, apesar de ainda sofrerem perseguições do regime e do Estado.

E Pereira (2013, p. 111), destaca sobre a FNB que:

“podemos entender a primeira fase como o ápice da criação e consolidação da FNB como uma força política em âmbito nacional, exemplificada na sua transformação em partido político em 1936. A primeira fase encerrada logo após a implantação do Estado Novo em 1937 pelo presidente Getúlio Vargas, e o consequente fechamento da FNB, juntamente com todas as outras organizações políticas do país. O movimento social negro brasileiro nessa primeira fase teria como principais características a busca pela inclusão do negro na sociedade com caráter ‘assimilacionista’. Sem a busca pela transformação da ordem social, como já foi destacado acima; outra característica era a existência de um nacionalismo declarado pela frente negra brasileira e por outras organizações da época.”

Retomando assim a primeira fase do início do século XX até 1937 e a segunda fase de 1937 até o golpe militar, devido ao peso que teve a Frente Negra Brasileira para a formação deste período, torna-se mais que necessário entender o que era esta entidade do movimento negro, e qual foi a sua principal contribuição para a organização dos negros no Brasil. Podemos destacar sobre a FNB que esta foi a primeira entidade do movimento negro a ter um caráter nacional, apesar de seu peso ser bastante concentrado na Região Sudeste do Brasil. Este alcance possibilitou que esta tivesse uma relação direta com o presidente Getúlio Vargas. Porém, o caráter assimilacionista presente no projeto fretenegrino, fez com que estes gerassem ilusões no Governo Vargas, que seriam utilizadas por ele como freio para a insatisfação dos negros e gerou um sentimento nacionalista muito forte entre os integrantes da Frente Negra, que levou sua direção a se aproximar do integralismo.

O mais importante ao entender a formação destes movimentos é compreender que, como escreveu Abdias do Nascimento “Não existe o Brasil sem o africano, nem existe o africano no Brasil sem o seu protagonismo de luta antiescravista e antirracista” (NASCIMENTO & NASCIMENTO, 2000 p.204). Todos aqueles que afirmam o oposto estão distorcendo a história a serviço de apaziguar as tensões raciais que sempre estiveram presentes no Brasil através do apagamento do protagonismo negro e da propagação de que o negro sempre esteve em um lugar de submissão e passividade frente à situação da escravização, fato esse que é refutado por diversos autores, como C. L. R. James (1939), que em seu texto “A Revolução e o Negro” aponta:

“Na América, os negros organizaram cerca de 150 revoltas de destaque contra a escravidão. [...] Toda essa história revolucionária pode parecer uma surpresa para aqueles que, independente de qual internacional estejam filiados [...], ainda não se emanciparam das mentiras perniciosas do capitalismo anglo-saxão. Não é estranho que os negros tenham se rebelado. Teria sido estranho se não o fizessem.”

JAMES, 1939 (in Alfonso, Daniel e Santos, Marcello, 2015 p. 22)

O estranhamento destacado por James (1939) frente à aceitação da crença presente no discurso oficial tanto estadunidense, no caso comentado por James, como o brasileiro, de que o negro teria sido um espectador de seu sofrimento enquanto escravizado e que esta teria sido o estado de espírito “normal” do negro nesta condição, ignorando que este estado de “paz” apenas foi mantido através do emprego da violência de maneira ampla e irrestrita, pode nos levar a questionar qual imagem o negro teria no período pós-Abolição. Desta maneira, não é difícil entender que a organização dos negros não era apenas uma forma de defesa frente à violência, mas uma necessidade de sobrevivência.

Sendo assim, podemos entender que foi no período pós-Abolição, que se formou o sentido de movimento negro que conhecemos hoje, que são as organizações do movimento social com objetivo de debate e atuação frente à desigualdade racial, mas que não podem ser limitadas às organizações formais e “conscientes” de seu papel, mas sim todas as entidades que estabeleceram condições para o combate ao racismo e das condições objetivas e materiais de precariedade a que os negros estavam sujeitos. Parte de conseguir lutar contra o racismo foi de entender que a passividade perante a desigualdade nunca esteve presente na história dos negros, muito pelo contrário, que eles constantemente se rebelaram está bastante presente na obra de Moura, *Rebeliões de Senzala* (2014), sobre a qual Paula Neto (2014, p. 19) coloca:

“Rebeliões de Senzala nos ofereceu a oportunidade de refletir sobre o método marxista, apresentando um olhar diferenciado sobre a história e a luta de classes no Brasil, a partir dos conflitos, lutas e resistência negras. Contrapõe-se desta forma a uma visão arcaica do negro como sendo um escravizado passivo e o escravocrata branco o senhor de seu destino. Ou seja, a obra problematiza e critica a visão de que os negros em situação de escravização estariam atomizados, sem luta e sem conflitos em busca de liberdade, sem “ranger de dentes”, sem resistir a escravização, sem se contrapor a imposição de outra cultura, religião e dos valores civilizatórios europeus.”

Podemos ver no trecho acima qual a importância de trazer à tona essas lutas, conflitos e exemplos da resistência negra, pois uma vez que esta parte da história dos negros, que se mescla com a história da formação do próprio Brasil, for desvelada, uma nova interpretação sobre o papel do negro, repleta de novos significados, se abre. Sem compreendermos a profundidade de cada “ranger de dentes”, de cada insubordinação, de cada revolta e não tirarmos profundas lições sobre elas e reivindicá-las como parte fundamental da identidade não apenas dos negros no Brasil, mas de todos os brasileiros, jamais será possível estabelecer uma política que realmente exponha as contradições do sistema em que vivemos. Outro ponto importante trazido por Paula Neto é a necessidade de um olhar marxista sobre a questão da história dos negros e, conseqüentemente, sobre a história do Brasil. Sem entendermos a relação intrínseca e dialética que existe entre o fortalecimento da identidade dos negros e as crises de regime que existiram, não conseguiremos estabelecer a real importância do movimento negro como parte de entender as tensões sociais sob as quais o mesmo se consolidou.

O movimento negro pode ser então caracterizado, como toda forma de organização de vanguarda e policlassista dos negros, que defendem a luta contra o racismo. Esta luta pode se dar contra a ordem social capitalista que o oprime, pode se desenvolver de maneira a não considerar a opressão do capitalismo e não buscar formas de confrontá-lo por dentro das esferas políticas ou até mesmo buscar melhorias as condições vividas pelos negros por dentro do sistema capitalista. Este tipo de organização ganha contornos demarcados a partir da Abolição da escravidão, que ocorre apenas após a industrialização no Brasil. Esta opressão sentida pela população negra brasileira se dá através dos aparelhos de poder, como a polícia, as políticas públicas, a educação e a organização do espaço urbano, que têm como objetivo suprimir a presença política do negro na sociedade brasileira. Em resposta a isso, os negros desenvolveram diversas formas de luta e organização, e estas serão detalhadas nos capítulos a seguir.

2.1 – A Frente Negra Brasileira: o início das organizações de negros livres no Brasil

Aqui queremos abordar a história da Frente Negra Brasileira, sua trajetória e importância para organizações do movimento negro nas décadas seguintes, principalmente como referência nos anos de 1950 e 1960, que terão nesta organização um exemplo de saída política para os negros, apesar de esta ser colocada apenas como uma maneira de pressão para avançar sobre demandas consideradas democráticas, impondo assim essas demandas e buscando apenas por seu espaço na sociedade tal como ela era.

A Frente Negra Brasileira – FNB foi uma organização que nasceu da junção de algumas entidades de negros paulistas, que decidiram formar uma única associação, em 1931. Além das organizações mais tradicionais do movimento cultural negro, houve um grande desenvolvimento da chamada “imprensa negra”, que era composta por diversos jornais que circulavam principalmente na Cidade de São Paulo entre os anos de 1920 e 1940, que reuniam jornalistas negros que utilizavam essa mídia para colocar a visão dos negros sobre suas desigualdades para o restante da sociedade, fazer denúncias da violência policial e organizar atividades, tanto políticas quanto sociais, que envolvessem a comunidade negra. Isso foi retratado no livro “Frente Negra Brasileira: Depoimentos” de Márcio Barbosa (1998). A FNB, também foi estudada por Florestan Fernandes (2008), que a considerava como um instrumento de assimilação social, que visava integrar os negros à sociedade vigente de maneira acrítica e tinha um projeto de auxiliar negros e negras em se educarem e se verem como negros, para que a partir de um grau maior de instrução fossem aceitos na sociedade e possibilitados de ascender dentro dela. Estudiosos e críticos dos livros de Florestan Fernandes, Guimarães (2002, p.90-91) analisa a FNB da seguinte maneira:

“a Frente Negra foi, até certo ponto, (...) uma reação à permeabilidade da estrutura social brasileira a [principalmente

italianos, portugueses, espanhóis e sírio-libaneses], e a sua rápida integração na nacionalidade, através do domínio da cultura luso-brasileira. O fato é que, um pouco mais de 40 anos depois da Abolição e quase 100 anos depois da Independência, os afrodescendentes continuavam, em sua maioria, nas camadas subalternas e marginais da sociedade paulista, onde estavam também, de início, os imigrantes europeus. Estes, entretanto, já tinham rompido com, a essa altura, a barreira de classe. A impermeabilidade da estrutura social brasileira à mobilidade dos afrodescendentes de traços negroides (mas não dos mais claros, que podiam se classificar de “brancos”), foi certamente, se não o estímulo maior, ao menos a grande justificativa para que se formasse um movimento social negro com o objetivo de educar e integrar socialmente os negros”

Aqui, Guimarães nos mostra que no mesmo passo em que existia uma resistência na sociedade brasileira em aceitar os negros, aqueles que possuíam origem europeia eram imediatamente aceitos, uma vez que refletiam através de seus traços físicos, seus olhos e cabelos claros e sua alva pele, a civilidade e o avanço social pretendido na sociedade brasileira. Os negros, então eram vistos como seu perfeito oposto, sendo taxados de bárbaros e violentos. A resposta dada por um setor organizados dos negros, presentes na FNB, foi o que trazer “civilidade” aos negros brasileiros.

Para Florestan, o fato da Frente Negra Brasileira ter tido como estratégia a assimilação, processo de integração que se dá através da aceitação plena da cultura colonizadora, com pouco ou nenhum questionamento sobre sua condição, que era visto como forma de ser aceito nos espaços e na vida social do colonizador, fez com que a FNB visse essa saída como um caminho mais curto para diminuir as desigualdades entre negros e brancos. Como coloca Munanga (1988, p. 37) “Na sua totalidade, a elite negra alimentava um sonho: assemelhar-se tanto quanto possível ao branco, para, na sequência, reclamar dele o reconhecimento de fato e de direito”, e esta parcela da elite negra brasileira, presente na FNB queria este projeto para os negros no Brasil.

A Frente Negra Brasileira teve uma relevante importância para o que seria o movimento negro neste período, em que o negro precisava iniciar a disputa por um lugar na sociedade ao mesmo tempo em que

precisava garantir o básico de sua sobrevivência. Partindo deste pensamento a FNB organizou as primeiras escolas para afrodescendentes, tanto de alfabetização quanto de profissões técnicas, organizava encontros sociais, como grandes bailes e festas, palestras políticas e tinha sua própria imprensa e gráfica, que empregava negros paulistas durante um momento da história em que o desemprego entre negros, principalmente homens, era quase que absoluto (chegando a números de 70% de desempregados entre os homens negros durante os anos de 1910 e 1930), que era combinada com a diminuição vertiginosa no número de negros e mulatos em São Paulo devido a política higienista aplicada na época. Isso fez com que a quantidade negros e mulatos, que era de 37% segundo o censo de 1872 e caísse para 21,5% segundo o censo de 1886 (Barbosa, 1998). Sendo parte integrante da luta contra este processo a FNB foi um dos principais polos de resistência contra a condição de marginalidade do negro brasileiro, porém o fez sem questionar de fundo o papel dos negros nesta sociedade. Segundo Florestan (2008, p. 159):

“O repúdio ao padrão tradicionalista e assimétrico de dominação racial e as aspirações de integração social rápida, em escala coletiva, convertiam a Frente Negra, inapelavelmente, num movimento reivindicatório do tipo assimilacionista. [...] e desencadear comportamentos que acelerassem a integração do negro à sociedade de classes.”

Na análise de Florestan, ainda que pese o contexto histórico no qual está inserida a criação da FNB, que ocorre em seguida ao enfraquecimento das oligarquias cafeeiras paulistas no cenário político nacional e ascensão de Vargas ao poder, para a FNB, o negro brasileiro não poderia cumprir um papel social independente dos setores da burguesia, união essa que a própria burguesia não mostrava interesse, uma vez que o projeto da burguesia para a Cidade de São Paulo visava extinguir a presença negra nos grandes centros (Fernandes, 2008),

Podemos então caracterizar a Frente Negra Brasileira como uma das maiores organizações negras que já existiu no Brasil com números que chegaram a cem mil associados e núcleos espalhados em vários

estados brasileiros (Fundação Palmares, 2011), sendo inclusive o primeiro partido de caráter nacional que existiu no Brasil, o que demonstra o caráter de influência massiva da Frente Negra Brasileira, tendo sua principal batalha contra o racismo científico. O caráter policlassista da FNB, fez com que esta não buscasse uma posição independente da burguesia paulista ou do governo de Getúlio Vargas.

Por esse motivo a FNB teve algumas dissidências importantes como a de José Correia Leite que foi um dos seus fundadores, mas que rompeu com a mesma durante a confirmação de seu estatuto ao perceber traços fascistas em seu conteúdo, presente inclusive em seu jornal *A voz da Raça*, no qual estavam impressas em seu cabeçalho as palavras “Deus, pátria, raça e família”, configuração similar ao lema das organizações integralistas italianas, com apenas a adição da palavra “raça”. Essa posição era alimentada pela visão nacionalista de alguns de seus fundadores, como coloca o próprio Correia Leite:

“Nós do grupo do Clarim d’Alvorada, no dia em que foram aprovados os estatutos finais, fomos combater porque não concordávamos com as ideias do Arlindo Veiga dos Santos. Era um estatuto copiado do fascismo italiano. Pior é que tinha um conselho de 40 membros e o presidente do conselho era absoluto. A direção executiva só podia fazer as coisas com ordem do conselho e o presidente do conselho era o Arlindo Veiga dos Santos, o absoluto.” (Correia Leite in Pereira, 2013, p.122)

Podemos entender a atitude de Correia Leite ao romper com a FNB naquele momento, uma vez que ficou evidente o caráter integralista sobre o qual o estatuto da FNB estava sendo construído. Podemos inclusive afirmar que o caráter integralista da Frente Negra Brasileira corrompe praticamente toda a sua importância, uma vez que levaria negras e negros a uma deriva estratégica que poderia ter levado à completa aniquilação dos traços de identidade dos negros brasileiros em troca de um projeto que de fundo alimentava o fascismo e o ódio contra o que era ser negro, em troca de ser aceito em uma sociedade eurocêntrica e racista. Outra amostra da pressão integralista da FNB é

apontada por Risério (2007) ao destacar que na primeira página da primeira edição de seu jornal oficial, “A Voz da Raça” encontramos uma equiparação entre os termos “pátria” e “raça”, reforçando que os que se opusessem a este projeto deveriam ser violentamente aniquilados. Este elemento fez com que cada vez mais a Frente Negra se aproximasse do Presidente Getúlio Vargas, e cedesse às pressões exercidas por este. Esta face da FNB ligada ao integralismo ia contra qualquer projeto de independência dos negros frente a burguesia, que influenciou diretamente os rumos da frente.

Esta proximidade da FNB com Getúlio Vargas foi posta à prova durante o que ficou conhecido como Revolução Constitucionalista de 1932, que foi na verdade uma revolta liderada pela elite cafeeira paulista, que estava em perdendo hegemonia perante o governo Vargas, em que organizaram uma guerra civil contra Getúlio Vargas e pediam uma Assembleia Nacional Constituinte, de forma a esconder seus reais interesses. Segundo Nilma Gomes (2011), dos cerca de 30 mil soldados que lutaram nesta batalha, cerca de 12 mil eram negros, e parte deste negros eram conhecidos por “Pérolas Negras”: eram estes os dissidentes da Frente Negra Brasileira que decidiram lutar contra Getúlio. Contrariando a maioria dos integrantes e da direção da FNB, este grupo decide lutar pelo processo de democratização, pega em armas e assume um importante lugar na frente de batalha.

Aqui podemos também destacar que o fato dos Pérolas Negras terem lutado ao lado da burguesia cafeeira paulista contra Getúlio, apoiada pela FNB, não pode apagar que nenhum deste setores possuía um projeto para os negros, que não fosse o de utilizar sua força social para seus próprios interesses. Além disso, até mesmo o maior partido da brasileira esquerda, que era o Partido Comunista Brasileiro, PCB, não poderia oferecer uma saída para os negros, uma vez que não encontrava importância em responder as demandas dos negros, sendo igualmente adaptado à política de Getúlio Vargas, não surgindo assim nenhum setor independente das alas burguesas.

Para Correia Leite (Barbosa 1998), Arlindo da Veiga, então presidente da FNB, não aderiu ao chamado de compor e apoiar esse

processo, o que é recompensado por Getúlio Vargas com 200 cargos para negros na Guarda Civil, indicados diretamente pela Frente Negra Brasileira, sendo estes os primeiros cargos públicos ocupados por negros em São Paulo no pós-Abolição. Em 1933 a Frente Negra Brasileira declara seu apoio a Getúlio Vargas.

Inclusive esse sentimento nacionalista, muito atrelado nesse momento à figura de Getúlio Vargas, é retratado por outros membros como um impeditivo para que a FNB pudesse ganhar uma representatividade e interlocução internacionais, uma vez que enquanto havia setores dentro da FNB que abriam pontes de comunicação com organizações nos Estados Unidos (como a corrente de Marcus Garvey) e na África (em especial Angola e África do Sul), a direção da organização não via isso com bons olhos, pois lhes tirava o sentimento de “afirmação da brasilidade”, em contraponto com a ideia de uma “nacionalidade africana” e de retorno à África, pregada por estes outros grupos (Pereira, 2013).

Analisando estas informações, podemos entender o que fez com que a FNB defendesse a sociedade capitalista e nutrisse ilusões na população negra, estabelecendo que seria possível para os negros adquirirem plenos direitos políticos e sociais por dentro deste sistema, o que fez com que a FNB não buscasse um rompimento, pois não entendia que este não conseguiria oferecer às negras e negros uma possibilidade real de igualdade ou de mobilidade social efetiva (Barbosa, 1998). Existiam setores da FNB que flertavam com o socialismo e o marxismo, inclusive que quando estes romperam com a FNB criaram a Frente Negra Socialista, que o próprio Correia Leite ajudou a organizar, como o mesmo coloca ao afirmar: “Houve um grupo que até saiu de lá com o nome Frente Negra Socialista. Era um grupo de esquerda que estava lá dentro, mas quando viram que as ideias do Isaltino e do Arlindo estavam prevalecendo, que era um negócio de direita, então eles saíram (...)” (Barbosa, 1998 p. 70). Infelizmente pouco se encontra sobre ela e seus membros, e a mesma desapareceu quando se deu o Golpe de Getúlio Vargas na formação do Estado Novo, em 1937. Após este período a influência do Governo de Getúlio Vargas na FNB foi de muita

profundidade, com vários encontros entre Vargas e os representantes da FNB, principalmente com Arlindo da Veiga.

Entendemos aqui o papel da Frente Negra Brasileira como primeira referência de organização social negra, de cunho recreativo e político, que foi de imensa importância para uma primeira apropriação dos elementos negros de maneira positiva em contraponto ao projeto de embranquecimento e apagamento dos traços e influência negra na história e vida política brasileira. Com o início da industrialização no Brasil, a questão negra ganha contornos sociais, uma vez que faz com que os debates de raça e classes sociais se cruzem. Porém, os elementos de assimilação social, presentes no projeto político da FNB, que surgem em resposta ao racismo científico, estabelece para os negros que se adaptassem a sociedade que os oprimia, aliando-se ao caráter integralista da FNB, que separava o caráter de classe do caráter de raça e era um inimigo direto dos negros. Apesar da vontade da FNB, este projeto de assimilação não se efetivou, uma vez que naquele momento o negro era visto como indesejado pela burguesia brasileira, mesmo existindo uma elite intelectual negra importante no País. A presença da Frente Negra Brasileira poderia abrir espaço para que os negros no Brasil, para além das elites intelectuais, se vissem mais como sujeitos políticos e como sua organização social pode exercer uma importante pressão sobre o Governo, porém, como resultado das políticas levadas à frente pela liderança da FNB, fez com que os negros estivessem completamente desarmados perante a proibição das organizações políticas, o que levou à extinção da entidade e a uma não resistência por parte daqueles que tinham passado os últimos anos confiando no Governo e se viam agora traídos por ele e à mercê de lideranças negras conciliadoras. Este cenário nos ajuda a compreender o que ocorreu com a luta de negros durante o período do Estado Novo, onde houve um recrudescimento na organização e luta política dos negros no Brasil, que iria se reestabelecer apenas cerca de 40 anos depois.

Esta cooptação da FNB pelo integralismo, fez com que isso possa ser encarado como a mais trágica das passagens do movimento negro

brasileiro, uma vez que, a partir do momento que os negros estão desiludidos com a burguesia liberal paulista ele é atraído para as garras do fascismo. Não podemos deixar de destacar que apesar do posicionamento correto da FNB contra o racismo científico, o método utilizado por este movimento iria impossibilitar que os negros se colocassem de maneira independente dos setores da direita e com a ausência de um setor da esquerda que também levantasse essa independência, se aliou ao que existia de mais nefasto no cenário político nacional. Elas ainda não haviam entendido que a demanda dos negros é a mais importante demanda democrática do Brasil.

Veremos no próximo capítulo o que ocorreu com as organizações negras no período do Estado Novo e quais foram as pautas dos negros neste período.

2.2 O Estado Novo (1937-1945) e as organizações negras

A Constituição de 1934 previa eleições diretas para o ano de 1938, porém segundo Kössling (2007) desde 1935 havia uma efervescência política de diferentes correntes de pensamentos, a maioria delas fazia oposição ao governo do então presidente Getúlio Vargas, sendo estes opositores políticos, frentes de movimentos de trabalhadores, que atuavam através de greves, de movimentos sociais, no qual o movimento negro estava inserido ou até mesmo a chamada ANL - Aliança Nacional Libertadora, frente popular composta por diferentes correntes políticas que sentiam a necessidade de uma atuação unificada para deter o avanço do nazi-fascismo, que no Brasil era associado ao integralismo e ao crescimento da AIB – Ação Integralista Brasileira.

No ano de 1935 o presidente Vargas declara Estado de Sítio, pois a cisão do então movimento revolucionário de 1930 torna presente as “ideias comunistas” em solo brasileiro, através de ações da ANL. A ação de Vargas tinha intenção de acabar com a ANL, porém não surtiu o resultado de imediato, reações da ANL foram empreendidas e que tiveram como principal ação a INTENTONA COMUNISTA. Em 1936 Getúlio passa a perseguir não apenas o movimento (ANL) e demais opositores de esquerda, como o PCB, partido de linha marxista que pertencia a corrente *stalinista*, mais as pessoas que lutam por demandas que possam representar algum questionamento ao regime. Retira os direitos civis daqueles que seriam uma "ameaça ao Brasil", ou seja, ele passa a permitir prisões arbitrárias perseguições ideológicas e tortura a seus opositores (Fausto, 1995). Outro setor que passa a disputar espaço político no Brasil é a Ação integralista Brasileira (AIB), esse movimento tem como principal pensamento o nacionalismo e forte concentração de poder na mão do estado, com referência aos regimes nazifascistas da época e através de seu principal defensor - Plínio Salgado - a AIB durante muito tempo esteve aliada a Getúlio, porém quando ele implanta o ESTADO NOVO, ou seja, dá um golpe que anula os direitos

constitucionais, ele manda fechar a AIB e concentra todo o poder em suas mãos o que gera desconforto em um grande setor da burguesia nacional que antes o apoiava.

Com forte concentração de poder nas mãos do executivo desde 35, Vargas estreitou relações com os setores oligárquicos e com os militares, o que tornou possível o golpe político de 1937, utilizando-se da justificativa de impedir o avanço comunista ele suspende todos os direitos políticos, acaba com os partidos e com as organizações civis em uma constituição com aspirações fascistas. No dia 10 de novembro de 1937, ele instala o que ficaria conhecido como Estado Novo, que para Fausto (1995, pg 367) seria “uma aliança da burocracia civil e militar e da burguesia industrial”, que visavam a industrialização sem que houvesse alguma resposta social, que já ocorria com greves em 1934, em Estados como São Paulo, Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro e Pará.

Ainda segundo Fausto (1995), apesar de basear sua constituição, elaborada em 1938, nas constituições fascistas italiana e polonesa, e ter esta dado amplos poderes a Getúlio Vargas sobre o Legislativo e o Judiciário, a ausência de um partido que intermediasse a relação entre a população e o Estado e a falta de um discurso ultranacionalista são alguns dos pontos que distanciam o Estado Novo do fascismo italiano ou do nazismo alemão. No que se refere às suas principais medidas, o Estado Novo adotou o chamado “Estado de Compromisso”, onde se criaram mecanismos de controle e vias de negociação política responsável pelo surgimento de uma ampla frente de apoio a Getúlio Vargas. Neste período também foram criados: censura aos meios de comunicação (rádios, revistas e jornais) e às manifestações artísticas como, por exemplo, teatro, cinema e música; criação do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) para promover e divulgar as realizações do governo; perseguição e, em alguns casos, prisão de opositores e inimigos políticos; repressão às manifestações políticas e sociais (protestos, greves, passeatas); controle dos sindicatos. Entretanto nesse mesmo período se criou a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) em 1943, garantindo direitos elementares aos

trabalhadores, como a criação da carteira de trabalho, instituição do salário mínimo, descanso semanal remunerado, jornada de trabalho de oito horas e regulamentação do trabalho feminino e de menores de idade; participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial ao lado dos aliados (Inglaterra, Estados Unidos e União Soviética), com o envio da FEB (Força Expedicionária Brasileira) aos campos de batalha na Itália.

Outro ponto importante da política varguista pode ser notado na relação entre o governo e as classes trabalhadoras; além de medidas referentes à normatização das leis trabalhistas que incluiu a criação da Justiça de Trabalho e da CLT, passa por concessões e leis de auxílio aos trabalhadores, “medidas estas usadas para desmobilizar os movimentos sindicais da época” segundo análise do *site* Brasil Escola. Suas ações eram controladas por leis que regulamentavam o seu campo de ação legal. Nessa época, ainda segundo o *Site* Brasil Escola, “os sindicatos transformaram-se em um espaço de divulgação da propaganda governista e seus líderes, representantes da ideologia varguista”. Para isso foi criado o imposto sindical (desconto anual feito pelo governo e equivalente a um dia de trabalho) que era recolhido e distribuído aos sindicatos pelo Estado, consolidando assim a dependência e subordinação dos sindicatos para com o Governo. Nasce neste momento também o termo “pelego”, que faz alusão a “uma cobertura de pano ou couro colocada sobre uma montaria de cela para amortecer o choque produzido pelo impacto” (Fausto, 1995 p. 374), termo este utilizado para definir o representante sindical que atuava frente os interesses do estado e não os da classe trabalhadora.

Se no **primeiro período** do movimento negro, que se inicia no começo do século XX e vai até o Golpe do Estado Novo, temos no nascimento da FNB um marco para a luta organizada dos negros, que se deu em 1932, no **segundo período** do movimento negro, que se inicia com o processo de redemocratização e vai até meados da década de 1970, que se dá durante o período do Estado Novo imposto por Getúlio Vargas como forma de se manter no poder, todos os partidos e instituições sociais políticas são colocadas na ilegalidade, o que fez com que a Frente Negra Brasileira, maior organização do movimento negro

até aquele momento, desaparecesse, tendo se mantido durante um curto período, apenas as publicações impressas presentes em seu jornal e como União Negra, que segundo Barbosa (1998) duraram apenas até o ano de 1938. Mesmo assim, como forma de aumentar sua influência nos setores negros da sociedade brasileira, Getúlio Vargas institui a Capoeira como a primeira arte marcial brasileira e a umbanda como religião brasileira, sendo estes os primeiros acenos institucionais de integração de alguns aspectos da cultura afro-brasileira de maneira oficial, mesmo ocorrendo apenas na década de 1950.

Durante todo o período posterior a essa ação de Getúlio Vargas, que podemos entender como uma forma de cooptar a população negra através de criar uma identificação com os mesmos, houve uma política de perseguição realizada contra as atividades relacionadas com os negros, tendo havido entre os anos de 1890 a 1937 a criminalização de práticas esportivas ligadas a cultura afro-brasileira, como a prática da capoeira, que era considerado crime, com punição prevista no Código Penal, que relacionava a capoeira com a vadiagem, como se a prática da capoeira levasse à condição de “vadio”, como se esta fosse uma característica do negro praticante de capoeira naquele período. Quem fosse pego jogando ou brincando capoeira poderia pegar de dois meses a um ano de prisão. Conforme consta no *site* da Câmara dos Deputados, o Decreto 847 de 11 de outubro de 1890 assim dispunha em seu Capítulo XIII:

- Dos vadios e capoeiras:

Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas exercício de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação Capoeiragem (...).
Pena de prisão celular por dois a seis meses.

A penalidade é a do art. 96.

Parágrafo único. É considerada circunstância agravante pertencer o capoeira [praticante do esporte capoeira] a alguma banda ou malta. Aos chefes ou cabeças, se imporá a pena em dobro.

A prática da capoeira, prática desportiva trazida pelos negros africanos escravizados e desenvolvida no Brasil, e das religiões como

candomblé e umbanda são proibidas e seus praticantes eram presos, decorrentes das leis que vigoravam no país nessa época, herança direta do período colonial, onde leis como o decreto de 1832, que obrigava os escravos a se converterem ao catolicismo, sob pena de punições corporais, mutilações e torturas a quem desobedecesse (STECK, 2013). Enquanto isso, partidários da política de higienização da Cidade de São Paulo, como o médico Raimundo Nina Rodrigues, acreditava que os rituais de candomblé eram uma patologia dos negros (KENSKI, 2003).

Para Pereira (2013) algumas outras organizações surgiram neste período, que mesmo sem colocar abertamente o caráter político de suas intervenções, foram importantes espaços de resistência e de manutenção da cultura negra e da organização dos negros. Podemos citar aqui quatro delas: o Teatro Experimental do Negro (TEN), criado em 1944 no Rio de Janeiro por Abdias do Nascimento; o Teatro Popular Brasileiro (TPB) criado em 1943, em São Paulo, por Solano Trindade, poeta e artista paulista; a União dos homens de Cor (UHC), fundada em 1943 em Porto Alegre e a Associação dos Negros Brasileiros (ANB) criada em 1945 por Correia Leite também em São Paulo. Desta mesma forma, segundo encontramos em Pereira (2013, p.123) “nenhum desses movimentos, apesar de aglutinar setores conscientes, possuía o mesmo sentido da Frente Negra. Não buscavam decididamente mobilizar a massa.”, sendo que alguns outros autores, destacam que destes todos, o TEN foi o mais expressivo desses movimentos (Domingues, 2007), criado por Abdias do Nascimento após assistir uma peça em que o papel do protagonista, que era um personagem negro, foi interpretado por um ator branco pintado de preto, prática conhecida como *black face*, o que fez com que Abdias enxergasse a necessidade de uma entidade que visse a arte desde os olhos dos negros e pudesse falar sobre a opressão em que as negras e negros brasileiros estavam imersos. Nas palavras de Abdias do Nascimento:

“[...] algo denunciava a carência daquela força passional específica requerida no texto, e que unicamente o artista negro poderia infundir à vivência cênica desse protagonista, pois o drama de Brutus Jones é o dilema, a dor, as chagas existenciais

da pessoa de origem africana na sociedade racista das Américas. Por que um branco brochado de negro? Pela inexistência de um intérprete dessa raça? Entretanto, lembrava que, em meu país, onde mais de vinte milhões de negros somavam a quase metade de uma população de sessenta milhões de habitantes, na época, jamais assistira a um espetáculo cujo papel principal tivesse sido representado por um artista da minha cor. Não seria, então, o Brasil, uma verdadeira democracia racial? Minhas indagações avançaram mais longe: na minha pátria, tão orgulhosa de haver resolvido exemplarmente a convivência entre pretos e brancos, deveria ser normal a presença do negro em cena, não só em papéis secundários e grotescos, conforme acontecia, mas encarnando qualquer personagem – Hamlet ou Antígona – desde que possuísse o talento requerido.” (NASCIMENTO, 2004, p. 209)

Este incômodo descrito por Abdias faz com que ele passe a questionar como se dá a integração do negro na sociedade, em que se no cenário das artes, ambiente este que prega a liberdade, ainda existia esta separação, baseada em traços racistas, como estaria então o restante da sociedade?

Abdias via um cenário muito ruim para o negro, na qual os avanços subjetivos que o mesmo tinha construído durante o período de atuação da FNB, foram varridos junto com a legalidade do movimento. A forma como o negro e os aspectos culturais relacionados a ele eram retratados na época, como inferiores e marginais, tinham que ser combatidos de alguma forma. Por isso a criação de um espaço cultural em que o negro pudesse se reconectar com a cultura africana, conexão essa abandonada pela FNB em nome de reivindicar uma identidade “brasileira”, que seria contestada pelo TEN e também pelo TPB, seja pela via da religiosidade, das artes plástica e cênica, da vestimenta ou até mesmo através da música, foi uma das suas prioridades naquele momento.

Estas organizações ligadas à questão cultural dão todo o tom do que foi o segundo período do movimento negro, entre, 1940 e 1970, no qual o resgate cultural como resistência política se coloca no centro do debate dos dissidentes da Frente Negra Brasileira e é o motor para que as manifestações culturais ganhem um contexto mais político e não

apenas lúdico, mas de contestação, em um momento político no qual organizações diretamente políticas seriam perseguidas pelo Governo Vargas. Neste contexto o TEN cumpriu um papel fundamental, ao utilizar este período de baixa atividade externa e aparições públicas para acumular força intelectual, principalmente ao redor de Abdias do Nascimento e Alberto Guerreiro Ramos, que transformaram o TEN, segundo Guimarães (2002) na principal organização negra do país neste momento:

“Embora tivesse, de início, o objetivo eminentemente cultural, de abrir o campo das artes cênicas brasileiras aos atores negros, acabou, com o tempo, em se transformar em agência de formação profissional, clínica pública de psicodrama para a população negra e movimento de recuperação da imagem e da autoestima dos negros brasileiros”

(Guimarães, 2002 p.89)

Este papel ocupado pelo TEN, cujas funções foram bem além das artes cênicas, por atuar também na formação profissional e na recuperação da autoestima de negros brasileiros, como pudemos ver na citação acima, possibilitou que nas décadas seguintes os negros estivessem mais bem localizados para intervir nos processos de endurecimento do cenário político, seja durante o Estado Novo ou posteriormente com a própria Ditadura Militar. Que segundo Guimarães (2002), radicalizaram com a visão do mulatismo de Gilberto Freyre ao afirmarem que a negritude seria a elevação a outro patamar do processo de identidade nacional brasileira. Ou seja: ser brasileiro significaria, antes de tudo, ser negro. Para entendermos melhor este importante movimento e o período no qual este estava inserido, iremos abordá-lo com maior profundidade no capítulo 3.

Desde o período de pré-Abolição, todas as tentativas de organização dos negros no Brasil eram vistas como altamente perigosas e subversivas, tanto que todas as suas tentativas eram combatidas de maneira mortal. Em seu livro, *Rebeliões de Senzala* (2014), Clovis Moura aponta como se deram cada uma dessas movimentações no Brasil durante a escravidão, e de como todas esta resistência e revoltas, desde o Quilombo dos Palmares, passando pela Revolta dos Malês e

chegando finalmente às portas da Abolição, quando houve a Revolta dos Alfiates, foram vistas diretamente como afrontas ao sistema vigente. Quando estas revoltas rompem a Abolição, uma vez que, apesar do Estado ter oficializado a liberdade de maneira superficial aos negros escravizados, tiveram que criar mecanismos para justificar a prisão e controle dos negros no território brasileiro, uma vez que não eram mais escravos. Foi assim criada no ano seguinte ao da assinatura da Abolição a “Lei da Vadiagem”, que era uma tentativa da sociedade se proteger dos indivíduos sem residência fixa, sem ocupação, que preferem a vida de ociosidade e vícios. Sujeitos esses que, por consequência, seriam em sua esmagadora maioria, negros.

Nos Estados Unidos a perseguição aos ativistas não foi diferente. Leis de criminalização dos negros foram instituídas poucos anos após a Guerra Civil norte-americana (1861-1865) que mesmo após abolir a escravidão, que naquele momento foi decisivo para a vitória do Norte, liderado por Abraham Lincoln, não rompeu com suas bases racistas (Breitman, 1954 p.12 e 13). As leis de Jim Crow, que foram instituídas em 1877, foram um conjunto de medidas aprovadas pelo congresso estadunidense que estabelecia lugares separados para negros e brancos em espaços públicos e privados, como ônibus, trens, restaurantes e estádios.

Esta política seguiu até a metade dos anos de 1960, quando passa a ser contestada pelas lideranças do movimento pelos direitos civis, sendo que durante este período a CIA (Agência Central de Inteligência, em português) havia mapeado e grampeado os principais líderes e ativistas do movimento, como Malcolm X, Martin Luther King, Bob Seale, Huey Newton, Angela Davis (que chegou a figurar entre os 10 mais procurados dos Estados Unidos), entre vários outros, durante a gestão de J. Edgar Hoover no FBI, como descrito na biografia de Malcolm X, escrita por Manning Marable (2013). O resultado desse mapeamento pode ser conferido nos arquivos disponibilizados pela entidade, que traça um perfil completo de vários ativistas do movimento negro norte-americano entre as décadas de 1960 e 1980, com registro de falas públicas e de gravação de conversas particulares.

Entendemos até aqui que a instalação do que podemos chamar de Ditadura Vargas impôs um enorme retrocesso para a organização política dos negros, que teve que passar para uma posição defensiva de sua identidade recém-trabalhada dentro dos debates da FNB, que os apresentava enquanto negros e negras não mais da maneira pejorativa como eram vistos antes, mas com orgulho de sua identidade afro-brasileira. O Estado Novo impôs que os negros saíssem do cenário político e passassem a articular suas ações por dentro de espaços mais de formação e de aprofundamento sobre os debates de identidade negra, o que forneceu maior embasamento teórico e acúmulo de forças intelectuais para os negros em um período de recrudescimento das atuações diretamente políticas, e que permitiu que as organizações negras que iriam se constituir principalmente na década de 1970 tivessem uma base ideológica mais sólida para dar continuidade à luta dos negros por iguais direitos dentro da sociedade brasileira. O que em certo sentido, representou um movimento importante para que negras e negros pudessem aprofundar não apenas suas críticas sobre a democracia racial e o racismo institucional, mas também formas mais sofisticadas de combatê-las, mostrando um ganho para o movimento. Veremos a seguir como se deu o processo de redemocratização, compreendidos desde o final da Ditadura Vargas até o início da ditadura Militar e como isso afetou os negros brasileiros.

3 – Identidade e sua influência na cultura negra no Brasil: o Período de Redemocratização

Neste capítulo iremos abordar o período que corresponde o final do Estado Novo (1950) e a primeira década da ditadura militar (1964 a 1975), momento esse em que as organizações negras mudam seu enfoque, que havia se tornado político com a Frente Negra Brasileira, apesar de sua política assimilacionista e de íntima relação com o integralismo, em pautas mais ligadas à cultura e a identidade negra. Podemos notar que o movimento negro brasileiro sofreu diversas influências, das quais podemos dar destaques para os conflitos negros que ocorriam em torno da política de direitos civis e iguais entre negros e brancos, que ocorriam tanto na África do Sul, em que o regime do Apartheid havia oficialmente sido instituído em 1948 e já sofria importante resistência por parte dos sul-africanos (Hosie, 2004), quanto nos Estados Unidos em meados da década de 1950, que possuía dois protagonismos centrais: o do pacifismo e da conciliação de Martin Luther King e do radicalismo e da contestação de Malcolm X. Porém este não era a única coisa que os negros brasileiros estavam observando. Esse período registrou também uma forte contestação estética e cultural que colocava o negro como também passível de afeto e de beleza, itens estes negados pela cultura hegemônica eurocêntrica, que valorizava padrões de beleza brancos e europeus. Para Benevides (2006, p.37):

“As manifestações pelos direitos civis acabaram gerando, em meados da década [de 1960], o movimento político Black Power, que expressava uma nova consciência racial voltada para a dignidade e autoconfiança dos negros, além da integração destes na sociedade.”

Então, este movimento de ressaltar a beleza e cultura negra não se dá por fora de um movimento político que luta pela inserção do negro na sociedade, porém desta vez, diferente do momento protagonizado pela Frente Negra Brasileira, momento este em que houve um abandono dos elementos negros em detrimento do padrão cultural e de valores

europeus, este movimento visava incluir na sociedade os valores da cultura negra afro-brasileira. Este movimento cultural mexeu com os “mitos sociais” que serviam de base de construção das sociedades capitalistas, como notamos no capítulo anterior. Alguns pesquisadores destacam que o envolvimento com atividades do movimento negro neste período passam por compartilhar “as experiências de rompimento com o mito da democracia racial”, segundo a pesquisa de ALBERTI & PEREIRA (2005, pg. 3), e mesmo que de maneira inicial. Em muitos casos, essas experiências ocorrem, primeiro, no âmbito pessoal, para, em seguida, se transformarem em formas de luta para a sensibilização de outros negros e também de brancos.

“Com relação às experiências de âmbito pessoal destacam-se, de um lado, a consciência da negritude (reconhecer-se e valorizar-se como negro) e, de outro, a consciência da discriminação em uma sociedade na qual a inferiorização do negro se dá de forma muitas vezes velada e sutil. É interessante verificar que, nos anos 70, muitas vezes a consciência da negritude em âmbito pessoal se mescla com uma tomada de posição política, levando a atitudes que, nos dias de hoje, possivelmente já não têm o mesmo peso.”

Podemos entender que o processo de auto reconhecimento enquanto negro também se dá em duas esferas, a social e a pessoal, que estão penetradas da influência da cultura hegemônica, que até aquele momento não via o negro como integrante de um projeto social. Naturalmente, este auto reconhecimento se dará em conflito com esta influência hegemônica, fazendo assim que negras e negros se percebam em uma disputa de narrativas e, desde maneira, de poder, quando praticam qualquer atitude ou assumem qualquer parcela de identidade ligado a africanidade ou a negritude. Se reconhecer como negro não estava diretamente relacionado com estar consciente do racismo que o mesmo sofre, sendo estas etapas que muitas vezes se davam de maneira conjunta, mas não necessariamente expressavam o mesmo conteúdo. Parte desse auto reconhecimento passavam pela simples atitude de manter natural, sem alisamentos ou disfarces, o cabelo afro quando ninguém fazia o mesmo (uma vez que era comum a utilização de alisantes, mesmo entre homens ou de perucas de cabelos

lisos, que escamoteavam os cabelos crespos), utilizar roupas com estampas africanas, ouvir músicas relacionadas aos negros, como o samba, o blues e o jazz, para citar alguns. Estas atitudes eram vistas com muita resistência pela sociedade brasileira, imersa em valores eurocêntricos. Maria Raimunda Araújo, presente na pesquisa de ALBERTI & PEREIRA (2005, pg. 4-5), que foi uma das principais referências do movimento negro do Maranhão desde os fins da década de 1970, relata sua experiência ainda durante o final da década de 1960 na Cidade de São Luís, após retornar de uma viagem de férias ao Rio de Janeiro::

(...) foi no final dos anos 1960, que já estava o movimento black Rio: na Zona Norte, eles já estão todos com aqueles cabelos enormes, passavam perto de mim e cumprimentavam... Pronto, aí eu comecei a ver que eu estava relacionada de fato com uma comunidade. E achando aquilo muito bonito. Mas eu disse: “Mas no Maranhão...” Porque eu ia para o Rio e passava uns três meses, porque professora tinha uns três meses. Quando retornei, o cabelo já estava bem carapinha. Aí foi um choque. Eu acabei sendo a primeira mulher negra a usar o cabelo assim natural. Aí sim... Pergunta – Chamava a atenção da rua inteira. Chamava a atenção e eu era agredida. Me davam vaia na rua: “Êh mulher, de onde saiu isso?” “É Toni Tornado?” Eu preciso saber o ano em que Toni Tornado apareceu no festival com o cabelo black power, porque eles me chamavam de Toni Tornado: “Toni Tornado, vai alisar esse cabelo!” E eu era tímida. O magistério tinha me libertado para o fato de comunicar com mais desembaraço. Mas eu era tímida. Eu disse: “Nossa, e agora?” Mas nunca pensei, nenhum momento, em alisar o cabelo.

Esse depoimento de Maria Raimunda Araújo nos trás diversos elementos que estavam em voga na sociedade durante as décadas de 1950 e 1960 no Brasil, momento em que as influências da cultura africana no Brasil saem da marginalidade e se chocam com a sociedade brasileira racista. Estas situações, que escancaravam que não havia de forma alguma um espaço de integração igualitária na sociedade brasileira, coloca em xeque o mito da democracia racial e mostra como na verdade a realidade do negro no Brasil se assemelha mais a uma Discriminação Inclusiva, termo usado por Sawyer (2006), onde as desigualdades são mantidas e ressaltadas em nome de uma falsa

inclusão, a serviço de dissipar tensões raciais existentes, como coloca o autor em seu livro no qual explica como se deu este processo em Cuba após a revolução cubana, no qual a discriminação ocorria ao assumir que não havia mais racismo na ilha cubana, e que esta havia sido completamente erradicada com a revolução, mecânica esta rebatida pela teoria da revolução permanente de Trotsky (2010), que coloca a ação revolucionária (ou seja, a revolução socialista em si) como apenas um décimo da tarefa revolucionária (desenvolvimento da sociedade após a revolução, momento este em que ocorreriam os combates as pressões e relações de opressões que eram decorrentes do sistema capitalista, como o racismo, o machismo e a homofobia, que as pessoas, mesmo vivendo em uma sociedade socialista, ainda carregariam por algumas gerações), que representa nove décimos desta tarefa. Porém, estas situações de reivindicação da cultura negra em nada eram diminuídas estas tensões raciais, muito pelo contrário, pois cada vez que um negro reivindicava seus traços naturais, a real textura do seu cabelo, valorizava o tom da sua pele e se conectava com a cultura que era identificada enquanto negra, mais aumentavam os discursos no Brasil sobre como este sentimento de valorização dos negros deveria ser suprimido e combatido, pois feriam o discurso da nacionalidade multicultural brasileira.

Desta maneira, durante a ditadura, o discurso dos negros brasileiros era um discurso racista, ou seja, ressaltava de maneira positiva a identidade negra, por entender que esta era a melhor maneira de combater o discurso oficial propagado neste período, que pregava a Democracia Racial como forma de equilíbrio e igualdade entre negros e brancos no Brasil, porém esta igualdade encontrada no discurso não se transformava em políticas de inclusão dos negros, mas apenas serviam para escamotear o caráter racista do poder público e seu projeto de diluir a presença dos negros no Brasil, seja culturalmente ou fisicamente (Pereira, 2013).

Além disso, podemos destacar que durante a ditadura militar, com a criação de leis que visavam coibir o debate da raça e de classe, existia

uma preocupação latente que, segundo Kössling (2008, p. 41) mostrava que “Este conjunto de leis revela a preocupação que o regime militar desenvolveu em relação às lutas anti-racistas e seu potencia de contestação política”, medo este que motivou a vigilância constante às organizações do movimento negro durante a Ditadura Militar, uma vez que este potencial político mostrava sua força nos EUA e nos países africanos que lutavam por suas independências.

A valorização da identidade negra serviria como motor para aprofundar um debate sobre o papel do negro na sociedade brasileira, que não seria mais pela assimilação, mas sim por destacar e ressaltar os aspectos culturais negros. Mas como a identidade negra, e as entidades que a destacavam, se desenvolveram a ponto de serem vista como um potencial perigo para o regime militar?

3.1 – Movimentos Culturais ou Sociais?

A afirmação da identidade dos negros sempre foi um processo de resistência, frente a valores sociais presentes na sociedade brasileira, pautados na imagem de um Brasil mais próximo da Europa do que do continente africano, ignorando a composição social presente no Brasil até a Abolição, que era majoritariamente negra. Esse processo de europeização ganha forma no Brasil imediatamente no período após a Abolição, quando se inicia a República no País e na qual podemos notar um projeto de avanço e modernização relacionado a ser uma população mais branca. Nas artes este cenário não era diferente, uma vez que a representação do “povo brasileiro” era representada pela figura branca á frente e do negro como uma alegoria do que realmente representava para a formação cultural brasileira. Aqui iremos entender como este processo se transforma desde os anos que antecederam a ditadura militar, através da intervenção de Abdias do Nascimento e do Teatro Experimental do Negro.

Apesar de este trabalho ter como foco a Cidade de São Paulo, é necessário dizer que durante os anos 70 há uma série de acontecimentos e iniciativas de grupos negros que sinalizam positivamente acerca da retomada da mobilização do movimento negro brasileiro. Dentre estes podemos destacar a formação do grupo Palmares (1970), no Rio Grande do Sul, que em 1974, propõe como a data nacional dos afro-brasileiros o 20 de novembro (dia da morte de Zumbi dos Palmares), em contraposição ao 13 de maio, que era comemorados por grupos ligados a ditadura militar. A publicação do o artigo “A Epopeia de Palmares”, em novembro de 1971 no jornal Correio do Povo, escrito pelo poeta gaúcho Oliveira Silveira; a publicação em língua portuguesa de “Palmares – A Guerra dos Escravos”, de Décio Freitas, em 1973; a reestruturação da Sociedade José do Patrocínio, de Belo Horizonte; crescimento da influência das organizações Sociedade de Intercâmbio Brasil-África (SINBA) e do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN), que permitem uma renovação no movimento

negro no Rio de Janeiro; abertura do curso sobre Cultura Negra na Escola de Artes Visuais no Rio de Janeiro em 1976, organizado por Lélia, que auxilia no aumento o intercâmbio entre as organizações negras do Rio de Janeiro e de São Paulo; fundação do Bloco Cultural Afro Ilê Aiyê em 1974, em Salvador; e o surgimento de diversos grupos no Estado de São Paulo durante os anos 70, como o CECAN – Centro de Cultura e Arte Negra, a Associação Cultural Brasil Jovem, o GTPLUN – Grupo de Profissionais Liberais Negros, a Câmara de Comércio Afro-Brasileira, do Núcleo Negro Socialista e também dos jornais Abertura, Capoeira, JORNEGRO, Afro-Latino-América (Oliveira e Rios, 2014).

Todas estas iniciativas vieram no sentido de fortalecer a identidade do negro na sociedade brasileira, estabelecendo um novo entendimento da identidade do negro no Brasil, uma vez que a forma com que o racismo é tratado assume de tempos em tempos novas formas. Segundo Munanga (1995, p. 66-67)

“Identidade e racismo não são fenômenos estáticos, eles se renovam, se reestruturam e mudam de fisionomia de acordo com a evolução das sociedades, das conjunturas históricas e dos interesses dos grupos.”

Podemos entender aqui, que Munanga coloca que existe um desenvolvimento desigual e combinado na dinâmica entre identidade e racismo, uma vez que estas se modificam a depender dos fatores externos que as pressionam ou as motivam. Isso faz com que esta correlação entre elas faça com que uma sempre responda a outra, fazendo sempre este jogo duplo entre a identidade oprimida que precisa se fortalecer para responder ao racismo estrutural e o racismo que precisa se sofisticar para encontrar novas formas e mais eficazes de controle ideológico sobre aqueles oprimidos pelo racismo. Por isso que em momentos históricos de forte repressão racista, como os que ocorreram no Apartheid na África do Sul ou com as leis de Jim Crow nos Estados Unidos, a resposta dada pelos negros foi de extrema radicalidade, que se transformavam em pautas políticas, e também de consolidação de uma identidade negra mais pungente.

Porém, se identificar enquanto negro era ir contra a segurança nacional, uma vez que para a burguesia brasileira, ser contra a democracia racial era por em risco o caráter nacional do Brasil. Isso fez com que diversas letras de músicas fossem censuradas pela mesma:

“A doutrina de segurança nacional era intrinsecamente racista, como foi explicado no capítulo deste Relatório sobre as violações de direitos aos povos indígenas. O racismo dessa doutrina manifestava-se, entre outros fatores, na negação oficial do racismo e nas práticas discriminatórias do regime contra a população negra, que não se davam apenas no campo da segurança pública: havia a censura, que também seguia a ideologia do branqueamento e da invisibilização do racismo. Um dos casos célebres foi o do samba “O Mestre Sala dos mares”, de João Bosco e Aldir Blanc, que cantava o líder negro da Revolta da Chibata, João Cândido. O samba foi gravado por Elis Regina em 1974, com a letra alterada por força da censura.” (Comissão da Verdade, 2015, p. 9-10)

Esta era uma prática recorrente dos sistemas ditatoriais, como forma de reprimir qualquer tipo de manifestação política ou artística que conteste a hegemonia ideológica que a mesma utiliza para manter a sua dominação. A invisibilidade dos negros também passaria por ter o seu acesso a grandes exemplos da luta antirracista cerceado.

No Brasil, devido o modelo de racismo institucional, que visava a assimilação, podemos notar que houveram entidades que tentaram dialogar com este processo, apresentando alternativas para a situação vivida pelos negros que estivessem diretamente relacionadas apenas com o aspecto de fortalecimento dos aspectos culturais sem que isto se tornasse uma contestação política. Existiam entidades e grupos negros que atuavam nos limites da democracia, flutuando entre um discurso sem radicalidade e manifestações culturais como formas de resistência da cultura afro-brasileira, como o Aristocrata Clube, a Casa da Cultura Afro-Brasileira, o Grupo de Trabalho dos Profissionais Liberais Negros em São Paulo, o Teatro Experimental do Negro (TEN) no Rio de Janeiro, que era liderado por Abdias do Nascimento e o Teatro Popular Brasileiro (TPB), este liderado por Solano Trindade. (Santana, 2003).

Iremos aqui dar destaque para estes dois últimos, uma vez que foram de extrema importância para o período entre o final do Estado Novo e a primeira década da Ditadura Militar. Segundo seu fundador, Abdias do Nascimento (2004, p. 210), o TEN seria um “organismo teatral aberto ao protagonismo do negro, onde ele ascendesse da condição adjetiva e folclórica para a de sujeito e herói das histórias que representasse”, desta maneira, vemos aqui que o protagonismo negro pensado por Abdias neste momento, que é ainda o ano de 1944, vai colocar o negro como representante de sua própria cultura e como dono de suas próprias manifestações culturais, uma vez que até aquele momento era comum nos teatros e no cinema a utilização de atores brancos com os rostos pintados de preto para representar os negros nestes espaços (prática conhecida como *Black Face*), o que a criação do TEN se propunha a combater. Podemos notar aqui também a necessidade de ser integrado ao sistema sem a questionar os lugares de poder em que os negros estavam inseridos, como coloca o próprio Abdias em sua análise sobre o TEN:

“Antes de uma reivindicação ou um protesto, compreendi a mudança pretendida na minha ação futura como a defesa da verdade cultural do Brasil e uma contribuição ao humanismo que respeita todos os homens e as diversas culturas com suas respectivas essencialidades. Não seria outro o sentido de tentar desfiar, desmascarar e transformar os fundamentos daquela anormalidade objetiva dos idos de 1944, pois dizer teatro genuíno – fruto da imaginação e do poder criador do homem – é dizer mergulho nas raízes da vida. E vida brasileira excluindo o negro de seu centro vital, só por cegueira ou deformação da realidade”

Para Abdias, a representação visual do negro no teatro era imprescindível para que culturalmente o negro fosse valorizado e a cultura afro-brasileira fosse respeitada. Ao direcionar as forças do TEN para este local, deixa de notar que nas esferas reais de poder o negro continua sub-representado ou diretamente suprimido, uma vez que este não participaria ou influenciaria nas decisões políticas do cenário brasileiro. Para Abdias (2004 p. 211), a proposta do TEN era “trabalhar pela valorização social do negro no Brasil, através da educação, da

cultura e da arte”, ou seja, ser integrado a sociedade brasileira de maneira gradual. Apesar disso, fato de utilizar em seu nome o termo “negro”, visto de maneira pejorativa naquela época, fez com que os vários olhares se voltassem para o trabalho desenvolvido pelo TEN. Ainda segundo Abdias:

“A menção pública do vocábulo “negro” provocava sussurros de indignação. Era previsível, aliás, esse destino polêmico do TEN, numa sociedade que há séculos tentava esconder o sol da verdadeira prática do racismo e da discriminação racial com a peneira furada do mito da “democracia racial”. Mesmo os movimentos culturais aparentemente mais abertos e progressistas, como a Semana de Arte Moderna, de São Paulo, em 1922, sempre evitaram até mesmo mencionar o tabu das nossas relações raciais entre negros e brancos, e o fenômeno de uma cultura afro-brasileira à margem da cultura convencional do país.”

Aqui vemos que, apesar de consciência de Abdias sobre o racismo estrutural da sociedade e de como o mito da “democracia racial” se colocava como um véu que tentava encobrir o racismo da sociedade brasileira, inclusive presente entre setores mais progressistas da sociedade, o mesmo não vê a necessidade de se colocar abertamente contra ela, tão pouco o TEN havia sido pensado com esse objetivo. Porém, mesmo assim este causou extremo desconforto na burguesia brasileira, uma vez que os temas abordados nas peças, que falavam sobre as religiões de matriz africana, das condições do negro durante o período de escravização e outras questões diretamente ligadas à temática do preconceito racial e a desigualdade social, exponham de certa maneira a falácia por trás do mito da democracia racial.

Paralelamente à atividade teatral, o projeto do TEN propõe o debate de temas ligados à cultura afro-brasileira, e passa a promover diversos encontros no Rio de Janeiro, como a 1ª Reunião da Convenção Nacional do Negro (1945 em São Paulo e 1946 no Rio de Janeiro), e o 1º Congresso do Negro Brasileiro (1950), que teve seus anais publicados parcialmente no livro “*O Negro Revoltado*” de Abdias do Nascimento (1ª Ed. em 1968, 2ª Ed. em 1982). Além disso, Abdias funda o departamento de estudos e pesquisas do TEN, em 1949, que seria

conhecido como o Instituto Nacional do Negro, e organiza entre 1948 e 1951, o jornal *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*, que promovia as atividades do TEN e de outras entidades do movimento negro, além de reportagens, entrevistas, e matérias sobre assuntos de interesse à comunidade negra brasileira. Enquanto em 1964, o TEN cria o Curso de Introdução ao Teatro Negro e às Artes Negras, a Ditadura Militar toma o poder no Brasil, o que faz com que vários movimentos que questionem a questão racial ou valorizem a uma identidade que não seja diretamente “brasilidade” defendida pelo regime militar tenham sua atuação restringida ou que sejam diretamente fechados (Abdias, 2004).

Em 1966, o TEN é impedido pelo Ministério das Relações Exteriores de se apresentar no 1º Festival de Arte Negra no Senegal com a peça *Além do Rio* – uma adaptação de *Medeia*, de Eurípides (484- 406 a.C.), feita por Agostinho Olavo. O espetáculo é considerado pelas autoridades como não representativo da cultura brasileira. Com a repressão política, as estratégias de ação do TEN tornam-se restritas. Nascimento fica à frente do Teatro Experimental do Negro até 1968, mas, em decorrência do endurecimento do regime militar e da inclusão do seu nome em vários inquéritos policiais militares, acaba por exilar-se nos Estados Unidos.

Neste período também podemos identificar uma herança recebida da Frente Negra Brasileira: a intensa necessidade de ser integrado a sociedade brasileira tal qual ela estava estabelecida, como podemos ver em Munanga (2005-2006), quando destaca que a integração exige do negro tornar-se branco, o que inclui a política de miscigenação. Porém, conforme as experiências anti-racistas nos EUA e no Continente Africano se intensificam, o movimento negro brasileiro passa a abandonar este discurso e passa a debater sobre a necessidade de uma ruptura com o sistema vigente. Isso faz com que alguns setores do movimento negro vejam na estratégia do comunismo e da marxismo (que colocavam uma perspectiva de revolução social) uma saída para o que viviam e um lugar desde onde pudessem expressar livremente sua identidade enquanto negros ao invés de submeter a mesma á uma

forçosa integração com a sociedade burguesa eurocêntrica que não os aceitaria. Porém, esta concepção do comunismo em geral estava diretamente ligada a visão *stalinista*, que abertamente não dava peso para as concepções de raça e gênero por entender cada uma delas como forma de enfraquecer a classe trabalhadora.

Conseguimos ver aqui o desenvolvimento do debate em torno da representação da identidade negra através das artes e posteriormente como em resposta a essa representação, que excluía os negros, foi organizado um movimento cultural que colocasse com bastante força a centralidade da influência da cultura afro-brasileira como extremamente importante para a formação de identidade nacional. Para isso foi necessário um processo não apenas de um resgate dos elementos ligados a ancestralidade negra, mas também de uma atualização sobre o papel do negro na sociedade brasileira naquele momento, assim como todas as contradições que estavam intrínsecas a esta localização do negro no Brasil. Porém, com a chegada da ditadura militar, outras formas de se reivindicar a identidade negra foram surgindo, e cada vez mais a disputa entre o mito da democracia racial e uma contestação negra foram ficando mais evidentes.

3.3 – A Revolta do Negro através da afirmação da identidade

Aqui veremos como a experiência ao redor da atuação do Teatro Experimental do Negro (TEN) influenciou a formação de outros grupos culturais, principalmente o artista e ativista Solano Trindade. A experiência do TEN como um dos focos de resistência cultural negra, que com a chegada da Ditadura Militar se demonstra frágil, faz com que Abdias (2004, p. 221) coloque o TEN no trilho da luta antirracista:

“Dentro desse objetivo, o TEN propunha-se a combater o racismo, que em nenhum outro aspecto da vida brasileira revela tão ostensivamente sua impostura como no teatro, na televisão e no sistema educativo, verdadeiros bastiões da discriminação racial à moda brasileira. No exterior, a elite brasileira propagandeia uma imagem tão distorcida da nossa realidade étnica que podemos classificá-la como uma radical deformação. Essa elite se auto-identifica exclusivamente como branco-européia. Em contrapartida, escamoteia o trabalho e a contribuição intelectual e cultural do negro ou invoca nossas “origens africanas” apenas na medida de interesses imediatos, sem entretanto modificar sua face primeiramente européia na representação do país no mundo todo. Da mesma forma, a cultura “brasileira” articulada pela mesma elite eurocentrista invoca da boca para fora a “contribuição cultural africana”, enquanto mantém inabalável a premência de sua identificação e aspiração aos valores culturais europeus e/ou norte-americanos.”

Abdias começa demonstrar a necessidade de uma organização que disputa de maneira mais direta a narrativa contra a democracia racial para além dos espaços artísticos. A forma como a elite burguesa brasileira, representada pela figura do branco-europeia, se faz representar em todos os espaços deveria ser combatida de maneira mais profunda, uma vez que os padrões que o Abdias entende como eurocêntricos estavam não apenas nos ambientes de representação, mas também nas estruturas de poder, local em que os negros não estão presentes. A contribuição africana para a cultura brasileira deixaria de ser uma alegoria e se tornaria parte estruturante da identidade brasileira. Para esse identidade, Abdias importa o termo criado por Aimé Césaire,

negritude, que Munanga (1988) define como: fidelidade, identidade e solidariedade à todos os negros do mundo uns aos outros. Ao ampliar este sentido de identidade, dando a ela um caráter mais social e amplo, Abdias passa a reivindicar uma nova postura para o TEN, e escreve na Revista Civilização Brasileira, em 1968

“O Teatro Experimental do Negro é um processo. A negritude é um processo. Projetou-se a aventura teatral afro-brasileira na forma de uma antecipação, uma queima de etapas na marcha da história. Enquanto o negro não desperta completamente do torpor em que o envolveram. Na aurora do seu destino, o Teatro Negro do Brasil ainda não disse tudo ao que veio”

Para Abdias, negras e negros não devem mais apenas se verem representados, mas sim despertarem para uma vida política ativa, que os coloquem verdadeiramente como protagonistas de sua história, entendendo seu passado e querendo ser atuantes no futuro da comunidade negra brasileira. Esta forma de pensar também é compartilhada por Francisco Solano Trindade, importante poeta negro recifense radicado em São Paulo, que apesar de ter atuado durante alguns anos no TEN, funda em 1950 com sua esposa Margarida Trindade, o Teatro Popular Brasileiro (TPB), que possuía um elenco formado por operários, domésticas, estudantes, que era inspirado por diversas expressões culturais afro-brasileiras e indígenas, como a capoeira, o Coco e a festa de bumba-meu-boi (Camargo, 2009).

Para Solano Trindade, que possuía relações com o Partido Comunista, a forma de ligar o debate de identidade negra com o combate efetivo do racismo de daria através de uma coalisão social que unisse proletários e negros, uma vez que ambos haviam contribuído para a formação da cultura brasileira. Para Solano, (1946 p.4)

O negro tem sido estudado como elemento antropológico, etnológico e pitoresco. A macumba, tão condenada pelos burgueses, é para os estudiosos a primeira coisa procurada (e também pelos turistas de casa e além mar). Porém, temos que aproveitar mais do que a macumba, não sou contra ela, considero-a uma das provas de que a cultura negra não é inferior às demais culturas.

Para Solano Trindade, a cultura negro deveria sair do campo dos estudos e se tornar algo vivo, uma forma de se viver o cotidiano sob os olhares dos afrodescendentes. Os negros deveriam então se apropriar de sua cultura e torna-la parte do que eles representavam. Reivindica inclusive que a luta contra o racismo não deveria vir apenas dos negros, as que “brancos, amarelos ou judeus”, deveriam também se somar a luta antirracista. O amadurecimento desta visão no decorrer da ditadura militar faz com que Abdias (Nascimento, 1980 p. 262), assuma um discurso que ligue a questão de raça com a econômica, no sentido de entender que os limites impostos aos negros estão diretamente relacionados com a questão econômica e social.

*“Os negros têm como projeto coletivo a ereção de uma sociedade fundada na justiça, na igualdade e no respeito a todos os seres humanos, na liberdade; uma sociedade cuja natureza intrínseca torne impossível a exploração econômica e o racismo. Uma democracia autêntica, fundada pelos destituídos e os deserdados desse país, aos quais não interessa a simples restauração de tipos e formas caducas de instituições políticas, sociais e econômicas as quais serviram unicamente para procrastinar o advento de nossa emancipação total e definitiva que somente pode vir com a transformação radical das estruturas vigentes. **Cabe mais uma vez insistir,: não nos interessa a proposta de uma adaptação aos moldes de sociedade capitalista e de classes.** Essa não é a solução que devemos aceitar como se fora mandamento inelutável. Confiamos na idoneidade mental do negro, e acreditamos na reinvenção de nós mesmos e da nossa história. Reinvenção de um caminho afro-brasileiro de vida fundado em sua experiência histórica, na utilização do conhecimento crítico e inventivo de suas instituições golpeadas pelo colonialismo e o racismo”.*
(grifo meu)

No trecho acima, conseguimos notar uma mudança profunda no discurso de Abdias no começo do TEN e após ter sido exilado nos Estados Unidos. Agora ele entende a importância de uma luta no âmbito político, que demarque posição frente o racismo sofrido por negras e negros no Brasil, de forma a lutar não somente contra o racismo em abstrato, mas sim do sistema social que se utiliza do racismo como base fundamental para a exploração: o capitalismo. Para Abdias a

emancipação real de negras e negros do jugo racista somente será possível com o fim da divisão da sociedade em classes sociais.

Infelizmente, o período de maior desenvolvimento do TEN e do TPB foram aqueles em que a esquerda nacional mais estava adaptada ao regime, deixando os setores oprimidos órfãos de uma estratégia que colocasse em movimento os trabalhadores, a juventude e os setores negros, dentro de uma perspectiva que se enfrentasse com o regime da Ditadura Militar. Isso fez com que as lutas de classe e identidade seguissem caminhos paralelos durante mais de uma década. Mesmo assim, Nascimento (2004) via que a saída para os negros se daria por dentro de uma articulação que fosse política:

“Por tudo isso, era urgente uma ação simultânea, dentro e fora do teatro, com vistas à mudança da mentalidade e do comportamento dos artistas, autores, diretores e empresários, mas também entre lideranças e responsáveis pela formação de consciências e opinião pública. Sobretudo, necessitava-se da articulação de ações em favor da coletividade afro-brasileira discriminada no mercado de trabalho, habitação, acesso à educação e saúde, remuneração, enfim, em todos os aspectos da vida na sociedade. Neste sentido, o TEN organizou o Comitê Democrático Afro-Brasileiro para atuar a nível político, reivindicando medidas específicas para melhorar a qualidade de vida de nossa gente.” (Nascimento, 2004 p. 221)

Este comitê possibilitou que houvesse uma pequena pressão nos setores democráticos sobre as preocupações da população negra. Apesar da necessidade de uma “ação simultânea” que estivesse para além dos limites do teatro, como coloca o autor, a ausência de uma movimentação social que trouxesse a luta contra o regime para o centro do debate, a potência que essas reivindicações ou até mesmo possíveis conquistas poderiam atingir estavam completamente aquém do potencial que o peso social da população negra poderia cumprir.

Até aqui entendemos a importância das entidades culturais, em especial do TEN e do TPB, personalizadas na figura de Abdias e Solano respectivamente, para a ressignificação da cultura negra no Brasil, porém, estes esforços começavam a se mostrar insuficientes. Para que não apenas a cultura negra ganhasse lugar de destaque, mas que

negras e negros passassem a ver esta cultura como parte de sua identidade, lutar contra o sistema racista brasileiro era uma necessidade. Somado a isso, a própria legitimidade da Ditadura Militar, enquanto modelo econômico passa a ser cada vez mais abertamente questionado, o que faz com que se abra espaço para uma nova forma de luta.

4 – O contexto histórico de 1964 a 1978: a ditadura militar e o negro brasileiro

Aqui iremos retratar o contexto social e político no qual os negros brasileiros estavam inseridos durante o regime militar, que tinha características bastante peculiares, além do cenário internacional de luta dos negros por direitos democráticos básicos, que criaram condições para o desenvolvimento do MNU e de outras entidades cada vez mais políticas de luta antirracista.

Não se pode ignorar que esta discussão sobre a questão negra, destacada neste trabalho, corta o período da Ditadura Militar brasileira, que durante 21 anos instaurou um regime de controle político realizado pelas Forças Armadas no Brasil, através de uma intervenção militar sem precedentes na história do País. O processo da luta de classes que culmina no golpe de 1964, está diretamente ligado a situação política mundial, que foi marcada por inúmeros processos revolucionários e de libertação nacional nas colônias e semicolônias e de uma tentativa de bloqueio da revolução nos países centrais imperialistas, como aponta Carone (1982). Para o autor, com o fim da 2ª Guerra mundial, o stalinismo estabelece um pacto com o imperialismo, no qual dividem o mundo em “zonas de influência”. A burocracia soviética e os Partidos Comunistas em todo o mundo vão estabelecer uma relação de colaboração e competição com o imperialismo, ao invés de criar modos de superá-lo. Esta competição iria dar origem posteriormente à Guerra Fria.

Este processo geraria nos países de industrialização atrasados, burguesias nacionais frágeis, que estaria completamente subordinada aos países avançados, que eram os principais países imperialistas, como EUA, Alemanha, França, Japão e Inglaterra, com destaque para os Estados Unidos, que pode se projetar como potência internacional na medida em que os demais países saíram destruídos da guerra, tendo parte de suas indústrias e plantações dizimadas, enquanto ele saiu intacto e com seu mercado aquecido com a produção de armas. A

criação dessas burguesias nacionais estava ligada a conter os processos revolucionários de derrubada dos regimes capitalistas que se davam na nos países considerados de capitalismo atrasado.

Na América Latina temos a Revolução Cubana, que foi a primeira revolução socialista nas Américas, que foi o grande golpe no imperialismo, uma vez que este não pode antecipar ou conter as massas de cubanos que se revoltaram contra as direções nacionais ligadas a subserviência aos EUA. Os revolucionários cubanos influenciaram as massas oprimidas no mundo e em especial na América Latina da mesma maneira que a Revolução Haitiana havia incitados os escravos no mundo todo contra seus senhores, uma nova haitianização (Munanga, 2004 p.87), fazendo com que os senhores de escravos da época escravista e os capitalistas modernos voltassem a temer as massas oprimidas, porém com o embargo econômico feito pelos EUA e com a política colocada pela União Soviética, que não queria a expansão do comunismo e estava voltada para a política stalinista do socialismo em um só país, esta influência não se tornou uma linha de ação prática. Neste período houve uma linha dos partidos comunistas que os mesmos deveriam apoiar os governos de seus países contra o fascismo, sejam estes governos democracias ou ditaduras (Fausto, 1995), o que enfraqueceu a oposição de esquerda no mundo e possibilitou que os PC's, como o brasileiro, se adaptassem profundamente ao regime.

Enquanto isso no Brasil, na metade da década de 1950 ao início da década de 1960, ocorriam diversas manifestações na cidade e no campo contra o regime democrático brasileiro, que havia passado por Dutra e voltava a Vargas, em 1951, que foi derrotado pela “Greve dos 300” em 1953, que ocorreu em São Paulo nos setores têxteis e contou com 300 mil trabalhadores de todo o estado e durou 24 dias. Este processo ficaria mais intenso durante o governo de João Goulart (1961-1964), no qual houve mobilizações, pela reforma agrária, organizadas pela liga camponesa, de estudantes e de operários dos setores da produção, como aponta Fausto (1995), a mobilização destes setores causou bastante instabilidade ao regime. Estas mobilizações logo se

tornaram greves, principalmente no setor público, que ainda segundo o autor se iniciaram em São Paulo e se espalharam para todos os cantos do país, em números que saltaram de 31 mobilizações grevistas no ano de 1958 para 172 no ano de 1963, que indicam o aumento da mobilização social no país (Fausto, 1995, p.449), que nos leva a entender este período como um momento agudo da luta de classes, em uma situação declaradamente revolucionária.

Para conter estes avanços dos trabalhadores e dos setores sociais, uma intervenção mais dura por parte do estado se fazia necessária. Nesse sentido, o fantasma da Revolução Cubana e o crescimento do movimento grevista, que era influenciado pelos comunistas, fez com que os militares mudassem de postura, adotando um papel de combate a essas ideologias, que para eles, eram perigosas para o desenvolvimento da nação (Fausto, 1995 p.450). Para isso, o golpe militar foi dado, não apenas contra o governo de João Goulart como muitos defendem, ou contra a ameaça comunista, aja visto o papel traidor do PCB, mas contra essa massa de trabalhadores e de juventude que se levantava contra o regime democrático. Foi esse o caminho que levou ao Golpe Militar de 64.

Esta intervenção militar possuía um caráter totalitário, uma vez que apesar de fingir manter algumas instituições democráticas, centralizava as decisões políticas nas mãos de uma minoria, composta pela camarilha da direção das forças armadas (em especial do exército) e da burguesia nacional. Esta falsa “ambiguidade” nada mais era do que formas de destensionar o regime e tirar o foco das ações que existiam na vanguarda da luta contra a ditadura, que se concentrava principalmente nas greves operárias e nos atos de juventude, vanguarda esta que era duramente perseguida pela ditadura. Segundo Kössling (2007) o aparato criado pela Ditadura Militar se empenhou por inviabilizar e abafar todas as manifestações e reivindicações realizadas pela juventude e pelos trabalhadores, em especial as manifestações de cunho racial, tachando os militantes que insistiam em levantar o tema da discriminação como "impatrióticos", "racistas" e "imitadores baratos" dos ativistas estadunidenses que lutavam pelos direitos civis. Essa vigilância

não se iniciou no período da Ditadura Militar, mas décadas antes, com o monitoramento das atividades da Frente Negra Brasileira (FNB), da década de 1930, uma vez que a formação de organizações com o recorte racial poderia levar por terra toda a construção da “democracia racial brasileira”.

Nas palavras de Hanchard (2001, p.08):

“durante as décadas de 1970 e 1980, os afro-brasileiros que impregnaram suas atividades expressivas de um protesto e uma condenação explícitos da situação dos negros na sociedade brasileira foram frequentemente censurados, em termos formais ou informais, por elites que viam tais acusações como uma afronta ao caráter nacional”.

Aqui podemos notar que a defesa do caráter nacional estava diretamente relacionada ao estado de ordem social, que demonstra o atrelamento profundo do projeto de nação brasileira que era levado a frente pela elite nacional com a defesa de uma democracia racial que não precisava incluir a população negra como um ator social independente, uma vez que todos estavam sendo tratados igualmente como brasileiros. Sendo assim o debate sobre a identidade negra e as reivindicações sociais que as organizações do movimento negro começaram a incitar se opunham frontalmente ao projeto do Brasil como um país multicultural, que permitia que as mais diversas culturas vivessem harmoniosamente, e acima de tudo pacificamente, como colocava Gilberto Freyre (1963) em seus estudos sobre o povo brasileiro. As organizações negras no Brasil deveriam, então, ser combatidas, quando não extintas.

No Brasil, apesar do período entre 1945 a 1964 ter ficado conhecido com a redemocratização e pelo ano que ocorre a ditadura militar, não podemos esquecer aqui o peso não apenas dos trabalhadores, que organizaram diversos sindicatos e greves contra a carestia de vida no Brasil e por melhor qualidade de vida, como o peso que teve o Partido Comunista Brasileiro, PCB, como grande influenciador das massas negras e que chegou a cerca de 200 mil militantes na década de 1960 (Fausto, 1995), que gerou profunda

instabilidade no regime. Com a redemocratização, que se encerrou quando as elites tiraram Getúlio Vargas do poder, o País iniciou um processo de democratização, com eleições diretas, nas quais estiveram no poder Gaspar Dutra, Getúlio Vargas, João Café Filho, Juscelino Kubitschek e João Goulart. Foi durante o governo deste último que foi dado o Golpe Militar que resultaria em uma ditadura. Segundo Fausto (1995), o período (1964-1983) foi marcado por uma censura às organizações e na mídia, a utilização de violência e repressão como formas de controle social. Ambiente este que começou a perder força quando a sociedade passou a reivindicar seu direito às liberdades individuais. Para os negros este período significou repressão e uma forte vigilância. Para Costa (1982)

“cada vez que há endurecimento, um fechamento político, o negro é atingido diretamente, porque todas as suas reivindicações particulares, a exposição de suas ânsias, a valorização de sua história, desde que não sejam feitas sobre os ditames oficiais, cheiram a contestação subversiva”

Este fechamento político também significou intervenções nos sindicatos e nas entidades sociais, locais em que negros e negras se organizavam naquele momento. Isso faz com que a população negra se veja novamente apartada dos seus locais oficiais de politização e que suas ações fossem novamente vigiadas. Foi exatamente este o cenário encontrado pelos negros durante a Ditadura Militar, e em São Paulo é marcado pela atuação do Departamento de Ordem Política e Social – DEOPS. Segundo Dávila (2015), no Brasil, ativistas negros estiveram sob vigilância, que fato este que pode ser confirmado através da leitura dos registros do DEOPS, que documentam as ações realizadas para desarticular as entidades dos movimentos sociais, o que incluía as organizações negras. Apesar de Kössling (2007) colocar que a vigilância ao movimento negro remonta desde a década de 1930, devido o caráter de desestabilizador político que a pauta racial carregava, é durante o regime da ditadura militar, em especial durante os “anos de chumbo”, que se iniciaram com a AI-5 em 1968, que este processo de intensifica. Assim, para Dávila (2015) o regime da Ditadura Militar, que para fora

mostrava uma postura de repúdio ao *apartheid*, para poder manter relações sadias com os outros países africanos e das organizações imperialistas como EUA e a União Europeia (chamada de Comunidade Econômica Europeia naquele momento), permanecia mantendo uma relação comercial especial com o Governo racista da África do Sul, que tinha no Brasil um aliado que possibilitava “driblar” seu isolamento internacional.

O regime militar foi o período da política brasileira em que os militares estiveram à frente do País. Essa época ficou marcada na história do Brasil através da prática de vários Atos Institucionais, que atuavam através da censura (principalmente aos meios de comunicação, às artes e instituições políticas), da perseguição política, da supressão de direitos constitucionais, da falta total de democracia e da repressão àqueles que eram contrários ao regime militar.

A Ditadura militar no Brasil teve seu início com o golpe militar de 31 de março de 1964, resultando no afastamento do Presidente da República, João Goulart, e tomando o poder o Marechal Castelo Branco. Este golpe de estado instituiu no País uma ditadura militar, que durou até a eleição de Tancredo Neves em 1985. Os militares na época justificaram o golpe, sob a alegação de que havia uma ameaça comunista no País, medo esta instalado na década de 1940, que possibilitou a ditadura do Estado Novo através do vazamento do “Plano Cohen” (documento falso criado para justificar Getúlio Vargas no poder em 1937, passando a ele plenos poderes constitucionais, fazendo com que a oposição de esquerda fosse acusada de “tentativa de revolução” e endurecendo assim o regime político como resposta a isso), medo este que estava sendo novamente reivindicado para justificar a intervenção da Ditadura Militar.

Como consta na obra de Fausto (1995), o Golpe Militar de 1964 é marcado por um conjunto de eventos ocorridos em 31 de março de 1964 no Brasil, e que culminaram em um golpe de estado no dia 1 de abril de 1964. Golpe este que pôs fim ao governo do presidente João Goulart, popularmente conhecido como *Jango*, que havia sido eleito vice-presidente pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Logo após a

tomada de poder pelos militares, foi estabelecido o Ato Institucional 1, que continha onze artigos, que davam ao governo militar o poder de modificar a Constituição, anular mandatos legislativos, interromper direitos políticos por 10 anos e demitir, colocar em disponibilidade ou aposentar compulsoriamente qualquer pessoa que fosse contra a segurança do País, o regime democrático e a probidade da administração pública, além de determinar eleições indiretas para a presidência da República. Este período foi marcado pelo fortalecimento do poder central, sobretudo do poder Executivo, sendo considerado um regime de exceção, pois o Executivo se atribuiu a função de legislar, em detrimento dos outros poderes estabelecidos pela Constituição de 1946, cabendo ao Alto Comando das Forças Armadas controlar a sucessão presidencial, indicando um candidato militar que era referendado pelo Congresso Nacional.

Ainda segundo Fausto (1995), parte dos motivos que levaram a burguesia brasileira a optar por um Golpe Militar ao invés de tentar uma mediação frente ao esgotamento do projeto populista, que se iniciava com Getúlio Vargas e dava seus últimos suspiros com Jango, foi a polarização de posições, que ele destaca como “prova de força” dos “conspiradores que contrapuseram a violência às ilusões da esquerda” (Fausto, 1995 p.462), sendo assim a sombra da possibilidade de uma inserção mais aguda das ideias comunistas na sociedade brasileira, aliado a uma mobilização dos trabalhadores e da juventude por baixo, foi um forte influenciador para esta opção política, em que a liberdade de expressão e de organização eram quase inexistentes. Partidos políticos, sindicatos, agremiações estudantis e outras organizações representativas da sociedade foram suprimidas ou sofreram direta interferência do governo. Os meios de comunicação e as manifestações artísticas foram reprimidos pela censura. Mesmo assim, este período que se iniciou em 1964 também trouxe um período de grandes transformações na economia do Brasil, através da modernização da indústria e dos serviços, de concentração de renda, de abertura ao capital estrangeiro e do endividamento externo.

Nas pesquisas de Karin Kössling (2007) sobre o tema, que se utilizou de documentos dos próprios militares, ficaram evidentes que os elementos de instabilidade do regime político foram determinantes para o golpe militar, que passava por uma crise política e econômica que começa a questionar a hegemonia da burguesia brasileira, por isso os termos, caos, baderna e desordem eram recorrentemente associados ao período que antecede o golpe militar e que escondiam a falência do capitalismo como uma saída para as massas brasileiras. O maniqueísmo apresentado pelos militares ao redor do discurso de ordem *versus* caos visava deslocar a atenção dos motivos que levavam as tensões sociais para um inimigo invisível, gerador do caos do retrocesso em contraposição ao desenvolvimento trazido pela ordem. Ao caos deram o nome de comunismo, à ordem chamaram ditadura.

Este período também ficou marcado pelo bipartidarismo, em que apenas existiam: o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e a Aliança Renovadora Nacional (ARENA). Enquanto o primeiro representava uma oposição, ainda que controlada e composta por diversos setores da burguesia brasileira, o segundo representava diretamente os militares, o que colocava abertamente um impedimento para uma política de independência de classe, em especial da população negra, frente estes setores, uma vez que os partidos da esquerda brasileira abandonaram completamente o princípio marxista que relaciona as questões democráticas (demandas dos negros, das mulheres, dos homossexuais, etc) diretamente com a independência destes as mais diversas frações da burguesia, princípio este que foi abandonado pela esquerda, uma vez que permitiu que a população negra e os trabalhadores estivessem a reboque dos setores ditos democráticos ou progressistas, quando estes na verdade eram apenas versões mais simpáticas dos velhos exploradores (Alfonso e Matos, 2013). Assim, como coloca Kössling (2007, p. 17), “a democracia se torna-se um ideal retórico”, uma vez que este discurso encobria toda a sorte de ações claramente antidemocráticas, que quando analisamos elas deste a perspectiva da população negra, estavam também recheadas do mais cáustico racismo, uma vez que enquanto tinha como objetivo não assumir em hipótese

alguma a existência de racismo no Brasil e atacar todos aqueles que dissessem o oposto, colocando que a discriminação racial não seria natural do Brasil, enquanto isso seguia com o processo de subjugação da população negra e de retenção dos aspectos culturais e identitários que a mesma poderia reivindicar.

Podemos destacar aqui alguns dos governos durante a Ditadura Militar, como o Governo de Costa e Silva (1967-1969), que foi marcado por protestos e manifestações sociais, período em que a UNE (União Nacional dos Estudantes) organiza, no Rio de Janeiro, a Passeata dos Cem Mil. Em Contagem (MG) e Osasco (SP), greves de operários paralisam diversas fábricas em protesto ao regime militar. Além disso, podemos notar a formação de guerrilhas urbanas, que naquele momento começavam a se organizar, assaltando bancos e sequestrando embaixadores para obterem fundos para o movimento de oposição armada. Como resposta a essas mobilizações, no dia 13 de dezembro de 1968, o governo decreta o Ato Institucional Número 5 (AI-5), sendo este o mais duro do governo militar, pois aposentou juízes, cassou mandatos, acabou com as garantias do *habeas-corpus* e aumentou a repressão militar e policial, aliada com uma severa política de censura aos jornais, revistas, livros, peças de teatro, filmes, músicas e outras formas de expressão artística, que levou ao exílio, prisão e tortura de muitos professores, políticos, músicos, artistas e escritores, porém foi no Governo Geisel (1974-1978) que a repressão aos movimentos sociais e em especial os movimentos anti-racistas no Brasil se intensificaram (Kössling, 2007).

Parte importante da abertura dos debates sobre o racismo neste período se deu através das críticas ao regime do *Apartheid*, que foi o regime de segregação racial vivido na África do Sul, bastante similar ao vivido nos EUA com as Leis de Jim Crow (leis de segregação racial existente nos EUA de 1877 a 1965), agregado com o fato de que os sul-africanos precisavam utilizar passaportes para acessar as áreas centrais de cidades na África do Sul. Apesar de não haver uma crítica frontal à situação em que viviam os negros no Brasil, podemos notar uma evolução na crítica ao *apartheid* vivido na África do Sul no movimento

negro brasileiro na década de 1970, que utilizou o debate para deslegitimar e criticar a ideia de que o Brasil havia uma democracia racial, abrindo assim um espaço para debater a discriminação no Brasil, e inclusive destacando que a democracia racial no Brasil seria pior que o *apartheid*, no qual os brancos assumiam publicamente seu racismo ao invés de escondê-lo atrás de uma “máscara de cortesia” como ocorre no Brasil (Dávila, 2015).

Os avanços em algumas das reivindicações dos negros neste período foram também de grande importância para a produção da subjetividade que formaria a identidade dos grupos de etnia negra em países como o Moçambique, Angola, Congo, Cabo Verde, Guiné Bissau, Estados Unidos, África do Sul e Brasil, que está diretamente relacionada à como foram dadas as conquistas e derrotas pelas quais cada um desses povos passou, mas também pelas respostas possíveis pelas trajetórias dos negros em cada um desses territórios. Este era o cenário no qual os negros no Brasil estavam inseridos e que moldou muito de sua maneira de atuar nos espaços políticos e culturais e de como iriam interpretar o mundo em que estavam imersos. Submergir desta condição cotidiana de opressão iria exigir das entidades do movimento negro e de seus membros mais do que simplesmente orgulho de seus cabelos crespos.

Para Kärner (1987, p. 24), “um processo coletivo e comunicativo de protesto, conduzido por indivíduos, contra relações sociais existentes, e que afetam a um grande número de pessoas (que não precisam estar necessariamente organizadas)” é a melhor maneira de definir os movimentos sociais, entendendo que esta dinâmica passa pelo processo de alienação que na opinião de Kärner, ocorria quando as pessoas se transformam de sujeitos para “objetos”, e isto reflete na passividade com que lidam com a opressão cotidiana. A alienação faz com que negras e negros não se vejam essencialmente enquanto oprimidos pelo racismo e, desta maneira, impossibilita que estes vejam necessidade em se organizar para combater o racismo. Para que os negros possam romper com a alienação e a passividade das relações de submissão e de exploração decorrente do capitalismo, estes teriam que tornar-se

sujeitos de suas vidas e uma ferramenta poderosa para que isso pudesse ocorrer era a “ferramenta” do marxismo. Para autores como Nkrumah (1977), qualquer sociedade que não seja socialista será comporta por duas classes antagônicas: de exploradores (burguesia) e de explorados (trabalhadores), sendo que as primeiras são as detentoras dos instrumentos económicos de produção e de distribuição, e que as utilizam como forma de manutenção da sua dominação política. O segundo são as classes que possuem apenas sua força de trabalho para sobreviver e que estão assim ligadas aos interesses das classes dominantes, de quem dependem. O conflito que opõe exploradores e dominados é o resultado do desenvolvimento das forças produtivas. Ainda para Nkrumah, toda forma de poder político que se dê por dentro do regime estabelecido pela burguesia — regime parlamentar, multipartidarismo, sistema de partido único, ditadura militar — irá refletir os interesses desta classe em detrimento dos interesses dos trabalhadores. Para o autor (Nkrumah, 1977 p.9):

Assim, qualquer governo socialista é a expressão dos interesses dos operários e camponeses, enquanto que um governo capitalista representa a classe exploradora. O Estado é, portanto, a expressão da dominação de uma classe sobre as outras.

Apenas uma política que mostre a independência dos trabalhadores frente a burguesia e que trace um plano concreto para esta mudança pode ser uma opção de libertação para os negros, em combate frontal a exploração não apenas destes mas de todo conjunto dos explorados, uma vez que a população negra está majoritariamente alocada nas classes exploradas, de maneira intencional, por conta da política da burguesia brasileira. Para Nkrumah, esta saída se daria apenas dentro de um processo que levasse a uma sociedade socialista, local em que estes interesses seriam colocados em primeiro plano.

Essa associação de lutas negras com a ameaça comunista, devido à presença de intelectuais e lideranças negras no interior do Partido Comunista Brasileiro, com o destaque para Clóvis Moura, fez

com que as organizações negras passassem a ser vistas como um perigo, pois, segundo Karin Kössling (2007, pg 14):

“Desde a década de 1940 os movimentos negros foram sistematicamente reprimidos pelo DEOPS, uma vez que a polícia política entendia esses movimentos como subversivos e que levariam a uma crise que poderia gerar conflitos raciais à ‘democracia racial’ brasileira”

Desta maneira, garantir que as organizações negras não fossem um obstáculo para o regime político, foi parte do papel da ditadura militar brasileira. Para o regime militar, levantar uma política antirracista era o mesmo que um terrorista da pior espécie, pois tinha como intuito abalar a construção da figura de nação democrática e igualitária pautada sobre o mito da “democracia racial”. Ainda Kössling (2007), apesar da luta contra a imagem do agente comunista fosse bastante vigente no imaginário popular durante a Ditadura Militar, parte dos crimes contra a ordem política e social era “fazer publicamente propaganda [...] de ódio de raça, de religião ou de classe” (Kössling, 2007 p.26), o que colocava em evidência a atuação de organizações do movimento negro e também do movimento sindical e de esquerda. Para a ditadura militar, falar em desigualdade racial era equivalente a falar sobre socialismo ou comunismo, uma vez que questionavam a ordem social criada ao redor da conciliação de classes, ou seja, em um ambiente harmonioso entre explorados e exploradores, construído sobre o pilar do mito da democracia racial. Apesar de parecer, pela história contada pelos órgãos oficiais, que houve um abismo político para os negros entre o final da Ditadura Vargas e a abertura “lenta e gradual” realizada pela ditadura militar no final da década de 1970, houve resistência e esta se encontra nos arquivos do DEOPS e nas memórias dos que viveram este período.

Por conta da onda de greves que se inicia em 1978, das diversas pressões sociais colocadas por esta, o governo aprova lei que restabelece o pluripartidarismo no país. Os partidos voltam a funcionar dentro da normalidade. A ARENA muda o nome e o MDB passa a se chamar PMDB. Outros partidos são criados, sendo o Partido dos

Trabalhadores (PT) um dos mais importantes deles, que surge através dessa proposta de um novo sindicalismo, que podemos chamar de sindicalismo autêntico, que para Fausto (1995), tentava de certa maneira romper com a tradição sindical deixada por Vargas, mas que por conta disso acaba separando as demandas políticas das demandas econômicas.

Podemos resumir então que houve diversos conflitos envolvendo as tensões raciais existentes tanto no Brasil, na África do Sul e também nos Estados Unidos, que foram respondidas através de ações organizadas do conjunto de negros de cada um dos locais na medida em que eram repreendidos por seus governos, marcados por repressões e perseguições aos movimentos sociais negros. No centro de todos estes conflitos estava a busca do negro por um espaço na sociedade capitalista e a sua aceitação enquanto sujeito dentro da mesma, com poucas exceções de grupos que vislumbravam uma saída anticapitalista para as demandas dos negros e dos socialmente oprimidos. O regime da Ditadura Militar representou um verdadeiro desafio para os negros brasileiros, que para ser superado exigia uma resposta superior àquelas que haviam sido dadas até o momento. Parte desta resposta foi à criação do MNU.

4.1 – O Brasil e a Teoria do embranquecimento

A formação da identidade do negro brasileiro como esta é entendida atualmente, passa por importantes marcos históricos, dos quais se faz importante a demarcação de no mínimo dois: a Abolição da escravidão em 1888 e o início da política de democracia racial e higienização como política de estado, iniciada entre o final do século XIX e início do século XX. A Abolição tardia da escravidão levou o Brasil a ser o último país independente do continente americano a abolir completamente a escravidão, uma vez que a sociedade brasileira se via pressionada entre a pressão interna realizada pelas negras e negros brasileiros, que desde o Quilombo dos Palmares seguiam com uma constante onda de revoltas e levantes contra os donos e traficantes de escravos e contra a república brasileira e que no final do século XIX era notado nas greves e revoltas organizadas pelos negros libertos, que ocupavam importantes espaços na cadeia produtiva urbana, e a pressão externa exercida pela Inglaterra, que era o principal país imperialista naquele momento, e que, por não ter mais o tráfico negreiro como uma de suas principais fontes de renda, não via interesse em manter a grande massa de negras e negros brasileiros sob o regime da escravidão (Alfonso e Matos, 2013). Para a Inglaterra, que se estabelecia como grande polo industrial, os negros deveriam deixar de serem escravos para poderem se tornar consumidores de seus produtos. Porém, apenas é retratada como motivação da libertação dos escravos esta última, processo este que ignora completamente a luta secular dos negros escravizados e dos negros trabalhadores no Brasil por sua liberdade e igualdade de direitos, história essa perpetuada nos livros didáticos e fortalecida pela teoria da democracia racial. Esta teoria, criada por Gilberto Freyre e exposta em seu livro “Casa Grande & Senzala” (1963), apresenta a questão da integração dos negros na sociedade e a mestiçagem como produtos da interação pacífica entre negros e brancos, o que resulta em brasileiros “nem brancos, nem negros, nem indígenas”, o que justifica a ausência de distinção entre eles e, conseqüentemente, do racismo. Porém, para Luciana Jaccoud

(2008, p. 49) apesar de todas as atrocidades ocorridas no período da escravidão, é no momento seguinte, quando os negros são libertados, que o racismo se estrutura como discurso dominante, baseando-se em trabalhos científicos que apontavam a inferioridade biológica dos negros e passa a ser entendida como base para os governantes do estado brasileiro pensar o desenvolvimento nacional, olhando para a grande quantidade de negros no país, principalmente aqueles que estavam instalados nas principais áreas urbanas, como um entrave para o desenvolvimento do país, que deveria passar a possuir uma composição social mais próxima da europeia, e isso incluía trazer mais brancos para viverem no Brasil.

Ainda segundo Luciana Jaccoud (2008 pg 49-50):

“As teorias racistas, então largamente difundidas na sociedade brasileira, e o projeto de branqueamento vigoraram até os anos 30 do século XX, quando foram substituídos pela chamada ideologia da democracia racial. Nesse novo contexto, entretanto, a valorização da miscigenação e do mulato continuaram propiciando a disseminação de um ideal de branqueamento como projeto pessoal e social.”

Segundo a autora, no início do século XX, foram criadas estratégias para atrair mão de obra europeia ao Brasil (com destaque para a imigração italiana, mas também com a forte presença de imigrantes sírios e asiáticos) para trabalhar nos postos de trabalho urbano, em fábricas e na prestação de serviços essenciais, anteriormente ocupados pelos negros agora libertos, em especial nos postos de trabalho fabris, sendo que muitas fábricas adotaram um sistema de cotas para estrangeiros, nas quais haveria uma quantidade de vagas garantidas para eles, apesar de que a imigração de italianos, espanhóis, franceses, entre outros já ocorria no Brasil desde o século XIX, tendo se intensificado no século seguinte. Enquanto isso, nos anos de 1920, tramitava na Câmara dos Deputados um projeto de lei que visava impedir a imigração de indivíduos de cor preta, o que, aliado com a então política de embranquecimento da sociedade urbana brasileira levaria ao desaparecimento dos negros em algumas décadas. Podemos

notar aqui o caráter racista das instituições governamentais, que mesmo após a Abolição mantiveram negras e negros em um lugar de inferioridade em relação aos brancos, uma vez que além de direitos básicos não poderem ser usufruídos pelas negras e negros já libertos da escravidão, a ideia do Brasil como um lugar de igualdade e convivência pacífica entre negros e brancos mostrava-se cada vez mais falaciosa e perniciosa. O objetivo estava claro para os integrantes da elite brasileira: quanto menor o número de negros em nossa sociedade, mais próxima de uma sociedade considerada avançada o Brasil estaria, sendo que o projeto de embranquecimento também visava diminuir a quantidade numérica de negros no território brasileiro, garantindo assim que as instituições de poder se mantivessem nas mãos da elite nacional branca (Munanga, 2004). E como havia ocorrido com os indígenas anteriormente, era hora de os negros serem exterminados.

Para Theodoro (2008), a ausência de políticas públicas que incluíssem de maneira integral as negras e negros na sociedade brasileira e possibilitassem sua permanência, levou ao grande índice de desemprego e mortes entre os afro-brasileiros, e a consequente diminuição da quantidade de negros nas regiões urbanas, restando aos que sobreviveram se submeterem a empregos de baixíssima remuneração e condições precárias de trabalho, uma vez que passaram a ser mão-de-obra excedente e dispensável, tendo alguns poucos sobrevivido nas áreas rurais apenas da agricultura de subsistência. Utilizando a afirmação de Hall (2009, p.173), “A linguagem e o comportamento são os meios pelos quais se dá o registro material da ideologia”, e este comportamento do estado brasileiro neste período mostra que este trabalhava para “limpar” a sociedade dos afro-brasileiros, criando políticas de marginalização do mesmo.

Este é o questionamento que Osório (2008, p.69) coloca ao perguntar: “Quais são os mecanismos de reprodução social que mantêm os negros brasileiros na base da pirâmide social, mesmo passado mais de um século da Abolição [...]?” Esta resposta pode ser encontrada quando analisamos o que o mesmo chama de “condição inicial”, na qual,

para o autor, evidencia a relação entre raça e classes sociais, que nada mais é do que entender os estudos socioeconômicos sobre a diferença entre negros e brancos desde seu início na colonização portuguesa e de sua manutenção através da escravização dos indígenas e posteriormente dos africanos e que ganham novos contornos após a Abolição, momento em que para Osório (2008, p.70)

“No momento da Abolição, foram suprimidas as barreiras formais que a escravização oferecia à competição dos negros com os brancos pelas posições sociais. Mas quando os portões são abertos e se faculta aos negros o ingresso na corrida, os brancos já estão quilômetros adiante [...] Para que os negros superem a desvantagem imposta por ela, é preciso que, a cada geração, percorram uma distância maior do que a percorrida pelos brancos. Se não conseguem fazê-lo, a desigualdade racial existente no momento da abertura dos portões persiste.”

Aqui podemos identificar o que daria espaço para as ideias de reparação histórica que posteriormente se materializariam em ações afirmativas, mas também podemos notar a relação entre raça e classes sociais ligadas diretamente ao projeto de mobilidade social, que possuem no racismo e na ausência de políticas públicas que permitam combater o mesmo, seu grande entrave. A supressão das barreiras formais da escravização não significa a supressão de outros tipos de barreiras, sejam sociais ou ideológicas, que apontem para uma melhora de condições de vida das negras e negros brasileiros. Parte destas barreiras ideológicas, que apontavam a miscigenação como algo negativo, deu espaço a partir da década de 1940 à ideia de que a miscigenação geraria uma raça genuinamente brasileira: o moreno ou pardo, que seria a confirmação do sucesso deste projeto, em que os problemas entre negros e brancos se extinguiria, passando assim uma visão positiva da escravidão negra, momento em que foi produzida esta nova raça (Freyre, 1963).

Porém, antes da popularização da democracia racial, encontramos imediatamente após a Abolição uma nova teoria, que daria base para o projeto brasileiro que se instaurou durante as primeiras décadas da República no Brasil. Compreender a discussão sobre as

identidades brasileiras passa por entender quais foram os debates ideológicos que estavam em disputa no país após a Abolição, que se iniciam com a instauração da República e avançam até a democracia racial. Podemos destacar então o período da segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, momento em que ganham força as teses eugenistas, teses que defendiam um padrão genético superior para a raça humana, padrão este que colocava o homem branco europeu como o auge de melhor saúde, de maior beleza e de maior competência civilizacional em comparação às demais “raças”, como a “amarela” (asiáticos), a “vermelha” (povos indígenas) e a negra (africana), como aponta Idalina Oliveira (2008). Vale ressaltar aqui que o conceito de raças foi abolido da biologia, por entender que existe apenas a raça humana (*Homo Sapiens Sapiens*) e que as divisões fenotípicas estariam relacionadas a etnias diferentes e não a existirem distintas raças humanas. Nesse mesmo período, essas ideias influenciam alguns intelectuais brasileiros, que incorporaram essas teses e delas desenvolvem outras, adaptadas à realidade brasileira: surge então a tese do branqueamento. A defesa do branqueamento, ou do embranquecimento, tinha como ponto de partida o fato de que, dada a realidade do processo de miscigenação na história brasileira, os descendentes de negros passariam a ficar progressivamente mais brancos a cada nova prole gerada.

Um dos principais entusiastas desta teoria no Brasil foi o antropólogo e médico carioca João Baptista de Lacerda, que representou o Brasil no Congresso Universal das Raças, realizado em Paris, em 1911. Esse congresso reuniu intelectuais do mundo todo para debater o tema das tensões e das relações entre as raças com o progresso das civilizações. Lá, Lacerda levou ao evento o artigo “*Sur les métis au Brésil*” (Sobre os mestiços do Brasil, em português), em que defendia o fator da miscigenação como algo positivo, no caso brasileiro, por conta da sobreposição dos traços da raça branca sobre as outras, a negra e a indígena, realizado através de uma seleção sexual, que para Hofbauer (2007) se daria através do casamento das outras raças

preferencialmente com pessoas brancas, o que iria dissolver a raça negra dentro de 100 anos, que mostrava como o Brasil já era um Paraíso Racial, que estava à frente dos outros países no caminho de resolver suas tensões raciais.

Prova disso é que em um trecho do mesmo artigo, Lacerda (1911) afirma que a população mista brasileira teria um aspecto diferente daquela presente no começo do século XX no intervalo de um século, fenômeno beneficiado pelo aumento da imigração europeia, que reforçaria o elemento branco da população brasileira, que iriam por sufocar os poucos traços negros que persistissem. Percebe-se nitidamente nesse trecho o teor do anseio pelo branqueamento como uma saída para o conflito racial vivido no Brasil. Um fato que reforça o conteúdo de embranquecimento presente na apresentação de Lacerda no Congresso Universal das Raças foi a exibição de uma cópia do quadro “A Redenção de Cam” (Imagem 1), obra do pintor espanhol Modesto Brocos y Gómes. Este quadro, que data do ano de 1895, apresenta a imagem de uma família que lida com miscigenação desde a perspectiva do embranquecimento como uma saída para a opressão racial e social vivida pelos negros, que almejavam um futuro melhor para sua família e viam este futuro atrelado a um processo de miscigenação racial: à esquerda, uma senhora negra olhando para os céus em gesto de agradecimento e uma mulher mestiça segurando uma criança branca; à direita, um homem branco observando a esposa e o filho, que apesar de ser fruto de uma miscigenação, era, assim como o pai, uma criança branca.

Figura 1 A Redenção de Cam (1895) de Modesto Brocos y Gómes

O quadro transmite o padrão de cidadão brasileiro que a tese que Lacerda (1911) defendia: um sujeito brasileiro miscigenado, porém sem nenhum traço negro. Na obra, Brocos y Gómes apresenta a diluição da cor negra na sucessão de descendentes e insere nessa sucessão a redenção, a absolvição de uma raça amaldiçoada. Esta passagem faz referência à história de Cam, filho de Noé, que, no livro do Gênesis (9:18-29) da Bíblia Cristã, é amaldiçoado pelo pai. A maldição colocava que os filhos de Cam seriam marcados na pele pela vergonha que trouxera à sua família e que seus descendentes iriam carregar esta marca pela eternidade, além de que estariam fadados a serem escravos dos filhos de seus irmãos (Sem e Jafé). Esta maldição foi um dos trechos bíblicos utilizados para justificar não apenas a inferioridade dos negros frente aos brancos, mas também a escravidão negra. O escurecimento dos descendentes de Cam teria desembocado na raça negra africana (uma vez que a terra da família de Cam teria o nome de Canaã, Cidade que deveria servir aos filhos de Sem), que poderia ser redimida por meio da mistura com a raça branca europeia.

Mesmo assim, a partir dos anos de 1930, o discurso racista foi gradativamente ganhando novas proporções, de maneira a integrar novas formas de expressar sua dominação e manter sua hegemonia. Segundo Jaccoud (2008, p.54) o discurso anterior foi dando espaço a um discurso que “destacava a dimensão positiva da mestiçagem no Brasil e afirma a unidade do povo brasileiro como produto de diferentes raças e cuja convivência harmônica permitiu ao país escapar dos problemas raciais observados em outros países”. Este modelo de sociedade, em que não existiam relações de conflitos entre nenhuma das raças que formavam a nação brasileira, tirou das mãos do estado o discurso racista mais direto, *lhe lavou o cabelo, vestiu de novas roupas e apresentou como um convidado que o anfitrião aguarda ansiosamente*: o branqueamento ganha o nome de mestiçagem, e seu produto, o mulato, se torna o bem mais precioso da nação. O fruto de décadas de estupros e abusos que negras e indígenas sofrem nas mãos dos colonizadores europeus, em especial os portugueses, agora não seriam mais considerados bastardos, mas sim seriam chamados mulatos. O que não significa que estes seriam então considerados filhos legítimos da pátria, mas que estes seriam agora, parte do programa de apagamento e extinção do negro brasileiro.

Infelizmente, mesmo quando houve algum tipo de mobilidade social, com negros ascendendo a cargos e profissões consideradas como “de elite”, como médicos, engenheiros, advogados e empresários importantes, não foi possível notar uma mudança completa de *status*, uma vez que “galgar postos rumo a ocupações mais valorizadas não representaria necessariamente ascensão em outras esferas da vida social [...]”, ou seja, mesmo ocupando altos cargos, não haveria a inserção dos negros, mulatos ou pardos que as ocupavam nos círculos sociais profissionais e familiares dos brancos (Jaccoud, 2008, p.71).

Sendo assim, podemos identificar que quanto mais se estrutura o capitalismo na sociedade, com o avanço da industrialização e maior distribuição da renda, mais profundo fica o sentimento racista desta sociedade, que precisa cada vez mais se utilizar de novos argumentos

para sustentar a diferenciação entre brancos e negros e assim também a exploração maior sobre estes últimos, baseado nesta diferenciação, como destaca Breitman (1954, p.14):

“Após certa vacilação e luta interna que perdurou durante quase toda a Reconstrução, a classe capitalista percebeu que poderia utilizar o racismo para seus próprios interesses. [...] O racismo opera de forma diferente de um século atrás, mas foi mantido depois da abolição pela mesma razão que foi introduzido sobre o regime escravista que se desenvolveu do século XVI em diante – por sua utilidade com um sistema de exploração; e por essa mesma razão não será abandonado pela classe dominante de qualquer sociedade exploradora deste país”

Para Breitman, o racismo é uma conclusão das experiências da escravidão que se fortalecem no capitalismo, sendo utilizado como modelo ideológico de dominação a partir deste momento. Na medida em que o sistema escravista possibilitou a acumulação de riquezas por parte da burguesia, a mesma utilizou destas riquezas para desenvolver os meios de produção, e surgir assim o capitalismo. Porém, a dominação ideológica criada para sustentar a escravidão precisava se sofisticar, e assim, o racismo se torna algo muito mais potente no capitalismo, uma vez que seria uma das principais formas de continuar garantindo os lucros dos capitalistas.

Foi nesse período, do final da escravidão até meados dos anos 1940, em que se ampliaram os preconceitos quanto a participação dos negros em espaços públicos, através do crescimento de mecanismos discriminatórios e da ampliação da imigração não negra, que aliado agora com o projeto de mulato como sendo o representante do povo brasileiro ia cada vez mais em direção ao ideal de um Brasil mais branco e cada vez menos com traços negros (Jaccoud, 2008).

Podemos concluir que a ideologia que pregava o mito da democracia racial estava a favor da manutenção do *status* social vigente, onde a normatização do padrão étnico branco prevalecesse. Isso fez com que o negro, agora não mais escravo, fosse preterido em detrimento ao imigrante branco europeu, o que fez com que o negro brasileiro continuasse relegado à marginalidade social. Isto iria afetar de

maneira contundente como o negro brasileiro iria se entender enquanto sujeito social e à qual espaço social estaria sujeito a este. Estar em uma sociedade que a todo o momento se mostra hostil a cada negra e negro no Brasil faz com que este crie também mecanismos de defesa para se contrapor a esta ideologia, como podemos notar nas organizações do movimento negro, mas também faz com que parte deste negros acreditem em um projeto de mobilidade social que se dê através da miscigenação e da aceitação de que ser mulato ou pardo permitiria uma maior inclusão na sociedade, de maneira a abraçar o racismo e se adaptar a ele (mesmo o racismo sendo abertamente negado e visivelmente implementado), criando assim uma sensação social de aceitação à condição dos negros enquanto inferiores. Parte do principal combate ideológico que as organizações do movimento negro teriam nas décadas seguintes seriam diretamente contra este sentimento: de que a democracia racial vencera e que estava sendo vivida pelos negros no Brasil.

4.2 – O “Mito” da Democracia Racial: o racismo a serviço da ideologia dominante

Aqui queremos destacar a importância do mito da democracia racial, que institui um novo momento para como o negro seria visto e tratado socialmente no Brasil, que passa do apagamento físico para a supressão ideológica. Quando surge o “mito” da democracia racial e o que prega esta ideologia? Quando utilizamos este termo a que nos referimos e qual seu alcance? No prefácio do livro *A integração no Negro na Sociedade de Classes* (2008, p. 13), Antônio Guimarães destaca que entender a democracia racial como um “mito” não se dá no marco de entendê-la como uma falsidade, mas sim como um ideal de conduta que foi estabelecido pela ideologia dominante, que em nossa sociedade é a ideologia da burguesia capitalista, que a pensa e coloca como uma verdade efetiva. Segundo ele:

“O mito consistiria em tomar o que eram desigualdades raciais – próprias da ordem escravocrata – como desigualdades de classes da ordem competitiva – próprias do capitalismo industrial. A burguesia e a classe média brasileira projetavam tal ideal de comportamento de classe de modo a encobrir seu racismo. As desigualdades sociais poderiam ser combatidas, na democracia, pela intermediação de organizações trabalhistas e empresariais, numa espécie de acomodação ou rotinização das lutas de classe [...]. Isso significaria o reconhecimento, por parte da sociedade burguesa, das organizações raciais com que os negros buscavam sua integração: associações, clubes, jornais, partidos, etc”.

Para o autor, o mito da democracia racial não seria em si apenas uma falácia, mas sim um guia de conduta dos espaços sociais de negros e brancos na sociedade brasileira, que visavam reforçar e propagar a ideia que o racismo não existia na sociedade brasileira, porém mantendo todas as contradições geradas pelo mesmo, além de se aproveitar dela para explorar cada vez o conjunto dos trabalhadores. Diminuir o racismo e todo o peso histórico que este carregada para uma simples desigualdade competitiva era funcional ao sistema capitalista, pois colocava que nas relações de trabalho seriam resolvidas todas as

contradições do racismo, porém podemos demonstrar que não foi este o caminho seguido pela sociedade. Esta maneira de entender o racismo, como uma questão de competição, na qual alguns estavam em melhores condições de competir do que outros, e esses outros eram os negros, ignora que a situação dos negros no período pós-Abolição é diretamente uma herança do período escravocrata e que no capitalismo ganha nova roupagem e novas formas. Segundo aponta Osório (2008 p.78), alguns autores tomaram para si a diferenciação feita por Oracy Nogueira, de que no Brasil existe um preconceito de marca, baseado nas feições, cor da pele e cabelo, motivo pelo qual se fazia urgente o branqueamento, através do qual as gerações de negras e negros cada vez mais claros teriam acesso a cada vez mais oportunidades. Este entendimento pode levar a saídas que se mostram efetivamente ineficazes, pois ignoram séculos de educação racista na qual a sociedade foi construída. O reconhecimento às organizações das quais os negros participavam para buscar sua integração, nunca foi realizado, pois estas entidades seguiram na clandestinidade durante décadas e muitas foram inclusive perseguidas e extintas, mostrando o caráter racista da sociedade que se formava em torno dessas ideias.

Porém para Fernandes (2008, p. 305), diferente do que ocorreu nos Estados unidos, onde o racismo no período capitalista foi construído através de leis diretamente racistas e segregacionistas (Leis de Jim Crow), que colocavam negros e brancos em papéis claramente antagônicos e equidistantes, no Brasil ocorreu o oposto: foi a ausência de uma delimitação clara da burguesia brasileira em relação aos negros, somada com as ações de branqueamento, que causaram a perpetuação do *status quo ante* (termo utilizado para destacar a manutenção do estado de algo, mesmo após sua dinâmica ser submetida a mudanças consideradas profundas), que ao não se colocar abertamente contra os negros acabou arrastando atrás de si, desta maneira, toda a sorte de preconceitos raciais, estigmas e comportamentos sociais variavelmente arcaicos ligados ao momento pré-Abolição, revitalizando assim normas da velha etiqueta das relações raciais, alimentando as representações que “legitimavam, tanto material e moralmente, tais distinções e

prerrogativas”. Foi dessa maneira, segundo Osório (2008), que os negros foram gradualmente sendo retirados dos postos de trabalho que ocupavam e dos bairros em que moravam (que eram mais próximos dos centros urbanos), para se estabelecerem em espaços cada vez mais afastados e assumirem espaços sociais cada vez mais precários.

Mas o que seria então a democracia racial? Este termo é utilizado para descrever as relações raciais no Brasil, que coloca que, diferentemente de outros países, como os Estados Unidos, o Brasil não possui características racistas devido à sua formação etnográfica mista, que é resultado das relações harmoniosas entre os povos brancos, negros e indígenas, das quais surgiram os mestiços como prova máxima de como essas relações haviam sido bem-sucedidas e efetivas, resultando em um sentimento nacionalista acima das determinações étnicas, onde estariam todos unidos por um sentimento de brasilidade. A democracia racial seria composta então por três pilares ou peças fundamentais, que segundo Gislene Santos (2005, p. 288) podemos destacar: Nossas relações de raça são harmoniosas; A miscigenação é o nosso aporte específico à civilização planetária; O atraso social dos negros, responsável por fricções tóxicas, se deve exclusivamente ao seu passado escravista. Para a autora, estes três pilares resumem as ideias trabalhadas no livro de Freyre (1963), *Casa Grande e Senzala*, que são o passo inicial para se programar a democracia racial.

Na análise de Fernandes sobre o mito da democracia racial (2008, p. 305), o negro aceitou passivamente esta condição, como resultado dos “efeitos sociopáticos da desorganização social permanente e integração social deficiente” na qual se mantinham os antigos padrões de acomodação social, análise esta contraposta por Clovis Moura em seu livro *Rebeliões da Senzala* (2014), no qual descreve não uma ou duas, mas uma imensa quantidade de revoltas, rebeliões e insurreições, que foram realizadas tanto durante, quanto depois do período escravista, nas quais os negros não apenas participaram, mas foram protagonistas e colocavam com toda força suas principais pautas, que não podemos deixar de citar: liberdade da escravidão e igualdade de direitos entre negros e brancos,

reivindicações que se chocavam frontalmente contra o *status quo ante* e também com a ideia de acomodação dos negros já libertos.

Em seu texto, Breitman (1954), nos traz o conceito de que o racismo é um dos pilares da sociedade capitalista, que nas suas palavras:

“...o preconceito racial contra o negro surgiu para justificar e preservar o sistema de trabalho escravista que operava de acordo com os interesses do capitalismo em estágios pré-industriais, e manteve-se ligeiramente modificado pelo capitalismo industrial após a escravidão tornar-se um obstáculo para o desenvolvimento posterior do capitalismo e ser abolida. Poucas coisas no mundo estão mais marcadas com as características do capitalismo ”

Não podemos então desassociar o racismo e o capitalismo, como fizeram nos períodos pós Abolição, mas assim vê-los como elos da mesma corrente que segue aprisionando nos dias de hoje não apenas os negros, mas também a classe trabalhadora brasileira, que é em sua maioria negra e pobre segundo dados do IBGE (2015) que destacam que se em 2004, cerca de 73,2% dos mais pobres eram negros, este número aumentou para 76% em 2014. Esses dados indicam que três em cada quatro pessoas que estão na parcela dos 10% mais pobres do país são negras. Como dizia Florestan Fernandes (2008, p. 14) “neste país de negros e mulatos, o futuro estará sempre nas mãos desse novo proletariado negro que se forma, tanto para superar o racismo, quanto para superar a exploração de classes”. A resposta para enfrentar o racismo não poderia ser dada por fora de uma luta que também colocasse em seu centro uma luta contra a exploração de classes, que oprime não apenas os negros, mas toda a camada trabalhadora pobre do país, que abriga também as outras etnias.

A luta contra o mito da democracia racial se tornou a principal bandeira das organizações negras brasileiras. Os negros brasileiros viam nesse combate a possibilidade de colocar por terra todas as teorias que colocavam as negras e negros escravizados em um campo de aceitação e comodidade frente á escravidão. Intelectuais como Abdias do Nascimento (2000), Clovis Moura (2014), Michael Hanchard (2001),

Petrônio Domingues (2007), Paul Gilroy (2001), Kabenguele Munanga (1988), para citar alguns, dedicaram textos ou livros inteiros a refutar essa afirmação. Importante ativista do movimento negro, Clovis Moura (2014), proeminente sociólogo, historiador e jornalista brasileiro questionou em seu livro “Rebeliões de Senzala” a visão apresentada por Gilberto Freyre sobre a passividade do negro no Brasil, ao destacar o papel de importância que cumpriram as rebeliões e ações de resistência à escravidão realizada nos quilombos. Em suas pesquisas deu destaque à rebelião das negras e negros escravizados e da formação dos quilombos enquanto baluartes da resistência negra. Apoiando-se na teoria de Karl Marx, analisou a luta de classes no sistema escravista, sendo que para Moura, a sociedade escravista brasileira era subdividida em duas classes antagônicas: os senhores de escravos (que representavam a classe dominante e eram detentores das propriedades e dos meios de produção) e os escravos (classe dominada e produtora dos bens materiais e das riquezas), sendo que estes últimos eram, segundo os registros populacionais da época, absoluta maioria na sociedade brasileira.

Podemos concluir, então, que houve um esforço ideológico consciente das classes dominantes que retratasse negras e negros como subservientes, pacíficos e coniventes com a situação da escravidão, fato este que nunca ocorreu. Porém, esta construção ideológica auxiliava a estabelecer um lugar social aos negros que estes enquanto grupo não haviam ocupado: o de linha auxiliar da escravidão e beneficiado por esta. Não existia benefício na escravidão, da mesma forma que não existe benefício no subemprego. Como escreve Joel Rufino dos Santos na orelha do livro “O Negro Revoltado” de Abdias do Nascimento (1982): “o negro revoltado é o brasileiro revoltado”, fazendo alusão direta à contribuição do negro na formação da identidade nacional, estabelecida na década de 1950 durante a ditadura Vargas. Se existe uma profunda contribuição dos negros para a formação desta identidade, foi o sentimento de constante insatisfação, e isso, para que os interesses da burguesia brasileira se impusessem sobre a luta dos negros por direitos, tinha que ser apagado.

5 – O movimento negro brasileiro e a defesa do socialismo

Queremos abordar aqui a evolução da pauta dos negros, desde o final da escravidão que mesclava aspectos culturais e de identidade com reivindicações que ganham contornos cada vez mais políticos, ligados com condições estruturais a que os negros estavam submetidos. Partimos aqui de uma definição de que o movimento negro por natureza é composto por diferentes setores de classe. E que, na trajetória do movimento negro brasileiro não houve em nenhum momento uma posição que fosse independente das alas da burguesia. Uma vez que, infelizmente, mesmo no campo da esquerda e dos setores que defendiam o socialismo, estes acabaram confluindo com setores democráticos do regime no processo de transição da ditadura militar para a democracia.

Apontamos uma relação entre os movimentos negros e a esquerda socialista, com sindicatos e com a necessidade da construção de um novo instrumento político. Segundo Oliveira e Rios (2014), foi durante o início da década de 1970, que estudantes e militantes negros vindos desde pequenas camadas médias e principalmente de camadas populares, ingressaram na corrente *trotskista* (que seguia a linha política de Nahuel Moreno) conhecida na época como Liga Operária, que foi uma organização política socialista que compunha a esquerda paulista, fundada em 1972 e que durou até 1978, e que teve como característica uma linha de adaptação frente a Ditadura Militar, tendo inclusive contraditoriamente apoiado um general do MDB a presidência da República, levantando a consigna de “VOTE contra a Ditadura”, conforme entrevista de Val Lisboa na revista *Estratégia Internacional* (2008). O contato dos negros com estes grupos da esquerda socialista no período de censura das organizações políticas e da imprensa, iniciado em 1968 com o AI – 5 foi o que levou estas organizações a atuarem na clandestinidade e que permitiram a ativistas negros mobilizar uma estrutura de recursos que estivessem fora do radar das instituições

que estavam diretamente ligadas à ditadura militar, como o Aristocrata Clube ou a Casa de Cultura Afro-Brasileira.

Como exemplo desta interação entre as organizações negras e as da esquerda, podemos destacar a atuação política que se desenvolveu através do jornal *Versus*, criado por Marcos Faerman em 1975 e que foi publicado até 1979, como um dos exemplos da aliança política entre ativistas negros e a esquerda política. Ainda segundo Oliveira e Rios (2014), é dentro de suas páginas que a juventude negra organizada na Liga Operária insere o debate sobre a situação dos negros no Brasil, aliado ao discurso de redemocratização da política brasileira, através da sessão “Afro-Latino-América”. O Jornal possuía um perfil muito forte, que o colocava como um dos principais veículos de comunicação deste período dentro das iniciativas da mídia alternativa, por colocar os negros que participavam dela como atores de um coletivo organizado, com tradição própria e alinhado com a disputa ideológica e política através da luta de classes e da defesa do socialismo. Para eles “O *Versus* era um projeto ambicioso que reunia vários espectros da esquerda política e jornalistas críticos ao regime ditatorial.” (Oliveira e Rios, 2014, p. 510), que começou com um projeto modesto e se tornou o mais bem sucedido jornal alternativo da década de 1970, sendo distribuído em bancas de jornal das principais capitais do País, o que fez com que superasse a marca dos 35 mil exemplares vendidos no ano de 1977.

Na mesma medida do seu crescimento, o Jornal vai ganhando cada vez mais influência da Liga Operária, que começa a crescer dentro do Jornal e se torna maioria em meados de 1976, sendo que houve uma mudança na linha do Jornal neste período, que fortaleceu posições críticas a Ditadura Militar, no marco programático do defendido pela Liga Operária, característica esta que atraiu, entre outros ativistas, intelectuais, lideranças e artistas negros como Abdias do Nascimento, Clóvis Moura, Lélia Gonzalez, Thereza Santos, Hélio Santos, Licínio Azevedo, o músico Lumumba e Antônio Carlos (Grupo Evolução), o Jornalista Hamilton Bernardes Cardoso, sendo que alguns deles se

tornaram quadros políticos da Liga Operária e posteriormente da Convergência Socialista (Oliveira e Rios, 2014).

Hamilton Cardoso cumpre neste período um papel fundamental na união entre as organizações e pautas de movimentos sociais negros com as pautas de demandas das organizações socialistas. Esta aproximação pode ser notada nas páginas do Jornal Versus que segundo Oliveira e Rios (2014, p. 511) teve dois momentos:

“A trajetória da seção “Afro-Latino-América” pode ser dividida em duas fases. A primeira, de sua formação (Versus, n. 12, julho 1977) até o número 18, antes do surgimento do MUCDR (Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial), com a predominância da primeira coordenação formada por Osvaldo de Camargo; a segunda, do número 19 em diante, em que a presença da Liga Operária (agora Movimento Convergência Socialista) era mais forte, com o esvaziamento da seção, que na fase final foi basicamente escrita por militantes da organização socialista (Hamilton Cardoso, Wanderlei José Maria, Neusa Maria Pereira, Maria Dulce Pinheiro Pinto, José Adão de Oliveira e Rafael Pinto, dentre outros). Em outros termos, houve a passagem de uma “esquerda negra democrática” para uma “esquerda negra revolucionária”. Nessa última vertente, Hamilton Cardoso é seguramente a figura mais central para entender a trajetória desse grupo e suas relações com a esquerda socialista, bem como com as organizações negras do período.”

Podemos destacar aqui que se em um primeiro momento o foco do Jornal era apenas a luta contra a ditadura, sem apresentar um contraponto para além das liberdades políticas, foi no segundo período que o Jornal começou a ganhar os contornos de crítica ao capitalismo e da necessidade de um novo projeto de sociedade, que levasse a questionar não apenas o regime político, mas também a sociedade capitalista como um todo, ainda que dentro dos limites da orientação política adotada pela Liga Operária. Porém, apesar dessa mudança na linha editorial do Jornal, ela não se efetivou como uma mudança que rumasse a posições verdadeiramente socialistas. Essa bagagem é que permite que Hamilton Cardoso seja não apenas uma figura central do

Jornal e da esquerda socialista, mas que se torne uma das figuras centrais do movimento negro, mas acima de tudo da formação política do próprio MNU, que seria uma das maiores organizações negras de atuação dentro da ditadura.

Hamilton Cardoso, segundo Oliveira e Rios (2014) se destaca neste momento por contrapor suas ideias, que ligavam o debate de raça e classe, com ideias dos principais intelectuais da época, como Abdias do Nascimento, Lélia Gonzalez e Clovis Moura. No Artigo de Flávia Rios e Fábio Oliveira sobre a vida de Hamilton Barbosa, podemos visualizar essas diferenças que são mais amplas do que divergências entre pensadores, mas em concepções políticas e de linhas teóricas completamente distintas. Para Cardoso, a saída para os negros deveria ser por dentro do socialismo.

Podemos notar aqui como surge a influência teórica que dará base para a tentativa do MNU de articular a luta antirracista no Brasil, com uma concepção geral de classe, com é a junção das concepções de raça, vinda das reflexões do movimento negro até aquele momento. Essa influência é levada para dentro das disputas teóricas do MNU como a grande saída para alavancar a luta dos negros no país, de maneira a incluir os negros no movimento pela redemocratização com suas pautas. Entretanto, apesar da defesa pública do socialismo, expressa nos jornais, atos políticos e reuniões, esta não impediu que a política concreta fosse de subordinação a uma ala democrática da burguesia.

Essa fusão contraditória trouxe um perfil muito próprio para o MNU, lhe abrindo um leque de possibilidades de campos de atuação e um local de diálogo com a esquerda nacional que nenhuma outra organização do movimento negro experimentou antes. Esta fusão permitiu com que os negros se aproximassem das entidades da esquerda que iriam surgir no começo da década de 1980 no Brasil, e simpatizassem com entidades mais radicalizadas na perspectiva internacional, como os Panteras Negras. Mas qual o papel que o MNU

irá cumprir frente à ditadura militar e a um sistema que sufoca e inibe que organizações deste tipo sejam criadas?

O tema que liga o debate racial aos diferentes setores que se reivindicam socialistas, não é novo ou exclusivo do Brasil, uma vez que podemos destacar autores como C.L.R. James, Kwame Nkrumah, Amílcar Cabral e Samora Machel como defensores do socialismo e do comunismo, respectivamente, entre as décadas de 30 e 60 do século XX, em que esteve presente o debate racial como forma integrada a de se pensar este socialismo, porém, no Brasil esta forma de posição política encontra eco apenas na década de 1970, nas páginas do Jornal Versus e depois dentro das fileiras do MNU. Apesar disso, os setores da esquerda que comporiam o MNU estavam defendendo uma política equivocada frente os setores da burguesia, uma vez que organizações *trotskistas*, como a Liga Operária, defenderam não apenas uma política por dentro do regime da Ditadura Militar, que eram as eleições, como também não confiou nas massas que estavam insatisfeitas com o regime, como aponta Lisboa (2008. P. 33-34):

“... A CS teria compreendido que a raiz dos erros oportunistas da Liga Operária se encontrava na base teórica de Nahuel Moreno [importante líder *trotskista* argentino que viveu nas décadas de 1960 e 1990], e em sua revisão a Teoria da Revolução Permanente de Trotsky, com a inovação de uma “teoria da revolução democrática”. Essa concepção de “revolução como troca de regime político” – foi a base teórica dos desvios políticos de transformar princípios em táticas.

Seguindo sai adaptação à ala burguesa “opositora” e por continuar continuar reivindicando o “acerto” da política oportunista de 1974, em 1978 a CS acabou aliada à Frente Nacional pela Redemocratização, juntamente junto com o MDB (PCB, PC do B e cia.)”

Por conta da política levada a frente por estes setores, que não buscavam uma independência dos setores oprimidos frente as alas da burguesia, e que não tiraram lições de anos de apoio a uma das alas da burguesia nacional, a força das massas que se levantavam contra a ditadura ficaria dissolvida em uma luta pela redemocratização enquanto as relações mais profundas de opressão permaneceriam as mesmas.

Cruzar a luta contra a ditadura militar com as pautas dos negros e do restante dos oprimidos colocaria em xeque não apenas o regime, mas também esgotaria a confiança das massas com os setores progressistas da burguesia e poderia abrir diretamente uma situação revolucionária no Brasil, ao se colocar abertamente contra a propriedade privada.

Estas poderiam ser as bases para uma frente única que colocasse a população negra, os trabalhadores que estavam em greve e a juventude que tomava as ruas em unidade contra o regime da ditadura militar, trazendo a tona as desigualdades de raça e de classe existentes neste regime e que deveriam ser combatidas. Não houve assim uma defesa real do socialismo, uma vez que um dos princípios básicos defendidos pelos socialistas, que é a independência de qualquer setor da burguesia havia sido esquecido por estes setores. Desta maneira, apesar de apresentar um discurso socialista, que fez com que o MN se aproximasse dos interesses da classe operária, não se efetivou enquanto projeto, não permitindo que surgisse nenhum setor do movimento negro que fosse realmente revolucionário.

5.1 – Classes sociais e seus papéis na revolução social

Iremos debater aqui o que são as classes sociais e a ideia de revolução social. Pensar em transformações sociais tão profundas nos faz pensar em quem seriam os atores sociais responsáveis por tais mudanças. Este debate tomou conta dos estudos sociais desde seu surgimento e foi um dos principais debates da esquerda nacional durante o período da Ditadura Militar brasileira. Para alguns, o sujeito social era o homem do campo, em maior número se comparado aos que viviam nas cidades; para outros eram apenas os trabalhadores fabris, presentes nas indústrias que se fortaleciam nas capitais, dotados do poder de paralização sobre a economia; para outros seria necessário que um pequeno grupo de guerrilha armada proporcionasse a tomada do poder através do assassinato das lideranças vigente e que este grupo liderasse o processo de transformação social. A estratégia de guerrilha e a via de mobilização camponesa não viam nos negros um ator social capaz dessas mudanças. Porém, no caso do Brasil, se torna impossível falar em qualquer mudança social significativa que não envolva a principal maioria oprimida do país: os trabalhadores negros.

Foi apenas no final da década de 1970 e início da década de 1980 que através da junção das categorias de raça e classe, que naquele momento adquirem novos sentidos históricos e teóricos, que se colocava através da denúncia do racismo e da condição de classe em que viviam os trabalhadores negros e as condições de desvantagem social sobre a qual estava submetida à população negra, que os negros foram colocados como sujeitos importantes dentro de um projeto político de transformação social (SANTOS, Gev. 2005). Seriam então as demandas dos negros, ligados a sua localização nas relações de classe que se tornariam a pólvora que poderia por abaixo o sistema capitalista brasileiro e de suas cinzas emergir uma nova sociedade.

Octavio Ianni, importante sociólogo brasileiro, destaca em seu livro *O Negro e o Socialismo* (2005), o quanto o preconceito racial é um importante aporte ideológico para a dominação e subordinação de

amplios setores da sociedade brasileira, dentre os quais: homens e mulheres, crianças, adultos e velhos, trabalhadores assalariados da cidade e do campo, na agricultura, na indústria e nos serviços. A relação entre a exploração de classe e a opressão racial cria um cenário propício para a superexploração a que negras e negros estão sujeitos na sociedade brasileira, que se manifestam em intolerâncias de vários tipos, se manifesta na diferentes formas de linguagem utilizadas pelos aparatos repressivos e de controle do Estado e suas instituições, como a mídia, a escola e a polícia, com o objetivos de controlar (seja pela via da exclusão, confinamento ou da inserção parcial na sociedade) a população negra na sociedade brasileira, que para sobreviver possui apenas como possibilidade a venda de sua força de trabalho. Nas palavras de Ianni (2005 p.14)

“Esta é a realidade: a raça e a classe são constituídas, simultânea e reciprocamente, na dinâmica das relações sociais, nos jogos das forças sociais. Essa é a fábrica da dominação e da alienação, que pode romper-se quando uns e outros, assalariados de todas as categorias, simultaneamente negros e brancos, em suas múltiplas variações, compreenderem que sua emancipação implica a transformação da sociedade: desde a sociedade de castas até a de classes, desde a sociedade de classes até a sociedade sem classes.”

Para o autor, a lógica de dominação imposta por essa dupla exploração apenas poderá ser rompida quando o conjunto dos oprimidos entender sua condição de explorado e decidirem unir-se contra esta condição. Isso apenas seria possível através de unificação das pautas de exploração de raça e de classe, e que este fosse um chamado do conjunto dos explorados, negros e brancos, homens e mulheres. Neste sentido, a contribuição deste debate não foi apenas de inserir no negro a necessidade do combate de classes, mas também inserir os brancos a urgência no debate racial. A exploração de classe reforça a opressão do racismo e o racismo reforça a exploração de classe.

Para pensar esta unificação de pauta, temos que localizar dentre as organizações que estiveram na fundação do MNU o Núcleo Negro Socialista como uma entidade mais à esquerda (ou seja, mais próxima

de uma possível revolução socialista) do que a demais organizações do movimento negro na década de 1970, tendo colaborado com este debate teórico importante naquele momento, em que a classe trabalhadora começava a mostrar a sua força política e a pressionar o regime da Ditadura Militar brasileira, com o aumento da quantidade de sindicatos, tanto entre trabalhadores campo ou dos trabalhadores industriais nas cidades, que segundo Fausto (2015, p. 498) nos sindicatos rurais aumentou de 625 entidades em 1968 para 1745 em 1976, mostra que os trabalhadores estavam cada vez mais engajados em dar uma resposta ao regime que não fosse pela via do congresso. Isso se confirma com a entrada em cena do movimento metalúrgico das indústrias automobilísticas, concentrados no ABC paulista a partir da metade da década de 1970, que apesar de fazer parte de um movimento sindical populista, liderado por Luis Inácio “Lula” da Silva, mostrou-se bastante combativo, mobilizando cerca de 125 mil operários da indústria mecânico-metalúrgica (Fausto, 2015).

Frente a este crescente movimento, podemos entender o motivo do diálogo entre raça e classe, iniciado pelo NNS se fizesse tão amplamente necessário. Segundo Gevanilda Santos (2005, p. 23)

“A elaboração teórica e a intervenção política do Núcleo Negro Socialista chamaram a atenção para as variáveis da relação de raça e classe, de forma não mais hierárquica, mas sim interdependente, a fim de obter maior objetividade nas relações sociais de um país cuja formação social foi construída na simbiose entre capitalismo e escravidão. A condição da pobreza da população negra – um fator decorrente da exploração da classe dos trabalhadores – começa a ser mais investigada e questionada. O pensamento social que insistia em negar a existência do racismo no interior da classe trabalhadora brasileira, alegando a centralidade da contradição entre capital e trabalho, foi denominado pensamento marxista ortodoxo.”

Segundo a autora, desta maneira, podemos entender que o não deve haver hierarquia entre os debates de raça e classe no Brasil, mas sim uma construção de interdependência que combata tanto a visão sindicalista do movimento de trabalhadores, que não se pronunciava sobre o racismo e desta maneira não combatia o racismo presente no

interior dos sindicatos e entidades de classe e de ceticismo na classe trabalhadora presente no movimento negro até aquele momento, que se manifestava através da ausência de ligação das pautas dos negros com a pauta dos trabalhadores. Porém, a partir do momento que entendemos que os levantes operários, as greves e demais manifestações que colocaram em xeque o regime político foi o que possibilitou que a identidade negra afluísse, poderemos perceber que a opressão racista potencializa a opressão de classe, porém, em uma sociedade sem essa exploração o racismo perde sentido e força. Está então o racismo diretamente ligado com a exploração de classe, sendo que a derrota desta última é que irá encerrar a opressão racista.

A exploração de classe aprofunda a superexploração, sem entender que o debate de classe extrapola as categorias de raça, gênero e nacionalidade, uma vez que estes setores de explorados são a base da sociedade capitalista e figuram todos entre os explorados. Não entende isso mostra a capitulação aos setores democráticos da burguesia. A relação de classe determina a exploração sobre todos os setores, mas não desvaloriza as opressões de raça e gênero, sendo que não podemos negar em nenhum momento o quanto essas opressões são sentidas pelos setores oprimidos, mas que como a relação de classe pressiona todos estes setores.

Porém, toda esta efervescência ainda estava a deriva de uma estratégia que se colocasse mais frontalmente contra o regime militar, devido a adaptação das organizações de esquerda, que não colocaram como pauta central da sua luta o “Abaixo a Ditadura”, e nem defenderam a auto organização da classe trabalhadora, mas sim colaboraram para a transição compactuada entre os diversos setores da burguesia e este sindicalismo que surgia com Lula nas metalúrgicas do ABC paulista, que ficaria conhecido como “autênticos” (Lisboa, 2008), que apesar de ser visto como um avanço frente o velho sindicalismo brasileiro, ainda agia com a legalidade baseada na data base e nos métodos ligados ao período de Getúlio Vargas, de controle sobre os sindicatos e apadrinhamento dos mesmos. Neste cenário, o corporativismo dos

sindicalistas deixaria de permitir não somente que o debate racial se expressasse com força no interior da classe trabalhadora, mas que este seria suprimido para dar lugar às pautas imediatas e econômicas.

Desta maneira, não apenas o debate de racismo estava ausente na visão da autora, para a mesma, o machismo também deveria ser colocado no centro do debate, e era também um desafio a ser encarado pelo movimento negro:

“O maior desafio teórico era compreender o racismo e o machismo na interface com a luta de classes. A exploração econômica da população negra e a opressão social passam a ser consideradas decorrências do capitalismo e do racismo. É dentro desse marco histórico que podemos falar do surgimento de novos referenciais teóricos à compreensão da relação entre raça e classe. O racismo passa a ser explicado como uma decorrência das relações sociorraciais desiguais e, como tal, se constitui em mais uma contradição da sociedade capitalista e autoritária a ser superada no processo de democratização da sociedade brasileira. A trajetória da categoria “raça” foi reinterpretada politicamente para afirmar a identidade racial do negro brasileiro, mobilizar ação de protesto contra o racismo e denunciar o mito da democracia racial. O primeiro passo já estava dado. O passo seguinte foi reinterpretar a categoria “raça” na dinâmica da sociedade de classes brasileira.” (Santos, Gev. 2005. p.22)

O racismo se relaciona de maneira interligada a opressão de gênero, porém, toda opressão esta a serviço da exploração, delimitada pela classe. Apesar de a autora colocar que a contradição representada pelo racismo seria superada através do processo de redemocratização, o mesmo não se deu, pois sem questionar profundamente a sociedade brasileira, que é calcada na exploração, o racismo jamais poderia ser superado. As mobilizações dos negros contra o sistema racista, através da afirmação da sua identidade não seriam suficientes para derrubar o sistema capitalista, tão pouco derrubar o mito da democracia racial, uma vez que manter a população negra com a esperança de qualquer avanço real por dentro do sistema capitalista, apenas permitiria que os mesmo se sujeitassem a se manter na situação de exploração ou achassem natural que para a manutenção da riqueza de poucos, a maioria explorada seguisse na miséria.

Aqui colocamos o papel das classes sociais na construção de uma mudança social, uma vez que se torna cada vez mais importante para negras e negros compreenderem o papel social que ocupam na sociedade atual enquanto parte da classe trabalhadora e qual o protagonismo que devem assim para que exista uma verdadeira mudança social no Brasil, que possa romper com as amarras do capitalismo e permita que negras e negros possam desenvolver seu potencial identitário ao máximo, uma sociedade sem exploração, uma revolução. Porém, como veremos a seguir, o discurso radical e por muitas vezes socialista encontrou muitas barreiras para que se tornasse uma prática possível, devido o papel que cumpriram as direções, tanto do movimento negro quanto da esquerda brasileira, neste período.

5.2 – O papel do movimento negro na organização operária brasileira

Pensar a relação entre a questão racial e o trabalho assalariado nos leva as políticas pré-abolição, que estavam direcionadas a diminuir a influência dos negros no cenário político brasileiro no mesmo momento em que o Brasil assumia uma política nacional que visava o aproximar mais da Europa através do embranquecimento de sua população através da imigração de europeus e da diminuição de escravos negros no Brasil, que fez com que no mesmo período no qual a quantidade de negros escravos caiu de 1,7 milhões para 720 mil, houvessem chegado ao país 218 mil imigrantes europeus (em sua maioria italianos), o que causou uma diminuição na quantidade de escravos negros na população brasileira, que era no início do século XIX em torno de 50% e em 1874 se encontrava em 16% (Theodoro, 2008, p.28).

Com a Abolição da escravidão, esta política de embranquecimento, aliado com a ausência de estratégias públicas de integração e manutenção do negro na sociedade que se formava no período, fez com que os negros estivessem a margem das oportunidades de emprego, da possibilidade de construir moradias, de sustentar financeiramente suas famílias e de se tornar um cidadão pleno de direitos, situação essa que seguindo Theodoro (2008) empurrou os negros cada vez mais para a informalidade, ao serem reservados para os negros apenas atividades mal remuneradas e de subsistência, fazendo com que após este períodos os negros se consolidassem como força de trabalho predominante no setor informal. Podemos notar isso ao comparar os dados de quantidade negros do período pré-abolição em São Paulo (KOWALICK, 1994, p.46-47 e 92), que aumentaram de 36% para 51% entre 1864 e 1874, com o percentual de imigrantes nos trabalhos industriais, que era de 92% no início do século XX.

Gonzalez (1979) ainda destaca que apesar de tanto brancos quanto negros pobres sofrerem os efeitos da exploração capitalista, o racismo faz com que mesmo os brancos sem propriedade dos meios de

produção sejam beneficiários do sistema capitalista e consequentemente do racismo. Isso não quer dizer que o branco detentor dos meios de produção, que se beneficia diretamente da exploração ou superexploração do negro, está em igual condição com os brancos pobres, porém este último se beneficia do racismo, segundo definição de Lélia Gonzalez (1979, p. 9) “a partir de sua vantagem competitiva no preenchimento das posições que, na estrutura de classes, implicam nas recompensas materiais e simbólicas mais desejadas”. Esta vantagem fará com que os trabalhadores brancos, em sua maioria, não consigam identificar o racismo estrutural da sociedade e se coloquem contra qualquer medida de reparação afirmativa para nivelar as condições entre negros e brancos na sociedade. O racismo divide a classe operária e quem se beneficia do racismo é diretamente a burguesia, que impõe a dominação sobre ambos os setores em benefício próprio.

Conforme estudo de Mario Theodoro (1998, pgs. 111-112), entre os anos de 1930 e 1980, podemos notar um crescimento e aumento da diversidade industrial na economia brasileira, em que podemos destacar o aumento da força de trabalho industrial, que saltou de 15,7 milhões para 45 milhões de trabalhadores industriais, na mesma direção em que o Produto Interno Bruto (PIB) deu um salto de 380%, o que colocou o Brasil como uma das principais economias do mundo.

Este crescimento possibilitou que parte das forças de trabalho negras, que haviam sido completamente marginalizadas no começo do século XX, porém este crescimento não foi suficiente para absorver toda esta mão-de-obra, o que fez aumentar o subemprego nas áreas urbanas, o aumento das residências informais e uma grande concentração de desempregados nessas regiões. Segundo Theodoro, houve nesta época um êxodo rural importante composto pela população negra, o que fez inverter a proporção de trabalhadores rurais, que representava dois terços dos trabalhadores no Brasil frente um terço dos trabalhadores urbanos até 1940 para um terço de trabalhadores rurais e dois terços de trabalhadores urbanos no começo da década de 1980.

Com a reconfiguração da classe trabalhadora nacional, negras e negros foram diretamente atingidos, porém não garantiram aos negros uma melhora profunda em sua condição de vida, já que agora estes que deixavam as áreas rurais se aglutinavam nas periferias das regiões metropolitanas, áreas de grande concentração de pobreza, tornando assim esta integração insuficiente para fazer com que estes colocassem sua força social em movimento.

Ainda segundo Theodoro, as atividades remuneradas realizadas por estes setores se concentravam em atividades precárias, ligadas principalmente ao pequeno comércio e a prestação de serviços, com destaque para o trabalho doméstico, sendo que nas metrópoles, que são atingidas por uma alta taxa de subempregos e empregos informais, que em São Paulo atingiria cerca de 54% em meados da década de 1980. Desta maneira não podemos nos enganar: não foi a chegada da industrialização e da movimentação econômica que foi acompanhada desta que trouxe os negros para o mercado de trabalho e melhorou suas condições de vida, mesmo que de maneira precária, uma vez que a maioria destes negros iria compor principalmente o exército industrial de reserva (Gonzalez, 1979), mas sim que sem a absorção da mão-de-obra negra, não seria possível um desenvolvimento da industrialização no Brasil e este desenvolvimento econômico não avançaria da maneira acelerada com a qual ocorreu.

Apesar disso, no final da década de 1960 e durante a década de 1970, ocorre uma aproximação entre as pautas dos negros e as pautas sindicais, mesmo que esta ocorresse apenas em movimentos de vanguarda. Os negros, que estavam organizados em seus locais de trabalho e estudo, começam a serem influenciados pelo debate de identidade negra que se fortalece internacionalmente com movimentos como o *Black Power* nos Estados Unidos e nacionalmente com os debates ao redor dos bailes *black* e de periódicos como o Jornal Versus. Esta experiência é trazida então para dentro dos sindicatos, no mesmo sentido em que as práticas de organização sindical são trazidas para dentro do movimento negro.

Essa relação de influência mútua foi determinante para que um projeto de organização dos negros que englobasse a influência negra em todas as esferas sociais se fez necessário. Angela Davis (1997), importante ativista feminista negra, em discurso realizado na 1ª Jornada Cultural Lélia Gonzáles, promovida pelo Centro de Cultura Negra do Maranhão e pelo Grupo de Mulheres Negras Mãe Andreza, coloca claramente na sua visão quais eram as divisões impostas dentro das fileiras dos trabalhadores

“As organizações de esquerda têm argumentado dentro de uma visão marxista e ortodoxa que classe é a coisa mais importante. Claro que classe é importante. É preciso compreender que classe informa raça. Mas raça, também, informa classe. E gênero informa a classe. Raça é a maneira como a classe é vivida. Da mesma forma que gênero é a maneira como raça é vivida. A gente precisa refletir bastante para perceber as intersecções entre raça, classe e gênero, de forma a perceber que entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras que são cruzadas. Ninguém pode assumir a primazia de uma categoria sobre as outras.”

Entendemos aqui que na visão da autora, para o avanço das pautas de raça e classe, existe a necessidade de que as organizações que queriam se colocar na luta contra o racismo e contra o capitalismo devem cruzar suas experiências e construir espaços em comum, nos quais raça, classe e, no exemplo de Davis, gênero, devem se construir e influenciar mutuamente. Neste trecho conseguimos entender um dos pontos centrais do pensamento de Angela Davis, que é a interligação entre as opressões de raça, gênero e classe, que estão condensadas em seu livro publicado pela primeira vez em 1981, “Mulheres, Raça e Classe”, no qual coloca que as opressões ocorrem de maneira interseccional, ou seja, que existe uma sobreposição entre as categorias biológicas, sociais e culturais, tais como gênero, raça, classe, orientação sexual, religião e outros eixos de identidade, que interagem em níveis múltiplos e muitas vezes simultâneos, podem ser usados para entender como a injustiça e a desigualdade social sistêmica ocorre em uma base multidimensional. Porém, vale destacar, sem aprofundar este importante debate teórico, que raça e gênero são pressões que alimentam o

racismo, mas o que submete essas opressões a catalizadoras da exploração são as relações de classe.

Muitos dos negros que despertavam para a política através da leitura do Jornal Versus ou das entidades culturais negras que existiam até meados de 1970 também estavam organizados em categorias com sindicatos e ao mesmo tempo em que viam a questão da identidade negra ganhar espaço no cenário brasileiro, também acompanhavam o levante operário que se iniciou em 1968, com as greves em Osasco (SP) e Contagem (MG) e que em 1979 chegaram ao maior polo industrial do Brasil: o ABC Paulista, através das greves de 1979 e 1980, muito maiores do que as greves de 1968 e que colocam a classe trabalhadora no centro da política nacional. Não é de se descartar que o movimento negro, que se fortalecia também naquele momento, encontraria eco e força nos debates sindicais que ocorriam nacionalmente, em um processo de retroalimentação. Aqui podemos pensar como Angela Davis, que a classe informava a raça, mas que também a raça informava a classe.

Esta forma de pensar também é trazida para se pensar o combate ao racismo no Brasil, como coloca Cida Bento (2000) ao destacar o papel que os sindicatos deveriam cumprir como organizadores da luta contra o racismo, com destaque para o “1º Encontro Estadual De Sindicalistas Negros”, em 1986 e as iniciativas da Central Única dos Trabalhadores – CUT, que foi a primeira central sindical a criar uma pasta destinada a abordar especificamente o debate de raça dentro da central, exemplo seguido por outras entidades. Vale destacar aqui também o peso social que exercia a CUT naquele momento, uma vez que estavam ligados a ela os principais sindicatos do país, com destaque para os Químicos de São Paulo e os Metalúrgicos do ABC paulista, duas categorias com grande participação de trabalhadores negros e com grande poder de influência nas correntes sindicais, mesmo aquelas que não eram influenciadas diretamente pela CUT.

Existiam algumas entidades do movimento negro que possuíam uma visão bastante crítica do isolamento político que a ausência de

diálogo com outros movimento poderia trazer. O Grupo Negro da PUC-SP ressaltava a importância do diálogo com outros movimentos sociais, como de trabalhadores e da juventude branca, para que fosse possível criar um sentimento de contestação ao regime sócio-político do país. Este isolamento gerava, na visão do grupo, um problema estratégico: a falta de organismos capazes de expressar as reivindicações dos afrodescendentes. Este grupo possuía uma visão crítica sobre as questões que eram pertinentes à população negra brasileira, e colocava na ordem do dia que a luta e as reivindicações das negras e negros deveriam passar em primeiro lugar pela denúncia do regime militar. Neste sentido, para os negros, se colocar contra a ditadura militar era assumir a sua identidade enquanto negro, na mesma medida que se enfrentar com o regime através dela agiria como catalisador dos métodos de luta da classe trabalhadora e da juventude, como greves, atos de rua, piquetes e ocupações.

Segundo Kössling (2008, p33), esta visão permitiu que o Grupo Negro da PUC-SP “incentivava a participação ativa dos militantes nos sindicatos, associações de bairro, partidos políticos e nas mais diversas formas de organização social que lutassem pela defesa de direitos sociais”, o que possibilitou uma unificação destas pautas em frente única contra a Ditadura Militar, apesar da preocupação deste setor com a manutenção da autonomia dos movimentos negros com relação as suas pautas e seus interesses frente estes setores sociais. Para poder avançar em suas pautas, o movimento negro teve que unir esforços com outros setores sociais “visando não só a ampliar a mobilização, como também a obter conquistas na luta perante as estruturas de poder”, como coloca Kössling (2008, p.33) ao ser debatido no I Encontro Estadual em Defesa da Raça Negra os efeitos da crise econômica brasileira, em especial sobre como isso se relacionava com a situação dos negros no Brasil, em que chegaram a propor uma unidade com todas as entidades, sindicatos, partido, que incluam a luta contra o racismo em suas reivindicações. Desta maneira, incentivaram que os trabalhadores negros devessem levar até suas categorias e seus sindicatos os debates que eram realizados no movimento negro,

buscando uma atuação conjunta dentro dessas entidades, enquanto mostravam que negras e negros também estavam na luta por democracia no país. Esta influência poderia ter sido muito mais profunda se esta inter-relação tivesse trazido para a luta dos negros os métodos de luta dos trabalhadores e que a principal pauta dessa luta fosse a queda da Ditadura Militar pelas mãos dos setores oprimidos.

Enquanto a influência do movimento negro nas entidades de classe crescia, com o surgimento de novos grupos de luta antirracista dentro de categorias importantes, como bancários, metalúrgicos e entre setores do funcionalismo público. Mesmo criando esta rede de resistência contra o regime da Ditadura Militar, junto com movimentos populares, associações e sindicatos, isto não evitou que o MNU, enquanto principal organização do movimento negro brasileiro naquele momento visualizasse que a saída para os negros se daria por dentro do regime burguês, sem nenhum rompimento com as estruturas de poder que sustentavam a Ditadura Militar.

. Mesmo com o MNU discutiram sobre os problemas sociais que afetavam os afro-descendentes e exigindo posicionamentos e propostas das organizações político-partidárias existentes, nenhum desses chegou a conclusão fundamental de que a luta contra o racismo não poderia se dar por fora de uma luta contra o sistema capitalista, que utilizava das opressões para manter sua dominação política e econômica sobre os negros e o restante dos trabalhadores. Mesmo que todas as organizações políticas do país tivessem uma posição contrária ao racismo e com os mais afinados debates sobre a questão racial, enquanto nem eles e nem as entidades negras colocassem a luta contra o regime como a principal maneira de combater o racismo e a exploração, ambos jamais acabariam.

De acordo com documentação policial, presente na pesquisa de Karin Kössling (2008), um representante do MNU esteve presente na I Convenção Nacional da Convergência Socialista, em uma clara demonstração da intenção do movimento negro possuir voz entre outros setores dos movimentos políticos e sociais, que solidarizam-se com a

luta de setores populares que buscavam a conquista de seus direitos políticos, econômicos e sociais. O objetivo destas intervenções era abrir espaços para o debate racial nessas outras entidades e aumentar o número de seus militantes e simpatizantes. A sessão mineira do MNU chegou inclusive a propor que os seus militantes deveriam participar ativamente das entidades já existentes, o que demonstra claramente essa política de intervir nas demais entidades (Kössling, 2008 p.34).

A relação dos negros com o movimento sindical, apesar destas iniciativas, não iria automaticamente excluir o racismo de dentro da classe trabalhadora, pois como defende Lélia Gonzalez (1979, p. 8), ao comentar a definição de Althusser sobre o sistema de exploração de classe do capitalismo, que aprisiona através da ideologia propagada pelo estado, que tornasse, assim, tendenciosa "... a eficácia do discurso ideológico é dada pela sua internacionalização por parte dos atores (tanto os beneficiários quanto os prejudicados), que o reproduzem em sua consciência e em seu comportamento imediatos". Nesta afirmação podemos notar a importância do debate racial para o avanço da identidade negra e posterior combate ao racismo dentro da classe trabalhadora, debate que seria aprofundado apenas após a década de 1990.

Partes dos trabalhadores, em especial os negros, veem a necessidade de dar uma resposta política, que seria através da construção de um instrumento de organização, que traria maior potência as reivindicações que na década de 1980 se tornavam mais acirrada ao redor da redemocratização. Porém, diferente da resposta dada em 1930 com a Frente Negra Brasileira, com um partido puramente negro, porém com caráter nacionalista e integralista, surgiu à necessidade de construção de um partido político que abrigasse não apenas os negros, mas sim todas as maiorias oprimidas sob o rótulo de classe trabalhadora. O que poderia ter sido uma grande oportunidade para o surgimento de um partido realmente revolucionário no Brasil, que colocasse a luta contra o regime militar e sua substituição por uma sociedade que não fosse estruturada pela opressão do homem pelo

homem, foi desviado pelas direções tanto do movimento negro quanto da esquerda brasileira, lideradas pelos sindicalistas autênticos, para um projeto de conciliação entre os setores progressistas e a burguesia nacional. Mesmo que essa enorme energia tenha sido desviada para a conciliação de classes, inicialmente pelo *stalinismo* representado pela construção do PCB e posteriormente pela burocracia dos autênticos, tais experiências demonstram que o proletariado brasileiro, formado em sua maioria por trabalhadoras e trabalhadores negros, chegou, uma e outra vez, à conclusão da necessidade de expressar politicamente o seu peso social, e pôde transformar tal necessidade em força material. Surgiria em 1980 o Partido dos Trabalhadores, o PT, como parte desse processo.

6 – A formação do Movimento Negro Unificado – MNU

Neste capítulo iremos tratar da formação do MNU, dos fatos que propiciaram a sua formação e o objetivo que era previsto para o mesmo. Vale ressaltar aqui a importância do processo que precedeu a efetiva formação da entidade, que envolveu uma disputa no movimento negro nacional.

Como visto no capítulo anterior, não podemos falar da formação do MNU sem falar sobre o Núcleo Negro Socialista, organização da qual participavam os negros integrantes da Liga Operária e pessoas próximas as suas posições políticas, experiência esta que se deu entre os anos de 1975 e 1978, que contou com lideranças negras alocadas principalmente no eixo São Paulo-Campinas-São Carlos, apesar de existirem sessões do NNS no Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia e Rio Grande do Sul. O projeto idealizado pelo Núcleo Negro Socialista, que surge com o propósito da Liga Operária intervir na luta antirracista, apontava para um movimento que aglutinasse não só o negro, mas todos aqueles que sofrem discriminações: negros, mulheres, indígenas etc., o que ficaria explícito na denominação inicial Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial (MUCDR).

Sobre os objetivos do NNS, Gevanilda Santos (2005, p.27) coloca que “era legitimar a luta contra o racismo no plano sociopolítico, ampliar a consciência racial da sociedade brasileira e oferecer formação política para as lideranças negras”, desta maneira o NNS se fortaleceu e através de seu trabalho de base, uma vez que possuía centros de luta formados por negros e núcleos de apoio dos outros movimentos sociais de composição plurirracial e ganhou projeção nacional através da linha editorial expressa no Jornal Versus, que era a principal mídia de esquerda alternativa no país no período de 1975 a 1979. Foi esta organização que deu bases para a fundação do MNU em 1978, uma vez que foi decisão do NNS, em frente única com outros setores do

movimento negro brasileiro que convocaram as reuniões fundacionais do movimento.

Em 18 de junho de 1978, na Cidade de São Paulo, representantes de vários grupos de movimentos sociais se reuniram em resposta a várias discriminações raciais, com a sofrida por quatro garotos do time juvenil de voleibol do Clube de Regatas Tietê, Zona Norte de São Paulo, que foram impedidos de utilizar a piscina do clube, mesmo sendo membros do mesmo, uma vez que a piscina era um espaço dos membros brancos do clube; contra o assassinato de Nilton Lourenço, trabalhador negro morto a tiros por um policial na Lapa em 1º de Julho de 1978 e também em resposta à prisão, tortura e morte de Robson Silveira da Luz, trabalhador, pai de família, acusado de roubar frutas numa feira, que foi preso e torturado no 44º Distrito Policial de Guaianases, vindo a falecer em consequência dos ferimentos decorrentes da tortura.

Segundo Pereira (2013), nesta data estavam presentes representantes de atletas e artistas negros, entidades do movimento negro, como o Centro de Cultura e Arte Negra (CECAN), Grupo Afro-Latino América (integrantes do Jornal Versus e do NNS), Associação Cultural Brasil Jovem, Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas, e Câmara de Comércio Afro-Brasileiro, além de várias negras e negros, que naquele momento sentiram necessidade de expressar sua indignação, represada durante os anos de ditadura militar, e desta reunião resultou na criação do Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial (MNCDR).

O lançamento público do Movimento ocorreu em uma manifestação no dia 7 de julho de 1978, nas escadarias do Teatro Municipal da Cidade de São Paulo, que ainda segundo Pereira (2013) chegou a reunir cerca de duas mil pessoas, segundo jornais da época, em plena Ditadura Militar, fato este que chamou a atenção de jornais de várias partes do mundo. Estavam presentes também entidades do estado do Rio de Janeiro, como o Instituto de Pesquisa das Culturas Negras, Centro de Estudos Brasil África, Escola de Samba Quilombos,

Renascença Clube, Núcleo Negro Socialista, Olorum Baba Min, Sociedade de Intercâmbio Brasil África; entidades da Bahia enviaram moções de apoio à manifestação; prisioneiros da Casa de Detenção do Carandiru, enviaram um documento se integrando ao Movimento, denunciando as condições desumanas em que viviam os presos e o racismo do sistema judiciário e do sistema prisional (Centro de Luta Netos de Zumbi), além de duas personalidades do debate sobre o racismo e a discriminação racial no Brasil, Lélia Gonzáles e o Abdias do Nascimento.

Neste lançamento público, foi lançada a seguinte carta aberta, que é retratada no livro de Lélia Gonzalez (1982 p. 48-50):

“Contra o racismo

Hoje estamos na rua numa campanha de denúncia!

Campanha contra a discriminação racial, contra a opressão racial, contra a opressão policial, contra o desemprego, o sub-emprego e a marginalização. Estamos nas ruas para denunciar as péssimas condições de vida da comunidade negra.

Hoje é um dia histórico, um novo dia começa a surgir para o negro!

Estamos saindo das salas de reuniões, das salas de conferências e estamos indo para as ruas. Um novo passo foi dado na luta contra o racismo.

Os racistas do Clube de Regatas Tietê que se cubram, pois exigiremos justiça. Os assassinos dos negros que se cuidem, pois deles também exigiremos justiça!

O MOVIMENTO UNIFICADO CONTRA A DISCRIMINAÇÃO RACIAL foi criado para ser um instrumento de luta da Comunidade Negra. Este movimento deve ter como princípio básico o trabalho de denúncia permanente de todo ato de discriminação racial, a constante organização da Comunidade para enfrentarmos todo e qualquer tipo de racismo.

(...) É necessário buscar formas de organização. É preciso garantir que este movimento seja um forte instrumento de luta permanente da comunidade, onde todos participem de verdade, definindo os caminhos do movimento. Por isso chamamos todos a engrossarem o MOVIMENTO UNIFICADO CONTRA A DISCRIMINAÇÃO RACIAL.

Portanto, propomos a criação de CENTROS DE LUTA DO MOVIMENTO UNIFICADO CONTRA A DISCRIMINAÇÃO RACIAL, nos bairros, nas vilas, nas prisões, nos terreiros de candomblé, nos terreiros de umbanda, nos locais de trabalho, nas escolas de samba, nas igrejas, em todo lugar onde o negro vive. CENTROS DE LUTA que promovam o debate, a informação, a conscientização, a organização da comunidade negra, tornando-nos um movimento forte, ativo e combatente, levando o negro a participar de todos os setores da comunidade brasileira.” Carta Aberta a População (7 de Julho de 1978)

Esta carta sintetiza os principais ideais que formaram o MUCDR, que em 23 de julho de 1978, por sugestão da Lélia González, incorporou a palavra “negro” ao seu nome e se tornou a Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNUCDR), passando em 1979 a chamar-se apenas Movimento Negro Unificado (MNU). O manifesto de lançamento do MNU demonstra uma preocupação latente de que os negros se organizem através da pauta de combate ao racismo, o que pode indicar que os negros não estavam desmobilizados até aquele momento, mas sim que não existia alguma entidade desde onde estas negras e negros pudessem de maneira unificada demonstrar sua força de mobilização e através dela exigir resposta aos seus anseios e às suas pautas. Além disso, na composição das entidades que compuseram o ato de lançamento ou assinaram o chamado para a formação do MNU possuem atuação em setores bastante diversos, desde organizações religiosas, de bairro, do próprio movimento negro, mas também da luta contra o sistema prisional, pautas estas que aparecem também no discurso inicial do MNU.

Uma característica importante destacada por Pereira (2013) era que as articulações para a realização deste ato foram lideradas por jovens militantes do movimento negro, e não por aqueles que tiveram contato com a trajetória militante da tradição do movimento negro, relação esta que apenas foi se estabelecendo conforme a atuação desta jovem camada de ativistas ia se intensificando. Podemos entender então que, a principal força interna do MNU se deu por conta da junção entre a insatisfação da juventude com a experiência e tradição dos polos históricos de resistência da luta dos negros. Enquanto isso,

nacionalmente o movimento contra a Ditadura Militar se intensificava e colocava um cenário explosivo para a atuação dos negros, que exigia uma resposta cada vez mais incisiva.

6.1 – O surgimento do MNU

Com o objetivo de enfrentar o racismo, a discriminação racial, a desigualdade e as condições a que o negro estava sujeito, este sentimento de insatisfação de negras e negros se transformou no Movimento Negro Unificado, que resgata a forma da população negra lutar, que saía agora da clandestinidade e do universo de atividades lúdicas e esportivas, para ações de confronto aos atos de racismo e discriminação racial, fortalecido pela confecção de panfletos e jornais próprios, realizando atos públicos e criando núcleos organizados em associações recreativas, de moradores, categorias de trabalhadores, nas universidades públicas e privadas.

Segundo Milton Barbosa (Apêndice 2 e 3) a princípio foi instituído uma aliança com setores de esquerda no País que lutavam contra a ditadura militar com uma perspectiva socialista e comunista, a partir do entendimento de que foi o capitalismo que colocou as massas negras na condição em que se encontram hoje no Brasil, que tem início no sequestro dos negros em África, sua venda para acumular mais valia, sua escravização para construir riqueza para os colonizadores, e após a escravidão, como trabalhadores menos qualificados e de menor remuneração. Esta articulação foi feita através de antigos militantes de partidos comunistas e socialistas, como Yedo Ferreira, ex-integrante do PCB, que era uma organização *stalinista* e Hamilton Cardoso, que foi militante da Convergência Socialista, grupo *trotskista* que era conhecido anteriormente como Liga Operária (Oliveira & Rios, 2014).

Para Milton Barbosa (Apêndice 2 e 3), negras e negros foram escolhidos para serem escravizados, principalmente devido aos seus conhecimentos de agricultura e metalurgia, que envolvia manipulação e extração de ferro, cobre, prata, ouro e diamantes. O pioneirismo dos negros também pode ser notado no campo acadêmico, quando no início da década de 1980, traz para o movimento feminista no Brasil a questão da mulher negra, introduzida no Brasil por Lélia Gonzáles, que dá destaque para as particularidades da situação das mulheres negras

frente a realidade vivida pelas mulheres feministas brancas, como por exemplo na luta pelo direito legítimo das mulheres brancas trabalharem, em um momento que as mulheres negras lutavam para deixar de ser explorados, uma vez que as mulheres negras sempre pertenceram ao setor de trabalhadores mais explorados no país, em especial no trabalho doméstico, na indústria e na manufatura.

Outro ponto importante é que, segundo Pereira (2013 p.220), neste momento ainda era proibido qualquer material que colocasse em destaque a questão da raça, que poderia “incitar o ódio ou a discriminação racial”, como apontado pelo decreto-lei 510, artigo 33º, que poderia render uma pena de 1 a 3 anos de detenção, o que fez com que diversos grupos, como o Grupo Palmares (1971), Centro de Cultura e Arte Negra (1972), bloco afro Ilê Ayê (1974), Sociedade de Intercâmbio Brasil-África (1974), Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (1975) entre outras ocultassem através do discurso cultural ou de entidades de pesquisa suas pautas diretamente políticas e antirracistas, tendo que esconder seus jornais e trabalhar para que sua linguagem não se enquadrasse no que a Ditadura Militar pudesse caracterizar como um crime.

O MNU surge neste momento como a entidade que iria se opor frontalmente contra esta lógica, de bandeiras abertas colocando-se como oposição à ditadura militar e ao seu sistema racista de segregação e criminalização dos negros. A união dos integrantes do MNU em uma frente de esquerda que fazia oposição à ditadura durante os anos 1970 e início dos anos 1980 (Gonzalez, 1982; Hanchard, 2001), possibilitou um contato com ideias que mesmo não sendo identificadas como diretamente antirracistas, foram de muita importância para a formação ideológica do MNU. Segundo Oliveira & Rios (2014, p. 3)

“Aos registros históricos somam-se evidências da constituição de uma identidade coletiva negra em contraste com o construto simbólico e político da esquerda no Brasil. No processo de reorganização das esquerdas no pós-luta armada, algumas organizações, a exemplo da Liga Operária (que se tornou conhecida por Convergência Socialista), foram relativamente

permeáveis à influência e à ação de militantes negros que passaram a colocar a temática racial na pauta das discussões e até em seu veículo de comunicação, no bojo da chamada imprensa alternativa.”

Este trecho mostra que parte dos avanços ideológicos realizados pela luta antirracista na década de 1970 e começo de 1980 está relacionado com a ampliação do entendimento da opressão racista, como algo não apenas cultural, como a oposição de uma cultura a outra, mas principalmente estrutural para a sociedade capitalista. Este entendimento auxiliou no fortalecimento da identidade negra no Brasil, sendo também as ideias da esquerda brasileira sido influenciadas por estas ideias. Pereira (2013) inclusive destaca que algumas entidades *trotskistas* possuíam um longo debate sobre a questão racial, que é demonstrada em debates sobre a situação do negro nos Estados Unidos e na África do Sul, entre Leon Trotsky (intelectual e revolucionário russo que dá nome à corrente de pensamento *trotskista*, conhecida também como Quarta Internacional, em oposição à Terceira Internacional, que havia se tornado a Internacional *Stalinista* após a morte de seu fundador, Lênin) com C.L.R. James, importante intelectual negro estadunidense, integrante do *Socialist Workers Party* (Partido Socialista dos Trabalhadores), que era parte da Quarta Internacional, debate este que atraiu diversos negros para a Convergência Socialista e para o Núcleo Negro Socialista, sua entidade dentro do movimento negro. Esta corrente acaba se tornando uma das principais influências ideológicas do MNU.

Fica marcado assim um novo momento do movimento negro, mais político, de denúncia e enfrentamento ao racismo, mas também de combate a Ditadura Militar, que podemos notar no depoimento de Sueli Carneiro para Pereira (2013, p.251):

“Em 1978 nasceu o MNU (...) que traz uma nova perspectiva para pensar a questão racial do ponto de vista do ativismo, articulando os temas de raça e classe. O MNU traz um nível de politização maior para o debate racial e situa o movimento negro em uma perspectiva mais de esquerda, que eu acho que foi a influência fundamental de toda a militância da minha geração”

Podemos entender assim que o grande diferencial do MNU em relação às outras entidades do movimento negro que haviam existido antes dela e até mesmo em relação aquelas que surgiram no mesmo momento é sua articulação entre os tema e classe, que também é apontado por Lélia Gonzáles (1982) como a principal contribuição do MNU. Esta colocação permite que o MNU expanda sua atuação para dentro de entidades sindicais e demais partidos políticos, que teriam a partir deste momento que pautar o debate racial em suas fileiras, porém, esta política não foi levada até o final, uma vez que por mais que a pauta de raça e classe aparecesse com certa força no discurso do MNU, as consequências de levar essa política até o final, que seria um real rompimento com a confiança na burguesia e em seus setores democráticos ou progressistas não se deu.

Apesar disso, o MNU estava na mira do DEOPS e de sua polícia política, como pode ser visto no relatório da comissão da verdade sobre as práticas de perseguição aos movimentos sociais:

“O ato público de criação do MUCDR, em 7 de julho de 1978, diante do Teatro Municipal de São Paulo, foi acompanhado pelo DOPS/SP. Como se referiu, protestou-se contra o assassinato de Robson Silveira da Luz e a discriminação sofrida por quatro jovens negros impedidos de praticar esporte no Clube de Regatas Tietê. Militantes foram identificados pelo DOPS/SP e forma fichados. Em 1980, Milton Barbosa, um dos diretores do MNU, teve de prestar explicações sobre o Movimento à polícia política.”

Essa perseguição aos movimentos sociais nos traz o cenário com o qual os negros teriam que se enfrentar para poder romper com o mito da democracia racial e escancarar o racismo da sociedade brasileira. Segundo o próprio Milton Barbosa (Apêndice 2 e 3), essa não foi a única vez em que foi chamado a dar explicações sobre as ações do MNU. Por isso foi vital, para que não houvesse um isolamento do MNU frente aos demais setores que também se colocavam contra a Ditadura Militar, que estes se ligassem em uma frente contra a ditadura.

A luta dos negros, então, ganha um novo sentido, pois é colocado no marco dos problemas sociais vividos também pelo restante da

população, e não apenas aqueles vividos por exclusividade pelas negras e negros. Ao se colocar em movimento contra o racismo e ver o racismo como pilar estruturante da sociedade em que vive, mas a luta dos negros não poderia ser outra senão uma luta contra o regime político. O MNU, neste marco, se torna o porta-voz dos negros na luta contra a Ditadura Militar no Brasil.

O ato público em repúdio à discriminação racial sofrida por quatro jovens no Clube de Regatas Tietê e em protesto à morte de Robson Silveira da Luz, trabalhador e pai de família negro, torturado até a morte no 44º Distrito de Guaianases e também o assassinato do operário Nilton Lourenço, que foi morto por um policial no bairro da Lapa, fato este muito pouco noticiado pela mídia na época. O ato público foi realizado no dia 7 de julho de 1978, nas escadarias do Teatro Municipal em São Paulo, reunindo cerca de 2 mil pessoas. Segundo Domingues (2007b), foi distribuída uma Carta Aberta à população, que chamava negras e negros a se organizarem em seus bairros, trabalho, prisões e terreiros de candomblé contra a opressão racial, a violência policial, o desemprego, o subemprego e a marginalização da população negra. Esta convocação levou a uma primeira Assembleia Nacional para debater a organização do MNU, no dia 23 de julho, data na qual foi adicionada a palavra Negro ao nome do movimento (que segundo alguns dos entrevistados foi influência direta do núcleo que debatia a questão racial no Rio de Janeiro, através da figura da Lélia Gonzalez), passando, assim, a ser chamado Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNUCDR), sendo que neste mesmo ano o Estatuto da Entidade, sua Carta de Princípios e seu Programa de Ação também foram aprovados.

Mas, o que fez com que estes casos ganhassem tanta repercussão? O que fez com que casos que poderiam ser corriqueiros e tornassem tão emblemáticos e causassem a mobilização de centenas de negros em São Paulo? A resposta pode ser encontrada ao virarmos nossos olhos para a situação política nacional. O governo de Ernesto Geisel, que era general do exército, estava enfraquecido devido os

casos de manipulação dos índices de inflação e passou a enfrentar uma forte contestação, expressa nos atos dos movimentos sociais, de juventude e greves de trabalhadores (Fausto, 1995), o que gerou uma instabilidade no regime da ditadura militar. Este cenário fez com que Geisel, como uma das formas de abrandar as pressões sociais tomasse algumas medidas frente os protestos que enfrentava, dentre os quais podemos destacar dois relacionados diretamente com as pautas dos negros, que foi o reconhecimento da independência de Angola (que se tornaria um importante ponto de apoio ideológico para os negros brasileiros) e a extinção do AI -5, que entre outras coisas versava sobre a ilegalidade das reuniões políticas não autorizadas pela polícia, suspensão do habeas corpus por crimes de motivação política, poder do presidente de decretar a suspensão dos direitos políticos dos cidadãos considerados subversivos, privando-os por até dez anos da capacidade de votação ou de eleição, além de dar poder ao presidente da república de destituir do cargo qualquer funcionário público, incluindo políticos oficialmente eleitos e juízes, caso estes fossem considerados subversivos ou não-cooperativos com o regime. Este poder era amplamente utilizado para desocupar os assentos dos membros da oposição no poder legislativo.

Todo este cenário, de enfraquecimento do regime e de mobilizações sociais, foi o que fez possível que a mortes de Robson Silveira e Nilton Lourenço, além da expulsão dos jovens atletas da piscina do Clube de Regatas Tietê não fossem mais um caso de tabloide, mas sim que condensassem toda a insatisfação represada em anos de regime militar, sendo assim não foi nada, senão as fortes mobilizações sociais, que abriram espaço para que não apenas as mortes de Robson e Nilton não passassem impunes, mas permitiram que o próprio MNU surgisse, como a ala negra deste processo de mobilizações sociais contra o regime. Está aqui a grande força do MNU.

Uma das principais questões que transformaram o nascimento do MNU em um marco histórico foi a proposta de unificar a luta de todos os grupos e organizações antirracistas em escala nacional, em uma única

frente de luta, projeto este que não existia desde a Frente Negra Brasileira. Para Domingues (2007b), o objetivo desta unificação era fortalecer o poder político do movimento negro, podendo assim, levar o negro ao poder, através da luta antirracista, o que pode ser confirmado em alguma das palavras de ordem proferidas na época, como a consigna: "negro no poder!", sendo que, para o autor "Nesta nova fase, a estratégia que prevaleceu no movimento foi a de combinar a luta do negro com a de todos os oprimidos da sociedade". Porém, mesmo o autor colocando que a reorganização política que daria vida ao MNU surge no escopo das mobilizações dos trabalhadores, juventude e movimentos sociais contra a Ditadura Militar que ocorreram no final da década de 1970, não encontramos no texto de Domingues nada que ligue diretamente as pautas do MNU a um discurso mais radical contra o regime.

Vemos aqui quais são os fatos imediatos que levam ao surgimento do MNU, que é uma combinação entre as pautas específicas dos negros dentro de um contexto mais amplo de mobilizações e convulsões sociais. Mais quais eram as pautas dos negros neste período, que fizeram com que eles se integrassem a este movimento?

6.2 – Pautas da luta dos negros no Brasil: pelo que lutar?

As pautas da população negra, que foram trazidas a tona pela conjuntura política de instabilidade em que o Brasil se encontrava no final da década de 1970 e que ganham forma através do MNU, deram um norte sobre como o regime político era nocivo para negra e negros no Brasil. Entender a profundidade de cada uma dessas pautas, que serão abordadas neste capítulo, é uma importante tarefa para compreender o que levou milhares de negros as ruas e a se organizarem contra o racismo da sociedade brasileira.

Segundo Domingues (2007b), o Programa de Ação do MNU, publicado em 1982, defendia as seguintes reivindicações consideradas “mínimas” pelo autor: desmistificação da democracia racial brasileira; organização política da população negra; transformação do Movimento Negro em movimento de massas; formação de um amplo leque de alianças na luta contra o racismo e a exploração do trabalhador; organização para enfrentar a violência policial; organização nos sindicatos e partidos políticos; luta pela introdução a História da África e do Negro no Brasil nos currículos escolares, bem como a busca pelo apoio internacional contra o racismo no país. Além disso, uma parte importante da luta do MNU envolver a defesa de questões culturais importantes para o negro ou negação de expressões culturais pejorativas, como o culto da Mãe Preta, que era visto como símbolo da passividade do negro e a comemoração do dia 13 de Maio, dia de comemoração festiva da pretensa abolição da escravatura, que transformou-se em Dia Nacional de Denúncia Contra o Racismo. A data escolhida para a afirmação da luta dos negros foi o dia 20 de Novembro (presumível dia da morte de Zumbi dos Palmares), eleito como Dia Nacional de Consciência Negra, sendo Zumbi escolhido como símbolo da resistência à opressão racial.

Outro aspecto importante defendido pelo MNU era incentivar o negro a assumir sua condição racial, assumindo assim não apenas o aspecto natural de seu cabelo e reivindicando as origens africanas, mas também reivindicando o termo "negro", que era envolto de uma conotação negativa e agora era usado dentro de um contexto de afirmação desta identidade, extinguindo assim o termo "homem de cor". Essa reivindicação levou o movimento negro a intervir também na educação, que segundo Domingues (2007b, p115-116), se deu através da

“revisão dos conteúdos preconceituosos dos livros didáticos; na capacitação de professores para desenvolver uma pedagogia interétnica; na reavaliação do papel do negro na história do Brasil e, por fim, erigiu-se a bandeira da inclusão do ensino da história da África nos currículos escolares. Reivindicava-se, igualmente, a emergência de uma literatura "negra" em detrimento à literatura de base eurocêntrica.”

Esta reivindicações ao redor da educação foram base para o projeto de Lei 10.639/03, que versa sobre o ensino de história africano e afro-brasileira nas escolas e universidade. Apesar da existência desta lei, que completou este ano 14 anos de sua promulgação, a mesma segue sem ser aplicada, como destacou Regina Santos (Apêndice 2 e 3), ainda que ressalte que no projeto de lei este todo um caminho para a aplicação da lei em projetos de curto, médio e longo prazos.

Tudo isso permitiu à população negra alterar em parte a sua autoimagem, passando a valorização e adoção de elementos da cultura africana e afro-brasileira, que para Domingues (2007b) envolvem a música, dança, jogos e até hábitos alimentares, além da adoção, para as crianças, de nomes africanos e de uma campanha política contra a mestiçagem, apresentando-a como uma armadilha ideológica alienadora. A avaliação era de que a mestiçagem sempre teria cumprido um papel negativo de diluição da identidade do negro no Brasil. O mestiço seria um entrave para a mobilização política daquele segmento da população. Para Domingues (2007b) e Munanga (2004) a mestiçagem pode ser entendida como uma estratégia que sempre esteve a serviço do branqueamento, sendo o mestiço ou mulato o

resultado desse processo. Os ativistas negros do MNU passaram então a condenar o discurso oficial pró-mestiçagem, que dialogava apenas como mito da democracia racial, defendendo em oposição os casamentos entre negros como forma de valorizar a constituição de uma família negra e assim lutar contra uma tentativa de genocídio ou etnocídio, produzido pelos casamentos inter-raciais.

Em panfleto lançado pelo MNU em comemoração aos seus 30 anos, foram destacados dentre as suas principais conquistas: Articulou os conceitos de raça e classe, identificando a raça como um determinante da classe social no Brasil; Desmontou, em grande parte, o mito da democracia racial brasileira e a ideologia do branqueamento; instituiu a discussão sobre racismo e discriminação racial nas instituições, como a igreja, os partidos políticos, os sindicatos, as escolas; Novo significado ao conceito biológico de raça para um conceito político-social de afirmação política; Evidenciou, para todo o Brasil, a data de 20 de novembro, data da destruição do Quilombo dos Palmares, como dia nacional da consciência negra, criado pelo grupo “Palmares” do Rio Grande do Sul; Desenvolveu uma ação educativa junto às escolas e universidades, com uma pedagogia paralela à oficial, repondo os conteúdos históricos/culturais do povo negro, invisibilizados ou minimizados nos currículos escolares; Posicionou-se sobre a anistia em 1978 e 1979, declarando, em relação às prisões, torturas e eliminações de presos comuns que eram negros em sua grande maioria; “(...) os milhares de “presos comuns”, negros, presos por serem negros, como resultado do racismo institucional do sistema policial, expresso na violência contra a comunidade negra, são, nessa perspectiva, presos políticos; Inspirou a criação de diversas entidades e grupos negros, em vários pontos do país. Porém, não vemos em momento algum existe qualquer destaque a luta contra a Ditadura Militar, que deveria se central para qualquer organização que se colocasse no campo de oposição ao regime e que quisesse realizar uma verdadeira mudança social.

Desta maneira, o MNU apoiou diversas ações de combate ao racismo, como denúncias do racismo na Educação, nos meios de

comunicação, pesquisas sobre a anemia falciforme (doença que assola especificamente os afrodescendentes, a introdução ao discussão, no Congresso da Anistia, de que os presos comuns também eram presos políticos, uma vez que são empurrados para o crime pelas circunstâncias sociais, políticas e econômicas e também denunciou a tortura nas prisões, que foi base para a criação de uma política de direitos humanos contra a tortura no Brasil. Segundo entrevista de Milton Barbosa (2010) ao *síte* da sessão do MNU em Pernambuco, no começo da década de 1980, o MNU a organização que realizou as maiores e mais importantes manifestações contra o Apartheid na África do Sul, embora não recebesse apoio político ou financeiro da Organização das Nações Unidas – ONU. Foram realizados também atos contra a Pena de Morte e Pela Libertação de Múmia Abu Jamal, antigo dirigente do Partido dos Panteras Negras, preso e condenado à morte injustamente nos Estados Unidos. Além disso, comitês foram criados nas principais estados do país e realizadas manifestações com milhares de pessoas, contribuindo significativamente para a luta dos nossos negros na África do Sul e do Zimbabwe.

Nesta mesma entrevista, Milton Barbosa destaca a presença do MNU nos espaços governamentais, como na Conferência Nacional do Negro em Brasília – DF, de onde saiu a proposta de criminalização do racismo e a resolução 68 das Disposições Transitórias Constitucionais, sobre a titulação das terras dos remanescentes de quilombos, que posteriormente estariam presentes na Constituição de 1988. Porém, a ausência de uma crítica mais veemente ao regime e a transição pactuada com os setores democráticos da burguesia, se mostrava cada vez mais. Apesar de atos massivos, como o de 30 mil em Brasília em 1988 pelo tricentenário da morte de Zumbi, a estratégia política do MNU foi se desenhando cada vez mais em uma linha de pressão ao regime e não de profunda transformação do mesmo.

Na principal oportunidade que teve de aprofundar o debate sobre a propriedade privada, que foi na intervenção junto aos remanescentes de quilombos, no início em 1980 no Quilombo do Cafundó, região de

Sorocaba, e também no Quilombo dos Calungas, em Goiás, além de atuações em quilombos espalhados em Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraná e Maranhão, o MNU não conseguiu ligar a luta pela defesa das terras quilombolas com o combate a propriedade privada, um dos alicerces da luta anticapitalista e socialista. Aqui encontramos parda da explicação da aceitação dos setores democrático da burguesia do MNU enquanto organização: apesar do discurso radicalizado, a prática política iria permitir que a burguesia permanecesse no poder.

Podemos concluir aqui que, apesar de colocar diversas pautas corretas frente a luta antirracista, que se encerravam na busca por elementos mais democráticos no regime político brasileiro, o MNU não conseguiu avançar para pautas que fossem diretamente contra o regime e que impusessem, pela força e não apenas pela estratégia de pressão, uma nova condição social para os negros. No próximo capítulo, iremos abordar, a opinião dos militantes entrevistados sobre a importância do MNU e os desafios para o movimento negro nos dias atuais.

7 – Com a palavra, o MNU: Entrevistas

	Entrevistados na Pesquisa			
	Reginaldo Bispo	Milton Barbosa	Eduardo Rosa	José Aarão
	1980-2014	1978-atual	1989-1998	1978-atual
1) Tempo de Permanência no MNU?	SIM - OLPN	SIM - MNU	Sindicato Correios	SIM - MNU
2) Ainda participa de algum movimento e qual?		Libertação da População Negra	Luta contra os abusos da polícia	Combate a violência policial Contra a desigualdade racial
3) Qual era o principal objetivo do MNU na sua opinião?	Lutar contra o racismo			
4) Quais eram as principais influências intelectuais nacionais ou internacionais do MNU?	Malcolm X/ Martin Luther King/	Karl Marx	Leon Trotsky	Amílcar Cabral Agostinho Neto
5) Qual a importância do MNU na sua vida e no processo de construção da sua identidade enquanto negro?	Muito Importante	Pouco Importante	Pouco Importante	Importante
6) Qual era a relação do MNU com o movimento de trabalhadores da década de 1970/1980?	Forte	Forte	Forte	Médio
7) O que falta para o movimento negro hoje?	Direção	Meios de Comunicação	Independência	Dar prosseguimentos as pautas

Roteiro de Perguntas das Entrevistas

Entrevistados na Pesquisa			
	João Elias	Liberto Trindade	Hugo Zambukaki
Roteiro de Perguntas das Entrevistas	1) Tempo de Permanência no MNU?	2008-atual	1978-1990
	2) Ainda participa de algum movimento e qual?	SIM - MNU	SIM - Caslleoca
	3) Qual era o principal objetivo do MNU na sua opinião?	Denunciar o racismo e seus prejuízos	Genocídio negro
	4) Quais eram as principais influências intelectuais nacionais ou internacionais do MNU?	Pan-Africanistas Países da Diáspora Negra Luta Direitos Civis EUA	Florestan Fernandes Abdias do Nascimento
	5) Qual a importância do MNU na sua vida e no processo de construção da sua identidade enquanto negro?	Pouco Importante	Pouco Importante
	6) Qual era a relação do MNU com o movimento de trabalhadores da década de 1970/1980?	Médio	Forte
	7) O que falta para o movimento negro hoje?	Formar uma organização política	Politização da Juventude
			Não respondeu

Entrevistados na Pesquisa				
		Rosa Anacleto	Regina Barbosa	Flávio Conrado
Roteiro de Perguntas das Entrevistas	1) Tempo de Permanência no MNU?	1988-atual	1985-atual	1990-atual
	2) Ainda participa de algum movimento e qual?	SIM - UNEGRO	SIM - MNU	Sim - SINTRAJUD
	3) Qual era o principal objetivo do MNU na sua opinião?	Ser contra a negação do racismo Dar visibilidade aos negros Identidade Negra	Luta contra o Racismo e todas as outras opressões	Não respondeu
	4) Quais eram as principais influências intelectuais nacionais ou internacionais do MNU?	Lélia Gonzalez	Karl Marx Leon Trotsky Aime Cesaire Frantz Fanon	Malcolm X Alex Haley
	5) Qual a importância do MNU na sua vida e no processo de construção da sua identidade enquanto negro?	Pouco importante	Muito Importante	Pouco Importante
	6) Qual era a relação do MNU com o movimento de trabalhadores da década de 1970/1980?	Forte	Forte	Fraco
	7) O que falta para o movimento negro hoje?	Atingir a periferia	Infraestrutura	Informação

Tabela 1 – Resumo das Entrevistas

Foram entrevistadas 10 pessoas, sendo apenas duas mulheres. Apesar da tensão inicial do trabalho em entrevistar a mesma quantidade de homens e mulheres, dando assim espaço ao protagonismo feminino nas fileiras do movimento negro brasileiro no período da Ditadura Militar, porém, foi encontrada grande dificuldade em encontrar mulheres que estivessem ativas no período estudado e quando estas foram encontradas, dificuldade que as mesmas concedessem entrevistas, motivados por vários fatores que poderiam resultar em um trabalho completo sobre isso, e que não iremos dar conta de esmiuçar nesta dissertação.

Iremos aqui analisar, não individualmente as respostas dadas pelos entrevistados, mas sim o que o bloco de cada uma das respostas representa para os objetivos da pesquisa. Vale destacar que mesmo não sendo esta uma das perguntas centrais da pesquisa, notamos que a média de idade dos entrevistados é de 62 anos, o que localiza a maioria dos entrevistados com média de idade de 20 anos durante a formação do Movimento Negro Unificado, sendo então a sua formação influenciada muito por um setor de juventude que despertava para a vida política. Além disso, notamos que a maioria dos entrevistados nasceu na cidade de São Paulo, o que coloca também a capital do Estado como principal polo da política do MNU, apesar participação em 19 Estados do País, segundo Regina Santos, uma das entrevistadas. Isso mostra a inserção do MNU no território nacional, apesar de nenhum dos entrevistados dar uma quantidade de integrantes que o MNU chegou a agrupar, mas estimamos que o número pode ter chegado a 2000 mil pessoas no auge do movimento, no começo da década de 1980, apesar deste número ter caído drasticamente nos anos 1990. A isso podemos atribuir duas coisas: primeiro a expressão internacional que vem acompanhada da queda do muro de Berlin e consequente enfraquecimento das ideias de revolução ou de mudanças sociais em oposição ao sistema capitalista. A segunda coisa é que a desmobilização em torno dos movimentos democráticos após a Constituição de 1988, que sela o pacto social ao redor da restauração

da burguesia ao poder, agora sem a intervenção direta das forças armadas. Apesar de ser conhecida como a Constituição Cidadã, por não apenas colocar os direitos aos quais os cidadãos possuem direito, mas também as responsabilidades do Estado perante esses direitos e, além disso, o caminho que deve ser seguido para garantir cada um desses direitos, como coloca Oscar Vilhena Vieira (2008), em entrevista a Ordem dos Advogados do Brasil do Maranhão (OAB-MA), em que destaca que “ela [a Constituição] criou mecanismos de alocação de recursos, ao estabelecer que 25% da arrecadação de Estados e municípios devem ser investidos em educação.”. Apesar disso, a Constituição, que havia sido a maior conquista do período pós Ditadura Militar, se mostrou apenas uma forma de afogar as revoltas sociais e seguir garantindo a dominação da ideologia burguesa capitalista na sociedade brasileira. Por que seguir lutando quando um plano foi traçado para se acabar com todas as desigualdades perpetuadas pelo regime militar?

Desta maneira, a maioria dos entrevistados não permanece hoje mais participando do MNU, sendo que a maioria hoje integra outras organizações do movimento negro, mas todos permanecem participando da luta antirracista. Mesmo assim, todos eles ainda se sentem muito ligados ao MNU, sempre retratando este momento com muita saudade e destacando a importância do mesmo para a existência das demais organizações do movimento negro brasileiro. Isso se mostrou verdadeiro não apenas nas entrevistas, nas quais alguns entrevistados se emocionaram ao lembrar a perseguição e repressão sofridas na Ditadura, das reuniões e dos amigos que morreram nesta trajetória, mas também no evento de comemoração dos 39 anos da fundação do MNU, realizado no dia 07 de Julho de 2017, no qual podemos contar com a presença de cerca de 400 pessoas de volta as escadarias do Teatro Municipal, dentre elas todos os entrevistados. Isso nos demonstra a ligação afetiva que os mesmos têm com o MNU e como a trajetória militante de cada um deles está bastante relacionada com a história do próprio Movimento Negro Unificado. Apesar de a maioria dos

entrevistados colocarem que sua identidade não foi profundamente impactada pelo MNU, a trajetória de cada um como contribuição no movimento negro gerou uma identificação muito densa com a entidade, o que liga a identidade dos entrevistados a experiência comum que viveram dentro do MNU. Na definição de sujeito sociológico, Stuart Hall (2006 p.11) define que “a consciência do núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era ‘formado por outras pessoas importantes para ele’”, desta maneira, não é uma surpresa que eles tenham se influenciado mutuamente e gerado uma forte ligação entre eles a partir das experiências vividas dentro do MNU, porém no que significava se entenderem enquanto negras e negros, as influências foram em sua maioria prévia a formação do MNU. Quais teriam sido então essas influências?

Seguindo na análise do resultado das entrevistas, notamos que ideologicamente, tanto nacionalmente quanto no cenário internacional, as principais influências citadas são: o movimento pelos direitos civis nos EUA, Malcolm X, Martin Luther King jr, o Partido dos Panteras Negras e os processos de libertação no Continente africano (internacionais), sendo que alguns poucos colocam também o pensamento marxista de Karl Marx ou Leon Trotsky; sendo Abdias do Nascimento, Lélia González, Florestan Fernandes, Hamilton Cardoso e Solano Trindade (nacionais). Essas influências foram muito importantes para apontar um norte de atuação para o MNU, como apontado pelos entrevistados Reginaldo Bispo (Apêndice 1) e Regina Santos (Apêndice 2 e 3). Apesar de ser destacado por alguns entrevistados que diferentemente dos dias atuais, as informações não chegavam com tanta velocidade e tão pouco estavam disponíveis a todos, os processos internacionais possuíam grande relevância para essa formação, uma vez que eram lutas que dialogavam com um sentimento interno de insatisfação com o regime político da época. Reginaldo Bispo (Apêndice 1) ainda destaca que existia internamente no MNU uma disputa entre setores influenciados em maior medida pelo Martins Luther King, sendo desta maneira mais avessos a movimentos radicalizados e que

pregavam ações pacíficas, e um setor mais ligado ao pensamento de Malcolm X e posteriormente aos Panteras Negras, que defendiam ações radicalizadas de enfrentamento ao racismo. Apesar desta disputa interna, pouco da visão mais radicalizada foi vista nas ações do MNU, que podem ser notadas quando Milton Barbosa (Apêndice 2 e 3) coloca que para organizar o emblemático ato nas escadarias do Teatro Municipal, teve que negociar com o secretário de segurança pública do estado, Erasmo Dias, ao invés de apenas ocupar um espaço público. Esta ausência real de radicalização pode ser notada em quase todas as entrevistas, quando pouco é citado os principais atos políticos que existiam no país naquele momento, que eram as greves que se espalhavam do ABC paulista para quase todo o País. Segundo Fausto (1995), em 1978, pouco tempo após o governo militar assumir que manipulou os índices oficiais de inflação, mostrando que o “milagre econômico” era uma farsa, os trabalhadores do ABC saíram às ruas em uma campanha pela correção dos salários, que haviam sido corroídos pela inflação. Esta demonstração de força da classe trabalhadora contra a Ditadura Militar, que mobilizou cerca de 3,2 milhões de trabalhadores (Fausto, 1995 p.499) não é retratada durante nenhuma entrevista, mesmo que muitos dos entrevistados estavam organizados previamente a fundação do MNU para lutar diretamente contra a Ditadura Militar, principalmente em organizações de esquerda dentro de categorias de trabalhadores e de juventude.

Quando foi perguntado aos entrevistados sobre a relação entre as organizações do movimento negro, em especial o MNU e as organizações sindicais, todos destacam que houve uma forte participação do debate racial nas organizações sindicais, levado principalmente pelo próprio MNU para dentro destas organizações, mas sempre pensando esta relação por fora das mobilizações sindicais que rompiam com o sindicalismo cotidiano, pautado pelas melhorias salariais imediatas e se apresentavam como contestadoras do regime, que se organizavam, segundo Fausto (1995) por fora da influência do PCB, que era visto como a esquerda tradicional. Esta pressão exercida pelas

greves possibilitou que em 1979 fosse aprovada a Lei da Anistia, que iria permitir que todos os exilados políticos voltassem ao Brasil. Os entrevistados, ao olharem para este período, não olhavam para fora das pautas imediatas a que a sua luta estava submetida, o que fez com que perdessem a proporção do que poderia significar uma organização negra no principal país negro fora do continente africano. Se existia um lugar no qual os negros poderiam reprisar o que foi a revolução haitiana, em grau de importância para a subjetividade para os negros no mundo e objetivamente como uma importante derrota para o imperialismo mundial, seria no Brasil, através de uma profunda aliança dos setores oprimidos como os negros, os indígenas e as mulheres, com os setores explorados.

Voltando a pensar o debate sobre identidade, a maioria dos entrevistados destacou que o MNU não foi determinante para seus processos de identidade, mesmo o MNU ter sido de imensa importância para o debate de identidade na vanguarda da sociedade brasileira, em especial a paulistana. A identidade nada mais é, então, o resultado de um processo. Um processo que é movido por forças internas, dos indivíduos, e externas, que estão ligadas a crise hegemônica do regime político, que era pressionado pelas greves e mobilizações sociais. O Estado, para manter-se no poder, precisa manter a sua hegemonia ideológica, como é colocado por Althusser (1987) e isso se dá através dos aparelhos repressivos do estado, que cria ideologia que permite a exploração através das opressões. Este tipo de ideologia que permitiu ao sistema patriarcal machista e também no Brasil a democracia racial que visava diretamente atenuar as tensões criadas pela divisão de negros e brancos na sociedade, utilizar as opressões para gerar maior lucro para os capitalistas.

A partir do momento em que as instituições burguesas se enfraquecem, surgem fissuras nesta ideologia, desde onde os oprimidos, negros como as mulheres, começam primeiro a entender com maior magnitude seu papel no jogo das explorações e acima de tudo criar mecanismo que ressaltem este caráter da identidade, e isso faz

com que essas ideologias criam espaços tanto para a população negra quanto as mulheres, ao assumir um papel de protagonista prante as opressões, que é diretamente o papel de combate a essas opressões, enfraqueçam ainda mais e expressem ainda mais a crise no regime de hegemonia do sistema capitalista, desta maneira as identidades apenas surgem como parte de um processo de enfraquecimento da ideologia dominante.

Tanto isso se faz verdade que nos principais momentos de ascenso do movimento operário ou de manifestações massivas contra o sistema, os elementos de identidade se fortalecem e se expressam com muito mais intensidade dentro destes movimentos. Como podemos notar tanto no movimento contra a ditadura, que através do ascenso de greves em 1978 começa a pautar na sociedade a questão da identidade negra, tanto quanto em junho de 2013, quando através das manifestações que se iniciaram contra o aumento da tarifa, que depois se tornaram pautas contra a corrupção e por mais educação, saúde e moradia, várias questões democráticas se expressaram, sendo a questão negra e a discussão de mulheres as principais delas.

Não por coincidência, dentro destes dois períodos, pessoas que foram assassinadas ou injustamente presas pela polícia, que é um dos principais órgãos de repressão do regime e mantenedores da propriedade privada, aparecessem com muito mais força dentro desse período. Isso faz com que as mortes de Nilton e Robson em 1978 pela polícia, e o desaparecimento de Amarildo e seu posterior assassinato e a prisão de Rafael Braga, em 2013, seguidos pela morte de Cláudia Ferreira, em 2014, se tornassem pautas nacionais, que colocam para as lideranças do regime que nenhum tipo de violência contra os oprimidos será tolerada ou permitido. É aí, alimentado pelo sentimento gerado pelas mobilizações nacionais que ocorriam nestes períodos, que a identidade ganha um papel fundamental, pois ela é a caixa de ressonância das fissuras criadas no regime, criadas na hegemonia, que vão retroalimentar os movimentos contra a mesma.

Por isso a identidade não paira no abstrato, mas está diretamente e umbilicalmente ligada com a disputa de hegemonia, que no momento em que os trabalhadores tomam para suas mãos esta pauta elas se tornam poder de fogo contra a hegemonia e contra o regime, se tornando fundamental para a vitória dos mesmo, as questões de identidade, desta maneira, apenas poderão ser efetivamente resolvidas quando ligadas a luta contra o sistema hegemônico através dos métodos da classe trabalhadora, como greves, piquetes, ocupações, que visem a tomada do poder pelos oprimidos e explorados.

Ao analisar as entrevistas neste capítulo, conseguimos entender como a dinâmica entre a organização MNU e seus integrantes e simpatizantes se desenvolve. Notamos tanto a influência do MNU como parte de formador da identidade dos entrevistados, que se desenvolve dentro da organização, tanto quanto os elementos posteriores que indicam o caminho que seria traçado pelo movimento. Enriquecer a análise deste período através das entrevistas da uma perspectiva muito mais profunda para esta análise, que não poderia ser feita olhando apenas para o que está presente nos livros sobre a história do período, que muito pouco incluem a participação dos negros, como livros sobre o movimento negro neste período, que excluem quase que completamente a participação dos trabalhadores e da juventude neste processo. A dinâmica entre como as negras e negros brasileiros viam as mobilizações nos EUA e no continente africano, somado com a mobilização dos trabalhadores e da juventude no Brasil, foram determinantes para o surgimento da identidade negra que daria forma ao MNU e que se desenvolveria a partir dele. Porém, agora, devemos voltar nossos olhos para como esta identidade se fortalece e permite que as pautas dos negros cresçam, mesmo que sob a vigilância da Ditadura Militar.

8 – Conclusão

Buscando entender quais foram as principais características do movimento negro brasileiro, neste trabalho buscamos destacar as passagens do movimento negro pós-abolição, trazendo aos olhos do leitor, além do Movimento Negro Unificado, que é o foco principal deste trabalho, entidades como a Frente Negra Brasileira, o Teatro Experimental do Negro e o Teatro Popular do Negro, entre outras entidades que foram citadas no decorrer do trabalho. Através deste levantamento, a primeira conclusão que podemos tirar é que o movimento negro é composto por entidades de caráter policlassista, ou seja, seus integrantes não necessariamente fazem parte do corpo de explorados da sociedade brasileira. Mesmo existindo uma quantidade bastante reduzida de entidades do movimento negro que seja abertamente do espectro político que podemos considerar de direita (ou seja, integrantes da burguesia nacional ou dos grandes capitalistas internacionais), encontramos no movimento negro brasileiro muitas entidades que são fortemente influenciadas pelo reformismo (que é a busca por pequenas posições de destaque por dentro do regime capitalista) e uma grande ausência de entidades de massas que sejam abertamente de esquerda no Brasil (ou seja, entidade que buscam um rompimento com o sistema capitalista).

Este movimento negro, que nasce com a industrialização e no período pós abolição, possui condições muito mais concretas de incidir na política nacional e disputar junto com as organizações social composta por ativistas sindicais e pelo movimento de juventude, do que no período anterior, em que o ativismo negro era marcado pela resistência e pelas rebeliões negras por liberdade. A presença dos negros em setores estratégicos da economia foi evitada vigorosamente pela elite nacional, devido o grau de explosividade que a questão racial possui no Brasil, que teve suas riquezas produzidas pela mão de obra escrava negra e indígena, e que seguia alimentando a mesma lógica de exploração destes setores para lucrar cada vez mais. Isso fazia com que negras e negros estivessem sempre nos locais pior remunerados e de maior vulnerabilidade e que fossem impostos freios para a sua mobilidade urbana.

Desta maneira, o debate de raça e classe sempre esteve presente na dinâmica da exploração de trabalho no Brasil como elemento catalizador desta exploração, porém a consciência desta relação foi tratada de maneira aberta apenas após o surgimento do MNU, apesar do mesmo não ir até o final nesta concepção, o que permitiu que a saída dada para os negros fosse cair no sindicalismo ou no culturalismo, o que levou que os conceitos de raça ou classe fossem tratados separadamente como pautas prioritárias em cada um de seus segmentos de atuação e não como políticas indissociáveis.

A luta dos negros se desenvolve nos momentos de ascenso da classe operária e de instabilidade no regime político, que deixa de oferecer uma saída para as demandas da população negra. Com a ausência de um projeto que ofereça uma saída pela esquerda, através da independência de classe frente aos setores da burguesia, negros e negras ficaram a mercê de políticas de direita, como ocorreu com a Frente Negra Brasileira e sua aproximação com o integralismo ou de políticas reformistas, como ocorreu com o Teatro Experimental do Negro e com o Teatro Popular Brasileiro.

O Movimento Negro Unificado surge, então, como expressão direta do movimento contra a ditadura militar, materializado nos ascensos operários que se iniciaram em 1978 e que abriram uma crise no regime que poderia ter se desenvolvido como uma situação revolucionária, que poderia ter colocado a classe trabalhadora e em especial os negros no poder. Este processo, porém, foi desviado pela traição dos sindicalistas autênticos, liderados por Lula, que em aliança com os setores considerados progressistas compactuou para uma transição do regime da Ditadura Militar para uma democracia que seguia excluindo a população negra e que manteria a exploração sobre a mesma, mantendo as condições de subalternidade dos negros, que seguiriam nos piores postos de trabalho e com as piores condições de vida. Deixando a população negra refém de uma política populista, que não encarava as contradições de classe, e desta maneira as de raça até o final.

O MNU surge então como caixa de ressonância de um setor do movimento negro brasileiro, que aprofundava suas críticas frente o mito da democracia racial. Devido o ascenso de greves, mobilizações e da forte pressão frente a Ditadura Militar, a identidade negra então aflora, saindo desde

o seio da classe operária e ganhando as ruas, através de um movimento que resgatava elementos afro-brasileiros como forma de contestação da dominação ideológica imposta pela burguesia brasileira. Era ali que se fortalecia a identidade negra, em cada greve, em cada piquete, em cada ato de rua, nos quais os corpos negros, cansados de tombar nas periferias e no campo percebiam, em meio à luta, que se ver enquanto negros os fortalecia e que esta força tornava o movimento mais potente. Por isso as negras e negros brasileiros olhavam ávidos para o que os negros faziam nos EUA, através de movimentos como o Partido dos Panteras Negras e com a luta contra o apartheid na África do Sul, em que surgiram setores que buscavam não se integrar na sociedade racista contra a qual lutavam, mas sim revirar esta sociedade de cabeça para baixo, querendo colocar os oprimidos no poder, processo este que passa por reivindicar, mais do que nunca, a sua identidade enquanto negros.

O fortalecimento dos aspectos da identidade negra, então, não está descolados de um processo de instabilidade na hegemonia política que oprime os negros e ao conjunto dos trabalhadores, mas sim está intimamente ligado ao enfraquecimento do domínio ideológico da burguesia sobre os setores oprimidos, em especial os setores negros. Este enfraquecimento no domínio burguês se dá por causa das crises políticas e econômicas, que faz com que as estratégias criadas para abrandar as tensões raciais comecem a entrar em colapso, uma vez que as condições materiais para mantê-las começam a se desfazer. No caso brasileiro, as condições materiais que sustentavam o mito da democracia racial mostram-se ineficazes, na medida em que a população negra passa de receber as pequenas migalhas regadas nas promessas de melhoria das condições de vida dos negros, como empregabilidade, melhores condições de moradia e principalmente mobilidade urbana.

Apesar de termos o MNU como a expressão negra do processo de ascenso dos trabalhadores, o mesmo não se colocou profundamente contra o regime da Ditadura Militar, colaborando para a transição pactuada para um regime que seria considerado democrático, mas que de fundo mantinha a exploração sobre os setores oprimidos e os negros na marginalidade, em troca de pequenas representações por dentro do sistema, como alguns cargos em

instâncias públicas e também uma maior, porém insipiente presença dos negros em setores da burguesia paulista e na representatividade visual, nas mídias e em alguns setores do funcionalismo público. Infelizmente nenhuma dessas políticas trouxe melhorias estruturais para negras e negros no Brasil, uma vez que os mesmos seguiram como principais integrantes das camadas pior remuneradas e em situação de alta vulnerabilidade, como demonstra o mapa da violência, que destaca que negras e negros são três vezes mais assassinados pela polícia, e que nos últimos 10 anos, a mortalidade entre mulheres negras aumentou 54%, enquanto a de mulheres brancas reduziu 10%. Se as condições de vida pioraram para o brasileiro nas últimas décadas, para a população negra esta piora foi muito mais sentida.

Não podemos negar que o MNU, através de seus informativos, de suas intervenções e de suas pautas pode auxiliar, em debate com a vanguarda, negras e negros no Estado de São Paulo a possuírem um novo referencial para o padrão da identidade negra, que havia sido combatido em nome da identidade “brasileira” híbrida e amorfa, porém, o mesmo apenas pôde canalizar este movimento dos negros por conta da instabilidade causada pelas greves e mobilizações da juventude, que possibilitou que as mortes de Robson em Guaianazes (torturado pela polícia), Nilton na Lapa e a expulsão dos atletas do Clube de Regatas Tietê (fatos que deram origem ao MNU e que eram comuns no cotidiano na população negra brasileira), ganhassem contornos mais importantes, assim como ocorreu com o desaparecimento pela polícia do pedreiro Amarildo e a prisão do catador de recicláveis Rafael Braga durante as manifestações de Junho de 2013, que igual ao período aberto com as greves de 1978, demonstrava uma profunda crise política no regime brasileiro.

Os negros apenas poderiam superar a exploração e opressão que viviam quando conseguissem romper com a ideologia burguesa, representada no mito da democracia racial, e fechar-se para as ilusões que esta ideologia alimentava em diversos setores da população negra, como a possibilidade de ascender socialmente, de mudança através da representatividade (seja esta nos meios de comunicação, nos mercados consumidores ou na política) ou da ausência da necessidade de um processo de troca do sistema para melhoria efetiva para a situação dos negros no Brasil. Esta última seria a mais cara para

os setores negros, uma vez que sem uma mudança da estrutura da sociedade, que na sociedade capitalista alimenta e é alimentada pelo racismo (assim como pelo machismo e a LGBTfobia), o racismo jamais desapareceria, uma vez que o mesmo é extremamente necessário para a manutenção da exploração e dos lucros dos capitalistas.

Com a ausência de um programa que visasse a derrota do sistema capitalista, viu-se fechar a janela de oportunidade que se abriu nas greves de milhões entre 1978 e 1981, o que fez com que as direções tanto da esquerda quanto do movimento negro naquele momento acreditassem que a melhor saída seria por dentro do regime democrático burguês, e assim contribuíram para transição pactuada que tirou uma ala burguesa do poder, que e colocou outra. A esta pretensa democracia brasileira foi confiado o destino de milhões de negras, negros e de trabalhadores, sem entender que ela seria o grande problema da situação dos negros, principalmente por não oferecer uma posição independente da burguesia, o que levaria todos os setores que antes lutavam contra a ditadura, como o PT e o MNU a fazer alianças com renascentes desses setores em troca da representatividade e de espaços considerados democráticos.

Finalizamos então destacando que, apesar da indubitável importância do Movimento Negro Unificado, que teve seu modo de atuação e organização influenciado pelos movimentos estadunidenses e africanos, como ala da vanguarda negra na luta contra a ditadura militar, mesmo tendo carregado os anseios do que os negros naquele período queriam, temos que apontar a ausência de um programa que fizesse com que o discurso socialista presente nos materiais do movimento ganhasse carne e pudesse disputar a consciência não apenas da vanguarda que se colocava contra a ditadura, mas sim de todos os setores que pudessem ser mobilizados contra o regime e que levassem a cabo um plano de tomada do poder. Isso muito se deve a ausência de uma esquerda que se visse independente da burguesia e dos interesses reformistas dos setores que dirigiam as greves, em especial aos sindicalistas autênticos que posteriormente fundariam o PT. A identidade negra então nasce como fruto de uma afirmação contra a ditadura militar, que ganha forma com o surgimento do MNU, mesmo que sua atuação ficasse limitada apenas a vanguarda. Os

rumos do movimento negro brasileiro, e desta maneira do país poderiam ter sido outros se naquele momento a principal contribuição do MNU segundo diversos autores e os próprios entrevistados, que é a união entre as demandas de raça e classe, levasse a conclusão de que os negros são oprimidos pelo racismo, porém todos os trabalhadores são explorados pelo capitalismo. Esta relação faz com que, apesar de esmagadora maioria de negras e negros serem vítimas do racismo, um número muito maior, que inclui estes últimos, é explorado pelo capitalismo, que se utiliza disso para não apenas dividir as fileiras entre negros e brancos, sob a ilusão de criar privilégios hereditários para um grupo em detrimento ao outro, mas sim para rebaixar os direitos e salários de todo o conjunto dos trabalhadores, possibilitando que a burguesia, nacional e internacional, lucrasse cada vez mais. Desta maneira não existiria luta contra o racismo que não fosse essencialmente contra o capitalismo e não existiria luta contra o capitalismo que não fosse, por princípio, uma luta antirracista, uma vez que a situação de exploração e opressão a que os negros estavam submetidos apenas poderia ter fim em com a queda do sistema que os subjulga.

9 – Referência Bibliográfica

ALBERTI, Verena ; PEREIRA, Amílcar Araújo. Movimento negro e "democracia racial" no Brasil: entrevistas com lideranças do movimento negro. Rio de Janeiro : CPDOC, 2005.

ALFONSO, Daniel, Matos Daniel (orgs.) Questão Negra, Marxismo e Classe Operária no Brasil. São Paulo, Edições Iskra, 2013

ALFONSO, Daniel; SANTOS, Marcello "Pablito". A Revolução e o Negro. São Paulo, Edições Iskra: 2015

ALTHUSSER, Louis. Aparelhos Ideológicos de Estado. 3ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.

ANDRADE, Mário Pinto de. "Prefácio a 'Antologia Temática de Poesia Africana'". In SANCHES, Manuela R. (org). Malhas que os Impérios tecem: textos anti-coloniais, contextos pós-coloniais. Lisboa, Edições 70, 2011.

ANDRADE, Mário Pinto de. Origens do nacionalismo africano. Lisboa. Ed. D. Quixote, 1998.

BALANDIER, George. "A Noção de Situação Colonial". In: Cadernos de Campo, ano III, no 3. Antropologia-USP, São Paulo, 1993.

BALANDIER, Georges. Sentido e Poder. Luanda/ Mangualde, Ed. Mulemba Ed, Pedago, 2014.

BARBOSA, Márcio. Frente Negra Brasileira: depoimentos/ entrevistas/ textos: Márcio Barbosa; organizador: Quilomboje. São Paulo: Quilomboje, 1998.

BARBOSA, Milton. Movimento Negro Unificado: 27 anos de Luta. Disponível em:
<https://mnupenambuco.blogspot.com.br/2010/05/movimento-negro-unificado-miltao.html>

BENEVIDES, Sílvio César Oliveira. Na contramão do poder: juventude e movimento estudantil. São Paulo: Annablume, 2006.

BRASIL ESCOLA. <http://brasilecola.uol.com.br/historiab/vargas.htm>. Acessado em 11/10/2016, às 12h20.

BREITMAN, George. Quando surgiu o preconceito contra o negro, 1954. In Revolução e o Negro. São Paulo, Edições Iskra: 2015.

CABAÇO, José L. Comunicação Verbal: São Paulo, 2015.

CABAÇO, José L. Moçambique: Identidade, Colonialismo e Libertação. São Paulo, Ed. Unesp, 2009.

CABRAL, Amílcar. “A Cultura Nacional”. in COMITINI, C. A Arma da Teoria. Rio de Janeiro, Codecri, 1980.

CAMARA DOS DEPUTADOS:
<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acessado em 12/09/2015, às 9h47.

CAMARGO, Oswaldo de. Solano Trindade, Poeta do Povo. São Paulo: Editora Laboratório do curso de Editoração, 2009.

CARONE, Edgard. Movimento operário no Brasil (1964-1984). São Paulo: Difel, 1984.

CASTELLS, Manuel. A Questão Urbana 1942/ tradução de Arlene Caetano - Rio de Janeiro, 1983. Ed. Paz e Terra

CÉSAIRE, Aimé – “Cultura e colonização”. In SANCHES, Manuela Ribeiro, Malhas que o Império Tece (Textos anti-coloniais. Contextos pós-coloniais) Lisboa, Ed. 70, 2011

COMISSÃO DA VERDADE. Perseguição à população e ao movimento negros, Disponível em:
<http://comissaodaverdade.al.sp.gov.br/relatorio/tomo->

i/downloads/I_Tomo_Parte_2_Perseguiçao-a-populacao-e-ao-movimento-negros.pdf

COSTA, Haroldo. Fala crioulo. Rio de Janeiro: Record, 1982.

DÁVILA, Jerry. Ditadura, redemocratização e apartheid no Brasil. História: Questões & Debates, Curitiba, volume 63, n.2, p. 91-106, jul./dez. 2015. Editora UFPR

DAVIS, Angela. As mulheres negras na construção de uma nova utopia. Conferência realizada no dia 13 de dezembro de 1997, em São Luís (MA), na Iª Jornada Cultural Léia Gonzales, promovida pelo Centro de Cultura Negra do Maranhão e pelo Grupo de Mulheres Negras Mãe Andreza. Publicado em 12 de julho 2011. Disponível em:

<http://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis/#gs.uwKB1L8>>.

Acesso em 17 Dezembro de 2016, às 11h.

DOMINGUES, Petrônio. Ações afirmativas para negros no Brasil: o início de uma reparação histórica. Revista Brasileira de Educação n°29, 2007a pág. 164 – 176.

_____. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. Tempo (UFF), Volume. 23. 2007b

FANON, Frantz. "Racismo e Cultura". In FANON, F., Em Defesa da Revolução Africana, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1980.

_____. Os Condenados da Terra. Juiz de Fora. ed. UFJF, 2010.

FAUSTO, Boris. História do Brasil. São Paulo: EDUSP/ FDE. 2ª Ed. 1995

FERNANDES, Florestan. A integração do negro na sociedade de classes: (o legado da raça branca), Volume 1. São Paulo: Ed. Globo, 2008. 5ª Edição.

FREYRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala. Brasília, ed. da UnB, 1963.

FUNDAÇÃO PALMARES. Frente Negra Brasileira completa 80 anos. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?p=14309>. Visitado em 16 de janeiro de 2017.

GEFRAY, Christian. A Causa das Amas. Antropologia da Guerra Contemporânea em Moçambique. Porto, Ed. Afrontamento, 1991.

GILROY, Paul. O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência, São Paulo, Rio de Janeiro, 34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GLABERMAN, Martin. The Dodge Revolutionary Union Movement. 1969. Publicado em: <https://www.marxists.org/archive/glaberman/1969/04/drum.htm>. Visitado em 23/03/2016, às 14h32.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro no Brasil: ausências, emergências e a produção de saberes. Política & Sociedade (Online), v. 10, p. 133-154, 2011.

GONZALEZ, Lélia. “O movimento negro na última década”, Lugar de negro, Lélia Gonzalez e Carlos Hasenbalg (orgs.), Rio de Janeiro, Editora Marco Zero, 1982.

_____. Cultura, Etnicidade e Trabalho: Efeitos Lingüísticos e Políticos da Exploração da Mulher. Pittsburg, 8º nacional da Latin American Studies Association. Comunicação apresentada em Abril de 1979.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Classes, raças e democracia. São Paulo, Editora 34, 2002.

_____. Racismo e Anti-racismo no Brasil. Novos Estudos, nº 43, 1995.

_____. Prefácio para o livro *A integração do negro na sociedade de classes: (o legado da raça branca)*. Fernandes, Florestan. Volume 1. São Paulo: Ed. Globo, 2008. 5ª Edição.

HALL, Stuart. "Marcos para os Estudos Culturais: dois paradigmas", in *Liv Sovik* (org.), Stuart Hall. 2003.

HALL, Stuart. "Negotiating Caribbean Identities", in *Identity. Community, Culture, Difference*. Jonathan Rutherford (ed.). Lawrence & Wishart: London, 1990. Traduzido para o espanhol em Stuart Hall. *Sin Garantías*. Eduardo Restrepo, Catherine Walsh e Victor Vish (eds.). Popayán (Colômbia), Lima, Bogotá, Quito: Envió Editores, Instituto de Estudios Peruanos, Universidad Javeriana, Universidade Andina Simón Bolívar. 2010.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*; Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guarabira Lopes Louro 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, várias edições. Tradução de "The Question of Cultural Identity", in Stuart Hall et al. *Modernity and its Futures*. Polity Press/Open University Press, 1992.

_____. *Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. "Significação, representação, ideologia", in *Da Diáspora*.

HANCHARD, Michael George. 'Orfeu e o poder: o movimento negro no Rio de Janeiro e São Paulo (1945-1988)'. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001

HASENBALG, C.A. Comentários "Raça, cultura e classe na integração das sociedades". Rio de Janeiro, *Dados, revista de ciências sociais*. vol. 27, n.3, p. 148-149, 1984

HOFBAUER, Andreas. Branqueamento e democracia racial: sobre as entranhas do racismo no Brasil. IN *Por que "raça"? Breves reflexões*

sobre a questão racial no cinema e na antropologia. Santa Maria: EDUFMS, 2007, p. 151-188.

HOSIE, Robin. Memórias do Século XX: Vol. 1 - O Surgimento da Era Moderna. Tradução de Maria Clara de Mello Motta e Helena Portella Rapôso. Rio de Janeiro: Reader's Digest, 2004.

IANNI, Octavio, [et. al.] O negro e o socialismo – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Sínteses de Indicadores Sociais - 2015. Disponível em: <http://loja.ibge.gov.br/populacao-30/estatisticas-sociais>. Acessado em 12/01/2017 às 12h37.

JACCOUD, Luciana. Racismo e República: o debate sobre o branqueamento e a discriminação racial no Brasil. IN As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a Abolição. Brasília: IPEA, 2008

KÄRNER, Hartmut. “Movimentos sociais: revolução no cotidiano”. In WARREN, Ilse Scherer e KRISCHKE, Paulo. Uma revolução no cotidiano? São Paulo: Brasiliense, 1987.

KENSKI, Rafael. Vencendo na raça. Superinteressante, São Paulo, ed.187, p.42-50, abr. 2003.

KI-ZERBO, Joseph. História da África Negra (4a. Edição). Mem Martins, Ed. Europa-América, 2009.

KI-ZERBO, Joseph. História da África Negra (II). Lisboa, Publicações Europa-América, 1983.

KI-ZERBO, Joseph. História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África – 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010.

KÖSSLING, Karin. Tese de Mestrado: *As lutas anti-racistas de afro-descendentes sob vigilância do Deops/SP (1964-1983)*, realizada sob

orientação da Profª Drª Leila Maria Gonçalves Leite Hernandez, defendida em 2007 na FFLCH/USP e financiada pelo Capes.

_____. Movimentos Negros no Brasil entre 1964 e 1983. Fundação Perseu Abramo, Nª2, ano 2, 2008. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/csbh/wp-content/uploads/sites/3/2017/04/T02perseu2.pdf>

KOWALICK, Lúcio. Trabalho e Vadiagem: a origem do trabalho livre no Brasil. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

LACERDA, João Baptista. *Sur les métis au Brésil*. Paris: Imprimerie Devouge, 1911.

_____. *O congresso universal das raças reunido em Londres (1911)*. Rio de Janeiro: Papelaria Macedo, 1912.

Lisboa, Val. Algumas lições do ascenso proletário dos anos 1970 contra a ditadura e o papel da esquerda. Estratégia Internacional Brasil, Ed. Iskra Nª3 Maio, 2008.

MACHEL, Samora. A Luta Continua. Porto. Ed. Afrontamento, 1974.

MARABLE, Manning. Malcolm X: uma vida de reinvenções. Tradução Berílio Vargas. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013

MARMELSTEIN, George. As Piores Decisões da Suprema Corte dos EUA II – Caso Plessy vs. Ferguson. 2008. Disponível em: <https://direitosfundamentais.net/2008/10/23/as-piores-deciso-es-da-suprema-corte-dos-eua-ii-caso-plessy-vs-ferguson/>. Última visualização em 11 de abril de 2016, às 15h23.

MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista 2 Ed. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sunderman, 2008.

MONDLANE, Eduardo. Lutar por Moçambique. Lisboa, Ed. Sá da Costa, 1976.

MOURA, Clovis. *Rebeliões de Senzala: quilombos, insurreições e guerrilhas*. 5ª Ed. São Paulo – Anita Garibaldi coedição com a fundação Maurício Graboys, 2014.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude-usos e sentidos*. São Paulo Ed. Atica, 1988.

_____. *Identidade, Cidadania e Democracia: Algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil*. In: *Negro: Identidade e Cidadania*. Anais do IV Congresso Afro-Brasileiro. – Recife: FUNDAJ, ED. Massangana, 1995.

_____. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. Algumas considerações sobre “raça”, ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos. *REVISTA USP*, São Paulo, n.68, p. 46-57, dezembro/fevereiro 2005-2006

NASCIMENTO, Abdias do e NASCIMENTO, Elisa Larkin. “Reflexões sobre o movimento negro no Brasil, 1938-1997”. In Guimarães, Antonio Sérgio A. e Huntley, Lynn. *Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. *Teatro Experimental do Negro: trajetória e reflexões*. In.: *Estudos Avançados*. Vol. 18. N.º 50. São Paulo: 2004.

_____. *O Negro Revoltado/ Organização e apresentação de Abdias do Nascimento*. 2ª Ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

_____. *O teatro negro no Brasil: uma experiência sócio-racial*. *Revista da Civilização Brasileira*, 1968. Caderno Especial 2.

_____. *O quilombismo*: documentos de uma militância pan-africanista.
Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1980

NASCIMENTO, Flávio Antônio da Silva. *O Bê-á-bá do Racismo Contra o Negro Brasileiro*: subsídio didático para estudantes universitários, educadores, professores, formadores de opinião e militantes.
Rondonópolis/MT: Print Editora, 2010.

NKRUMAH, Kwame. *A Luta de Classes em África*. Lisboa, Ed. Sá da Costa, 1977.

OLIVEIRA, Fábio Nogueira; RIOS, Flávia. Coansciência negra e socialismo: mobilização racial e redes socialistas na trajetória de Hamilton Cardoso (1953-1999). *Revista Contemporânea*, v. 4, n. 2 p. 507-530. Jul/Dez de 2014.

OLIVEIRA, Idalina Maria Amaral de. *A Ideologia do Branqueamento na Sociedade Brasileira*. Secretaria de Estado da Educação: Paraná, 2008.

OSÓRIO, Rafael G. *Desigualdade Racial e Mobilidade Social no Brasil: Um balanço das Teorias*. IN *As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a Abolição*. Brasília: IPEA, 2008

PAULA NETO, José de. (A.K.A. Netinho de Paula) *Lutas negras em busca da liberdade e igualdade*. In: *Rebeliões de Senzala: quilombos, insurreições e guerrilhas*. 5ª Ed. São Paulo – Anita Garibaldi coedição com a fundação Maurício Graboys, 2014.

PEREIRA, Amílcar Araújo. *O Mundo Negro: Relações raciais e a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil* – Rio de Janeiro: Pallas, FAPERJ, 2013.

RISÉRIO, Antônio. *A utopia brasileira e os movimentos negros*. São Paulo: Ed. 34, 2007. 440p

SANSONE, Lívio. Negritude sem etniCidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra no Brasil/ Lívio Sansone; tradução: Vera Ribeiro. Salvador: UFBA; Pallas, 2003.

SANTANA, Ivo de. Relações Econômicas Brasil-África: A Câmara de Comércio Afro-Brasileira e a Intermediação de Negócios no Mercado Africano. Estudos Afro-Asiáticos, Ano 25, no 3, 2003, pp. 517-555.

SANTOS, Joel Rufino dos. "O Movimento negro e a crise brasileira". Política e Administração, v. 2, jul.-set. 1985.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. A invenção do "ser negro": um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros São Paulo: Educ./ FAPESP; Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

SANTOS, Gevanilda. IN: O negro e o socialismo – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

SAWYER, Mark Q. Racial Politics in Post-Revolutionary Cuba. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2006.

SHAWKI, Ahmed. Black Liberation and Socialism. Chicago, IL, USA: Haymarket Books, 2006.

SILVA, Benedita da. IN: O negro e o socialismo – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

SOLANO TRINDADE, Francisco. Diário Trabalhista, 15/8/1946, p. 4. In GUIMARÃES, Antônio Sérgio; MACEDO, Márcio. *Diário Trabalhista e Democracia Racial Negra dos Anos 1940*. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Vol. 51, no 1, 2008, pp. 143 a 182.

STECK, Juliana. Intolerância religiosa é crime de ódio e fere a dignidade. Brasília, 2013. Disponível em:
<http://www12.senado.gov.br/jornal/edicoes/2013/04/16/intolerancia-religiosa-e-crime-de-odio-e-fere-a-dignidade>. Acesso em: 10 jan. 2014

THEODORO, Mário (Org.). As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a Abolição/ Mário Theodoro (org.), Luciana Jaccoud, Rafael Osório, Sergei Soares – Brasília: IPEA, 2008.

_____. As características do mercado de trabalho e as origens do informal no Brasil. Tese de Doutorado. Université Paris I – Panthéon-Sorbonne, Paris, 1998.

THOMPSON, E. P. A formação da Classe Trabalhadora Inglesa. São Paulo, Paz e Terra, 1988.

_____. E. P As peculiaridades dos ingleses. IN: NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sergio (orgs.). E. P. Thompson: as peculiaridades dos ingleses e outros artigos. 3. ed. Campinas: Unicamp, 2001.

TOMAZ, Laycer. Da Senzala à Capela. Brasília. Ed. Universidade de Brasília, 2000, resumido por José Geraldo Pereira Baião.

TROTSKY, Leon. A teoria da revolução permanente. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sunderman, 2010

VIEIRA, Oscar Vilhena. Constituição brasileira é referência em Direitos Humanos. 2008. Disponível em: <https://oab-ma.jusbrasil.com.br/noticias/149621/constituicao-brasileira-e-referencia-em-direitos-humanos>.

WILLIAMS, Raymond. “A Cultura é de Todos (Culture is Ordinary)”, tradução de “Culture is Ordinary”, in: Norman Mackenzie (ed.), Convictions. London: MacGibbon and Gee, 1958, republicado como “Culture is Ordinary”, in: Raymond Williams, Resources of Hope. London: Verso, 1989.

_____ “Base e superestrutura na teoria da cultura marxista”, in Cultura e Materialismo. São Paulo: Editora UNESP, 2011. Tradução de Culture and Materialism.

_____ “O círculo de Bloomsbury”, in Cultura e Materialismo./ “O futuro dos Estudos Culturais”, in Política do Modernismo: contra os novos

conformistas. São Paulo: Editora UNESP, 2011. Tradução de Politics and Modernism: against the new conformists.

_____ Palavras Chave: um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo, Ed. Boitempo, 2007.

Apêndices

Apêndice 1

Roteiro de Perguntas das Entrevistas

- 1) Tempo de Permanência no MNU?
- 2) Ainda participa de algum movimento e qual?
- 3) Qual era o principal objetivo do MNU na sua opinião?e
- 4) Quais eram as principais influências intelectuais nacionais ou internacionais do MNU?
- 5) Qual a importância do MNU na sua vida e no processo de construção da sua identidade enquanto negro?
- 6) Qual era a relação do MNU com o movimento de trabalhadores da década de 1970/1980?
- 7) O que falta para o movimento negro hoje?

Entrevistas

Estas entrevistas foram realizadas com 10 pessoas que participaram do MNU ou que orbitaram a entidade, sendo assim influenciados pela sua trajetória no período estudado. Para diferenciar as falas dos entrevistados das do entrevistador, as falas do último estão destacadas em **negrito**. Como exceção, temos a entrevista realizada com Milton Barbosa e Regina Santos, foi realizada com ambos ao mesmo tempo, então as falas de cada um dos entrevistados esta separada pelo nome do mesmo. Alguns termos foram acrescentados no texto, para facilitar e contextualizar da melhor maneira aqueles que estejam lendo apenas as entrevistas, sem acompanhar sua análise feita no desenvolver deste trabalho.

Entrevista nº 2 e 3 - Miltão e Regina

Estamos começando aqui dia 4 de agosto (risos)... Fiquem a vontade! Esse é um modelo diferente, né? Vou entrevistar tanto a Regina quanto o Miltão, aqui, ao mesmo tempo e eu queria começar perguntado o nome de vocês e a idade.

Regina: meu nome é Regina Lucia dos Santos, eu tenho 62 anos.

Miltão: sou o Milton Barbosa, 69 anos.

Você está tiozinho, hein (risos)

Regina, Miltão: (risos)

Não, você está bem pra caramba, 'magina... E quanto tempo vocês militaram ou ainda militam no MNU?

Nós ainda militamos no MNU, os 2. O Milton desde a fundação e eu 22 anos.

Ow, bastante tempo, né?

É... Miltão, 39 anos.

Bastante tempo. Deixa eu até anotar aqui. Deixa-me botar aqui em modo avião né? Para que ninguém ligue durante entrevista. Ótimo... Então vocês ainda permanecem militando no MNU né? E para vocês assim qual é o principal objetivo do MNU ou qual era o principal objetivo do MNU na sua fundação? Miltão?

Miltão: é o objetivo do MNU, na verdade é, avançar no processo de libertação da população negra no Brasil não é? E a gente tem algumas bandeiras que são assim prioritárias, né? A questão por exemplo do enfrentamento com a

violência policial, a questão da Educação, a questão da história da África para nós isso é muito importante; a questão da mulher negra, da empregada doméstica, não é?! Então o MNU tem mais história trabalha sistematicamente alguns pontos que são fundamentais a questão do racismo contra a Juventude Negra, entendeu? Nós entendemos que é um processo de genocídio da Juventude Negra então, nós sempre denunciemos essa Matança embora, foi em meados de 90 que para nós ficou bem explícito para nós ficou bem explícito o processo de genocídio da população negra a gente chegou à conclusão de que havia uma ação nesse sentido uma ação sistemática, entendeu? Então essas são prioridades que fazem parte do dia a dia nosso... A questão do emprego, de salário... Pagam menos para o negro então são questões fundamentais para nós.

Regina: Na verdade, na verdade não há como lutar pela libertação do povo negro sem lutar contra toda a gama de questões que vem junto com o racismo que tá posto pela sociedade brasileira então opressão de gênero sobre a mulher negra, na verdade todas as formas de opressão existentes na sociedade não só sobre o povo negro todas as formas de opressão, mas, em especial as que abatem sobre o povo negro né? E também o acesso a todas as formas de sociabilidade: educação, saúde, moradia que é muito mais difícil população negra então essas... Na verdade eram bandeiras lá em 78 e continuam hiper atuais hoje... e ainda com essa, com essa questão dessa reforma trabalhista por exemplo, o avanço que a gente tinha conseguido a 3 anos em relação a tornar as empregadas domésticas trabalhadoras e cidadãs voltou...

Pior

Regina: ...para trás, então... Então são super atuais o primeiro programa do MNU era uma folha de papel sulfite com os pontos de luta de pauta de pauta né? É todos os pontos colocados naquele primeiro programa de ação de julho de 78 estão na ordem do dia hoje porque apesar da gente ter conquistado, por exemplo, a lei 10639 ainda tamos caminhando para aplicação mas, já tem uma proposta aí de reforma na educação que também joga no lixo os avanços conseguidos pela lei 10639. Então tá tudo mais do que na ordem do dia o pessoal fala assim “a o MNU, o que o MNU fez?” Os MNU colocou essas

discussões pra sociedade no final da década de 70 e continua colocando porque elas estão aí postas.

Sim.

Regina: infelizmente... Infelizmente.

Infelizmente mesmo. É, e na opinião de vocês quais eram as principais influências nacionais e internacionais que o MNU recebeu?

Miltão: é aquela coisa: nós somos.. é.. Estudiosos do Marxismo. Então Marx é uma figura fundamental para nós e também nós buscamos avançar e a ler então tem alguns, por exemplo, Franz Fanon que para nós é fundamental que é um pensador que pensa sobre o colonialismo ... Marx era um revolucionário mas a grande verdade é que ele ainda estava no limite do eurocentrismo e isso é importante falar porque as próprias organizações de esquerda não avançaram em função do eurocentrismo no Brasil, nós discutimos isso com eles colocava a necessidade de se priorizar, por exemplo, trabalho nas portas de prisões nas prisões... o trabalho com o marginalizado e na realidade a grande maioria da população negra que passa por esse processo e infelizmente você de classe média branca, entendeu? Eles não conseguiram perceber a importância do que nós estávamos apresentando... a grande verdade, por exemplo, as coisas que a gente fazia com a reversão da ditadura militar prisão, tortura, morte, muitos fugiram, foram pra... Inclusive pros Estados Unidos, Europa, Canadá... Foram descobrir lá que eles eram não brancos, entendeu? Mas não aceitavam a nossa discussão, eles se viam sei lá eu... descendentes dos europeus. Quer carregar essa bandeira mas, a grande verdade a população negra...a população brasileira, a grande maioria não são os brancos; para você ver eu fui entrevistado por uma menina alemã esses dias, então ela tem uma pele bem clara, rosada, o cabelo dourado, entendeu? E a população brasileira, a grande maioria são cabelos preto, não é? são tez amorenada para cima, entendeu?... Então?

Regina: É. Mas, na verdade os brancos brasileiros apesar de não serem brancos dentro da visão europeia... americana do que é branquitude, eles não se consideram não-brancos, eles se consideram brancos e se agem como tal... Não é?

É ideologicamente eles foram ganhos pra esse discurso...

Regina: e agem como tal, né? e agem como tal? Agem, dentro, de reivindicar os privilégios que o branco tem na sociedade brasileira, né? E assim: Eu não tava na Fundação do MNU mas, naquele momento eu acho que a influência dos Panteras Negras e tal sobre o Miltão e o pessoal daquela época é muito forte eu que chego bem depois... eu que chego nem depois, para mim já é um outro momento, momento mais de conhecer os africanos, os escritores africanos, o momento de reconhecer a importância da cosmovisão africana, o construto da identidade Negra, né? Porque na verdade assim, eu... eu também venho de uma formação marxista na escola, eu fui militante inclusive de uma ... Fui militante do Liberdade e Luta durante...

Da LIBELU...

Regina: ... durante a minha época de Universidade, não toda época de Universidade por 2 anos e pouco e a minha formação se deve muita discussão... naquele tempo naquele tempo no início da década de 80, final da década de 80 a gente discutia muito Trotsky Marx e tal mas, hoje depois de entrar no MNU ...tudo mudou para mim depois entra no MNU, a minha formação acadêmica mudou porque assim eu fiz Geografia na USP e eu acredito que a minha visão é hoje absolutamente diferente da construída no curso de Geografia na USP em relação a geografia, ao mundo... Tudo, entendeu? Hoje é absolutamente diferente, isso se deve muito a, na verdade, observação da cosmovisão Africana e a observação da cosmovisão africana, a partir dos escritos do Povo Santo, a partir de escritos de Africanos, a partir de fala da oralidade dos mais velhos, então... eu já tive muitos embates dentro do MNU para discutir e a gente sempre dizia assim Marx não é o inventor do socialismo, porque em Palmares em 1600... 1600 durante todo o século 17, né? Karl Marx é o que que de 1595 a 1690 e pouco ...1695, então ele passou todo século 17... Nós tínhamos uma organização absolutamente socialista que na verdade nós trazíamos isso da África, né? as relações e que apesar do avanço do capitalismo sobre o território africano, apesar sobre todas as mazelas que os europeus deixaram na África e apesar de todos os crimes que eles cometeram e cometem na África até hoje, apesar de toda influência que o capitalismo conseguiu de entrar...ã...ã.... Setores evangélicos nos países

africanos e tudo... Ainda sobrevive ainda sobrevive em vários territórios africanos, na verdade, a organização é... é... que eu chamo de socialista de princípio né? na verdade é a solidariedade e irmanada que muitos com fome muitos territórios com fome, miséria, a seca não sei o que... Ainda, ainda carrega no bojo da sua organização... Então isso para mim foi uma influência muito grande na minha identidade negra por que... Muito grande, muito grande, muito grande eu desde que eu entrei no MNU... Na verdade eu construí minha identidade negra dentro do MNU, porque apesar de me saber negra, apesar que eu era uma mulher formada por uma sociedade absolutamente eurocêntrica e a cosmovisão africana, mudou totalmente isso, ler Aimé Césaire, Franz Fanon...

Miltão: Cheikh Anta Diop...

Regina: Cheikh Anta Diop fez toda a diferença sobre a minha visão de mundo, toda diferença... então a minha identidade Negra foi construída em cima da percepção da cosmovisão africana

Nossa que máximo. Isso é muito importante mesmo por quê é uma coisa que falta muito hoje na o que seria o resultado dessa lei 10.639 que não existe hoje não somente na Educação Básica mas principalmente na Educação Universitária, assim

Regina: é... Na verdade as pessoas ainda não compreenderam a totalidade da lei 10639 porque a lei 10639, na verdade, ela foi em algum artigos muito secos né? de inclusão do dia 20 de novembro, de inclusão da história africana e afro-brasileira mas, a regulamentação da Lei ela é completa as pessoas precisam ler regulamentação da Lei as pessoas precisam estudar... só estudar a regulamentação da Lei já dá um cadedal de conhecimento que você não faz nem ideia... eu passei.. passei muito tempo debruçada sobre a regulamentação da Lei e a regulamentação da Lei diz que toda a formação superior deve ter o estudo das relações étnico-raciais e a história Africana e a história Afro-Brasileira, entendeu? e as pessoas nunca se atentaram para isso ... Então na verdade todos os cursos superiores deveriam ter algo...

Relacionado a questão étnico-racial ...

Regina: a educação para as relações étnico-raciais porque na verdade a lei passou a ser a regulamentação da educação para relações étnico-raciais lei é muito mais do que está lá na letra da lei...

E nós somos o único país no mundo que existe uma lei que regulamenta o ensino da história africana e da afro- brasileira... não existe nem nos países africanos existe uma regulamentação que versa sobre sua própria história, né?

Regina: o... O.. quando, quando do início acho que tinha acabado de ser assinado a gente teve um encontro e teve uma americana que a gente teve um encontro mas foi na área de saúde e nas Americanas tava dizendo “gente tudo que eu queria é que os Estados Unidos tivesse uma lei e uma possibilidade dessa porque... para a gente resgatar na verdade a história de África”...então não lembro nem o nome ela tava no encontro...

Lourival Aguiar: que ano você lembra, assim?

Regina: Acho que foi 97, não acho que não, acho que 96 por aí... a lei não, mentira! Mentira! Ela é de 2003 ela tinha acabado de ser assinado deve ter sido em 2004 eu tava muito cheio de saúde eu não lembro era uma pessoa que tinha vindo promoção um seminário na verdade seminário de saúde e eu fiz uma fala acerca da Lei acerca da necessidade dos... dos... operadores de educação e saúde ter conhecimento da lei poder trabalhar a saúde da população negra decentemente e aí ela levanta e faz uma fala em cima da minha fala sobre isso sobre: a necessidade que se tinha de nos Estados Unidos se ter uma lei dessa. Foi muito é muito interessante porque as pessoas não perceberam o que é isso por que um operador de saúde que conheça a história do negro... a participação do negro na construção do processo civilizatório da humanidade e do Brasil né? Porque a gente... no Brasil a contribuição do negro é folclorizada. Samba música ... né?

Carnaval, festas em geral

Regina: Samba, Música, capoeira né não que isso não seja importante mas, assim, se desconhece que, por exemplo, dos grandes engenheiros do século 19 do século 19 era negro

Não precisa ir nem longe né Avenida que provavelmente de onde vocês veio é Avenida Rebouças na verdade André Rebouças que foi um engenheiro Negra abolicionista

Regina: mas por exemplo o cara diz conhece as importâncias das obras André Rebouças não desconhece só o André Rebouças, por exemplo, passa pelos Arcos da Lapa, não que... Acha lindo aquilo está num cartão postal do Rio de Janeiro, mas, não sabe que os Arcos da Lapa é uma aqueduto que leva água da parte baixa para a parte alta do Rio de Janeiro até hoje, não sabe que o André e o irmão fizeram a estrada que liga Curitiba ao Porto de Paranaguá... não sabem dessas coisas então não é desconhecer mas, a contribuição desses caras Teodoro Sampaio, entendeu? O Juliano Moreira todo mundo fala, não sabe o avanço que foi o avanço que foi Juliano Moreira para psiquiatria no Brasil, não sabe que Juliano Moreira era um negro quiçá sabe que o Juliano Moreira era um negro e muito menos a importância dele pra psiquiatria no Brasil... para você parar de matar as pessoas porque elas tinham um desequilíbrios psiquiátricos entendeu? então é tem umas coisas tão absurdas... Assim ultimamente tem se falado se falado muito no filme da Nise da Silveira né? E assim, as pessoas desconhecem que a dona Ivone Lara que é aquela enfermeira que aparece no filme bonitinho da Nise da Silveira era dona Ivone Lara que fez uma atividade de extrema importância... Quem começou a atividade lúdica no grupo da Nise da Silveira para discutir outras formas de tratamento psiquiátrico foi a dona Ivone Lara... que é genial no samba, entendeu?

Pra além, né?

Regina: entendeu? Então as pessoas não têm a mínima noção do que é isso... Não tem a mínima noção que uma mulher que mudou a história da música no Brasil porque nós tínhamos músicas só europeias, né?

O padrão da música...

Regina: europeia, nossa música era originária da polca, do floreado de não sei o quê não sei o quê Quem muda é a Chiquinha Gonzaga que é negra filha escrava liberta com branco e aí botam a Regina Duarte para fazer na televisão... Então assim a Chiquinha Gonzaga tem a minha tem a minha cor e eles não acharam ninguém para fazer o papel a que seja a Regina Duarte

Apesar de ser nordestina

Regina: que?

Apesar de ser nordestina tudo lá lá lá não representaria a potência do que é ...

Regina: Não, a Regina Duarte não é nordestina, não a Regina Duarte é Campineira. Nascido em Campinas não então não é isso o problema é que você passa a história como se a história fosse construída por brancos por brancos nesse país nós estamos invisibilidades na história então assim essa falta de compreensão do que é da contribuição e assim a lei é importante para você entender que os negros enquanto tal africanos e não sei o que contribuíram para o processo civilizatório da humanidade assim as histórias que Grécia e que Roma roubaram de África não só do Egito... Não só do Egito...

Etiópia principalmente

Regina: Etiópia... toda região da Núbia né Etíópia Aí toda a região da Núbia os grandes impérios você ter a Universidade de Timbuktu... os caras estavam nas trevas da idade média na Europa e nós na efervescência na África, na efervescência de diversidade porque nós tinha um cabedal de...

E hoje o que é Gana dentro desse contexto...

Regina: entendeu? Então é uma loucura... eu acho assim... e isso na verdade mudou minha visão... conhecer essas coisas, sabendo essas coisas, mudou minha visão de mundo total, total a minha identidade é outra eu era uma outra mulher até os 40 anos e depois dos 40 anos eu sou o outro absolutamente diferente.

E aí você já entra entrou mais ou menos na próxima pergunta que é qual foi a importância do MNU na sua vida na construção da sua identidade de mulher negra? Se ajudou, se não mudou?

Regina: a influência do MNU é total, na verdade assim eu tenho uma história muito, coisa porque eu muito nova comecei minha militância política é... em 1974 no colégio lutando... lutando contra... contra... contra a proibição... censura na verdade de alguns assuntos dentro do colegial né? No colegial a gente teve aulas proibidas e teve professores que enfrentou isso e mesmo assim deu as aulas por conta da morte do Oswaldo, por exemplo, em 75 foi proibido em se falar nós tínhamos seminários preparados, e chega uma ordem da secretaria que não podia se falar em comunismo socialismo e etc.

Isso em 75...

Regina: isso em 75, mas já em 74 a gente descobriu em 74 por exemplo que na minha sala tinha dois P2 [policiais infiltrados para espionar os movimento sociais], dois P 2.

Nossa, estudando no colégio?

Regina: é no colegial 2 P2 e dentro da sala de aula e vinham quase todo dia para aula e aí tinha muita censura dentro então a gente já começou aí não podia construir Grêmio nós fizemos a luta de construção do Grêmio por fora de... então eu venho numa trajetória assim eu militei movimento de mulheres, depois militei no movimento estudantil, movimento sindical ...e vinha muito desanimada do potencial desses movimentos de uma verdadeira mudança pra revolução no mundo e tal e aí conheci o Milton Barbosa... Conheci Milton Barbosa por causa de uma campanha do PT a gente começa a conversar, começa a conversar ele pã me filia primeiro ele me filou primeiro no MNU e depois

Depois ao PT (risos)

Regina: não, eu ja era era filiada no PT porque eu e ele somos fundadores do PT primeiro a gente se filiou ao MNU depois a gente começou namorar...

Era requisito: o você tem q se filiar aqui, pra gente namorar...(risos)

Regina e Milton (risos)

Lourival Aguiar: ó você tem q se filiar aqui...

Regina: ... e assim eu comecei a estudar muito quando entrei no MNU E aí eu percebi... Na verdade eu comecei a ler muito para entrar no MNU e percebi que existe um enorme potencial revolucionário na luta negra e isso foi toda mudança necessária e eu que vinha de um processo de desesperança na militância política na verdade o MNU renova a esperança na construção de novo... de um outro mundo pra mim e aí.. hoje eu acho que não existe possibilidade de efetiva mudança, de efetivo o processo de transformação que não passe pela questão racial pela derrocada do racismo e etc então não existe a possibilidade né?

Miltão: No Brasil, nas Américas, no Mundo...

Regina: Então para mim a mudança, a contribuição do MNU, a minha construção identitária é toda... Eu me achava a garota POPTCHURA.

O que seria Poptchura?

Regina: poptchura? Poptchura é a descolada mesmo antes de entrar na universidade porque eu não entrei na universidade muito nova eu tinha 25 anos, né? ... Mesmo antes de entrar na universidade eu achava que era muito bem formada por que eu lia muito muito muito muito eu lia o dia inteiro o tempo todo, entendeu? E achava me achava muito informada muito descolada, eu sou de uma família de miscigenados que tem um histórico familiar de problema... numa relação afetividade problema com o negro então eu recebi essa herança de ... Mas era a única que da minha família que tinha consciência que nós éramos negros e de que sofriamos racismo e por isso eu me achava o máximo: eu era a negrinha consciente e depois eu fui perceber que não era nada disso quando entrei no MNU, eu fui descobri que minha formação foi tão racista como de todos nós, Eu costumo dizer quando eu dou palestra que é assim que 'pé de manga não dá uva' a sociedade absolutamente racista em todas as instituições não constrói ninguém que não seja racista o que os negros fazem pela vida se descobrem isso e vão quebrando as amarras né e eu...

Alguns descobrem outros não...

Regina: é... E outros passam a vida sem descobrir né? sem perceber que o menino que morre lá na quebrada lá do lado da casa dele que ele é preto não é porque ele...

É bandido

Regina: é porque ele roubou uma bicicleta... porque ele é negro... Alguns vão passar a vida toda sem perceber isso para mim o MNU foi a abertura do mundo para mim o MNU foi a abertura pro mundo para vida de verdade pro sentido para mim foi tudo isso né eu não consigo me referenciar e nada que não seja... para tudo para pensar um mundo melhor para pensar na vida para o meu neto para os meus filhos que não seja pautado na luta e que passe por dentro de toda a questão do povo negro da população negra para mim foi tudo então eu falei para caramba aliás eu falo para caramba

Miltão: olha basicamente é isso porque na realidade 74/76 eu fui da liga Operária, grupo trotskista que depois deu origem a convergência socialista, depois PSTU e tal democracia socialista, como que é?

Regina: DS

Miltão: DS os racha então, mais oi menos em 76 nós éramos da liga Operária e nós fazíamos as discussões, por exemplo, nós tivemos contato eu com Florestan Fernandes e eu tinha reuniões sistemáticas com ele eu e Rafael Pinto tínhamos reunimos com ele, tínhamos estudado *Integração do Negro na Sociedade de Classes* que é um livro importante né mas você vê que lá tem muito ranço racista ...o proprio Edson Silva Junior deu umas pauladas para cima, Para sentar o pau no Florestan... nós não trabalhamos desse jeito nós é... nós reconhecemos a importância que nos mostrou nos estudos o contato que ele fez mas nós debatíamos com ele e esse livro que foi lançado agora

Origem do protesto negro né?

Milton: isso... Nós contribuimos praquilo porque muda a visão dele.. sobre a coisa tal, um é um avanço.. Então é o que eu falo né Nós aprendemos muito com ele, mas, ele aprendeu muito conosco não só Florestan Fernandes teve várias figuras que ...

Regina: mas o Florestal reconhece isso em Vida inclusive deixou a filha... Falou isso publicamente numa mesa que eu tava com ela... Filha do Florestan que é professora na USP, foi convidada pelo Núcleo de Consciência Negra para fazer uma mesa comigo pra falar... não lembro hoje o tema que era exatamente mas ela diz na mesa quê ela não sabia exatamente porque ela estava lá porque ela porque ela não entendia muito da questão racial mas ela tinha que testemunhar que o pai dela diz que ... que tinha na verdade sido um sociólogo e que foi por conta dos negros, da discussão que ele teve com os negros e com o movimento negro que na verdade provavelmente era você (Miltão) e o Rafael e mais o não sei se ele conversou com Eduardo de Oliveira e Oliveira né?

Miltão: manteve contato sim...

Regina: mais o Eduardo provavelmente...

Miltão: essa figura esse Eduardo de Oliveira e Oliveira é uma das principais...

O professor...?

Regina: ... não, não

São dois?

Regina: são dois... Tanto que ele pôs Eduardo de Oliveira e Oliveira, porque tinha Professor Eduardo de Oliveira e ele era o Eduardo de Oliveira 'E' Oliveira, tá? Que e eu não cheguei a conhecer, conheço através das coisas do Milton, do HHamilton falando dele e tal, mas, quando eu... Entrei pro MNU...

Miltão: ele era um sociólogo da USP um cara muito bom e a gente tinha discussões com ele e reuniões sistemáticas também, aprendeu com pra caramba com ele ...esse Eduardo de Oliveira e Oliveira era o cara...

Era o professor mesmo esse?

Miltão: Eduardo de Oliveira e Oliveira

Regina: não é o Eduardo de Oliveira professor que faleceu a pouco tempo né? não, Eduardo de Oliveira faleceu... e Oliveira faleceu na década de...

Miltão: Eduardo de Oliveira ele era de centro-esquerda o Eduardo de Oliveira e Oliveira não era, era Marxista-Leninista, era outra coisa... mas a gente tinha

reuniões sistemáticas com ele.. eu e o Rafael e também outras pessoas que ...o Henrique Cunha o Ivair.. Tudo pessoas que...

Regina: tiveram contato com o Eduardo de Oliveira e Oliveira que era outra discussão ...

Miltão: o Eduardo Oliveira Oliveira era um sociólogo e ele conversava com aquele lá o João Batista lá que...

Regina: João Batista Borges Pereira

Miltão: Borges Pereira... Na realidade ele usava... Ocupava espaço institucional que devia ter pertencido a figuras como Eduardo de Oliveira e Oliveira

Regina: Batista Borges Pereira foi diretor da Faculdade de Filosofia Letras e ciências humanas fazia um pouco na academia, na academia, uma discussão superficial sobre a questão racial que era um branco que na verdade se apossa do espaço acadêmico e não deixa nada pra Eduardo de Oliveira e Oliveira que era um acadêmico negro na década de 70 e 80 na USP

Pérolas raras ...

Regina:... é...

Miltão: ... Porque nós separamos, por exemplo os intelectuais o papel que eles cumprem. Florestan Fernandes Paulo Freire, Roger Bastide, não são figuras que ocupam espaço trabalham essa questão do negro, mas não barram a população negra de se fazer presente nas coisas e tem alguns acadêmicos e intelectuais aí que são problemáticos...

Alguns muitos né?

Miltão: é que são problemáticos, né? Eles pegam os aparelhos na mão e toma

Regina: e falam pelo negro, né? Essa que é a questão...

O grande problema... E na opinião de vocês, qual era a relação do MNU com o movimento de trabalhadores ali da década de 70, começo da década de 80?

Regina: O Milton que pode dar esse testemunho. Não esquece de falar das greves dos metalúrgicos que vocês apoiaram.

Milton: É o MNU. Inclusive. É aquilo, que a gente começou a fazer discussões com os trabalhadores que era uma das prioridades. Eu sou metroviário fui demitido duas vezes do metrô e nós criamos, por exemplo, um núcleo para discutir a questão racial, entendeu. Partido dos Trabalhadores, por exemplo, nós criamos lá uma comissão de negros que se esparramou pelo país inteiro, Então dentro das organizações de esquerda e de trabalhadores a gente montava a estratégia pra levar essa questão racial, por exemplo o próprio 7 de julho o movimento negro unificado montou a estratégia de juntar todo mundo, tinha negada de esquerda, de centro, de direita, então tinha essa coisa de juntar todo mundo. Ai teve o negro velho, Antônio Leite que exigiu que a gente conversasse com o Secretario de Segurança Publica, Erasmo Dias, então montamos uma comissão de negro velho, Antônio Leite, Eduardo de Oliveira e eles foram lá conversar com o Erasmo Dias. Nós fomos na Folha de São Paulo, Eu, o Rafael, Hamilton conversar com o Boris Casoy.

Regina: Não é o Hamilton Borges, é o Hamilton Cardoso.

Hamilton Bernardes, nè?

Miltão: Isso, e fomos conversar com o Boris Casoy que era o chefe de...

Regina: O chefe de redação da Folha de São Paulo

Miltão: Então eles fizeram todo esse procedimento para garantir...

E que ano foi isso?

Regina: foi em 78

Miltão: Aí já é 78 que é a fundação... Que era o ato publico, nós montamos toda uma estratégia pra juntar todo mundo, entendeu. E fazer aquela manifestação que foi uma porrada que estourou no mundo inteiro.

Regina: Acho que é legal compreender que as pessoas confundem um pouco a fundação do MNU com o dia 7 de Julho. A fundação é 18 de julho de 78, dentro do CECAN, por contas daquelas coisas que todos conhecem.

Lourival Aguiar: Entorno do 20 de novembro, por aderir ou não 13 de maio.

Miltão: Na sede do CECAN, foi a reunião, mas é aquilo que eu falo, nós fomos da liga operaria, eu o Rafael, o Astrogildo que nos levou, mas isso era um arcabouço ideológico, era só uma discussão que tava sendo feita. Nós só não continuamos lá porque não aceitávamos aquelas coisa de ver aqueles estudantes da salinha para a nossa célula, a gente ficava cabreiro. Tem um encontro em santos que eu participei representando a célula do movimento negro onde eu coloquei a discussão e tal e um monte de coisa que eu coloquei eles concordaram e tal, mas depois não saiu como resolução daquele encontro. Então isso nos deixou cabreiro e aí nós resolvemos sair fora.

Regina: E é assim, é importante dizer que do 18 de junho para o 7 de junho foi a preparação para juntar e para tornar um ato público que colocasse a questão da discussão racial numa civil que em 78 era uma coisa louca, né. Como você põe um monte de gente na rua? Era proibido, reuniões eram proibidas, reuniões políticas eram proibidas, então você imagina esse nego velho, Antônio Leite que fala para você ir falar com o [Secretario de Segurança Publica] Eramos Dias,

la sair preso de lá

Regina: Como foram os negos velhos que foram com aquela conversa.

Miltão: Fomos com uma cartinha sem vergonha que era pra evitar que fossem fazer como o Herzog, então eles liberaram a rua, quando ocupamos o teatro eles se arrependeram, mas aí já não tinha como tirar nós de lá.

Regina: Inclusive porque foi feito todo um trabalho de divulgação no exterior, então o lançamento do MNU, o lançamento público do sete de julho foi comentado nos Estados Unidos, repercutiu em vários lugares do mundo e não tinha o que fazer, tava todo mundo lá na rua e você vai descer o pau em duas mil pessoas com imprensa, com assinatura do Secretario de Segurança Pública

Autorizando

Miltão: Aí tinha os policiais que passavam de carro provocavam, aí só tem ladrão e prostituta, mas a molecada segurou porque eu coordenei aquele ato,

então era uma direção centralizada para evitar qualquer tipo de coisa e a molecada não reagiu...

Regina: Então assim, essa questão dos trabalhadores, acho que é legal colocar estava no nascedouro do MNU e vai para um muito tempo perpassando, chega, por exemplo, hoje os sindicatos, as centrais sindicais todos tem secretaria do negro e não sei o que. Isso na verdade é resultado dessa visão desde a formação do MNU, essas secretarias de governo saem da pressão que o movimento negro...

Miltão: A grande verdade é que ele tem uma estratégia, nós forçávamos, exigíamos, mas eles, por exemplo, o conselho do negro foi criado para dar resposta justamente a essa pressão que a gente fazia, entendeu. Que para eles começar a arrebanhar cada um os seus negros e a gente viveu uma experiência muito interessante, porque no PT era uma das prioridades já a intervenção nossa e com o PT ganhando a cultura, nós exigíamos que fosse criado uma coordenação sobre a questão do negro, e então eles criaram a coordenação do negro, que aí o negocio é acochambrado que passava a política do PT, entendeu, não era algo que passava a política do movimento negro. [isso no governo Erundina]

Isso. Em 92, né?

Regina: Não, em 89, Erundina?

Miltão: É

Regina: em 92 já é o ultimo ano de governo da Erundina

Miltão A grande verdade é que a cada acampamento politico eles com a nossa pressão eles criavam uma resposta para mexer com essa questão, mas aí como nós juntamos todo mundo, depois muitos negros correm para a direita, outros vão para o centro ou para a esquerda, então.

Regina: É importante dizer que desde o primeiro programa de ação do MNU tá lá a luta contra discriminação no mercado de trabalho, e aí a discriminação de toda de forma, desde a não ascensão a cargos de direção, diferença de salario, a superexploração na carga horaria, a exploração a empregada domestica, [a questão aos meios de comunicação] tudo isso está no meio do primeiro

programa de ação do MNU e a ligação é quase que a ligação primeira do MNU com o trabalhadores, para pensar a questão dos trabalhadores negros.

Miltão: Nós temos a carta de principio...

Regina: A h, eu não trouxe, eu pensei, mas...

Miltão: Nós podemos ver para te passar uma copia do programa e a carta de principio... Mostra a estratégia, mas tem essa coisa ai que eu falei para você, que é sobre os meios de comunicação. A esquerda falhou muito. O que deixou tudo isso aí na mão da mídia burguesa, onde apanha para caramba [Não construiu uma alternativa]

E a ultima pergunta na verdade, que eu acho que vocês entraram um pouquinho, que é O que falta para o movimento negro hoje?

Regina: É, não sei se pro movimento negro ou se para a população negra. Na verdade ainda estamos à busca e na luta para derrotar o racismo de todas as formas, e a luta que eu acho que é para os negros do mundo todo que é a reparação histórica, né. Então o que falta na verdade, acho que se a gente fosse perguntar o que falta hoje pro movimento negro não sei se poderíamos colocar as coisas nessa medida, né. Que assim, pro movimento negro falta estrutura, falta uma serie de coisas, mas que nunca teve e que a gente sempre tocou a luta dessa forma, agora pra população negra, acho que falta na verdade o povo branco reconhecer seus privilégios durante a expansão do capitalismo todo, até os dias de hoje e perceber que é necessário a reparação histórica e isso não vai ser assim, só com muita luta, não vai ser assim. E acho que não tem nenhuma outra saída, tem que, acho que não existe a possibilidade de uma convivência solidaria, pacifica se não for através da reparação histórica e da inserção do negro, pra mim não é no mundo do capital e sim em outro lugar, mas até no mundo do capital é necessário que isso se faça, por “N” questões, a gente pode falar e ficar muito mais tempo que ficamos aqui, até agora pra falar isso. Mas acho que o que falta é isso, assim para o movimento negro o que falta estrutura, meio de comunicação e todas essas coisas que o movimento negro nunca teve, mas que não impediu que a luta fosse feita, assim né então... não sei se a consolidação na forma de comunicação melhor ou de tentar que a gente vem fazendo aos poucos essa

questão com o despertar da consciência negra, de cada individuo negro desse país, acho que isso é importante. Lá no (cantão), aqui em São Paulo, na periferia e que cada negro se perceba como negro, acho que isso é o elemento que a gente vem a duras penas fazendo e nunca esqueço de uma fala do meu filho que tem 33 anos, e era menino quando eu comecei a militar no movimento negro, tudo militante, não sou eu nem o Miltão, passou, militante de fato passou por isso.. Ah vocês deviam estar ganhando dinheiro, vocês as vezes deixam a família em situação complicada por causa da militância e tal, aí meu filho disse assim, Oh Mãe, uma vez a gente conversou e ele disse: mãe tem muita, as pessoas não conseguem dizer qual é o ganho de fato do movimento negro, palpável, real né, mas a luta de vocês, antes da luta de vocês eu percebia que em especial a juventude negra e o povo negro andava olhando pro chão e hoje eu vejo que a juventude negra anda olhando para a linha do horizonte. E isso é resultado de vocês, é o maior resultado da luta de vocês então eu na verdade acredito que o que falta é isso, que a gente consiga atingir toda e qualquer parcela da população negra, não só o urbano e o quilombola que está lá dentro do quilombo e que hoje por conta da luta de reconhecimento de quilombo, se assegurando um pouco mais da sua história e tal, mas todo negro, o negro que tá lá na periferia vendo o negro sendo assassinado na porta de casa, o negro que tá empregado, desempregado, o que é empreendedor, ele tem que perceber que o lugar que ele se encontra só é aquele que ele é membro. E que poderia ser diferente se ele não fosse negro, eu acho que isso falta, mas não é que falta é que a gente vem fazendo isso e que como não tem meio de comunicação na mão, porque não tem grana e não sei o que, isso é feito com muita dificuldade, muita dificuldade e hoje a gente enxerga que há mudança. É só você andar no meio da rua e ver o cabelo dos jovens negros hoje, encarapinhados, sem alisamento a grande maioria pelo menos, ainda tem muita gente que [a periferia tá vendo que está sendo feito e outra coisa, há disputa pelo espaço, os caras põem barreiras para nós e todos nós, todos nossos aliados, acima de tudo eles tem um sistema de barreiras entre nós e isso a gente vai derrubando, né. Por exemplo nós estamos passando por uma crise, de tempos em tempos a coisa quando supera as coisas explodem, então provavelmente vai ter uma explosão daqui a alguns anos novamente e agora nós estamos fazendo um trabalho de formiguinha] Todo dia o dia todo, e assim

eu acho que essa coisa da reparação histórica a muitas divergências a cerca de, eu acho que falta reparação histórica e não acredito que você dar cem mil reais para cada negro seja a questão. A reparação histórica na verdade ela tem que ser feita a partir de políticas públicas, programas sociais que destine parte, por exemplo, das casas construídas, destine parte das vagas na universidade, destine dinheiro para aplicação na saúde para a população negra, a construção de museus que contem a historia, resgate de produção cultural negra e “N” coisas, reparação histórica para mim, perpassa na verdade por toda a vida né dos países do mundo e não só no Brasil entendeu, perpassa por toda a vida mesmo, por exemplo, porque que a arquitetura pensa a partir de um modelo europeu de mundo, porque que não se pensa a casa para a mulher negra de periferia que traz uma tradição de reunião e não sei o que, entendeu. Porque que a medicina não aplica em pesquisas para as especificidades da saúde da população negra, por que. Então para mim isso é o conjunto da reparação histórica, você só pode falar em reparação histórica, aí eu tenho direito a um milhão, sei lá quanto, isso é um absurdo na verdade, uma bobagem, pra mim é uma bobagem porque você sai, estoura o dinheiro e não resolveu o problema do racismo

Que é estrutural

Regina: Que é estrutural, exatamente, e a gente tem que arrebentar essa estrutura. E arrebentar essa estrutura significa colocar o negro como participe da estrutura toda, essa que é a questão.

Miltão: A verdade é que a reparação histórica ela não será dada, [Claro] será arrancada.

E pra você Miltão, o que você acha que falta para o movimento negro conquistar, além do que a Regina falou?

Miltão: É mais ou menos na mesma linha, o que eu já falei, a gente deve estruturar os meios os meios para se comunicar pois temos dificuldade, tem milhões na periferia, a molecada tem trabalhado muito, tem quadros incríveis. Então a gente, devemos desenvolver um processo de formação, de aglutinação, de formação e isso não é coisa que surja do dia para noite, então eu acredito que o MNU deve viver um outro tipo de 78 daqui a um tempo,

entendeu. Mas não coisa para dar, responder em dois minutos. É todo um processo dessas coisas que estão acontecendo, esta tendo avanço e a molecada fazendo trabalhos incríveis aí na periferia, embora o sistema monta a estratégia, montada para ditadura militar montou uma estratégia para degradar a escola pública que eram as melhores, hoje a molecada não sabe nem lê nem escrever, então tem que resolver formas de superar essas coisas e isso está sendo feito porque o ser humano busca saída, mas prejudica muito isso na estratégia, nós temos que derrotar essas estratégias que tem por nos manter dominados, oprimidos. Entendeu

Regina: O MNU é um movimento negro de esquerda e era partidário e tal, tanto que tem gente do PT, do PSOL, tem gente do PSTU, tem gente que é independente, que não é de partido nenhum, mas é um movimento de esquerda e que a gente percebe que tem uma coisa que um professor meu falou na universidade, e eu achava muito esnobe, mas depois eu passei a aplicar a mesma coisa para o MNU, ele dizia o seguinte “A USP não é a melhor universidade porque aqui tem os melhores laboratórios e nem nada disso, a USP é a melhor universidade porque tem os melhores alunos, as melhores cabeças, são os alunos da USP” e eu costumo dizer a mesma coisa do MNU. O MNU deu a linha e continua sendo ainda as pontas do MNU sendo a linha do movimento negro no Brasil não é por nada, por que tinha as melhores condições, muito pelo contrário o MNU sempre andou muito tropeçadamente das pernas em relação à estrutura e condições do MNU, mas o MNU teve e eu acho que continua tendo apesar de todos os problemas que a gente teve, o MNU para andar nos estados onde o MNU tem sessão ainda tem as melhores cabeças do movimento. Por se pensar, por se pensar em uma luta anticapitalista, antirracista, anti machista, toda a forma de opressão, isso faz com que o MNU ainda consiga ter quadros que dão a direção da luta das mulheres negras, da luta do negro no Brasil, é muito, muito interessante isso, eu que achei lá muita prepotência do meu professor na década de 80 depois analisando a trajetória do MNU, com todos os problemas, não deixo de enxergar os problemas que tem, mas assim, nós dentro do MNU fizemos discussões cruciais que aliás acho que tá faltando voltar, que a gente tá buscando voltar a retomar essas questões, nós colocamos a discussão de raça

e classe, nós colocamos discussão a questão do feminismo negro, nós colocamos que feminismo não era tudo a mesma coisa, foi o MNU que fez essa discussão no primeiro momento que levou todo mundo a discutir isso, então eu acho que falta muita coisa, mas sempre faltou, sempre faltou, quando a gente conseguiu juntar os quadros do MNU, a gente conseguiu tocar a política de enfrentamento com o racismo e etc, acho que é isso.

Entrevista nº4: José Adão “Adãozinho”

Vamos começar aqui, são algumas perguntas tá? Primeiramente fala seu nome completo.

Adão: José Adão de Oliveira.

José Adão de Oliveira, qual a sua idade e aonde você nasceu?

Adão: Tenho 62 anos e nasci em Minas Gerais.

Minas Gerais, aonde ali de Minas?

Adão: Vieiras, cidadezinha pequenininha...

Fica ali no sul de Minas?

Adão: Não, norte, fica duas horas do Rio de Janeiro, perto de Muriaé à beira da rio Bahia.

Ah, que bacana. Quanto tempo você permaneceu militando no MNU ou ainda permanece militando no MNU?

Adão: No MNU desde a própria fundação até hoje, eu só me afastei um pouquinho depois que eu casei, eu me afastei da coordenação nacional não dava para..

Conciliar.

Adão: Conciliar e fazer várias coisas e tal, então optei por uma atuação sem cargo de direção e trabalhando mais em questões de bairro e aí todas as discussões os atos públicos sempre pautando, mas não mais na coordenação nacional.

Entendi, vai pra completar 39 anos, dia sete 39 anos, você disse que nunca deixou de militar no MNU, você chegou a militar em alguma outra organização antes da MNU ou junto?

Adão: Foi em termos de organização negra não, negra é única, mas eu já era membro da convergência socialista, né?

Você entrou na convergência quando?

Adão: Desde a fundação...

Em “75”

Adão: 75-76” quando foi fundada tinha uma outra coisa atrás.

Era a liga operária antes, né?

Adão: Isso, era a liga operária.

Engraçado que nas pesquisas eu vi que você participou do Versus [revista] também, né? Da linha editorial do versos. Quer falar um pouco desta experiência, o Versus ajudou ali o que seria o embrião do MNU inclusive de algumas discussões.

Adão: É em certo sentido é. É que nesta época antes disso, eu era, vim das comunidades de bairro da igreja católica e na época eu participei da jovem comunidade operária católica, antes participei das reuniões das comissões de justiça e paz representando lá a igreja Santa Terezinha lá em Artur Alvim as reuniões na época com Dom Paulo, Paulo Soares, com José Gregório, José Carlos Dias e tal, e bem nesta época bem antes do MNU já se discutia nos grupos de jovens vários assuntos e tinha uma irmã Cecília era uma irmã que eu falo é de caridade negra tal e ela colocava das dificuldades que ela tinha quanto negra na cultura no seio das demais irmãs em Cristo e tal, e eu estranhava muito porque quando a gente é tipo todo mundo católico todo mundo cristão então teoricamente esses problemas estariam resolvidos “né”?

Sim...

Adão: Mas assim os piores serviços e tal era dado para ela e era muito conformado em relação a isso. Depois eu achei na rua um jornal é que era ligado aos mórmons e falava a questão de Caim, a questão da escravidão porque era uma culpa que a raça negra tinha que era uma maldição aquela coisa toda e eu achei um absurdo aquilo lá então quando mais tarde quando constituiu a convergência formou-se grupos dentro da convergência constituiu um grupo de mulheres um grupo pautava a questão homossexual racial então era chamado núcleo negro socialista e aí discutia as questões é população negra a opressão a questão do racismo a revolução e tal, e isso já “77” por aí a quando se constitui antes de ter diretoria a gente já eu um grupo anterior também ao núcleo socialista era o grupo alicerce que era um grupo secundarista que eu fui um dos co-fundadores que aí era a questão do ensino médio a gente fazia reuniões na corrente senão me engano acho que era “Novo rumo” é que era se reunia o pessoal da USP, PUC, e tinha um pessoal do colégio Costa Manso, Porto Seguro, Costa Manso era estadual e tinha outros colégios também então tinha esse grupo esse núcleo de linha

esquerdista que pautava o ensino médio e que tinha afinidade com o pessoal universitário e tal tanto que as discussões que tinha lá na USP das correntes de liberdade e luta novo rumo a gente era uma familiarizado com essa questão de você estar analisando as questões em caminhar contra a favor essas questões todas, aí quando se constitui a editoria afro latina América é grupo afro latino América na Versus em “77” é aí a levou a não é a quer dizer eu fazia parte das reuniões de ver a pauta e tal mas eu não era intelectual não era jornalista não trabalhava na cultura nessa época eu trabalhava como carteiro na época e tinha discussões de uma maneira geral então assim a gente fez parte sim da editoria mas o núcleo no diário e tal tipo era o Hamilton Cardoso, José de Maria Pereira, é tinha mais proximidade também em função da faculdade da própria USP Vanderlei José Maria e eu participava das reuniões de editoria mas não era com a mesma frequência que os demais “é escrevi um texto que está lá publicado tal e se debatia as questões no geral. O núcleo, núcleo socialista é se reunia de vez em quando aqui na sede da convergência que era aqui no Parque Dom Pedro tinha reuniões que a gente fazia reuniões amplas reunia o núcleo socialista que era umas 10,12 pessoas, tinha o núcleo das mulheres, o núcleo dos homossexuais que fazia plenário com esses três grupos juntos “né” então bem mais tarde, bem mais tarde quando vem é o partido dos trabalhadores no governo e tem lá de pauta os homossexual questão das mulheres e tal então a fonte tá lá trá e aí falando é especificamente, voltando a sua pergunta então é essa é a entidade que é a pré-movimento negro, pré MNU quando as questões vão se agudizando exigindo mais atenção da nossa parte na questão racial lentamente a gente vai e entra em um acordo com a questão da convergência a gente vai pautando exclusivamente o MNU que é ali que estava as questões gerais as questões centrais do próprio Brasil então a gente é deixa de militar de forma organizada em termos de convergência e pauta a exclusividade na questão de segundo **Nossa que massa. E pra você qual que é que era o principal objetivo da MNU?**

Adão: Olha o MNU ele começou com um caso de discriminação lá no Clube de Regatas Tietê lá quatro jovens foram impedidos de adentrar área social e tal e o assassinato do jovem Robson Oliveira da Luz lá em Guaianases “né” então o combate à discriminação “né” e o combate a violência policial são os dois eixos

“né” é mas nós tínhamos duas outras faixas que estavam no nosso ato público “né” que era pela igualdade racial e pela democracia racial “né” então quanto a violência policial primeira faixa contra a discriminação racial a segunda pela igualdade racial a terceira e pela democracia racial a quarta, mais é o MNU no ato falou o Hamilton [Cardoso] mas não, não teve grande destaque é mais uma das vozes principais foi a Neuza Maria Pereira “né” que foi a única mulher que falou desse ato então assim foi a Neuza Maria Pereira ela foi quem escreveu o primeiro artigo no jornal Versus em “77” e que deu tanto reboliço tanto discussão quem em função desse artigo é que, é que surgiu a editoria "afro latino América" porque sentiu-se que não tinha embora o país fosse de maioria negra é e a própria linha *trotkista* da convergência que pautava a questão racial como questão estruturante para qualquer coisa no Brasil e então com o grande retorno que teve o artigo dela o pessoal sentiu necessidade o Marcos Fermo, o senhor Oswaldo de Camargo e outros o Jorge Pinheiro de se aprofundar essa questão aí no sentido de aprofundar a questão da discussão racial no Brasil é que houve o contato com o Hamilton, aí o Hamilton foi é convidado a coordenar a editoria aí quando a Neuza Maria Pereira fala no ato 7 de julho para gente que é do núcleo negro tinha uma linha, tinha uma coerência “né” no sentido de estar empoderando a mulher negra “né” tá empoderando não ela já se empoderava por si mesma e o ato público de 1979 a grande faixa que abre o ato do MNU é contra a tríplice exploração da mulher negra, gênero, raça e classe “né” então assim e a gente é foi protagonista desde lá trás “né” pautando a , o empoderamento da mulher negra mas a gente reconhece que foi a própria mulher negra por meio da Neuza Pereira que abriu “né” esse, esse caminho. Então assim qual o objetivo da MNU é tem essas quatro, essas cinco “né” faixas sintetiza e é o que está colocado hoje não houve. Você citou a questão dos 39 anos numa análise pessoal, nós passamos 39 anos nas duas primeiras bandeiras contra a violência policial e contra a discriminação racial e somente agora é pelo plano nacional da educação PLDB que nós entramos na questão da igualdade e na questão da democracia “né” até então é foi somente na fase do contraponto “né” .

**Entendi é obrigado , é importante isso esse ato de “79” quando ele foi?
Foi no 20 de novembro?**

Adão: 20 de novembro na praça da Sé.

E foi apenas em São Paulo?

Adão: Foi apenas em São Paulo, eu não lembro se houve em, deve ter tido em outros estados também, mas tem até uma foto que está o professor falecido, o professor Oswaldo, é Oswaldo desculpas Eduardo Oliveira.

Eduardo Oliveira.

Adão: Ele falou no 7 de julho. Professor, meu poeta representando a UBE, União brasileira de Escritores e nesse ato de “79” a única foto que se tem é dele e aparece eu, aparece o Geraldo Potiguar e tal e essa , essa faixa aí.

Nossa que legal e na sua opinião Adão sendo um das principais influência intelectuais que teve, que tiveram na MNU tanto nacionais quanto internacionais pessoas ter se inspirados tipo qual é a referência que vocês viam que vocês se inspiraram na postura .

Adão: É não tinham assim, tem que entender o seguinte que o MNU é assim na visão que tem hoje como se fosse uma entidade monolítica “né” não era um exemplo quando houve o ato de discriminação lá no clube regatas Tietê e a morte do Robson é quer dizer antes do assassinato dele por tortura já tinha esse reboiço “né” aqui na comunidade Vinte e Quatro de maio, na Rodrigo Shal nos bailes, nos Chic Show, Guilherme Jorge, Luis Carlos e tal e toda essa “né” então participa da fundação do MNU o Aristocrata clube , o Coimbra que é de gafeira “né” o Cecan é onde vem o grupo decisão “né” que é o grupo dos principais interlocutores “né” na questão da concepção do MNU. A participação da CBB da Sebastião ascensão cristã brasileira beneficente Henrique Cunha o pessoal que é da capitão Marcelo que é da frente negra de “32” “né” são também co-fundadores da ascensão da juventude israelita “né” a UBE união brasileira de escritores pela pessoa Eduardo de Oliveira a então assim é uma gama 15, 18 grupos diferentes que compõe com o processo do próprio clube das reuniões das passeatas que a gente foi “né” a gente participou dos atos públicos pela democracia “né” aqui em São Paulo, São Bernardo do Campo na vila Euclides várias vezes a gente foi “né” então assim com a luta política há não pode esquecer também que por exemplo em “81” quando tem o atentado do Rio centro onde tinha uma bomba pra explodir lá no palco onde tava os

artistas, então assim não foi um período muito fácil “né” então muitas entidades que assinaram a fundação que participaram da fundação com o passar do tempo elas foram cada um tomando a, a voltamos a fazer o que faziam antes “né” a gente que vinha de uma linha política a gente continuou na linha política e avançando então, quem os grupos que sobraram mais fortemente foi o nosso do grupo "afro latino América" “né” do "clube salista" e o pessoal do grupo decisão que era do Secan “né” que era o Milton Barbosa, Rafael Pinto “né” Lurdinha “né” é esses continuam junto com a gente “né” e o resto do pessoal foi cada um quando tinha ato todo mundo somava mais não era naquele cotidiano análises políticas “né” aquelas questões todas.

Sim.

Adão: É então assim no desenvolver aí vem, por exemplo, vem o mais tarde o Clóvis Moura “né” várias reuniões com Clóvis Moura vem o Florestan Fernandes “né” reuniões com ele discussões e a na época deixa eu ver quem mais tem as influências que vem de fora no que estava os Panteras [Negras] tava “né” aí no geral “né” o Malcom X, o Luther King e tal as relações que nós já tínhamos não pelo MNU mas relações políticas e a gente tinha outros contatos com o MPLA “né” movimentos de libertação “né” o PAIGC, lá em Guiné Bissal já tínhamos contato com o pessoal é da luta palestina “né” então do geral que desse momento de abertura a gente começa a ter contato com vários, vários grupos ” pela descolonização “né” da África tal “né” então vai interagindo aí era Amílcar Cabral era referência Agostinho Neto “né” eram todos uma gama de referências “né” .

Mas essas referências sempre muito importantes. E pra você qual a importância do MNU na sua vida e no seu processo de identificação quanto negro ou senão ajudou também não contribuiu de alguma maneira pra você e na sua vida?

Adão: Assim como eu já vinha de uma trajetória pela base lá da igreja católica, as pessoas já tinha interno então MNU foi um, uma oportunidade de estar consolidando “né” é esta questão de estar se colocando perante o mundo quanto sujeito tal mas quando se somou, você falou da questão das influências um cara que veio e somou na luta tal foi o embora não tenha reivindicado posteriormente porque ele era muito brigão era o Abdias Nascimento “né” mas ele já era uma figura outra “né” conhecida tal e aí quando ele vem faz a fala em

um ato público “né” e depois ele é uma peça decisiva para incluir a palavra negro porque no original era movimento unificado contra a discriminação racial.

Sim.

Adão: Que era uma gama de várias, de muitos grupos desde a esquerda até o pessoal de direita tinham os empresários negros e o Antonio Leite, o Adalberto Camargo “né” que era da direita mesmo da antiga arena e tal o Paulo Rui Oliveira “né” então era muita, muita gente influenciando mas no meu caso já vinha com essa trajetória da luta política de pensar “né” então o MNU ele ajudou digamos há focar mais na questão racial enquanto negro”né” mas na questão digamos operária eu já tinha essa, esse digamos acúmulo “né” .

Sim.

Adão: Quanto cresce já tinha eu era carteiro eu participava é das reuniões por exemplo da primeira greve que teve no correio no Brasil “né” eu fiz parte a gente fechou o, o CDD lá dá Vila Leopoldina e a gente não acreditava não acreditava que tinha fechado aquilo ... quando vem o consolidando lá mais quando eu encontro a MNU eu já tenho essa , esse acúmulo “né” mas foi bom pra ta vendo digamos mais uma é perspectiva quanto sujeito e aí até então nós não víamos como negros mesmo tal não tinha a questão digamos era cultura dos bailes, movimentos Black e vinha o pessoal Palmeira, vinha Tim Maia, Tony Tornado, tem aqueles grupos Paulo Cesar Caju”né” que era referência no esporte tal”né” crítica na relação ao Pelé que não se assumia enquanto tal al “né” mas muito respeito pelo profissional que ele era.

Sim.

Adão: “Né” então todas essas discussões é rolavam “né” Ismael Ivo “né” que hoje é, é diretor aí artístico do municipal “né” já era referência para gente, não é referência assim participava “né” a gente era negros que que estava despontando “né” e sem falar que um dos caras que também teve influência a o Eduardo Oliveira e Oliveira que escreveu a peça "Agora falando nós" que ele era da , da USP “né” e a Tereza Santos “né” que foi quem veio do rio de Janeiro “né”perseguida e que aqui em São Paulo dirigiu “né”, montou a peça do, do Eduardo Oliveira e Oliveira e a Tereza Santos que integrou o Hamilton nesse grupo de teatro que ela, dessa peça que ela tava montando “né” e foi a grande responsável do Hamilton é estudante universitário estudou aqui no

Caetano de Campos a Tereza Santos é grande responsável pelo Hamilton se assumir quanto negro.

Que até aquele momento [...]

Adão: Era só o estudante “né” pai músico tal era um, tipo um cara classe média tal e ela que pela peça pela discussão ela que traz essa, essa consciência aí , isso aí em “73” “né” então temos a peça "E agora falamos nós" em “73” “né” caminha “né” para o grupo afro latina America “né” , tem outros grupos nesse novo período também tem um grupo tem um grupo de teatro Visumbo que é daqui da Casa Verde, tem o grupo Evolução do Lumumba ETC e outros,”né” que vem mais nessa pegada mais, mais consciente então assim tudo isso contribuiu para estar digamos consolidando o conceito “né” de, de negritude agora.

Sim, é muito engraçado que assim o Hamilton não é um negro tão claro e ele não se vê assim, hoje é algo bastante interessante de se pensar esse movimento da Tereza Santos vai na contra-mão do que é a gente vê do que tem essa discussão hoje do colorido tem tudo vai bem na contramão né?

Adão: É que embora assim eu tenho que distinguir a Tereza, ela veio de uma corrente marxista.

Ela era de qual, ela era de algum partido?

Adão: Ela era do não posso falar com certeza ,senão me engano ela era do PCB ela veio perseguida e tal e ela vai pra Angola participa do sistema tal mas assim a ela diferente de outros membros de esquerda ela assume a questão racial quanto negra “né” e tem negros de esquerda que assumem a questão somente é de classe não se coloca quanto tal “né” na militância mesmo e tal assim ela tem uma grande importâncias assim nesse sentido “né” então ela é uma das que contribuiu pra construção da identidade negra dentro do movimento de esquerda, é diferente de outros negros que é só simplesmente militantes de esquerda.

Sim, nossa isso é muito importante sim é já que você falou um pouco da questão de classe é você viu uma relação entre o MNU com o movimento de trabalhadores ali na década de “70”, “80” tiveram greves importantes?

Você falou dessas dos correios mesmo que você participou quando foi essa greve?

Adão: “79”, “79” ela teve importância assim, que enquanto o núcleo socialista era corrente a negra dentro de um movimento de esquerda então essa questão era discutida internamente nos boletins e tal então quando você o MNU se estrutura no meio, no meio político e em plena ditadura militar ele acaba influenciando o discurso “né” é desses militantes que não tava no movimento negro mas tava atuando dentro do meio sindical “né” então você tem alguns sindicatos criando seus setoriais negros dentro do meio sindical “né” e em muitos deles é colocando as questões como o MNU colocava publicamente é então se vai ter lá os bancários, se vai ter os metalúrgicos se vai ter é vários sindicatos “né” pautando essa , a questão racial.

Legal que é difícil achar essa relação quando que foram criados algumas secretarias que a própria discussão mesmo que a CUT acho que é de “84” né? Ela vai fazer essa discussão já no finalzinho de “86”, “87” começa a organizar atividades nesse sentido assim mas é difícil achar dados que coloquem essa, antes disso antes da licença dada da própria CUT e essa articulação dentro dos sindicatos de ter essa setoriais essas secretárias de negros, secretárias de combate ao racismo.

Adão: É que tem um processo assim histórico que se dá nesta abertura democrática... você tem “78” no ABC “79” a questão da anistia “né” a “78” tem a questão racial transitando “né” ao lado das outras demandas é da própria abertura “né” então é um momento muito rico quando se abre a cada um vai procurando as suas afinidades, aí mais tarde vem as questões das movimento diretas, por exemplo o Hamilton Cardoso é uma das pessoas que discursam no ato de Diretas já representando o MNU , quando mais tarde em “86” o governo Montoro cria a coordenação da população negra houve toda uma discussão de pessoas que já eram “né” que participou de todo o processo do MNU e tal mas que não tinha afinidade como MDB da época “né” que a gente era mais à esquerda, mas mesmo assim as discussões que rolaram influencia a criação cada negro onde tá tinha, você tem pra você o Antonio Leite “né” que era do movimento dos empresários e tinha uma corrente que queria realmente as empresas negras, bancos negros, “né” na questão de negro estar ocupando o seu espaço “né” que divergia da gente porque a gente era um pouquinho mais

radical e queria as questões mais é a partir do ponto de vista da classe operária, mas como o MNU era essa frente enorme “né” então é todas as questões perpassam as discussões só que com o passar dos anos e tal é que conforme o pessoal foi se organizando naquilo que queria fazer “né” então aqueles que eram digamos assim mais não digo radical mas tinha uma questão racial uma questão mais de base de uma forma mais consolidada aí permaneceu dentro do próprio movimento negro e aí foi surgindo outras entidades, pautando a questão racial do ponto de vista mais participativo naquilo que estava colocado .

Entendi e a última pergunta, na verdade é que na sua visão o que falta para o movimento negro hoje?

Adão: Olha eu retomo um pouquinho da sua pergunta anterior.

Claro..

Adão: Você falou de “78” a “90” “né” em *86” eu fui um dos co-fundadores da associação amigos de bairro lá do bairro onde eu morava aí a gente pautava o asfalto, “né” condição do posto de saúde “né”, é foi inaugurada em “85” então tem várias outras pautas que são importantes e então eram o asfalto, saúde, habitação “né” educação “né” é então embora em vários momentos teve uma participação digamos exclusivamente nos atos públicos da questão racial mas houve a participação dentro daquilo que também o negro é faz parte e tal e assim por diante, inclusive na greve dos correios a grande parte dos carteiros tinham muitos carteiros negros e se discutia essa questão “né” lá dentro também sim “né” a então por exemplo embora não tenha é digamos continuado na forma na coordenação do movimento “né” então eu participava das reuniões de bairro, participava do clube de mães, do conselho de saúde é participei mais tarde, aí na década de “90” você fala na década de “90” ou em 1990 ?

1990.

Adão: Há então não faz parte.

Não mas se você quiser falar não tem problema não.

Adão: Não só queria dizer que por exemplo a, eu conhecia a de nome depois conheci pessoalmente e tal mas não com muita intimidade a doutora Iracema mas quem tinha muito papo com ela era o Hamilton e a doutora Iracema que fez desde “72” toda uma pesquisa em relação a anemia falciforme, ela é pioneira nesse assunto no Brasil e o movimento negro deve muito ao trabalho

dela e ela não teve o reconhecimento devido, então assim quando a gente ia nas nossas falas a gente pautava que tinha que ter a política pública em relação a anemia falciforme e diabetes e tal, e anemia falciforme mas eu nunca tinha visto ninguém falcêmico “né” e em “97” eu tinha um vizinho que tinha um garoto que vivia sempre doente e recomendei já fez o teste de anemia falciforme tal e aí levou uns oito meses para conseguir fazer e aí quando fez deu positivo .

Nossa!

Adão: Então eram oito meses de dor assim terríveis e tal e aí o pessoal perguntou quem é que deu um toque pra você sobre esse assunto daí o cara falou do meu nome e me convidou pra ir pra uma reunião com esse pessoal, daí foi no dia 8 de março de 1997, então por coincidência foi o dia que foi fundada a associação da anemia falciforme no estado de São Paulo e eu fui co-fundador dessa associação. A Afesp fez um projeto de lei que na câmara tramitou “97”, “98” foi aprovado e aí é o primeiro projeto que tem municipal sob esta questão, tinha uma tramitação a nível nacional que não estava andando “né” mais porque que eu participei, porque a gente conheceu esta questão vi o movimento negro “né” via o que já se fazia antes do MNU nessa questão “né” que o Hamilton tinha pautado “né” e aí hoje a anemia falciforme tá no ministério da saúde, tem programa tal “né” mas vai pegar a raiz lá trás né tem uma bandeira que a gente vem pautando ela, carregando tal “né” e tem outras questões e tal de , mas essa daí acho é eu coloco como de relevância, de mudança real eu acho que é por aí .

E pro movimento negro hoje se acha que falta o que?

Adão: Há então como tinha falado no começo nós é pautamos até agora 39 anos foi do contra hoje é muitos lugares que eu vou ou qualquer outra pessoa do MNU vai a juventude já tá pautando ‘né’ a quanto ao genocídio da população negra, a juventude preta, pobre, periférica tal, tal, tal “né” e então assim na questão do genocídio a questão das cotas que tem vários coletivos e tal então já existe um certo acúmulo pela sociedade brasileira daquilo que a gente pautou lá trás, a questão do quesito cor que aqui em São Paulo é de “91” “né” a Lei 10639 que virou lei em 2003, mas que a gente pautava lá atrás e quando tem o congresso SBPC é em 1979 lá hein Alagoas, a Lélia Gonzáles participou e neste congresso é que o Gilberto Leal que era do MNU lá da Bahia

conheceu a Luiza Barros, em função desse congresso que a Luiza Barrios veio do Rio Grande do Sul para participar é que ela decidiu mudar pra Bahia “né” e a Luiza Barros mais tarde é vem fazer parte da coordenação nacional do MNU e a gente se reunia e tal e mais tarde ela vai ser a ministra da igualdade racial .

Ela foi a primeira né?

Adão: Ela foi a primeira e no congresso que o MNU fez agora em 2014 na e ela participa dá aqui as etapas da conferência da igualdade racial aqui em São Paulo em 2013 a gente se reconhece e se cumprimenta e tal e depois eu a reencontro no congresso que teve lá em Salvador em 2014. E uma das coisas que ela falava , falou em público que o MNU era a única entidade que não reivindicava o cargo que ela tinha “né” que todo mundo assim a porque ela estudou aqui na minha escola fez o fundamental. E MNU sempre tratou ela como respeito assim “né,” mas no patamar de igualdade de não utilizar do fato dela ter passado pela entidade pra demandar questões “né” e até então até esse congresso a gente tinha essa característica de manter a autonomia independência a gente apóia sim aquele que é correto ser feito mas não atrelamos a qualquer tipo de governo mesmo que seja governo de esquerda a gente sempre manteve a nossa independência até é esse congresso, mas eu falei o nome dá Luiza Barros só pra colocar que se hoje é existe hoj , no caso a 10639 no plano nacional de educação foi porque lá atrás a gente pautou isso no congresso esse tipo de ??? a gente fez uma formação na Bahia , né já nos moldes um pouquinho do embrião da 10639 lá na federal da Bahia em “87” “né” a gente participou é do processo aqui em São Paulo na questão do núcleo da consciência negra assumimos a parceria tal “né”. Respondendo, eu estou colocando isso pra naquilo que falta “né”, aquilo que falta pra gente é primeiro é rankiar tudo que a gente conseguiu conquistar até hoje “né” e tá colocando isso como referência e compartilhar isso com a sociedade brasileira como um todo os negros, os asiáticos, os brancos, os indígenas, “né” é compartilhar isso é o segundo é que, que nós desejamos para 2018, 2020, 2030, 2050, 2100 é planejar o futuro e começar a agir “né” então as pautas principais do meu ver é implementar o plano nacional de educação, plano municipal de educação é a década internacional dos povos afro descendentes a agenda 2030, dezessete UDS nós temos que assumir essas pautas de médio e longo prazo, a questão das mudanças climáticas que, que o movimento negro unificado, que os

coletivos dos movimentos negros, o que a população negra é deseja que seja feita hoje e amanhã começar a agir “né” nós não temos mais que ficar pedindo licença, autorização é ficar melindrados com que tal partido x,y,z com governo x acha já temos um caminho, vamos caminhar quem tiver conosco está conosco, quem tá contra esteve contra sempre “né” quem era contra cotas em 2012 continua sendo contra hoje alguns reverteram e estão a favor mas o que nós enquanto movimento unificado tinha que pautar já pautamos então nós não temos a obrigação é , e não temos o direito de ficar preso a um passado nós já pautamos esse passado, modificamos ele destruimos a questão do conceito de democracia racial e agora temos que partir pra cima pras duas segundas faixas , o que é igualdade como se materializa a igualdade como se forma “né” que exemplo de igualdade que existe hoje que tem que ser multiplicadas, potencializadas, o que é democracia racial como que elas se dão como que se organiza como se materializa? Tem hoje exemplos de gestões democráticas “né” na educação na saúde, no mercado de trabalho, no campo onde as coisas estão rolando na periferia “né” é elencar “né” e começar a multiplicar “né” porque é sem que a gente faça isso o país não muda “né” e uma vez que a nova gestão que está em São Paulo a gestão temporária que está em Brasília com o governo Temer quando eles tentam tirar 10639/11645 das leis e diretrizes da base da educação LDB, quando em vários estados, vários municípios é não cumprem a 10639 “né” e tenta digamos, destruir as manifestações de cultura negra como carnaval, cortando verba de carnaval, verba da cultura não tem novidade, “né”? É o racismo estrutural, é o racismo institucional se materializando então a gente vai combater isso, a gente sempre combatemos isso, o que temos que fazer agora é ver quem são nossos parceiros independentes da cor da raça, e vamos caminhar juntos construir um novo Brasil para o bem estar de todos “né” e os negros que tem muito negro que é contra o prazer em te conhecer, tchau e benção até logo “né” nós caminha por aqui se um dia quiser caminhar conosco, vai ser recebido de braços abertos mas a gente não tem, não pode, não deve ficar mais preso “né” na bandeira unicamente do contra, contra violência policial, contra a exploração da mulher negra “né” nós temos que caminhar naquilo que é a favor de um novo mundo de um novo Brasil “né” a questão agora do agenda “20”, “30” em pauta a questão da sustentabilidade. Aí define é sustentabilidade são aquelas

as lutas questões para satisfazer as necessidades da geração atual sem comprometer as necessidades das gerações futuras, nós temos que vivenciar isso quando a gente pensa na nossa família, na nossa escola, no nosso trabalho e tal mas como nós estamos em uma relação política além da geração atual, além da geração futura nós temos que ajudar os governos e a geração passada representada aí pelo Temer, pelo Dória e outros a evoluir para que possa ser reparados os danos e males cometidos pela geração passada então essa questão está além muito além de uma simples reparação seja histórico, seja econômico e tal essa questão da reparação e no conselho da sustentabilidade está no sentido de experienciar de educar a geração presente, os jovens as crianças o do como agir de uma forma ética e correta, se não for feita a reparação quem está aí, é vai repetir ou como opressor ou como vítima o que já foi no passado e o mundo não pode mais viver desse jeito é um prejuízo pra todo mundo “né” então cabe além das questões nossas como movimento negro unificado cabe aprofundar esse conceito de sustentabilidade, mas ao mesmo tempo trazer esse resgate do passado e a gente ser parceiro sim na construção desse novo conceito acho que é isso.

Adão muito obrigado gente encerra aqui a entrevista, vou parar aqui a gravação.

Entrevista nº 5 - João Elias

Qual a cidade que você está, João?

São Paulo, na cidade de São Paulo, no Estado de São Paulo.

Ok. Se você puder ler o termo de reprodução e utilização, por favor.

Eu aceito a reprodução e utilização da gravação, em áudio, realizada por Lourival Aguiar para fins de pesquisa.

Isso. Hoje é São Paulo, 20 de setembro de 2016. Boa noite João.

Boa noite.

Vou fazer algumas perguntas pra ti. A primeira seria teu nome completo, idade, cidade e data de nascimento.

João José Elias de Oliveira, 60 anos, 23/06/56.

56, legal. Quanto tempo você militou no MNU ou ainda milita no MNU?

Bom, eu entrei em entrei para o MNU em 2009, no final de 2008, e ainda estou nos quadros do MNU.

Para você, qual o principal objetivo do MNU?

O principal objetivo do MNU é denunciar o racismo, denunciar os prejuízos que o racismo causa na vida da sua vítima preferencial, no caso brasileiro o afrodescendente, o negro ou o preto, embora haja outros racismos no Brasil, contra o indígena, contra outras etnias, mas eu sou focado na temática da discriminação contra o negro. Então, o papel do MNU é denunciar o racismo e lutar contra o prejuízo que ele causa.

Quais são as principais influências intelectuais, nacionais e internacionais, que norteiam a política do MNU?

O MNU é ligado a tudo que é afro-diáspora. Nesse sentido são os pan-africanistas, somos ligados com o que aconteceu no nosso país, Brasil, mas também somos ligados no que aconteceu em todos os lugares para onde o negro foi sequestrado e levado para ser escravizado. E focamos também na

história da África Então as influências são essas, o continente africano e países da diáspora negra.

Legal.

Claro que o movimento, aquilo que foi feito na França, durante o surgimento do pan-africanismo, a questão da negritude, feita por intelectuais franceses, a luta dos negros americanos pelos direitos civis, tudo isso nos chega, e tudo isso nos influencia.

Nossa, muito bom. E qual foi a importância do MNU para você no processo de construção, ou não, da sua identidade enquanto negro?

Bem, eu comecei a construir minha identidade negra antes de conhecer o MNU. Eu sou natural de uma pequena cidade do interior de São Paulo, Tatuí, e na adolescência, jovem adulto, já comecei a perceber alguma coisa que colocava os negros da minha cidade em uma posição social inferior em relação aos brancos. Eu não tinha conhecimento do que acontecia ao redor, mas de qualquer maneira, quando eu comecei a sair da minha cidade, nesse movimento de você terminar seus estudos e aí ir pra outra cidade pra estudar um outro, nesse grau né, desde o colegial até a universidade, fui saindo da cidade e fui percebendo que aquele padrão de lugar de negro se repetia em todas as cidades que eu ia. Sempre assim, os negros tavam por baixo. Então eu fui percebendo isso e fui me identificando como tal – eu sou criado, eu sou filho de vô, minha vô era negra, e minha tia negra, minha mãe negra, então eu praticamente não tive contato com gente branca. Embora seja um afrodescendente da pele clara, por minha avó ter engravidado de um homem branco e depois minha mãe engravidado de um homem branco, mas não conheci esse avô branco e tive pouco contato, conheci mas de um contato só, com o pai branco. Então de modo que eu cresci e fui criado por mulher negra. Fui percebendo que o que tinha pra minha vó, o que tinha pra minha tia, o que tinha pra minha família negra, e fui percebendo que aquilo tinha alguma coisa a ver com essa. Fui acordando devagar. Não tinha o MNU na minha cidade, não tinha esse assunto na minha escola, não tinha esse assunto na minha casa, não tinha esse assunto ao meu redor. Fui simplesmente por intuição, por desconfiança e percebi que havia alguma coisa ligada à nossa corporeidade

negra. À medida que fui envelhecendo e fui saindo da cidade, fui percebendo que tinha em outros lugares. Tanto depois quando eu viajei pro Rio de Janeiro e comentei esse assunto na casa de quem eu fiquei hospedado, e entrei na livraria e me dei com um livrinho chamado “O que é racismo”, do Joel Rufino dos Santos que é um historiador do Rio de Janeiro, falecido hoje. Aí li aquele livro e aquele foi um ponto de partida pra que eu soubesse o que é racismo via leitura. Meu despertar, meu tornar-me negro, ele foi gradual e foi sozinho, fiz carreira solo. Muito tempo depois, depois de ter escrito um livro inclusive, foi que eu tive contato com o MNU, depois de ter escrito esse livro, e mais tempo depois ainda fui acabar entrando também para o MNU. Então, pra mim, o movimento negro não despertou minha consciência negra mas complementou bastante os conhecimentos que a gente tem que ter pra poder lutar contra o racismo. Porque tem a reflexão coletiva aqui no MNU, né? Então você aprofunda sua reflexão aqui compartilhando a reflexão dos outros.

Nossa, importante. Fala um pouco mais desse processo da juventude, de se entender enquanto negro. Você falou que foi um processo sozinho que se completou quando você saiu de Tatuí e foi para o rio de Janeiro. Você morou no Rio de Janeiro?

Saí de Tauí, fui pra Sorocaba fazer meu colegial, de Sorocaba fui pra Itu fazer o serviço militar, de Itu fui pra Campinas pra fazer meu estágio depois de ter feito o colegial, de Campinas fui pra São Paulo pra arranjar emprego e fazer meu cursinho, depois mais tarde fui pra arranjar emprego e me estabilizei aqui. Todas essas cidades, o Rio de Janeiro foi um momento até mesmo antes de eu sair pra vir estudar, foi um momento de; não, depois, desculpe. Deixa eu colocar na linha do tempo. Bem depois, quando eu já tava em São Paulo, já tava empregado que eu fiz essa viagem pro Rio de Janeiro e aconteceu essa questão de eu passar a ler esse livro. Mas até então eu já tinha percebido alguma coisa, mas eu não tinha lido nada sobre o assunto. A questão racismo, ela costuma acontecer uma coisa muito intrigante, né? Que há o silêncio do lar e há o silêncio escolar e há o silêncio na comunidade, ao redor, e há o silêncio na mídia também. Então de modo que as pessoas demoram pra entender o que acontece porque elas não têm onde se apoiar pra poder discutir o assunto, não têm onde discutir o assunto, não têm onde ler. Na cidade pequena é pior

ainda. Mas como foi o processo na minha juventude? Bom, na minha juventude eu achava que as minhas interdições eram porque eu era pobre. Então eu me descobri discriminado primeiro enquanto classe, pra bem depois me descobrir discriminado enquanto raça. Enquanto classe você até consegue discernir o que você tem que fazer – é se apegar ao estudo, se apegar à obtenção de qualificação profissional, criar habilidade e conhecimento pra poder arranjar emprego. Isso é uma coisa. Depois que você consegue estudar, se qualificar e tudo o mais e consegue emprego, que você percebe. Primeiro você percebe que há alguma dificuldade para você entrar no mercado de trabalho. Você tem as coisas que teu colega tem, mas por algum motivo você é selecionado depois. Eu não tive muito problema para entrar no mercado de trabalho porque eu tinha conexões, eu tinha rede social sem saber o que é uma rede social. Mas quando eu já estava no mercado de trabalho eu percebi que no chão de fábrica, a partir do chão de fábrica já tem uma pouca presença negra, mas então quando se vai para a administração de um empresa, então aí você vê que não tem negro. Você começa a suspeitar que tem alguma coisa estranha aí, a pouca presença do negro no ambiente onde tem os melhores salários, as melhores posições, digamos assim, na organização. Quando eu fui pra faculdade, aí sim que eu percebi mais ainda, porque eu era o único aluno negro praticamente de todas as séries da faculdade. Aí você percebe a solidão que os colegas dão, por você ser negro. Então esse processo você vai juntando peças, né, pra poder formar uma percepção.

Claro. Indo para a próxima pergunta. Para você, qual a relação que teve do MNU com os movimentos de trabalhadores das décadas de 70 e 80? Você acha que eles se influenciaram, eles se encontraram?

Eu não tava. Nas décadas de 70 e 80 eu não estava no MNU, eu conheço, eu tenho essas informações pelos depoimentos que tenho de colegas. O movimento negro, claro que para lutar contra o racismo, ele tem que fazer parcerias com as forças, digamos assim, democráticas e vanguardistas da sociedade. Claro que a esquerda sempre achou que o combate à discriminação enfraquecia um pouco a luta de classes, mas mesmo assim o movimento negro conseguiu algum tipo de parceria, gradualmente conseguindo a parceria de sindicatos, enquanto o movimento negro queria que o sindicato

tivesse a questão do combate ao racismo na sua pauta de luta dos direitos do trabalhador. Pelo que eu conheço das pessoas que já estavam no MNU antes de mim, eu sei que o MNU tinha essa estratégia de levar esse assunto para dentro dos sindicatos, pra dentro dos partidos, dos partidos de esquerda, né, pra poder obter parceria, pra poder fazer a luta, pra poder fazer com que a gente tivesse pessoas de sindicato e da classe trabalhadora lutando também do nosso lado.

Pra você, o que falta para o movimento negro hoje?

Olha, hoje podemos dizer que o movimento negro foi bem-sucedido, foi plenamente bem-sucedido em denunciar o racismo. Durante um longo período da história brasileira, nós vivíamos sob o mito da democracia racial e dizia-se que aqui não tinha racismo, e durante um bom tempo esse tema foi até meio que proibido pelo governo militar, da gente falar sobre ele. Pois bem. O movimento negro teve que denunciar o racismo, teve que lutar contra o mito da democracia racial. Nesse processo tem muitos negros que precisam receber uma abordagem, uma fala especial, de maneira que entenda que tem racismo, tá certo? Porque se o branco nega que tem racismo, tem muitos negros também que acreditavam que estavam vivendo sob uma democracia racial, que a questão era classe. O MNU foi muito bem-sucedido em denunciar o racismo e fazer com que esse assunto se tornasse corriqueiro na sociedade, porque antes até você falar de racismo você perdia amizade com as pessoas. Branco ou negro, você perdia a amizade com as pessoas, as pessoas se afastavam de você quando você começava a falar desse assunto. Então hoje esse assunto tá na ordem do dia, os governos admitem que há racismo no Brasil. Um pouco antes da eleição da esquerda, do PT, o Fernando Henrique Cardoso já falava alguma coisa de levar alguma ação política pra combater o racismo. Quando o governo de esquerda assumiu o poder, criou-se a SEPPIR, então a questão de combate ao racismo passou a fazer parte da ação do governo e quem foi a primeira ministra foi gente que bebeu nas águas do movimento negro, que foi do movimento negro, que foi do MNU. E as pessoas subsequentes também foram pessoas do MNU. Então, de certa forma, o MNU até forneceu quadros [INAUDÍVEL] pra poder fazer suas políticas públicas de ação afirmativa, de combate ao racismo e tudo mais. Então o MNU foi bem-

sucedido na denúncia do racismo e no início do combate ao racismo. Isso foi uma questão do movimento negro, que eles chamam de movimentismo. Hoje nós temos que dar um passo além, um passo adiante. De todos os sucessos que o MNU teve, por exemplo, gente do MNU pautou a lei 10639, que é aquela que obriga, que mexeu na Lei de Diretrizes e Bases da educação pra que o ensino de história da África e da cultura afro-brasileira seja ministrada até o ensino médio em todas as escolas, sejam particulares ou públicas. Isso é uma conquista do movimento negro, embora não esteja plenamente implementada, mas a lei está aí, está para ser cumprida, é cumprida parcialmente em alguns lugares mas tá pra ser cumprida. Sucesso do MNU. Agora hoje, a gente sente falta, pra gente sair da questão do movimentismo do movimento negro, de formar uma organização política para que a gente possa fazer com que o poder no Brasil não seja uniétnico como ele é hoje. Porque hoje, se você for ver bem, a etnia branca é quem manda em todos os poderes, político, econômico, militar, não é verdade? Então o próximo passo agora é a gente falar em reparação, e pra se falar em reparação há que se ter uma organização política pra poder falar sobre esse assunto. E outra coisa que também é extremamente importante, é que nós chegamos num momento em que nós necessitamos de ter escolas de formação de consciência negra. Escolas mesmo. Já que a lei 10639, se fosse bem demandada, só atingiria quem está em idade escolar, então hoje se a lei estivesse aplicada e funcionando plenamente, estaria abrangendo as pessoas que têm até 18 anos de idade, que é mais ou menos a faixa de idade que a pessoa tá terminando o colegial. E quem tem 19, 20, 30, 40 anos, vai aprender sobre história da África e história da cultura afro-brasileira onde? Pra poder fazer uma militância de qualidade? Não vai voltar pros bancos de escola, não tem como, não é verdade? Então nesse momento nós temos que focar na formação. Há que se ter formação pra que a gente possa ter uma ação militante, uma ação política, uma ação de organização do negro mais qualificada e mais efetiva.

Sim. Pra você qual o papel dos não-brancos na conquista das pautas dos negros, na aplicabilidade das reivindicações dos negros?

Quando você fala não-brancos você fala de negros?

Isso, de não-negros na verdade, desculpa.

Não-negros é branco.

Branco, indígena, asiático.

Na verdade eu não uso muito esse linguajar de negro e não-negro, porque o não-negro eu colocaria todas essas pessoas que você tá falando, as outras etnias, do indígena, do branco, do asiático. Mas primeiro, o indígena, ele não tá em posição de discriminar negro, porque ele também sofre discriminação e a maioria deles sequer estão no meio urbano, estão mais no meio de aldeia, ou estão nas periferias como nós negros. Os asiáticos são um número muito pequeno no Brasil. Então a questão do negro é com o branco. Então esse não-negro que você fala é o branco. Ele sim que ocupa unietnicamente todas as posições de poder no Brasil. Como que ele poderia nos ajudar? Primeiro, ele tem que ter letramento racial. Ele tem que entender que ele não pode ser um ser sem raça. Não se usa mais a palavra raça, ele não pode ser um ser sem etnia. Ele tem que entender que ele é sim etnicizado, e ele tem uma posição de privilégio, tem que entender que ele tem essa posição de privilégio. Começa por aí, tem que ter esse tipo de letramento. Compreender que ele tem vantagens por ser branco e ele tem que reconhecer isso. Primeira coisa que ele tem que fazer para estar do nosso lado. Nós não podemos ter constrangimento de falar sobre racismo perto de uma pessoa branca com medo de ferir o sentimento dela. A gente vai dizer que o branco, especialmente o europeu, quando aqui chegou, além do processo de escravização, depois que passou o processo de escravização, já na abolição, o homem imigrante ocupou praticamente todas as posições econômicas no Brasil. E o negro foi colocado de lado, foi marginalizado no processo, desde 1888 até aqui. É preciso que essas pessoas brancas reconheçam que têm esse tipo de vantagem sobre nós. Entender a sua posição “racial” e de privilégio branco. Então eles têm que obter letramento racial pra nos ajudar. E aí, então, depois que tiver esse letramento racial, aí sim estudar as nossas pautas, estudar a nossa literatura, saber o que é que foi feito conosco pra poder nos ajudar com conhecimento, da maneira que eles nunca vão sentir o racismo como a gente sente, mas que pelo menos intelectualmente ele possa saber o que foi feito com o negro desde que chegou.

Com certeza. Alguns dos entrevistados citaram como influência os processos de libertação em África. Você acha que eles foram tão referência para o MNU quanto foram os movimentos pelos direitos civis nos Estados Unidos?

O MNU, de certa maneira – de longe, né? – sabia o que se passava, quer dizer uma parte dos negros brasileiros sabia o que se passava nas lutas de África e aqueles de MNU, o MNU passou a existir desde 1978, de 78 até 94 já tinha o apartheid na África do Sul. O MNU lutou bastante como parceiro na luta contra o apartheid. À distância, né? Falamos sobre apartheid e tudo mais. Então tinha sim conhecimento, influenciava sim as lutas de libertação, teve gente daqui do Brasil que foi pra África, foi morar em África num momento em que, em Angola, em Moçambique, por exemplo, onde se falava português e conheceu a luta dos africanos de perto, em época de guerra. Porque as guerras, por exemplo em Angola, as guerras de libertação na África foram mais ou menos em 1960, tá certo? E muitos desses países, logo depois que se libertaram do colonizador, entraram em processo de guerra civil, o povo se dividiu. E teve gente daqui que esteve em África, conhecia o que se passava lá. Então, claro, sim, as coisas que se passavam em África de certa maneira influenciaram mais aqueles negros que tinham um acesso privilegiado às informações que vinham de fora. Não de grande parte da população, não podemos dizer que grande parte da população sabia o que se passava lá, mas aquelas pessoas que eram do movimento social, do movimento negro, sabiam. Então isso teve influência aqui entre nós também.

Vamos pra última pergunta João. Deixar você descansar um pouco também, né?

É.

Você falou bastante da questão da informação né, da [João interrompe para aclarar].

Não, da formação.

Isso, da formação. Quais iniciativas tem hoje o MNU com relação não apenas dos seus quadros mas da sociedade, com relação ao racismo?

Bem, eu sou uma pessoa que de 2009 pra cá, bem de 2009 não, de 2010 pra cá, fiquei responsável por escrever o material de formação do MNU. E sei que o MNU já teve formação antes, mas a formação que tem estado entre nós até agora tem sido, na grande maioria das vezes, a gente ter lista de livros obrigatórios pra quem é militante. Formação de lista e passar essa lista pras pessoas ter acesso a esses livros e poder ler esses livros. Essa tem sido uma das formações que tem o MNU. O MNU também tem formação no momento em que ele se reúne em assembleias, no momento em que se reúne em seminários, no momento em que se reúne em congressos. Tudo o que a gente faz nesses momentos de grandes reuniões também servem como formação. Mas a formação que eu me propus a escrever para o MNU, ela vai um pouco além disso que tem sido a formação tradicional do MNU. Eu tenho feito pesquisas aonde eu estou formando material mesmo para ser aplicado via online, via Skype, um curso que fala desde a origem da humanidade em África oriental, passando depois pelo assentamento ao redor dos rios Nilo, Tigre e Eufrates e todo esse processo de formação de civilizações negras até os dias de hoje. Esse é o material que eu me propus a produzir por ter sido responsabilizado por fazer a formação do MNU [INAUDÍVEL por 3 segundos]. Então essa formação que hoje essa formação era pra ser inicialmente para militantes do MNU e, a partir de agora, já não é mais só para militantes do MNU. É para ativistas em geral.

Nossa, muito bom. João, eram essas as perguntas. Agradeço muito a oportunidade, a atenção e era esse mesmo o objetivo da entrevista.

Entrevista nº 6 – Hugo Zambukaki

Por questão de registro, seu nome completo?

Hugo - Hugo Ferreira da Silva

Perguntar a idade e onde você nasceu?

Hugo – Eu tenho 70 anos, porque depois do 70 você começa contar de mês em mês, aí eu to com 70 e seis meses. Eu estava fazendo a conta, eu sou filho de um pai já idoso, meu pai nasceu em 1896. Tem registro histórico...Tinha um 50 anos, né? Aí eu nasci em 1946, então na realidade eu sou a segunda geração pós-abolição. Nasci aqui em São Paulo. Meu pai era militar, e por caso, minha mãe e ele moram aqui em São Paulo, então eu sou paulistano por acaso.

Mas sua família é de onde?

Hugo – Meu pai do norte Minas, de uma Cidade chamada Riacho dos Machados, que é uma área de quilombos. Minha mãe do Rio de Janeiro. Meu pai fez academia militar do Realengo na década de 30, mais ou menos assim, antes ele tinha sido...Ele entrou no exército como soldado, ele participou de revolução... Inclusive participou...

De 32?

Hugo – Não, antes de 32, participou das revoluções de 20, inclusive esteve na marcha com Prestes, e ele inclusive foi contemporâneo do Prestes nessa escola do Realengo, que é uma escola militar que hoje está fechada, era uma escola inclusive voltada para a classe popular, aí depois houve uma série de revoluções no Rio de Janeiro, na Praia Vermelha, tem aqui a história dos 18 do Forte e tal, e os caras criaram uma escola no Realengo, no Rio de Janeiro, pra formar oficial, é algo assim que por exemplo hoje corresponde a você fazer um curso de medicina na USP, pela dificuldade que tem de você fazer o negócio assim, a minha militância vem inclusive dessa visão do meu pai de militar revolucionário, meu pai tinha a perna metralhada, tinha uma bala no peito que não foi retirada, e era mais escuro do que eu, né? Quer dizer, até hoje o pessoal coloca essa questão (como se diz?)

Do colorismo.

Hugo – Do colorismo... Lá em casa, a gente independente da cor que a gente nascesse, nós já sabíamos que éramos pretos. Porque naquela época era homem de cor...Então quando os caras xingavam a gente, era preto. Eu morava em São Vicente, a maior surra que eu apanhei foi porque um cara chegou e xingou minha de prostituta, puta né? Puta casa com preto.

Sua mãe era branca?

Hugo – Não, minha mãe não era branca, aí é que ta aquelas coisas assim, a minha mãe tinha um jeito parecido com o meu, de moura, né? Porque era aquela coisa assim, era um família, que inclusive eu levantei na época do Raízes, né? Quis saber a história da africalidade da minha família. A história da família do meu pai termina em Minas Gerais. A história da minha mãe, rapaz, é uma história hiper interessante por quê? É uma família tradicional Moura, que vem de Portugal de antes do nascimento de Portugal, quer dizer, é uma coisa assim, eu tenho o sobrenome da minha mãe, né? E o meu pai fez questão, pra você ver, de todos os filhos só botar o nome dele, o sobrenome dele. Então minha mãe tem assim, eu posso até te mostrar minha carteira aí, tem um sobrenome Negreiro, saiu um Lobato, um Silveira da Silva, Silveira e tal, que remonta uma cidade lá no norte do Duro, norte do Duro, que se chama Negreiros, por quê? Negreiros, porque teve muito negro. E assim, você olha assim, eu descobri da família da minha mãe, desculpa ta falando...

Não imagina!

Hugo – eu descobri da família da minha mãe que o pessoal que esteve presente nas caravelas do Tomé de Sá, na hora da tomada do Rio de Janeiro e dos franceses. Quer dizer, a gente pegou assim, a família... A minha família, né? A gente negava essa questão da família da minha mãe, a gente era Ferreira da Silva, porque claro, meu pai deve ter tido alguma razão muito séria para não incluir o nome da minha mãe, e minha mãe concordava, né? Porque minha mãe foi uma feminista, antes do feminismo, né? Então é aquele negócio, eu trago toda esse processo, essa bagagem de luta e assim né? E assim, eu fico contente de estar dando continuidade nessa...

Nossa que impressionante, que coisa... Porque é difícil ter uma família que é mais tradicional dentro da militância...

Hugo – É... Não, minha família não era tradicional, né?

É que você vai continuando nessa tradição...

Hugo – É, é aquela questão assim, eu, por exemplo, tive uma sorte, sorte entre aspas, né? Meus pais morreram, eu tinha dez, doze anos. Minha mãe morreu, depois meu pai morreu. Meu pai morreu de morte morrida, um cara que foi guerreiro morreu de morte morrida, caiu na rua e faleceu, se me desculpe que eu estou meio embargado, né? Então o que aconteceu? Eu não sou assim, eu não carrego o peso de ser filho de meu pai, né? Meu pai, por exemplo, teve uma atuação forte aqui em São Paulo, meu pai era tenente, porque também ocorria isso, na Ditadura Vargas, os negros, os índios, os descendentes de imigrantes inclusive, eram bloqueados no exército, na Ditadura Vargas, tem trabalho voltado pra isso, meu pai nunca passou de 2º tenente, meu pai colocava o seguinte, até quando ele morreu em 58, ele falava assim que estava procurando realizar a patente dele, que ele falava assim, o companheiro, o colega de turma dele mais é... Mais baixo, tinha patente de Major, e ele ficou na posição de tenente, aí como eu não tive oportunidade de conversar muito com o meu pai que ele morreu, eu comecei a ler livros, aí você vê livros da época falando dessa escolar militar do Realengo, o Prestes que não passou de Capitão, você entendeu? Então o Prestes vinha, apesar de branco, né? Ele vinha de uma família pobre e ele era, como é que se chama...? O pai dele tinha falecido, aí ele entrou na escola militar porque ele era órfão de oficial, ele era órfão de oficial. Eu procurei resgatar a história de minha família através dessas histórias.

Nossa, que impressionante mesmo. E quanto você chegou a militar no MNU?

Hugo – Acontece isso, né? O MNU ele começou com uma frente, começou numa frente. Eu participei assim, de antes do MNU, eu participava do **CECAN**, eu, por exemplo, conheci dois companheiros, que esses companheiros são a

base do MNU, que foi Rafael Pinto e o Milton Barbosa, eu ontem inclusive estive com ele, a gente conversava outras coisas porque a gente tá pretendendo fazer um homenagem lá no dia 7, dos companheiros que ainda estão vivos. Eu conheci o Milton em 1975.

Aonde você conheceu o Milton?

Hugo – Eu conheci o Milton através da Raquel Trindade, que eu estava inclusive na fundação do Teatro Popular Solano Trindade, que naquela época não tinha discussão sobre raça. Por quê? Era um processo da democracia racial brasileira, então o pessoal dizia, e o racismo estava eliminado, né? Estava eliminado, que não tinha isso nós éramos exemplo no mundo e tal, inclusive o pessoal achava que tinha um processo forte de discriminação, mas aqui em São Paulo, nessa época que estou te falando de 75 sobre o baiano, que era o nordestino em geral, aí eles falavam que tudo era baiano, então você encontra piada sobre o baiano, eu inclusive militava num grupo que se chamava Cacimba, que era um grupo que tinha... Cacimba, não sei se você sabe o que é? (A – Não sei), é um olho d' água, quando está assim no deserto, tem o olho d' água então era uma proposta cultural, era uma proposta cultural, aí o pessoal começou a criar... A Raquel e o irmão dela, o Liberto, (A – Liberto, que eu entrevistei também), começou criar lá no Embu, o Teatro Popular Solano Trindade, e aí eu já era formado, já era formando em advogado, comecei como advogado dar apoio pra eles criarem a instituição, (A – Você é advogado de formação?), Sou advogado de formação e sou professor de história. Por isso que eu tenho essa visão de pesquisar as coisas, porque é pesquisar minha história também, e aí em 75, havia uma discussão muito grande, sobre 1978, porque a raiz do MNU e a raiz desse movimento, foi 1978, os noventa anos da abolição. Que a moçada contestava aquela comemoração que tinha lá no Paysandu, e até assim, tinha lá o club 220, que os caras eram a favor da ditadura militar, diziam que a democracia racial existia, que aqui não tinha preconceito, porra a gente sentia na pele, a gente sentia na pele. Hoje inclusive eu peguei, botei uma poesia, que era dos Cadernos Negros,

Que é do Quilomboje, né?

Hugo – Não, não é do Quilomboje, o Quilomboje nasceu dos Cadernos Negros, pelo contrário, né? Então aquela coisa assim, então você vê, em 75 a gente começava a discutir essa questão de discriminação, de comemoração do 13 de maio, que já haviam levantado lá em 1970, o pessoal lá da Palmares, que era um coletivo, Palmares, do Oliveira Silveira discutia que de em vez de a gente apoiar os abolicionistas, que aqui em São Paulo eram muito fortes por causa do Luiz Gama, e até hoje a gente rediscute isso. O abolicionismo foi um fato importante na história do negro brasileiro, né? Porque teve inclusive negros que foram se livram da escravidão, como o Luiz Gama, que era livre, que depois foi vendido pelo próprio pai, se tornou ratua, que advogado provisionado, e conseguiu a sua liberdade e defendia, então a gente via o abolicionismo como uma coisa forte, então quando veio essa ideia do Oliveira Silveira, desse coletivo, lá na rua da Praia, no Rio Grande do Sul, o pessoal falou, não, vamos pegar ao invés 13 de maio, comemorar o 20 de novembro, então é o seguinte, 78, resumindo a história para não ser muito longo, o que ocorreu? Em 78... Acho que até um companheiro que você deveria levantar a história dele, tendo ele falecido, né? É o professor Eduardo de Oliveira Oliveira.

Eduardo de Oliveira Oliveira

Hugo – Inclusive você vê, tem um, eu até assistir, eu fui... Na segunda feira eu fui num lançamento de um livro, então tem uma entrevista dele e outros companheiros, que é aquele documentário, “O negro da favela ao soul”, de 1977 ou 1978, você deve ter assistido. Então o Eduardo de Oliveria Oliveira, ele era antropólogo, ela era discípulo do Florestan Fernandes, discípulo eu não sei ele foi aluno dele, eu acho que não, porque inclusive ele teve uma morte trágica, mas isso eu falo pra você depois. Ocorreu o seguinte, ele pegou e fez uma semana, chamada quinze dias, semana do negro, uns quinze dias assim, aí o que que ele fez?

Isso aqui em São Paulo

Hugo – Nesse filme você vê, inclusive o Miltão, estava brincando ontem com o Miltão, que naquela época todo mundo se escondia de foto, Miltão botou a mão no rosto para não ser reconhecido,

Mas voz era inconfundível

Hugo – Mas ele não tava falando, na plateia... E a gente tinha medo de ser reconhecido, por quê? Nós éramos vistos como racistas, por quê? Aqui era a democracia racial

Ditadura Militar

Hugo – Ditadura Militar, nós estávamos trazendo as ideias que o pessoal dizia que eram as ideias dos Estados Unidos, então ocorreu assim, houve esses quinze dias que o Eduardo fez, né? Juntou inclusive Florestan e toda aquela militância dos anos 20 e dos anos 30, que era o Seu Corrêa Leite, Raul Joviano...

Abdias?

Hugo – Não, Abdias não, Abdias vem depois. Então juntou esse militância, que eu vejo assim, nós éramos os neguinhos da faculdade, nós estávamos fazendo faculdade, então ocorreu o seguinte, a gente tinha contato com Marx, a gente tinha contato com a história do Florestan Fernandes, que naquele livro dele, né? “O negro na integração da sociedade de classe”, ele contava sobre a história desses ícones pra gente, porque esses militantes, nós não tivemos, a geração de 78 não teve um contato com esse pessoal virtualmente, é fisicamente, né? A gente tinha através dos livros, então quando o Eduardo pegou através do Florestan, porque o Florestan tinha feito uma pesquisa sobre esse pessoal, trouxe pra gente, e quando ele fez esses quinze dias, que agora eu não me lembro o nome, mas inclusive no filme que você vai ver, a semana do negro...Eu não sei! A gente começou a tomar contato com esse pessoal, mas independente de ter tomado contato com a gente, o que influenciou muito a gente, foi os Panteras Negras, né? Inclusive o Abdias tava exilado lá nos Estado Unido.

Tava exilado, ele foi exilado em 68

Hugo – É, tinha se auto exilado porque foi é igual o Fernando Henrique, foi pra lá e tal, não sei o que lá... E aí, quando começou a abertura, primeiramente, né? Então no dia 7 de julho, agora quando fazemos 39 anos, que vamos fazer o lançamento, naquele dia que você nos encontrou aqui era o dia 8 de junho, que foi o dia da fundação do MNU, então ocorreu o seguinte, naquele dia teve

a fundação, depois “nós vamos fazer um lançamento, fazer uma carta e tal nas escadarias do Municipal” e foi no dia 7. E, aí foi essa coisa, eu comecei a militar com um pessoal de esquerda voltado pra questão de cultura, em 75 em conheci a Raquel e o Miberto que estavam fundando o Teatro lá no Embu, não sei se você ouvi falar dessa companheira, a Doutora Maria da Penha Guimarães, então, uma grande companheira que morreu há pouco tempo, foi assim, porque inclusive a mulherada cobra, “cadê as mulheres”, ela era uma advogada, e inclusive com minha ex esposa falecida, Marilda Soares, né? A gente deu o apoio pra fundação jurídica do Teatro Popular Solano Trindade que existe até hoje, aí ela pegou e falou; “Não porque você é meio radical, que não sei o que lá”, aí me apresentou o Milton e o Rafel, e aí a gente começou uma trajetória, partimos depois pra militar no CECAN, Centro de Cultura e Arte Negra, era ali no Bexiga, e aí quando ocorreu a morte do Robson Silveira da Luz, que foi, que era inclusive primo do Rafael.

Do Rafael Pinto?

Hugo - É do Rafael Pinto, ele foi morto dentro de uma delegacia,

Lá em Guaianases, né?

Hugo - isso, foi morto dentro da delegacia, foi preso porque acusaram de ele ter roubado umas laranjas na feira, sabe aquelas coisas de moleque, sei lá se foi verdade ou não, mas eles o levaram ele pra delegacia, e depois ele apareceu morto, porque disseram que ele tinha fugido da delegacia e tinha sido atropelado, e ainda mais o caso dos atletas do Tietê. Então a trajetória minha dentro do, por exemplo, aqui a gente brinca, eu não fui um neguinho que estava passando na frente do CECAN, eu participei de todo esse processo de gestão, como eu tava te falando, não vejo tanta importância de tá tomando meu depoimento porque eu fui apenas um companheiro que participou como militante, né? Agora, era uma frente, depois o MNU se tornou uma entidade, nesse processo do MNU se transformar em identidade, eu não acompanhei, não acompanhei por quê? Porque eu continuei fazendo coisas através das entidades que eu participava, como advogado do MNU, eu acho que nós fizemos uma coisa fundamental, que foi a defesa do Quilombo do Cafundó,

Fica onde?

Hugo – Aqui em São Paulo, Salto de Pirapora, e naquela época o pessoal nem enxergava aquilo como um quilombo, não são pessoas fugidas, foi uma doação de terra e eles tinham na época de 78, né? E acho que eles têm até agora, porque eu conversei com o pessoal da embaixada de Angola, eles tem até hoje uma língua de resistência, né? Africana, que o pessoal de Angola fala que tem palavra okumbo, kibundo, que eles chamam de cucupóia, então em 78 nós fomos lá, eu como advogado, eu fui lá como advogado, aí eu fui lá, cheguei lá e falei que, "sou representante do MNU de CDR, que na época não era MNU. E a gente garantiu os primeiros 8 alqueires da comunidade, então a comunidade não foi lançada pra fora, que houve um processo de morte, e por causa disso nós fomos lá. O MNU assumiu a luta, eu assumi como advogado e ocorreu isso aí. Ao mesmo tempo outras coisas ocorreram, que eu tenho até o material que vou lhe mostrar aqui. Outras coisas ocorreram porque o MNU era uma frente, então ocorreu o lançamento dos Cadernos Negros, os primeiros Cadernos Negros, o Kuti e eu somos que planejamos essa ideia, você pode ver, coisas, o Kuti declarando isso, falando isso... Inclusive o nome, os Cadernos Negros fui eu que indiquei voltado para a ideia da Carolina Maria de Jesus que pegava e escrevia em cadernos, então aqui tá os primeiros Cadernos Negros, aí inclusive uma poesia que eu coloco é voltada pra morte do Robson, O Robson Silveira Dolores, uma poesia engajada cobrando a morte do rapaz, e até hoje por isso atual, porque trata da questão do genocídio da população negra, da juventude da população negra.

Nossa que bonita essa poesia! [Entrevistado mostra caderno de poesias e o entrevistador lê uma poesia dedicada ao assassinato do Nilton]

Hugo – Agradeço, foi um momento que eu tava inspirado. Só eu que procurava ter essa linha combativa de militância que eu tenho até hoje. E aí, também em 78, o Seu Corrêa Leite tava fazendo 78 anos, e ele apesar de ser jornalista, ele fazia umas aquarelas, aí nós três, eu o Ronaldo, que foi um companheiro que perdi contato, mais o Estevan, não sei se você conheceu?

O Estevan não conheci

É o Estevan é uma pessoa assim importante você contatar, nós pegamos, fizemos essa exposição do Seu Corrêa Leite, lançando o Seu Corrêa Leite

como aquarelista, e qual a importância disso? Foi no sindicato dos jornalistas. Não sei se você ouviu falar do Mario Chambleir? Eu falo, me desculpe se ouviu falar porque já passou muito tempo, O Mario Chambleir era um companheiro comunista, um dos mais importantes físicos brasileiros e que também era crítico de arte, então nós levamos o Seu Corrêa Leite pro sindicato dos jornalistas, e com uma crítica de um crítico de arte que era hiper considerado na época que era o Mario Chambleir.

Nossa que fantástico, as trintas obras

Nós fizemos a alegria... Eu vou fazer o seguinte, esse aqui eu deixo com você,

Nossa, obrigado!

Porque eu tenho outros, e assim é até uma forma da gente preservar a nossa cultura quando eu já não tiver mais aqui, (A – Será guardado com todo o carinho). É isso aí mais ou menos em síntese, entendeu, já falei até demais.

E hoje você participa de algum movimento?

Hugo – É eu participo do Movimento de Negro, dos movimentos negros. O que ocorre, eu participo, tem uma página chamada 14 de maio, né? Por que 14 de maio? O que está acontecendo depois do 13 de maio, né?

Exatamente, né? O pós abolição.

Hugo – É, o pós abolição,

Abolição aspas, né?

Hugo – Abolição, verbo abolir, suprimir, tirar as coisas, né? Abolir o negro... Se bem que hoje, existe um processo muito grande da gente valorizar os abolicionistas, eu participo hoje dessa página 14 de maio, participo de outras coisas, e agora inclusive tô participando dessa Frente Alternativa Preta que você também participa, através da minha entidade 14 de Maio, não é uma entidade de massa, nós temos uma página, temos um blog, inclusive de vez em quando a gente solta uma tese em função dessas histórias mesmo que eu estou te contando, né? E o pensamento da gente é passar para essa juventude que tá aí, né? Eu tive uma atuação forte à questão dos cinco anos, né? E foi até por isso que a 14 de Maio surgiu, quando mataram uma angolana aqui no

Brás, a Zulmira Cardoso, né? Um pessoal chegou, dois brasileiros chegaram descarregaram uma arma em cima de cinco angolanos, lá no Brás.

Isso quando?

Hugo – Em 2012, então em função disso, eu era professor com minha esposa lá na Educafro, fui e era professor voluntário, naquele cursinho que eles tem, e aí a gente assumiu o estímulo pra esse pessoal, dos angolanos, e aí, conclusão, foi feita uma grande mobilização, assim a gente uniu entidades da sociedade civil, do Movimento Negro, dos angolanos na frente, e ocorreu o seguinte, esse pessoal, por causa dessa pressão que a gente fez, foi identificado, preso e condenado, a mais de trinta anos, eram duas pessoas, eles foram condenados, e foi um crime de racismo, racismo e xenofobia. Então essa é a minha atividade, agora eu to juntamente com o pessoal do Frente [Alternativa Preta, criada em 2017], com o Douglas da UNEAFRO, a gente tá organizando esse ato que vai acontecer no dia 7 de julho, eu não cito o nome do Miltão como organizador por uma razão simples, ele vai ser um dos companheiros que vão ver homenageados, mas ontem eu tive em contato com o Milton, né? Inclusive tá vindo companheiros do Estado de São Paulo todo, o pessoal de Araras, até o Evair Augusto, que é um companheiro importante nessa gênese do CECAN, ele tá vindo de Brasília, porque são os 39 anos do dia 7 de julho lá nas escadarias, só espero não morrer, até falei assim, se eu morrer antes do dia 7 de julho, façam meu velório lá na escadarias.

Na sua opinião, Hugo, qual era o principal objetivo do MNU?

Hugo – O objetivo principal do MNU, era reunir as entidades negras, e a gente contestar a questão da exclusão e a questão do genocídio que tava ocorrendo, que logo depois que morreu o Robson, morreu um outro rapaz aqui na Lapa, chamado Nilton,

Sim, o Nilton

Hugo – Nilton de Sousa,

Era um comerciante, né?

Hugo – não me lembro se ele era comerciante, não foi um caso tão noticiado, mas inclusive nessa poesia que eu falo mataram um negro depois outro, ele é

o outro, numa continuidade que a gente acha assim, por exemplo, ontem mataram o Leandro, na Favela do Moinho, e esse Nilton ele tava num ponto de ônibus na Lapa, deram um tiro no peito dele, porque ele tava com um dinheiro, disse que reagiu... Pô, como reagiu? Era um cara que não tinha nada. Então acontece assim, tanto essas duas mortes, do Robson quanto do Nilton, que ocorreram na época, foi da Polícia Militar, que a Polícia Militar assume o papel do capitão do mato, do caçador, do exterminador do quilombo,

Exterminador de negros

Hugo – É, é o caçador de negros e de silenciador de negros. Então o MNU tinha toda uma proposta libertária, né? Que inclusive agora tá entrando em discussão, reformular, em que a gente vê que tantas outras entidades que surgiram, com a linha do MNU, quer dizer essa questão dessa Frente Alternativa Preta, é a linha do MNU, O MNU hoje é uma entidade, mas de repente a ideia de criação de frentes, com vários partidos, com vários coletivos, porque é claro, a gente tem diferenças, e vamos continuar tendo, mas tem que ter um processo de continuidade e de união dessas tendências todas.

E para você, quais eram as principais influências intelectuais que o MNU teve, tanto nacionais quanto internacionais?

Hugo – Eu já falei muito, né? Eu acho assim, Florestan Fernandes, né? Até houve o lançamento na segunda feira do Florestan,

O filho dele foi?

Hugo – É o filho dele foi, você pode ver até as fotos que eu coloquei lá, eu acho assim fantástica a declaração que o Weber Lopes deu, porque o Weber Lopes é um rapper, foi rapper, hoje é doutorado, doutorando, né? E ele falando da influência do Florestan e principalmente da influência desses companheiros como o Flavinho, como o Milton, então eu acho assim, um deles foi o Florestan Fernandes, outro sem dúvida foi Abdias do Nascimento, eu pra não estender mais,

Não, pode estender o quanto você quiser

Hugo – não, não, não quero porque inclusive eu tô meio doente, e você pode ver que eu estou ficando com a voz meio cansada, né? Então de repente

assim, dois companheiros, e eu falo companheiros porque estiveram presentes com a gente, né? O Florestan Fernandes, o Abdias Nascimento, né? Esse companheiro que eu citei pra você de início que foi um intelectual muito grande que é o Eduardo de Oliveira Oliveira, esse sociólogo, o Clóvis Moura que também conviveu com a gente nessa luta e um outro, que inclusive foi quem deu toda a estrutura junto a questão da formação do negro num partido político, o Darcy Ribeiro, e outro, eu to com a imagem dele, foi companheiro do Abdias na Tunísia, o pedagogo o Paulo Freire, eu também tive a condição de conviver com ele, Beatriz do Nascimento, a Lélia Gonzalez, foram pessoas que nos formaram, e assim pela continuidade das coisas, nos formaram, mas assim eram todos da nossa época, quem formou foi Florestan, foi Abdias, foi Clóvis Moura que era um pesquisador, e o Paulo Freire, que eu acho assim, tem outras pessoas, e o movimento dos panteras negras, pra nós foi fundamental, porque nós nos viamos nessa tentativa de organização do povo preto e poder. É isso daí.

E qual foi a importância do MNU na sua vida e no seu processo de construção, ou não, da sua identidade enquanto negro?

Hugo – Aí que eu falo pra você, a minha identidade como negro, já existia de antes do MNU, né? Porque é aquela coisa assim, eu sou um cara de cor indefinida, né? Agora, eu sou mais escuro que o Seu Corrêa Leite, entendeu, eu venho de um processo de mestiçagem, que não é mestiçagem, mestiçagem é você misturar branco com preto, eu não sei se na sua família tem assim, pessoas de várias cores, por exemplo, de repente, eu sou a segunda pessoa mais clara da minha família, e isso significa muito, e você vai entender, eu sou segundo filho homem o meu irmão era loiro de olhos azuis, então eu era o pretinho da família, apesar da minha, hoje o pessoal fala pô, mas como é que você, não sei o que lá... A primeria foi na praia de São Vicente, eu vivia na praia de calção, né? Nos anos 50, então eu era muito... Tem muita foto que eu sou muito mais escuro do que agora, eu sou agora descorado, então e depois pelo fato de meu pai ser militar, nós vivíamos num sobradinho, depois eu descobri, era um sobradinho de cinco metros, mas era classe média naquela época dos anos 50, e agente era combatido, eu vou te falar um coisa, uma puta

mágoa que tenho, sempre na minha vida e infelizmente eu carrego isso até hoje, eu não era convidado pros aniversários,

Da família?

Hugo – não, não da família, do bairro, então aquele negócio, você brincava com a molecada e tal, não sei o que lá, mas chegava na hora de você, a garotada fazia o aniversário, e não te convidava, né? Então de repente, tem companheiros que falam assim, “pô eu sempre vive em meio negro, não, eu não vivi em meio negro, eu vivia num meio que excluíam a gente, só que eu tive uma facilidade muito grande na minha vida de auto me afirmar, meu irmão estudou nos anos 50, se formou em 55, com um companheiro que eu acho que inclusive, você, só por curiosidade, procure saber sobre ele, né? Esmeraldo Tarquinio. Esmeraldo Tarquinio, se formou junto com meu irmão, lá na Faculdade de Niterói, ele era de São Vicente, e acontece o seguinte, ele foi o primeiro Prefeito negro de Santos, porém não tomou posse, que a Ditadura caçou ele antes da posse em 1969, em 1969 caçou ele, pra ele não tomar posse, por quê? Porque aí mistura a questão de raça e classe, ele era um advogado, e era ligado ao sindicato dos estivadores de Santos,

Que era um sindicato bastante importante

Hugo – Bastante forte importa, aí o pessoal classificava ele como comunista, e aí caçaram o rapaz antes de tomar posse, então uma das minhas influências foi Esmeraldo Tarquino, que inclusive eu encontrei o Esmeraldo quando nós fundamos uma entidade aqui em São Paulo, continuidade do MNU, que se chamava FRENAPO, Frente Negra Para de Ação Política para Oposição, mas isso é uma outra história, deixa para um próximo trabalho a gente discuti isso, se eu estiver por aqui.

Vai estar com certeza, e você falou um pouco agora dessa questão, dessa relação do Tarquino com o Sindicato do Estivadores, eu queria saber qual a relação do MNU com o movimento de trabalhadores, ali na década de 70, 80?

Hugo – Aí que eu falo pra você, qual MNU? Porque MNU foram vários, como eu tava te falando do 18 de junho, né? No começo tinha mais de cento e

poucas entidades, e uma coisa que eu vou levantar pra você, que talvez poucas pessoas tenham colocado, o MNU não era pra ser MNU, era pra ser, Movimento Contra a Discriminação Racial,

MUCDR, né? Movimento Unificado

Hugo – Era Movimento Unificado porque a ideia que a gente tinha inclusive você talvez deva e possa consultar esses companheiros que ainda tá vivo o Celso Prudente e o Wilson Prudente, o que nós defendíamos junto com o Hamilton, nós defendíamos um movimento contra a discriminação,

Com Hamilton Cardozo?

Hugo – com Hamilton Cardozo, um movimento contra a discriminação geral, que entrasse branco, azul, amarelo e tal. Então era Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial, e ao mesmo tempo nós defendíamos que se criássemos um Partido Negro. Tem um companheiro que eu gostaria que você pegasse e entrasse em contato com ele, que ontem eu falava com o Milton, que nós vamos fazer uma homenagem pra ele, que não teve no dia 7, porque ele tava preso, e foi um puta revolucionário, ele inclusive no dia 7 nas escadarias, foi lido um documento desse pessoal, que vieram o Nininho, você encontra o nome, o nome dele eu não lembro qual é, mas o que a gente conhece ele por Nininho, é o Nininho do Ebualê, eu posso até te botar em contato porque ele é meu amigo, e o Nininho, e amigo do Milton também, né? O nininho tava no Carandiru preso, e começou a fazer um trabalho de conscientização dos negros que estavam lá, eu inclusive era advogado e defendia alguns companheiros lá, dando força ao Nininho, o Nininho fez um documento, né? Que foi lido lá, dos companheiros do Carandiru que apoiaram o ato, que apoiaram o ato. Então o que eu tava te falando, Hamilton, o Wilson Prudente, o Celso Prudente e eu nós fomos vencidos, dessa ideia, pq? Quem defende essa ideia foi no Abdias, e Abdias do Nascimento falou: tem que botar negro. E com isso, em minha opinião modesta, foi o seguinte: nem sempre tudo o que você, era derrotado democraticamente era pior, entendeu? Eu acho que o problema do racismo na sociedade brasileira tem que ser resolvido pela sociedade brasileira, não pelo movimento negro ou nó descendentes de escravizados, pois isso é um problema que tem., uma questão que eu vivi nos

anos 50 aqui em São Paulo, espanhóis eram discriminados, japoneses eram discriminados, italianos, eram discriminados, agora não me lembro o autor agora, eu vou lembrar depois, foram feitos trabalhos acadêmicos sobre isso. Como é que esse pessoal venceu a discriminação? E a gente até hoje é discriminado pela sociedade. Então, aquela questão assim, a sociedade que está doente, então nós temos que trabalhar isso na sociedade. Tem que ter um movimento nosso, para nos conscientizarmos, mas ao mesmo tempo quem tem resolver o problema da discriminação e do racismo é a sociedade brasileira. Por que nós temos que resolver uma coisa que nós não criamos?

Risos

Hugo – É aquele treco assim, pô com esse negócio do colorismo, assim, porra, eu sofro problema. Tanto dos mais escuros quanto dos que se acham brancos. Tem um documentário chama “Brasil DNA África”, não sei se você já viu esse daí. Então foi na época da Cristina Buarque, que ela era Ministra da Educação. Ela pegou, foi feito 400 exames de DNA do pessoal, e nesses exames de *dna* que deram marcadores africanos eles levaram esse pessoal para a África. Assista isso, pois é muito interessante, as linhas e sobre linhas disso. Primeiro que esse pessoal não é mais africano. Os caras chegaram lá se bateram. Por isso eu vou falar pra você: pegue esse discurso do Weber Lopes, na fundação Perseu Abramo, que eles filmaram na segunda feira. Ele coloca: Olha, Florestan coloca assim, nós não somos pretos, não somos africanos, não somos europeus, somos uma nova coisa. Inclusive que tem que resolver seus problemas. Desigualdade aqui no Brasil? O que que é isso rapaz?! A desigualdade e a corrupção que tá aqui, é foda. Acreditamos em um partido e de repente, esse partido vez de pegar e combater, ele se une com os inimigos da gente? Sabe? A gente tem que pensar por que não teve uma atitude revolucionária. E essa atitude revolucionária, questionadora é o *funcúlo* daqueles companheiros, não do MNU, mas do CECAN. Quer dizer, na hora que começou a tomar essa linha mais revolucionária, a direita saiu. Então de uma frente que deveria ter existido se tornou uma entidade parecida com o que era o CECAN, essa é a minha opinião. Então algumas coisas eu converso. Hoje, eu estava conversando ontem com o Milton e a gente vai discutir fazer, estamos achando fundamental uma reunião, trazendo os companheiros que

ainda estão vivos e ver o que nós, velhos, podemos fazer para ajudar essa molecada a ir pra frente. Mas agora, eu fiquei impressionado com a fala do companheiro Weber Lopes, porque ele resumiu toda a visão da gente sobre o Florestan Fernandes. Procura ver, eu vou procurar para ver, eu não gravei, mas eu acho fundamental uma moçada assim, um rapaz que era rapper, saiu ligado a esse movimento que nós somos, Flavinho, do Soweto, com o Miltão para pegar livro, essas coisas. “Eu não devolvi o livro por 2 anos. Não porque eu queria ficar com o livro, mas porque Florestan é extremamente profundo, complexo. Tem que entender, eu fiquei mais de 3 anos.” Aí eu vou te mostrar depois uma foto, ele falando e a filhinha dele olhando pra ele, pequenininha, não devia estar entendendo nada, mas o mais importante de tudo é o exemplo.

Na sua opinião o que falta para o movimento negro hoje?

Hugo – Boa pergunta

Risos

Hugo – Questiono também, questiono também. Não tem solução, inclusive quem fez este questionamento, foi um companheiro que por ser mais jovem não estava com a gente, mas que é um puta intelectual Salloma Salomão. Há um pouco tempo ele perguntou qual é a entidade que nos representa? O que eu posso fazer? Eu não tenho essa resposta. Questiono também. Você tem alguma ideia?

Hoje não. Mas eram essas as perguntas. Muito obrigado.

Entrevista nº 7 – Eduardo Rosa

Tempo de Permanência no MNU?

Nunca fui “militante” propriamente dito do Movimento Negro Unificado

(MNU). O que aconteceu foi que ainda nos anos 1990, tive contato com a Regina Lúcia, companheira do meu amigo Miltão, (Milton Barbosa), um dos fundadores do MNU. Nos anos 2000, retomamos contato a partir de atividades comuns, nesse momento eu participava da Comunidade de Resgate Afro Rosas Negra, um pequeno grupo de combate ao racismo que já não existe mais.

A Regina Lúcia e o Miltão passaram alguns dias dando curso de formação e durante esse período relembramos algumas ações dos velhos tempos, como, por exemplo, nossa participação nas discussões que resultaram na criação das comissões/secretarias de combate ao racismo em vários sindicatos ligados a Central Única dos Trabalhadores, (CUT). A partir daí, por conta dessa relação, passamos (Rosas Negra) a ser considerados como uma das Comunidades de Base do MNU. Podemos afirmar que essa participação se deu aos menos até 2006, ano do XV Congresso do MNU.

Ainda participa de algum movimento e qual?

Milito em movimentos desde 1984, (essa foi a primeira vez que vi falar do MNU, mas, por razões diversas não conheci seus militantes à época. Atuo no movimento sindical desde 1988, passando por algumas organizações tais como Convergência Socialista, PSTU, Espaço Socialista, atualmente estou iniciando uma experiência sindical com a INTERSINDICAL, Instrumento de Luta e Organização da Classe Trabalhadora, na categoria na qual ainda trabalho, os Correios. Em Movimentos Negros em si, não participo de nenhuma organização.

Qual era o principal objetivo do MNU na sua opinião?

Essa não é uma resposta tranqüila, nem mesmo para seus militantes. Vale destacar que a meu ver, foi a maior criação, em termos de organização negra, desde a Frente Negra, dos anos 1920. Apesar terem focado na denúncia sobre abuso dos aparatos repressivos do estado, a polícia militar, principalmente, praticados contra a população negra, há possibilidades de se pensar um MNU, muito mais amplo que isso.

Quais eram as principais influências intelectuais nacionais ou internacionais do MNU?

Essa pergunta, assim como a anterior, não permite uma resposta curta, na realidade, tanto uma como a outra daria, no mínimo um artigo, mas é provável que rendesse um livro. O MNU surge ainda no final da ditadura civil/militar, em 1978, mas sua história é muito anterior a isso, com laços, ainda que tênues, com parte do que restou da Frente Negra Brasileira. Houve contato com ideias de Leon Trotsky, (evito usar o jargão “trotskista”, porque, além de não definir nada, também não constrói nada), Mas suas influências foram bastante amplas e, como eu disse demanda estudo muito aprofundado.

Qual a importância do MNU na sua vida e no processo de construção da sua identidade enquanto negro?

Minha “Identidade Negra” está em franco processo de construção. Apesar disso, posso afirmar sem medo de errar que até em suas maiores contradições Movimento Negro Unificado teve e tem muita importância, não só na minha, mas acredito que na maior parte dos atuais militantes e ativistas de Combate ao Racismo Anti-Preto no Brasil, quiçá no mundo. Penso que terá também nas futuras gerações.

Qual era a relação do MNU com o movimento de trabalhadores da década de 1970/1980?

Outra pergunta difícil de responder. Em meu livro, “Negritude e sindicalismo: Anseios negros na construção da CUT”, eu falo um pouco (muito pouco) sobre essa relação, mas posso afirmar que foi intensa, ainda que não tenha ocorrido o mesmo em sentido contrário, não da forma que se fazia e ainda se faz necessária.

O que falta para o movimento negro hoje?

Outro tema de pesquisa ou livro. Os Movimentos Negros, em muitos casos atuam como uma espécie de apêndice de outros movimentos, essa situação talvez se configure como sua maior fraqueza, há que se fazer um profundo balanço de nossos erros e acertos para a partir dele possamos pensar formas de enfrentarmos o Racismo Anti-Preto como ele precisa ser enfrentado.

ENTREVISTA Nº 8 – Flávio Conrado

É, estamos começando aqui a gravação, dia 19 de setembro

Flávio: Eu aceito a reprodução e utilização da gravação em áudio realizada por Lourival Aguiar para fins de pesquisa. São Paulo, 19 de setembro de 2016, Flávio Conrado Júnior.

Obrigado. É... o seu nome completo você já falou, né? Flávio Conrado Júnior, conhecido também como Conrado.

Flávio: Sim...

É, Conrado, onde você nasceu e qual sua idade, data de nascimento?

Flávio: Eu nasci aqui na Brigadeiro Luís Antônio, na maternidade João Daudt no dia 24 de fevereiro de 1967, tenho 49 anos completos.

E quanto tempo você permaneceu militando ou organicamente ou próximo ao MNU?

Flávio: Na verdade sempre foi próximo, mas nunca organicamente, até porque a gente nem sabia onde ficava o MNU, né? Eu que sou fruto da periferia, me criei lá no Jardim Milhar, na cidade Júlia que é a zona sul do estado de São Paulo, lá a gente tinha as indagações a respeito dos negros que não apareciam em lugar nenhum, na TV, nas revistas, naquela época não tinha a internet como temos hoje e nós tínhamos uma vida cultural muito intensa, e por conta disso nos bares que a gente ia, nas festas todas a gente começou a se organizar de alguma maneira. Tinha um colega nosso, Marcos Tadeu... O Marcos (...), falecido, ele foi o cara que escreveu a música Corpo Fechado pro Taíde, que foi lançado pelo selo do El Dolrado acho que em 87 ou 88, eu não lembro bem. Então esse cara enfim, era um amigão meu, entre muitos outros e a gente questionava. Tanto que ele fez... tem um grupo de rap chamado (...) que abordava muito claramente essas questões aí. De início eles lançaram Os Últimos Dias da Lei, baseado nessa discussão que nós tínhamos. Então nós conseguimos um livro, eu tenho até hoje, Raízes do Alex Haley, e Malcolm X do Alex Haley também. Inclusive esse livro ainda não... eu emprestei ele para o diretor do Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra, um órgão vinculado ao estado... a secretaria do estado de São Paulo, do governo, e esse livro se extraviou. Consegui também o livro laranja do Movimento Negro Unificado, que agora aqui de cabeça eu não me rememoro,

mas era um... uma... que a gente não esquecia, que a capa tinha um alvo, um menino na frente, e aí naquele livro já abordava as questões que nós já vivíamos, né, a respeito da violência policial, da segregação, é, dos problemas que um jovem negro sempre encontrava no mercado de trabalho pra ser realocado e toda essa informação que nós tínhamos nós usamos na questão musical, na questão de atitude, então nós usávamos cabelo escovinha, raspava, fazia um risco na cabeça assim, usava calça, sempre com cara fechada assim, séria, não era de rir, enfim, era energia acumulada pura, de revolta, de ira, mesmo eu sendo budista, que eu sou budista desde 84, eu sou budista do budismo de direito, e desde aquela época que nós éramos função, que era um apelido que se dava para um negro da periferia que andava junto com outros, era função. E naquela época já existia uma forte repressão policial. Nós tínhamos que andar com a carteira de trabalho e previdência social no bolso, e a gente se reunia assim em grupo pra ir pras festas, pra dançar um samba rock, pra dançar um funk, pra dançar soul, não tinha ainda... tava começando esse negócio de hip hop, do rap hoje como a gente conhece, não tinha ainda o sucesso do Racionais MC, como eu disse antes era o Taíde que tava... Taíde, aqueles meninos lá que, é... não me vem agora o nome de memória assim, que... falavam do rap com o nome das meninas, eu não me lembro agora, na época da (xing xon), nos bares que nós íamos. E a politização nossa ela se dava de forma muito incipiente, mas muito verdadeira. Nós não tínhamos o acesso que temos hoje, tudo fácil pela internet, de convicção, de ideologia, de esclarecimento do que acontecia... aquilo nosso era nato, a gente tinha um senso político muito evoluído e descobríamos e percebíamos na pele o que acontecia, né. Então por conta disso e essa busca que nós fazíamos de informação, seja através dos livros, seja através das letras das músicas, isso daí que nos politizou. A base nossa era essa. E aí o livro, um conseguia um livro e aí “olha, esse livro aqui”, “vamos trocar esse livro com outro”, nós líamos muito.

Sou capaz de lembrar muitos trechos desses dois livros que são clássicos pra afrodescendentes. Afrodescendentes negros, né? E ali a gente conseguiu uma base muito sólida principalmente no livro Malcolm X, né, que é um cara que tinha assim, um pensamento radical no começo, depois ele percebeu que o que Martin Luther King pregava era o quase correto, não deveria também ser

tão indulgente como Martin Luther King era, mas também não precisava ser tão radical como Malcolm X era. Se bem que o contexto que ele vivia, as leis, era outro lá nos Estados Unidos. E aqui no Brasil a gente não tinha, não tivemos pelo menos conhecimento ou pelo menos a publicização desses líderes negros como tinha nos Estados Unidos. Né, aqui pra nós a gente tinha muito incipientemente assim era aquela questão lá o Wilson Simonal levantou lá na época da BR 3, BR 3 acho que era o nome da música se não me engano, e você tinha aí também os bailes *blacks*, você tinha é... o black power, você tinha *soul music*, você tinha o jeito da gente se vestir, enfim, as gírias, as atitudes, mas liderança assim que a gente soubesse, que pudesse falar assim de pronto, só Zumbi dos Palmares, por conta do quilombo de Palmares, e assim depois de muita pesquisa pudemos dizer que nos anos 30 aqui no Brasil tinha a Frente Negra, que eram negros que antes do golpe do Estado de 37 de Getúlio Vargas, eram negros que se levantavam e andavam aqui perto na rua direita, eles passeavam na rua direita, tem até um samba, o Originais do Samba na rua direita por conta disso, né, que é uma tradição que se manteve mesmo depois dos golpes, os negros eles se encontravam e andavam aqui, iam lá da ponta da Praça da República até o final da rua direita. Eles passeavam enfim, era um movimento que tinha, muito reprimido pela polícia, mas resistiam. Do que eu ouvi dizer, porque eu não tive acesso a isso, nós não tínhamos. O que a gente tinha era as conexões dos bailes, onde a gente se encontrava, as escolas de samba algumas, muito poucas, e por ser da zona sul não tem muita escola de samba lá também, não tem, nunca teve muitas, acho que são duas ou três, e aí esse, essa é a ligação foi a ligação que nós tivemos com o MNU, que era o Movimento Negro Unificado, né, isso aí que eu posso dizer.

E assim, é... dentro desse seu trajeto de militância, quais foram as principais influências intelectuais, internacionais e internacionais que você leu, que você teve de relação com o MNU que trouxe...

Flávio: É... foi o livro laranja do MNU que acho que é de 87, não me recordo a data, ou antes, foi Alex Haley, as duas obras dele, é o que a gente teve, e alguns livros de história que eu não me lembro agora qual exatamente, eu estudei esse livro em história do Brasil, eu estudei esse livro em 85 se não me engano, e já trazia os relatos dos abusos que os senhores de engenho eles

praticavam, inclusive foi tema da minha monografia, um pedacinho que eu usei, eles praticavam em cima dos negros, né, e até mesmo os negros alforriados, essa foi efetivamente a informação que nós tivemos de forma... é, de obras. Nós não temos muitas obras voltadas pra essa questão, o que nós temos são pessoas que pesquisam, que descobrem algum aspecto da coisa e vão trazendo isso e a gente, infelizmente nós não temos. Agora é que tá surgindo, já tinha um movimento aí que eu lembro dos Cadernos Negros, onde escritores faziam contos, mas um trabalho assim de obra de peso baseado em afrodescendentes, negros, filhos de negros escravizados ou de negros escravos tem acho que um que talvez (...) que ouvi dizer que conta a saga de um negro que conseguiu comprar sua alforria, assim ouvi dizer, mas nisso somos muito pobres. Nós estamos atualizados em termo do que aconteceu nos Estados Unidos, do material que vem de lá, que também são muito poucos, né, até dos Panteras Negras a gente não tem quase nada e aí fica esse baque, uns vê muito filmes, pesquisam em internet hoje em dia. Filme sempre teve, pesquisa em internet hoje em dia e obras as clássicas que a gente sabe que tem que são essas clássicas aí, o livro laranja do MNU, o Malcolm X e Raízes, só.

E qual foi a importância do MNU e da militância negra na sua vida no processo de construção ou não, da sua identidade enquanto negro?

Flávio: Na verdade eu tenho muita sorte, porque os familiares meus por parte de pai são de Sorocaba e todos negros, tanto a esposa do meu avô paterno, minha vó, como meu avô paterno, negros. Pelo lado da minha mãe a minha avó e meu avô negros também, então a nossa família é muito negra sim. São todos negros tanto de um lado como do outro e a educação que nós tivemos sempre foi muito rígida, e essa educação que nós tivemos, dos meus pais, minha mãe e meu pai tinha a consciência de que só à partir dos estudos nós conseguiríamos superar a questão da pobreza. Nós tivemos um momento muito bom na vida mas depois meu pai se doeu por conta da saúde dele, depois teve a questão de alcoolismo, morreu com 42 anos, e minha mãe solta no mundo para cuidar de três filhos com menos de 40 anos e sem uma profissão definida, então ela conseguiu através do esforço dela fazer com que nós fizéssemos o clássico no Senai que foi uma grande chance que nós tivemos na vida, e essa foi a verdadeira base, a base familiar. A base

intelectual ela se deu, pelo menos no meu caso pelo Senai que eu fiz em São Bernardo dos Campos, mecânica geral. Lá, só por ser São Bernardo dos Campos já tinha aquela efervescência, até a própria escola tinha alguma coisa de cultura, onde a gente tinha festivais de música, dança, eu participava, aí já começou o soul, isso foi em 81 eu não tinha nem, eu nasci em 67, então eu tinha 14 anos ainda. Então lá, ali eu já comecei, eu já tinha na família, mas eu tive um contato maior com o soul, a gente gostava, os balanços que a gente ouvia, mas sem um engajamento muito político. A gente usava black power, tinha os looks da negrada que nós frequentávamos, mesmo pelo Senai, lá em São Bernardo dos Campos, aqui no centro de São Paulo, então tinham coisas tradicionais que nós fazíamos, comprar um mocaccino (...) que era um calçado, cortar o cabelo de um jeito, lá na 24, fazer um black power (...). Mas a questão do estudo foi o que levou a essa consciência somado a família, ao tecido familiar. Então ali a gente já sabia que tinha que trabalhar muito mais, que tinha que se destacar muito mais, que não poderia pisar na bola, que se pisasse na bola os meus pais seriam os primeiros a me levar pra um juizado de menores, um colégio interno, minha educação sempre foi essa. Não pisar na bola. Então essas foram as referências que nós tivemos.

E pra você assim, qual foi a relação que o movimento negro teve que com o movimento de trabalhadores do ascenso de 70 e 80, se você viu essa relação ou não, os negros dentro os sindicatos, os negros trabalhadores, entrando também nessa questão de ser negro e ser trabalhador, como que você viu ou não...

Flávio: É, eu não cheguei a ver, eu vi, eu tomei conhecimento, já desconfiava porque a gente nunca conseguia passar nas entrevistas... ouvi dizer que tinha um tal de código 9 se não me engano, que eles colocavam nas fichas dos negros, como você não poderia colocar a cor, você colocava um código, então era uma forma de identificar o trabalhador negro e impedir ele de ter o acesso, é a cota invertida, é uma tese que agora eu defendo que eles... eles... não negros, os brancos defendem que nós negros não devemos ter as cotas que é privilégio, que é vitimismo, mas eles tem a cota deles garantida seja na TV, seja aonde for você vai ter a predominância do homem caucasiano branco em tudo quanto é canto, mas você não vai ter a visão do negro, a referência do negro nesses meios, não vai ter. Então, voltando ao que você havia

perguntado, da questão dos movimentos negros com o movimento sindical , pouco tivemos conhecimento, até porque nós tínhamos que lutar pra viver, pra arrumar um emprego, eu comecei a trabalhar primeiro de ajudante de oficina, limpando calçada, tinha 10 pra 11, já queria trabalhar por conta vendendo sorvete, mas encontrava resistência do meu pai, não admitia isso. Depois eu entrei no Senai e lá a gente não percebia, pelo menos não nos ambientes que eu estava, a gente não percebia que, é... havia essa presença. Já tinha noção do preconceito, tinha noção do racismo, tinha a questão das incertezas da polícia militar nos bairros com arma no punho, atirando quando a gente tava em rodinhas conversando, já tinha disso. Tinha que ter a carteira de trabalho se não eles levavam a gente pra delegacia, nunca ocorreu comigo porque eu sempre andei com a minha carteira de trabalho, mas já vi colegas que se envolveram, se enrolaram com isso aí. Então, nós não tínhamos esse contato. A gente tinha consciência, buscava informação, mas não encontrava a contraprestação, vamos dizer assim. É a mesma coisa que você sair em busca de algo e não encontrar. Eu saí em busca de um movimento mas não encontrava, a gente não tinha, esse movimento não tinha visibilidade, isso nas regiões de periferia. Isso não existia, posso te falar aqui seguramente, não tinha. Tinha, acredito como eu e outros, vários existem os questionadores, os caras que não se conformavam, reclamava muito, acredito que tinha, mas a gente não tinha esse acesso. O que eu vejo hoje em dia, hoje em dia depois de internet, depois de mais mídia que existem essas coisas. E a gente começou a perceber de verdade isso aí no final dos anos 80, no final dos anos 80 pra 90. 1989 ou 90, foi quando começou a história do rap, do hip hop, foi daí que a galera começou a ter consciência da consciência negra, não tinha... a galera eu digo quem nasceu... a galera da geração x, é essa galera que se fala, acho que quem nasceu de 60 a 80 chama-se geração x, se eu não me engano. Então essa galera da geração x começou a ter essa visão à partir do final dos anos 90, final dos anos 80 melhor dizendo, né, 87, 85, e dali a coisa pegou. Antes, carteira de trabalho, o movimento tinha que trabalhar, ter carteira de trabalho e sair de problema, essa era a preocupação, era estar vivo, a polícia, tinha época que era um cabo tinha uns caras que eram bravos mesmo nessa questão, até porque era a política de Estado, e a polícia simplesmente executava a política de Estado, essa é que é a verdade.

Pra você, o que falta para o movimento negro hoje?

Flávio: Olha, eu posso dizer o seguinte, o que falta para o movimento negro hoje é base de informação, é base de informação. Se tem que ter um enfrentamento a discriminação, ao preconceito... eu falo isso porque... enquanto diretor do sindicato dos trabalhadores do judiciário federal em São Paulo - Sintrajud, um entre os 17 diretores, dos quais 4 são negros, então, nós do sintrajud não temos essa existência, muito pelo contrário, então de lá, acho que em 2013, 2014, eu fui, eu participei do curso de enfrentamento ao racismo do ministério público federal... ministério público do distrito federal e territórios, lá em Brasília, onde tem um promotor, que é um cara, é um cara da maior visão, Thiago com TH Pinheiro Boni, Thiago Pinheiro Boni, promotor do ministério público do distrito federal e território, Thiago Pinheiro Boni. Lá, eu tive esse contato, agora atualmente eu também faço parte, agora atualmente eu fui, eu fui nomeado como membro da comissão permanente da igualdade racial na ordem dos advogados do Brasil, faço parte agora, fui nomeado não tem dois meses, e faço parte disso também, o que muito me honra. E porque falei de Thiago Pinheiro Boni, porque este promotor é um estudioso das questões que envolvem comunidades afrodescendentes e indígenas, então ele é um estudioso, ele atua nessa questão, eu participei lá em Brasília desse curso, eu tenho até um realize disso, não tá aqui, mas tenho uma pasta que tem tudo isso aí de quando eu participei e lá tive contato com o Heraldo Pereira da rede globo, com... com... qual é o nome dele... Giovanni Harvey da SEPPIR, né, do governo federal no governo da Dilma Rousseff, e entre outros notáveis negros e lá qual foi o cerne da coisa, o cerne daquele curso foi enfrentamento às discriminações, e nós lá, foi onde eu tive o privilégio de poder falar sobre o decreto número 528 de 1890 do Marechal Deodoro da Fonseca que foi o presidente do Brasil logo após a proclamação da república que aconteceu no dia 15 de novembro de 1889, menos de um ano depois que ele se tornou presidente da república e menos de dois anos depois, dois anos depois da dita abolição da escravidão pela princesa Isabel, nós mudamos do regime da monarquia para a república, éramos súditos e nos tornamos republicanos. Nessa época, lembro que eu estudei esse decreto 528 de 28 de junho de 1890, ele foi, o que a gente pode dizer afirmativamente a primeira lei de cotas. A primeira lei de cotas. Então você partindo desse decreto 528 de

1890 do Marechal Deodoro da Fonseca você consegue entender o porque que há esse limbo na história dos negros vindos da África e os seus filhos que nós somos, há um limbo. Primeiro você tem os negros trabalhando como escravos, mas trabalhadores, eles eram trabalhadores que trabalhavam num regime forçado. Depois aconteceu um limbo, não se houve mais falar de negro, a fama que tem é que o negro gosta de beber, que o negro não gosta de trabalhar, esqueceram-se todos que foram os nosso antepassados que trabalharam nessas terras desde o começo da escravatura até a abolição dela, então, esse período todo, todas essas igrejas que nós vemos, os calçamentos das ruas que nós vemos, essas cidades bonitas que nós vemos, foram os nossos antepassados que construíram, abaixo de muito reio e mortes, mas fomos nós que construímos, isso é legado nosso. Não é dos portugueses, não é... esse legado é nosso, eles tinham as ideias e nós as executávamos, né, então eles tinham essa postura. Voltando, porque eu sempre falo desse decreto? Porque essa lei de cotas obrigava que o país ajudasse as pessoas que viessem de fora do Brasil, vindos da Europa e alguma coisa da Ásia, que teriam cotas para construir nas suas fazendas, eles teriam dinheiro do governo para comprar as fazendas, as terras, plantar e distribuir os seus lucros e pagar em suaves prestações. Só que quem podia vir? Os europeus, alguns asiáticos, mas eram proibidos de vir os negros, e os ameríndios, então você tinha essa cota. Por isso, que houve um repovoamento no país, onde tentaram de todas as formas suplantam a população negra em detrimento desses europeus, que houve esse fluxo migratório da lei de cotas que ninguém fala, mas ela existiu, tá aí pra quem quiser pesquisar e lá diz a quantidade de pessoas e de dinheiro disponível pra cada família que viesse. Nesse ínterim, os negros que foram, conquistaram a sua liberdade já há muito tempo, antes da... a lei áurea só se deu porque não tinha mais condições de se manter o tráfico de negros, a Inglaterra estava em cima disso aí. Já tinha começado a revolução industrial na Inglaterra, não tinha razão de ser o negro produzindo, sendo que tinham máquinas que poderiam produzir. E não tinha razão pra se manter esses negros nessas condições porque eles já estavam visando o mercado de consumo, só que diferentemente da colonização que se deu nos Estados Unidos dos anglo saxões vindos da Inglaterra e de alguns cantos da França, aqui no Brasil e na América do Sul, os que aqui vieram eram da Península

Ibérica, os espanhóis que dominaram, massacraram uma cultura milenar que tínhamos dos Impérios Incas, Astecas e Maias, nas cidades sul americanas, tem um livro importante de Eduardo Galeano, *As Veias Abertas da América Latina*, diz o que aconteceu nos países que falam espanhol. Aqui no Brasil foi sui generis, fomos colonizados pelos portugueses desde a época de Pedro Álvares Cabral, e aqui, pra cá vinha, com as capitanias hereditárias, os indicados. Para trabalhar para esses indicados que ganhavam as suas sesmarias, suas capitanias hereditárias vinhas os piores facínoras de Portugal e esses facínoras silenciavam e cuidavam do tráfico dos nossos antepassados. A colonização do Brasil se deu para exploração, para a expropriação, para dizimarem as populações indígenas que existiam aqui, os tupi guaranis, e todos os outros foram exterminados, mortos, por doença, por violência, e por tristeza. Acabou-se, tínhamos milhões de índios aqui no Brasil, em terras brasileiras e foram exterminados. Tentaram fazer a escravidão com eles, mas não conseguiram, poucos foram os índios que continuaram sendo escravos. Pra corrigir isso começaram a trazer os negros, e negros e negros e negros, foram quase vinte milhões de negros, não se fala nesse número porque assusta, mas o número aproximado de negros que vieram para o Brasil é de 20 milhões. Beleza? Beleza. E na parte do enfrentamento da lei de cotas da reparação que surgiu na África do Sul acho que em 2001 numa reunião que teve na ONU na cidade de Dublin, lá se estabeleceu que teríamos a década de combate ao racismo. Essa década de combate ao racismo ela se empresta pra buscar as medidas reparatórias, medidas estas que tem uma maneira de reparar através de compensação e políticas de cotas que o Brasil é signatário, o Brasil assinou, por isso que surgiram as primeiras leis de cotas, graças ao Movimento Negro Unificado que milita há muito tempo, se não fossem eles nada disso teria acontecido, então essa lei de cotas hoje que eles fazem esse barulho todo, que é uma representatividade ínfima, que é muito diferente da política que ouvi dizer que Isabel queria colocar aqui no Brasil que era a reparação que se aplicava nos Estados Unidos, que também não conseguiram aplicar muito tempo, eis que lá surgiu o Marcos Gave com o movimento para os negros voltarem para a África, Martin Luther King, Rosa Parks, e Angela Davis nos Panteras, Malcolm X e toda essa negrada que lá surgiu, porque eles entendiam que tinha que ter essa reparação. A cota lá nos Estados Unidos, a

medida da reparação era 40 acres e uma mula para cada família de negros, especificamente para cada negro 40 acres de terra e uma mula. Essa era uma medida de reparação que aqui quiseram colocar, que enfim não deu, mas o que se conseguiu através dos abolicionistas e daquelas várias revoltas que surgiram pelo país, que eles não querem dizer, mas eram os revoltosos, os males, os balaçadas, todas as revoltas eram por conta disso daí, não tem outra saída. E aí esses negros teriam direito a essa reparação. Só que aqui no país nós não conseguimos implementar, porque não conseguimos implementar? Porque existe prioridade de cotas, o que eles dizem pra nós que é um vitimismo, eles garantem-se porque são donos das terras. Primeiro teve a cota que veio de Portugal, a sesmarias. Depois as capitânicas hereditárias. Depois os distritos que é aquilo que o rei dava pra cada um para os senhores criarem, os senhores de engenho que cuidavam dessas terras. Terminou, eles continuaram nessas terras e os negros saíram dessas terras, e mandou-se vir europeus pra essas terras. Aí tem a história do europeu que é contada com muita ênfase.. a história do europeu que é contada com muita ênfase, que eles vieram pobres, sofridos, batalharam... só que essas terras já tinham sido muito e muito bem preparadas pelos nosso antepassados. Esse ato na história é proposital, pra acabar com a identidade do negro enquanto o cara que produziu o país, que fez o país, que construiu o Brasil até 1900 e aí eles rompem com essa história toda e nos fazem crer que os negros não gostam de trabalhar, são preguiçosos, que era uma maneira que eles tinham de sabotar a produção porque eles eram escravizados, eles sofriam com a vida, a expectativa de vida de um negro naquela época era de 30 anos. Trabalhavam até serem exatamente castigados e morrerem por exaustão. Por isso que a lei do sexagenário veio, porque é que nem estão querendo fazer agora com a previdência, você vai se aposentar com 75, mas você vai morrer com 70, com 60 e pouco. Então a lei do sexagenário você ia ter a abolição da escravatura com 60 anos, mas você ia morrer com 30, 40. A lei do ventre livre e essas leis todas elas sempre foram montadas com esse propósito, e aí por isso que eu falo sobre essa questão de nós termos essas informações. Nós temos essa informação pra que? Pra que você saiba como combater o racismo e o preconceito. Eles entendem que você pode ser preso na sua ignorância e você acaba achando que o Brasil é branco, que o Brasil é... todo bem sucedido, que

a cultura nossa aqui não existe, só lembra da cultura nossa aqui na época do carnaval. Aí você lembra da cultural, aí todos são negros, todos toleram, acabou o período do samba, acabou esse período você não vai ver aquelas negras deslumbrantes no escritório de uma grande empresa, não, você não vai ver. Você não verá na televisão, se não por essa forma pejorativa de produto a mulher negra retratada na sua plenitude, você vai vê-la atrás de uma bandeja, você vai vê-la a frente de um fogão, você vai vê-la se prostituindo, você vai vê-la numa condição de miserabilidade. O homem negro você verá comandando uma boca de fumo, como um bandido, ou como um negro sem família (...). Ou essas novelas de escravidão que retratam os negros cordeirinhos, não rebeldes, pacíficos e passivos, como eles creem que somos. Então, essas cotas que eles fazem a todo o tempo e se digladiam quando nós levantamos a nossa questão de direitos humanos, de reparação, então eles fazem com que você ache que você tá sendo um privilegiado, que você está sendo um vitimista, que você tem que fazer como eles fizeram, pobres, trabalharam de pequenos e conseguiram. Mentira, a polícia sabe quem é negro e quem é branco. Se você soltar um pobre negro e um pobre branco um em cada lado da calçada você vai descobrir o que é racismo, você vai saber quem eles vão buscar, você vai saber pra onde vai a bala, o policial sabe quem é negro e quem não é. Então não adianta vir com essa história de que tamo na democracia racial, que não tem racismo, que é tudo lindo, tudo belo. Mentira, o jovem negro é o dizimado, a população negra é a que sofre, as mulheres negras são as que mais são esterilizadas em hospitais, o parto da mulher negra é o mais sofrido, desrespeito até no próprio hospital das trabalhadoras do hospital para com as mulheres negras é amplo, falo pelo o que minha mãe falou, quando eu nasci. Quando ela perguntou para a médica como ela deveria se comportar lá na hora a... a atendente lá... a enfermeira falou “na hora de você fazer você fez, agora você aguenta as consequências”. Oras, o que ela fez? Ela teve um filho que sou eu, concebido com muito amor e carinho e planejamento.

Precisa de diálogo, porque através do diálogo eles vão, gostem ou não, saber que atrás de cada homem negro tem o sangue, o sangue meu é vermelho, dele é vermelho, de qualquer um é vermelho e tem o ser humano, o ser humano,

que diferentemente do que eles falam as delegacias não está repleta de negros, são brancos, negros e não negros, então você não pode ter como diz o Racionais o marginal padrão, cabelo, cor, feição, não, e isso é discriminação, isso é discriminação, isso não pode. Então essas frentes tem que ser enfrentadas, e combatidas. Ah a FIESP, tem que conversar com a FIESP, tem que ter a conscientização da FIESP, onde tiver capital envolvido tem que ter a conscientização. Pra que? Pra que se ofereça igualdade de oportunidades. O que nós não temos é a mesma oportunidade, então você tem que ter a oportunidade de não ser importunado, essa oportunidade você tem que ter. Você tem que ter a oportunidade de conseguir um emprego independentemente do seu estilo de cabelo, da sua cor, do seu jeito, mas baseado na sua aptidão para lá. Você precisa ter oportunidade pra melhorar a sua aptidão. Essas políticas não são implementadas. Enquanto isso não acontecer nós vamos ficar amarrados na lei de cotas e você tem que estar muito acima da média como diria Joaquim Barbosa que é o ponto fora da curva igual eu sempre falo pra você ter uma chance. Um ponto fora da curva estatisticamente falando.

A exceção que comprova a regra...

Flávio: É, a exceção que eles entendem que comprovam a regra, mas a essa exceção não pode ser tida como regra, exceção, é algo muito fora do comum, não é algo que é normal, olha você vai lá na loja você vai ter vendedores negros, você vai ter, você vai ter a mesma composição de uma escola de samba você vai ter em todo lugar, entende? Você tem que ter essa composição em todo lugar. Na política, o congresso não pode ser daquele jeito, o congresso tem que ter a composição que você tem numa escola de samba, poxa. Porque eu falo a escola de samba? Porque a escola de samba tecnicamente, a escola de samba foi criada em núcleos de resistências culturais, de culturas negras que se empenharam e perderam o comando dessas escolas de samba salvo um ou quatro escolas de samba que ainda tem os negros como presidentes, nas demais os brancos já são presidentes, eles que mandam, capital, né, cultural do samba, mas eu citei a composição das escolas de samba em qualquer ramo da sociedade aí sim vamos ter igualdade porque os negros em escolas de samba não são preconceituosos, não são

segregacionistas, não são preconceituosos e racistas, então numa escola de samba branco é bem vindo, branco é aceito, a branca é bem vinda. O contrário não se aplica, numa empresa nem sempre você é bem vindo, chefia? Nem sempre você vai ser chefe. Gerente? Quase nunca você vai ser gerente. Dono? Uma ínfima parcela de negros vai ser dono. Isso tá mudando, mas tá bem lento ainda é só isso. Perguntas?

Era mais ou menos isso mesmo a ideia da entrevista.

Flávio: Acho que eu falei um pouco demais...

Magina, foi ótimo... Flávio, muito obrigado pela oportunidade...

Flávio: Me coloco a disposição...

Com certeza a gente vai ter outras conversas aí, mas muito obrigado mesmo, viu?

Flávio: Sucesso aí no seu trabalho, representa bem a gente lá...

Pode deixar...

Flávio: Depois do mestrado, doutorado...

Entrevista nº 9 Rosa Anacleto

Estamos aqui, hoje é dia...14/06/2017. Rosa, eu vou pedir só pra você ler esse termo de autorização de reprodução de imagem, aí você fala o seu nome no final... Seu nome completo

Rosa Anacleto: Ok. Eu autorizo a reprodução e utilização da gravação em áudio, realizada por Lourival Aguiar para fins de pesquisa acadêmica, São Paulo, 14 de Junho de 2017. Rosa Maria Anacleto

Tá ok, vamos começar com as perguntinhas. Rosa você nasceu aonde (aí vai ter que fazer aquela perguntinha indelicada de todas... (risos))

Rosa Anacleto: Não tenho problema nenhum com isso! Eu nasci em Campinas em 19 de setembro de 1956, portanto eu sou uma mulher de 60 anos. (risos)

Muito bom. É... e você chegou a militar no MNU ou próxima do MNU?

Rosa Anacleto: eu militei muito próxima do MNU, minha militância começou em 1988, né? E o MNU surgiu nessa época...fase. Eu militei primeiro na UNEGRO, né, porque a UNEGRO também foi fundada em 1988 e o MNU tinha sido antes, mas quase todos militantes de uma certa maneira passaram pelo MNU para depois formar outras entidades

Ah que legal... É, e quanto tempo você chegou a permanecer militando próxima do MNU ou do próprio movimento negro...

Rosa Anacleto: essa é uma pergunta difícil de responder e por que que é difícil: quando você inicia sua militância, você tem várias entidades em torno de você é essas várias entidades acaba forjando a sua forma de ver a questão racial, então o MNU tinha a sua forma de ver a questão racial, a UNEGRO tinha a sua forma de ver a questão racial, então é difícil de responder pra você; eu digo pra você o seguinte desde 1988 eu milito na questão racial.

Você me falou que você permanece militando ainda né, na UNegro...

Rosa Anacleto: é...

E o que seria a UNEGRO?

Rosa Anacleto: a UNEGRO é a união de negros pela igualdade, eu estou na UNEGRO desde 1988 e atualmente eu sou presidente estadual da UNEGRO, é... Então nosso projeto é ambicioso porque a gente compreende que... é... por mais avanço que você tenha, enquanto você não está no poder institucional, você não consegue modificar a sua relação com a sociedade. Então a nossa luta, o nosso lema pra além da questão racial... é... que todas entidades comungam que é: contra o genocídio da juventude negra, contra o genocídio da população negra, a gente tem também essa questão: negros e negras em espaços de poder pra modificar essa realidade. Porque a gente compreende que tudo que nós fizemos nós últimos anos (nós: movimento negro), nós construímos muitas propostas e agora a gente precisa colocar todas elas em... é, é...pra concretizar, então a gente precisa concretizar cada uma das políticas que a gente pensou e que tá aí né?

Sim. Por ter essa proximidade com MNU, eu queria saber: na sua visão, qual era o principal objetivo do MNU, na sua visão?

Rosa Anacleto: eu acho que o MNU foi muito importante, ele foi muito importante porque nos tínhamos uma negação do racismo e esse racismo na verdade... ele era assim... ele era tão violento quanto é hoje, mas o negro era invisibilizado pela sociedade; o MNU veio pra mostrar que os negros existiam, que eles eram negros de esquerda sim, tavam dentro de partidos de esquerda mas, queriam ver as suas pautas sendo debatidas dentro dos partidos políticos... Então, é, a questão da... da identidade, eu acho que foi o MNU que trouxe pros outros negros...é... é... a identidade negra, o ser negro foi algo que... era muito forte no MNU, é, eu digo mais: é...por incrível que pareça até hoje passado tantos anos, quando você encontra um grupo de jovens negros ...é... é... e você vai conversar, o primeiro entrave é a identidade negra que ela é uma construção.. é... a gente tem aí vários autores, inclusive acho... Eu não sei... não tô me lembrando o nome completo mas, é Neusa o primeiro nome, que escreveu aquele livro "Torna-se negro", tornar-se negro...

Neusa Lima Gomes? [Neusa Santos Souza]

Rosa Anacleto: eu agora não vou me lembrar... Depois você vai ter que dar uma pesquisada...Por que que eu tô falando tudo isso? Porque eu acho que o primeiro passo pra você conseguir desconstruir o racismo é se descobrir negro. Eu acho que nesse momento contemporâneo, os jovens negros estão muito mais atentos e se assumindo muito mais... é... Mas mesmo assim, demora-se um tempo até você construir a sua identidade racial e o MNU despertou justamente isso, inclusive dizendo: olha do jeito que nós somos, nós somos negro é lindo, acho que umas das que... um dos lemas do MNU foi mostrar pro negro que ele fazia parte da sociedade que ele tava dentro do seu partido e que podia lutar junto com os demais mas, também que era homens e mulheres e crianças lindas... Acho que o MNU ... é óbvio né, que é... é... Pertencer ao MNU no caso, fazia você refletir sobre tudo isso, mas nós precisávamos dar um passo a mais e esse passo a mais digamos assim, a gente... Era construir, o MNU junto com outras entidades tentou construir por exemplo, recentemente, né; um encontro de todos negros e negras pra pensar um projeto político porque tudo que a gente fez... teve primeiro ENEN, o segundo ENEN e a gente falava de todas as questões nossas que não eram cuidadas pelos governos e do racismo, o que significava o racismo mas, nós nunca tivemos um projeto de uma nação negra, eu acho que o MNU e outras entidades se juntaram pra construir esse projeto... não conseguiram ir adiante... mas a gente ainda tá nessa construção, eu acho que esse projeto de uma nação aonde negros e negras sejam educados ... é... é... Cidadãos que participam de toda riqueza que gerou... isso tem que acontecer se não, esse país... você não vai ter civilidade, digamos assim...

Esse ENEN é Encontro Nacional...?

Rosa Anacleto: de Entidades Negras.

E aí, esse primeiro ENEN você lembra mais ou menos que ano que... que foi?

Rosa Anacleto: Eu vou ter que pesquisar pra você.

Foi mais recente, 2 mil e...?

Rosa Anacleto: não, foi mais antigo...Teve o ENEN e teve também o, o... Encontro, Encontro... não tá ajudando amigo... Não tá ajudando... Mas eu vou procurar e passo pra você, vou dar uma pesquisada.

Tá, mas pelo nome a gente acha...

Rosa Anacleto: Não! É que teve um outro encontro que foi... é, Encontro Interamericano... é que foi, inclusive, em Diadema... Foi um dos marcos também, aí...

E pra você, quais eram as principais influências é... Intelectuais nacionais ou internacionais que teve o MNU, que influências você sentia assim, 'isso é uma contribuição de tal pessoa, de tal pessoa?'

Rosa Anacleto: É que eu já... a gente já tinha conversado anteriormente sobre isso, vocês mais jovens, a referência que vocês trazem através do estudo é diferente de quando a gente começou a militar...A gente começou a militar por uma questão de se ver, né? E aí a gente sim, tinha autores que a gente lia, óbvio que sim pra poder construir a nossa história mas, não é como é pra vocês, né? Que vocês acham, acham não... Vocês através da leitura, vocês conseguem traçar... é, é... Uma atuação política e a gente era muito mais pela nossa cidade mesmo, de ser negro, de estar aqui, de ser visibilizado nessa sociedade. Essa é a diferença de nós pra vocês...

É das... Das gerações né?

Rosa Anacleto: é... (risos)

É que as pessoas sempre citam os de sempre, assim: o Malcon X, Martin Luther king e na conversa anterior você tinha citado a própria Lélia Gonzalez...

Rosa Anacleto: sim.. sim, sim

Uma intelectual negra, mulher...

Rosa Anacleto: Então, é que é assim, num resta dúvida que o Martin Luther king ou mesmo o Malcon X, eles foram importantes pelo que a gente lia sobre eles, mas a nossa atuação aqui ... é... no Brasil, ela era tão... Porque o racismo... desconstruir que a gente não vivia numa democracia racial foi muito

difícil, então a nossa luta foi muito de... De identidade, mesmo e de provar. Então as nossas referências... A experiência deles lá... é, é... Óbvio que você olhava, você acompanhava, mas a nossa era de identidade mesmo, que a gente não tinha e eles já tinham... por isso, que...

Até pela forma que o racismo se deu em cada lugar...

Rosa Anacleto: é, exatamente.

Lourival Aguiar: ah que legal...

Rosa Anacleto: eu vim conhecer Malcon X, assim... é... Depois, quando eu tava com pelo 10 anos de militância, percebe?

Acho que você falou um pouquinho, mas eu queria reforçar de qual foi a importância do MNU pra sua vida e no processo de construção da sua identidade enquanto negra, assim...

Rosa Anacleto: hmmm...

Você falou um pouco que o MNU colaborava muito nessa questão da identidade e pra você - bem pessoalmente- assim: de você ver o que eles faziam, os atos, ter lido um jornal, como que isso impactou na sua vida assim, da jovem Rosa

Rosa Anacleto: Pois é, né.. Primeiro que, eu disse que a gente torna-se negro né? eu não sou diferente das outras pessoas, quando jovem eu no mínimo queria ser mulata porque... é... me separava da situação de ser uma pessoa negra e era essa pessoa negra que a sociedade não aceitava, então essa construção foi muito dolorosa, digamos assim, é aí... eu digo assim: quando o MNU, por exemplo... ã... No campo da... não só da identidade, mas da estética, rompeu com aquela estética que nos obrigava a alisar cabelo pra se sentir mais bonita... é... As roupas que a gente usava, passou a ser mais coloridas, então eu acho que a autoestima foi uma coisa que o MNU resgatou pra mim, enquanto mulher negra; e depois na política que a gente pensava o tempo todo pra poder construir o... As nossas lutas, né, que era...ã... Ter visibilidade, ter acesso a educação, ter acesso a moradia, as coisas básicas que todo cidadão precisa para sobreviver... e no MNU e nas entidades do movimento a gente discutia muito porque nós não tínhamos acesso a isso e o acesso nos era

negado por conta do racismo, como nós é negado até hoje por conta do racismo

Sim, com certeza... Você falou que nasceu em Campinas, né? E como que foi essa construção, de sair de Campinas, que não era uma cidade pequena, mas é diferente que morar em São Paulo...

Rosa Anacleto: é que na verdade, eu nasci em Campinas, nunca vivi em Campinas; é que meu pai e minha mãe era nômade...

(risos)

Rosa Anacleto: é... como toda família negra, onde tinha emprego eles ficavam, então eu nasci em Campinas, mas não cheguei a viver em Campinas... Eu sempre vivi em São Paulo, especificamente na região ali do ABC.

Eu perguntei porque quando eu entrevistei o Reginaldo Bispo, ele fez o oposto: ele nasceu em São e foi se entender mais enquanto negro em Campinas... E como que era ser negro no ABC pra você... Cercada dos cordões industriais ali... Sempre com uma militância ligada a questão do trabalho, dos sindicatos...

Rosa Anacleto: Então eu acho que as nossas histórias de vida acabam fazendo com que as experiências elas é... é... Acabem acontecendo da forma que... Como eu comecei a trabalhar muito cedo no metrô...

Quantos anos?

Rosa Anacleto: 19 anos. E aí, digamos assim, era uma empresa que tinha... Digamos assim, é... Dava a condição de você ter um bom salário e com isso você se diferenciava, você podia ter acesso a algumas... Alguns bens, digamos assim; então a minha história é diferente de outra menina, por exemplo, que como eu... Eu trabalhava como doméstica antes de vir pro metro. É totalmente diferente, foi daí que fui fazer faculdade e você vai ficando mais branco quando você vai ficando mais perto de quem produz né?

Lourival Aguiar: das esferas de poder...

Rosa Anacleto: esferas de poder ... Eu acho que por isso eu ... Não dá para mim dizer pra você assim: eu não senti o que seria está ali no ABC, por que:

minha experiência fez com que eu estivesse voltada pra questão do metrô e aí fiz faculdade né...

Você se formou em que?

Rosa Anacleto: eu sou administradora de empresas...

Ah, em Administração...

Rosa Anacleto: na época era o que dava pra ser feito...

Não, mas é superimportante.

Rosa Anacleto: mas eu vou dizer... Dar um depoimento de como é ser uma mulher negra na Companhia do Metrô: Eu nos anos, é... 90 já tinha... 87 eu tinha concluído a minha faculdade... Não 97... (difícil depois você vai...)

(risos) ...corrigir

Rosa Anacleto: você vai né, depois você vai...

Sim

Rosa Anacleto: eu entrei no Metrô aos 19 anos, quando eu tinha 25 anos eu já tinha concluído a faculdade, eu nunca tive a oportunidade de não estar, é... Fora... Da situação de ser subalterna, digamos, por mais que me esforçasse e aí tem haver com aquilo que eu falei aquele dia na mesa de negociação, por mais que eu me esforçasse não me foi dado a oportunidade assim como não foi dado as outras negras, então, hoje eu encerro a minha carreira laboral no metrô como uma assistente administrativa do nível 5, cabô (sic), quer dizer, você trabalha 40 anos numa empresa, sabe que você tem capacidade pra ser mais do que você...

Do que é oferecido...

Rosa Anacleto: ... do que é oferecido, mas você tá presa, por isso que eu até falei pra você, pra mim justificava porque eu entrei numa empresa que dava um salário bacana, então, pelo ponto de vista econômico justificava eu ficar no metrô, né... Mas se você for pensar em termos profissional, não, o metrô tem que ser uma passagem...

Muito importante isso que você colocou porque tem várias pessoas que não conseguem ver essa ligação entre o racismo na sociedade e como ele se aplica nas instituições mesmo, e foi uma das discussões que a gente colocou lá de por que não tem cotas raciais no metrô? Por que não existe uma política pública que ajude na inclusão dos negros, inclusive nessa mobilidade dentro da... Do trabalho mesmo, de conseguir avançar pra outros cargos do metrô? Acho que é uma reflexão muito importante assim...

Rosa Anacleto: eu acho que hoje isso já não me incomoda mais, mas isso já foi motivo de muito... muita tristeza até compreender que isso fazia parte da estrutura do racismo institucional que determina qual espaço que eu vou ocupar no meu trabalho, que eu resolver ou que eu consigo... Tive a oportunidade de estar e é isso que eu acho que nós negros temos que romper, acho que todos essas denúncias, todas as políticas que a gente construiu hoje nós dá condição de dizer, por exemplo, que uma empresa, naquela empresa eu fui preterida por causa da minha pele e eu posso procurar uma reparação por isso através da justiça.

Principalmente porque até pouco tempo atrás a polícia do Metrô não era de concurso interno, era de indicação, né? E isso acho que ajuda mais ainda a mostrar esses caráter... Racista mesmo, né... do Metrô

Rosa Anacleto: olha mesmo agora com concurso interno, a gente sabe que tem um momento que é subjetivo... Nessa subjetividade é que o metrô continua implementando o seu processo de racismo institucional.

Com certeza, é... E pra você qualquer era a relação do MNU com o movimento de trabalhadores ali na década de 70/80... você via uma relação, havia uma conversa... Acho que você tem mais experiência sindical... você tem essa militância mais cruzada entre as duas coisas militância sindical e a militância no movimento negro e como que era existia essa relação? O MNU tinha uma relação com a... questão do movimento de trabalhadores?

Rosa Anacleto: ah com certeza, eu acho que conheci, no Metrô, é... uma das principais lideranças do MNU que é o Milton Barbosa e o Milton Barbosa é...

Ele, quando ele foi conversar comigo sobre a questão racial e de estarmos trabalhando no Metrô... ele disse “olha aqui, pretinha, o quanto é importante de você estar aqui e mostrar o tempo todo que nós negros estamos nos espaços pra reivindicar os nossos direitos e a gente tem q fazer mais pros nossos irmãos negros que ainda não entraram dentro do Metrô” né, acho que uma das coisas o Milton Barbosa me ensinou, eu vou dizer ensinou mesmo porque assim, o orgulho de você ser negro, negra, o orgulho de você estar participando de uma situação diferenciada e que muitos de nós negros gostaríamos mas, a briga é que mais gente estivesse lá dentro, acho que essa discussão que a gente tem hoje com o metrô falando de cotas raciais e tudo mais começou lá atrás em 1900 e bolinha (que eu vou achar depois) quando a gente falava “o Metrô precisa contratar mais negros...”

Sim...

Rosa Anacleto: e negras né? O Metrô chegou ao absurdo do seguinte: ele teve uma única supervisora negra que quando saiu foi... Não foi colocado outra supervisora negra, porque não era esse o objetivo deles... Uma única, da operação... Uma única! não teve nem mais.

Eu lembro da segurança que tinha a... A Maria... que era uma supervisora da segurança que chegou a trabalhar comigo antes de virar supervisora, mas é isso. Que eu lembro assim que era uma mulher negra... agora homens é um pouco mais comum...

Rosa Anacleto: bem pouco, né porque...

Bem pouco... É isso, meus supervisores negros, no metrô, eu tive dois e eu tô a 11 anos no metrô...

Rosa Anacleto: então tá a onze anos já, oh...

Tive dois supervisores negros... que foram meus supervisores, né... Tem alguns que vieram da segurança que depois...

Rosa Anacleto: é eu acho que eu conheci até um deles, um era o Vital ou Vidal né... Vidal também fazia movimento negro, através da cultura mas, ele fazia.

A que legal... É muito difícil, hoje tá em Barra Funda que ele veio através de um concurso externo, que é o Jesus, que um rapaz novo ele entrou a uns 5 anos no metrô, tá como supervisor... É que ele é daqueles concursos externos e ele é um rapaz negro, jovem... Mas assim que foram meus supervisores... Só esses...

Rosa Anacleto: é que tem essa, essa é questão racial pra eles é alguma coisa... Agora eu que tô te perguntando: a questão racial pra eles, trás alguma identidade?

Pro Jesus não, nada, pra ele emprego é um... É muita questão da meritocracia dele acreditar que é normal isso, se outros negros não conseguiram estar lá é porque não mereceram e tem um rapaz da segurança que teve uma parada cardíaca no começo do ano, mas, tá bem é, que é supervisor na estação do Godói lá em... Em Patriarca, que ele é bastante tocado pela questão racial, a gente sempre conversa... eu esqueci o nome dele agora, Antônio alguma coisa, mas a gente sempre conversa e tudo e pra ele é algo importante, mas assim: é isso.

Rosa Anacleto: mas eu acho que é porque o Metrô não fez a lição de casa dele, né, porque ele não conversa sobre isso com, com outros supervisores, com os gestores como eles gostam de falar... eles não conversam sobre isso, até porque ele não tem um programa pra isso, eles não tão preocupados com isso.

Sim que é ... Absurdo né, você falar em mérito sendo que nós vivemos numa sociedade que é desigual, que dá tratamentos desiguais, né? Ontem escrevendo, né, pro mestrado, tem um rapaz que faz uma análise da vinda dos imigrantes pro Brasil e da situação dos negros que eram libertos no mesmo índice... se existisse realmente uma igualdade, os negros e os imigrantes, os negros estariam em uma situação melhor que os imigrantes italianos, espanhóis, portugueses que vieram pra cá, porque os negros tinham grau de instrução e a maioria dos imigrantes que vieram eram camponeses, muitos não sabiam ler nem escrever e os negros já sabiam ler, já sabiam escrever, já sabiam as profissões, já trabalhavam nas indústrias, já trabalhavam nos demais locais

Rosa Anacleto: saiu da África alguns conhecimentos que aplicaram aqui...

Sim, claro, fundição de metal...em relação a agricultura... O que não é algo menor né? Só for pensar em mérito, essas pessoas tinham as melhores condições de, sei lá, montar uma empresa de alguma coisa do que os italianos que em 20 anos já eram donos de empresas...

Rosa Anacleto: é... Aguiar, acho que não te ajudei muito porque a minha contribuição, ela... ela não é muito ligada ao... período do MNU, é uma contribuição... é... assim: de quem militou desde 1988 até momento dos dias de hoje e que tem como sei lá, como umas das coisas que... Que fez na sua vida a questão racial como algo importante e que vai morrer falando sobre a questão racial...

Não imagina, é superimportante suas contribuições porque, quando eu penso ...quando eu pensei em estudar o MNU, eu em fazer um recorte muito fechado MNU em si só e depois fazendo as entrevistas vi que o que você colocou em relação a identidade é, faz parte do que tem de mais importante dentro dessa história do MNU, que é o legado que ele deixa, o quanto ele influenciou as pessoas a conseguirem se olhar e terem orgulho dos seus traços negros, terem orgulho da cultura negra, não querendo fazer mais parte a uma cultura de assimilação né, a uma sociedade que é eurocêntrica, uma sociedade que é bastante embranquecida em vários aspectos desde da questão de representatividade, de você assistir um programa de televisão a qual não tem uma pessoa negra, de você entrar numa universidade muitas vezes de você ser a única aluno negro em uma sala que acho que deve ter sido bastante do que você viveu

Rosa Anacleto: Foi assim minha vida inteira... ai eu tentava né, enquanto eu não tinha me tornado negra eu tentava é... é... assimilava esses valores deles, só num... que faltava alguma coisa, porque não tinha nada haver comigo né?

sim...

Rosa Anacleto: ...não tinha nada haver comigo e com certeza na medida que você queria galgar sobre meu trabalho né, galgar espaços que eles sempre

passavam na minha frente eu fui percebendo onde é que tava e que o problema não era eu é sim a sociedade que era racista que me impunha estar naquela condição e pronto.

É e é muito interessante assim porque quando você lê sobre o que que foi o MNU, pra mim o MNU é esse ponto de partida de reconectar-se com seu negro, que eu acho que a Frente Negra de alguma maneira contribuiu lá atrás pro início disso é que a ditadura suprimiu durante muito tempo essa questão de você falar, de assumir que você é negro e o MNU como esse ponto de partida é exatamente como ele... Quando eu leio sobre o MNU fica muito as discussões políticas que teve, os posicionamentos, os atos e tal e quando eu vou conversar com as pessoas que tiveram contato é exatamente o oposto é muito mais a discussão de “como isso me moldou, de como isso contribui para o quem eu sou hoje, pra como eu vejo o mundo hoje é pra como eu atuo nesse mundo hoje ” eu acho que a sua contribuição é muito importante nesse sentido assim.

Rosa Anacleto: então tá, depois eu vou achar esses dois, dois... Esse ano, esses dois anos né, dois anos não ... Esses dois ENEM que tiveram e esse congresso... É que qualquer pessoa tem mais memória do que eu vão lembrar ... aí eu te passo.

Esse Congresso Latino Americano, né?

Rosa Anacleto: isso, isso

E e agora a última pergunta é... seria mais pro dia de hoje: o que falta para o movimento negro hoje, na sua opinião?

Rosa Anacleto: nós precisamos atingir a periferia porque é lá que está os 54% de negros, então por incrível que pareça, nós ainda somos muito pequenos e tem um número muito grande é... é... por trás do que a gente precisa fazer pra atingir todos esses negros e negras, crianças negras compreenderem a importância de se afirmar enquanto negro e saber que não tem privilégio, né? Porque o privilégio é de uma única raça, não que você vai brigar com eles mas, você tem que mostrar pra eles que esse privilégio tem que ser é digamos, tem que ser... Não tem que ter privilégio, quem que ser oportunidades

iguais e a partir de oportunidades iguais aí sim é que eu vou ver quem ficou lá pra trás eu vou lá pra puxar mas, se não tem oportunidade igual é porque tem privilégio, então tem que acabar com os privilégios, acabar com os privilégios é você dizer e conscientizar a comunidade negra (homens, mulheres e crianças) de que existe uma desigualdade é essa desigualdade tem haver com a tua raça e você tem que exigir através de ações do governo é... já que você tem tudo já é... Digamos estudado ao longo de muitos anos é, implementar políticas pra que essa desigualdade não perdure se não nós vamos ter sempre esse fosso... Sempre esse fosso mas, pra isso é preciso que eles como negro, é... compreender a importância deles nesse processo, ele sentir-se negro e sentir mais, sentir que a vida dele importa sim, porque a impressão que a gente tem que todas as coisas negativas que acontecem com a população negra, que cada vez que você vê um negro morrendo, jovem ou mais velho por questão tráfico, você fala que “ele procurou” não é verdade, ele não procurou, é que a situação que é colocada muitas vezes é isso que resta né?

Sim

Rosa Anacleto: então a falta de oportunidade e a falta de a gente achar que o homem ou a mulher negra que tiver numa situação dessa que... Da marginalidade digamos assim, vê como você recupera e como você preserva a vida dele, não achar que ele deve morrer porque ele tá na marginalidade, nossa vida negra importa... é mais acontece que o nosso povo, os racistas, nosso povo negro acha... Acha que ele merecia aquilo e ninguém merece, ninguém merece...

Sim com certeza

Rosa Anacleto: eu acho que falta pra gente, a gente conseguir chegar num número maior possível de negros pra poder despertar neles que eles tem direito, e que tem q lutar por esses direitos, e aí quando você vê por exemplo um governo como esse que durante 20 anos congelou investimento em saúde e educação, os primeiros prejudicados vão ser nossos irmãos que não vai ter acesso, então é isso né, por isso que a gente tava falando dessa coisa de... A importância de você saber como é você ser negro é... Dentro de um espaço

aonde você tem a oportunidade de falar e de reivindicar e você ser um negro que tem q assimilar a cultura do outro branco que quer só te subjugar. Você precisa saber é, então não existe essa (pra mim): negro e branco, eu sou negra porque ser negra pra quem quer continuar me subjugando ele vai continuar me subjugando sendo negra num espaço aonde eu vou tentar na realidade daquilo que tá ali sendo construído eu avanço, essa diferença

Entre esquerda e direita tem q ser essa... uma diferença muito importante inclusive...

Rosa Anacleto: bem importante, bem importante...

Rosa, eram essas as perguntas (risos)

Rosa Anacleto: eu vou te colocar aquelas outras ... coisas aí, fora isso a qualquer momento que você quiser fazer uma pergunta pelo “whats” ...

Faço sim...

Rosa Anacleto: dentro do que for possível eu tô a disposição.

Muito obrigado viu, Rosa

Rosa Anacleto: ‘magine

Entrevistado nº10 – Liberto Solando Trindade

Entrevista no dia 04 de Outubro de 2016

Uma burocraciazinha, vou pedir só para senhor ler esse termo aqui, hoje é dia quatro de outubro, que é com relação a utilização do áudio ta?

LIBERTO: eu aceito a reprodução e utilização da gravação em áudio realizado por Lourival Aguiar para fins de pesquisa a academia dia quatro de outubro, São Paulo. Nome completo Liberto Solano Trindade.

O senhor nasceu onde?

LIBERTO: eu nasci no Rio de Janeiro em 1943, na rua do livramento no centro do Rio de Janeiro eu ainda não tinha completado um ano... meus pais se mudaram pra Caxias e la fiquei por treze anos e ai depois fui pra alguns bairros do Rio de Janeiro Sampaio, depois fui pro engenho de dentro, do engenho de dentro em 1962 eu vim pra São Paulo... final de abril em 62 ih... logo em seguida já comecei a participar do Teatro Popular Brasileiro que foi fundado em 1950, por Margarida Trindade e o Sociólogo Edson Carneiro um grande professor, na Bahia que na oportunidade veio pro Rio, ajudou na fundação do Teatro Popular Brasileiro que só vim atuar em 1962 como eu já tinha colocado neh. E a minha trajetória dentro do teatro foi... foi o momento em que eu já tinha assim uma participação ativa muito grande, eh... até então eu num tinha participado enquanto o grupo do Rio de Janeiro. Eu vim depois da fundação do movimento de arte de Embu, que... foi para la que eu fui morar junto com meu pai e o dono da casa era o escritor Claudionor Assis Dias. Então eu tinha uma participação assim, a princípio eu fiquei dois anos no Embu, de 62 até 1964... depois eu resolvi trabalhar e eu sai do Embu. Eu sai do Embu, eu sai da vida do meu pai assim ativamente foi em 1964 quando eu resolvi tocar a vida do meu jeito neh... Não que eu estivesse preso com ele la não, mas eu resolvi trabalhar... é sempre bom ter um dinheirinho pra gente esta se movimentando enfim, fui a procura de uma independência que se fazia necessária. Eh, e de 1965 até a morte dele era essa temática, eu tocava minha vida e final de semana eu tava no Embu.

Mas o senhor veio morar em São Paulo ou voltou a morar no Rio?

LIBERTO: Não, não, vim morar em São Paulo, vim morar em São Paulo e fiquei até hoje 54 vai pra 55 anos, eu acho que é 55 anos já. E até então eu não tinha contato com escola de samba nem com o movimento negro, só Solano, só teatro neh, exposição de arte, eu ia nos museus, eu ia..., eu ia pra, eu frequentava a UBE.

UBE seria o que?

LIBERTO: a UBE(União Brasileira dos Escritores), que ficava na 24 de Maio número duzentos e cinquenta, hoje não tá mais lá, sabe-se que tá na Paulista ali no conjunto nacional, parece que tá lá no conjunto nacional o Caio Gráfico que comanda lá, sempre comandou neh, ih... fazia parte de secretaria de moradia essas coisas todas, tinha participação na... a UBE tinha lá o professor Educar de Oliveira neh, o Antônio, Paulo Bonfim. Paulo Bonfim não é o que as pessoas conhecem não era um outro Paulo Bonfim neh, tinha o... tinha lá o professor Aristides Barbosa que ia lá sempre, Renê Ferreira que era do TEN (Teatro Experimental do negro de São Paulo), Oswaldo Camargo acho que eu já falei neh, é... enfim tinha uma turma de intelectuais que a gente tinha esse contato todos os dias, que a gente conversava, eu era muito verde ainda neh, mas, eu tive assim a oportunidade tanto é que no primeiro dia que eu cheguei no Embu já no primeiro dia eu já vim pra famosa sete de abril neh, tinha lá o consulado do Congo, um barzinho que tinha na esquina da sete de abril a Marcone neh e em frente ao bar Porta do Sol que era outro bar que a gente frequentava, o restaurante Porta do Sol neh, no Porta do Sol lá eu tive... isso tudo num dia só, o Tony Ramos ainda era um mulecote ainda neh, o Francisco Guarnieri, Marlene França, é... Grande Otelo é... e essa turma aí que eu te falei, Dalmo neh, Rubens Campo, que eram os autores do Teatro Experimental do Negro neh, o outro lá que deu um molho, uma ajuda fundamental pro Teatro Experimental do Negro foi o Milton Gonçalves, mulecote ainda neh, enfim tinha um pessoal da pesada lá a Nair Araújo que era livreira, o Carlos Assunção, toda essa turma frequentava era um negócio assim maravilhoso, tinha o Pinheirão que faleceu agora, questão de três ou quatro anos, uma pena porque o Pinheirão é um cara que inclusive eu gravei ainda, nós conseguimos gravar dele e da mulher dele neh a Helena algumas coisas no Teatro Experimental do Negro, mas enfim, daí chegou 1964 veio a ditadura e deu um fredda nos

movimentos. Eu quero deixar aqui um recado para essas pessoas que ta adorando a ideia de ter a ditadura pelo amor de deus tirem essa ideia da cabeça, tirem essa ideia da cabeça, perdi um amigo que hoje é... saudades dos amigos que são muitos, não vale a pena aqui retratar o nomes deles todinhos, muita gente, ham a gente fica aqui... a gente fica assim... sem entender, sem... num país como o nosso sabe, onde nós vivemos através de uma criação, nós não conseguimos é colocar verdadeiramente as riquezas que o Brasil tem tanto minerais, como seres humanos, professores, sociólogos, médicos, advogados, que passaram por essa privação, pessoas que se ele estivesse vivido mais um pouco, pelo menos dez anos talvez a gente teria ainda alguns ensinamentos para o desenvolvimento principalmente pra negritude, porque assim, já em 68 tinham aqueles movimentos neh, a bonequinha do café, clube duzentos e vinte e dava assim uma conotação de pelo menos as pessoas terem um segmento, quando chegou o MNU em 78, quando chegou o quilombhoje então a gente podia ta passando as... digamos assim... as experiências desse povo, juntava com esses jovens que estavam chegando, a gente tinha uma força, tinha uma... sabe?

Continuidade

LIBERTO: uma continuidade talvez até mais coesa, mas não foi possível, a ditadura ela arrasou, chegou e arrebentou com tudo, e houve uma necessidade de se fazer... Nós tivemos grandes nomes neh, eu tenho um poema que diz assim, o poema é “Lembrança” é lembrando a velha guarda é lembrar um problema socioeconômico e social que foi a escravidão, lembrar da velha guarda é lembrar de Bolinha, do Valtercio(14min56s) percussionista do Teatro Popular Brasileiro, deu uma grande contribuição com os trabalhos dele inclusive na FEBEM que não foi reconhecido, lembrar da velha guarda é lembrar de Esmeraldo Tarquínio ex prefeito de Santos, lembrar da velha guarda é lembrar de HHamilton Cardoso jornalista e escritor, lembrar da velha guarda é lembrar de Dalmo, Ferreira, Antônio Ferreira o próprio Bolinha, Pinheirão, Osvaldo Camargo, Eunice Pereira, Cileia Rodrigues da Costa, Deninha Cubana,(15min52s) Alda Marina, Marina Luisa, é lembrar de Talismã, Dona Sinhá, madrinha Eunice, lembrar da velha guarda é lembrar dos mestres Canjiquinha, Cabateo, Mestre Bimba e Vitalino, lembrar da velha guarda é

lembrar o limbo do cal(16min35s) do sec. XIX onde o negro foi submetido, mas venceu, quando eu falo venceu é todas as experiências que estavam embutidas na cabeça dos negros na época, isso desde a época que eu cheguei até 1980, 90 por aí, que eles foram morrendo, foram desaparecendo com o tempo, e aí você quer saber um pouquinho da ação né, da criação do MNU né, e eu gostaria que você fizesse algumas perguntas pra mim poder...

Claro, é quanto tempo o senhor permaneceu militando no MNU?

LIBERTO: Não, o que eu quero dizer pra você é o seguinte, eu não era membro do MNU, mas, eu tava sempre próximo, o que tava mais em evidência eu tava lá ajudando o pessoal etc. e tal, participando de reuniões, que eram assim um pouco complicado, a negrada brigava muito, risos, a negrada brigava muito e eu sempre quando podia eu falava pra alguém é dizia assim, gente vamos deixar de brigar, vamos sem exaltar, o que eu tô te falando Lourival, é essa política agora na última eleição de 2016 tem um pouco disso, o que nós precisamos é... as pessoas ditas de esquerda perderam muito porque cada um tomou seu rumo, as pessoas não conseguem é fazer um único papel, se unir é isso que tá precisando, não adianta a gente ter uma experiência do trabalho que a gente faz, se a gente não tiver essa união, essa força, pra derrubar as mazelas que existem nesse país, num vai, é o PT mesmo agora eh, não foi o PT mas foi a Marta, a Erundina que eu vejo aí, eu não sou do PT sou do PSTU, eu sou do Partido PSTU mas eu vejo esses erros, a Marta querer ela veio pra derrubar o Haddad, num sou petista, mas ela derrubou o Haddad, o Lula subiu no palanque e derrubou o Haddad, queira ou não queira o Lula é um nome, Lula é...

LA: quase uma entidade...

LIBERTO: não é uma entidade, mas ele descamou, porque ele tá encrencado lá... ou é justa ou injustamente eu não sei, mas ele tá encrencado é complicado e a cabeça da população não funciona do jeito que funciona a nossa, nós acompanhamos a política, sabe nós fazemos um acompanhamento, nós estamos a par das coisas a gente sabe com quem lhe dar, com quem não lhe dar, mas a população ela tá jogada a esmo, aquilo que vem de maior presença na televisão e na mídia como um todo ela vai pelo que o pessoal fala

na mídia neh, então eu acho que a confusão que se das pessoas ficarem criticando um ao outro foi um grande complicador da época, mas eles conseguiram, deu pra fazer um trabalho de conscientização como devia, não como devia, mas é uma coisa que ta se mantendo até hoje. O MNU se a gente for fazer um balanço... nossa muitas coisas foram conquistadas, poderia esta pior a presença da entidade MNU neh, mesmo com as desavenças todas agora pouco tempo eu encontrei com várias pessoas do MNU então quando fala o nome de alguém fica assim emio que balançado, mas o MNU com eles juntos eh... foi importante o trabalho do MNU.

E o senhor ainda participa de algum movimento?

LIBERTO: Não, eu por enquanto agora estava no GT de negros da Conlutas, mas a algum tempo eu to afastado eu to mais ligado aqui a casa de oca(23min15s), O meu trabalho aqui é tentar trazer todo esse pessoal pra conversar com a gente, fazer um bate papo, nem de fazer palestra, mas mais de trocar ideia contar sua história aqui no rádio to tentando e num to obtendo êxito porque também as pessoas têm suas dificuldades, tanto é tiro por você, no dia que a gente traçou uma amizade pela internet, ficou meio que balançado esse encontro, mas hoje você está aqui, eu falei vou conversar com ele logo porque se não, ai vai ficar protelando ai ele vai ter outros compromissos e a gente vai ficar meio que... o trabalho do MNU tava la o Rafael Pinto, Milton Barbosa, o HHamilton Cardoso, o João Batista, o Adomair, das mulheres estava la a Suely Carneiro, tem um menino que eu sempre esqueço o nome dele é um poeta maravilhoso, trabalhava no CT era engenheiro de tráfego e Arnaldo Xavier, então a gente tinha a contribuição do Arnaldo Xavier, de vez enquanto tava aqui o senador la do Rio de Janeiro, o... Abdia Nascimento, dava aquele calor pra turma, toda aquela experiência dele, enfim não dá pra lembrar o nome de todo mundo aqui, mas esses são os principais elementos que tocavam o MNU ai depois apareceu o Soeto, apareceu num sei o que... foram aparecendo as entidades, depois veio a união de negros a... UNE e... enfim, foi isso.

Pra você qual que era o principal objetivo do MNU?

LIBERTO: olha a gente sempre... pra mim o MNU era a questão do genocídio que até hoje permanece, mas que com a investida do MNU a coisa foi que... não que amenizou nem que acabou, mas fez com que as pessoas, todos os grupos se preocupassem com essas questões neh, então o MNU ele é a alavanca dos movimentos pós Solano Trindade, pós Aristides, pós esse pessoal todo neh, tinha o Helio Santos, tinha o Antonio Prudente os irmãos neh, os irmãos Prudente que estavam ai abrindo um leque de ações neh, o Maninho que depois se especializou na questão do genocídio, fez muitos atos contra neh, mas quem abriu todo esse leque aqui foi a rapaziada MNU, que era uma nova fase, era uma nova... novos negros estavam chegando com ideias novas, com ideias positivas e embora o Solano ainda é eterno neh, o Solano é uma pessoa que... todo... todos os poemas dele são bem atuais e consegue sabe... ele consegue ser atual sempre, é impressionante, é isso.

Do seu ponto de vista, quais eram as principais influencias intelectuais nacionais e internacionais do MNU?

LIBERTO: as influencias? Você diz as pessoas que migraram de outros estados?

É, ou de outros países ou que eram referencias...

LIBERTO: olha num da... num da pra enumerar aqui, o MNU ele conseguiu... ele conseguiu uma projeção enorme, muito forte e ai num dá porque ta bem... é assim... quando a... a vida é assim ela começou vindo outras entidades no meio dessa coisa toda e ai a gente fica sem saber exatamente, porque tem pessoas de outras entidades que ligavam pra outras, e outras começavam outro movimento, e essa coisa foi se espalhando, então essa influência ela passou a ser de todos esses grupos, ela passou a ser de todos esses grupos, é que pode apontar ai o vovô, o menino la do... do Olodum que eu num lembro o nome dele aqui agora, mas, eu vou lembrar durante a nossa entrevista, pessoas que deram assim uma contribuição muito grande e, as coisas elas não ocorrem... e tem o pessoal do samba também que era ligado... não são muitos, são poucos militantes são pouquíssimos militantes, mas os que tinham tava no samba, tava no movimento e havia assim uma integração importante neh dos caras, só que eles não conseguiam é trazer esse conhecimento que

tinha no MNU pra escola de samba, ninguém consegue é... romper essa barreira da ignorância desse pessoal, ai eu falo porque eu [inaudível] eu to no samba a 60 anos, agora é difícil esse trabalho que eu tenho aqui é um trabalho que eu queria por na escola de samba, então vamos esquecer esse pessoal e as influencias... teve até influencia do pessoal da pele negra, é... a gente vendo o filme Agosto Negro também tem haver com o MNU, e enfim esse Agosto negro, essa relação MNU e Agosto Negro é em mil novecentos... quando foi que teve um movimento... passou ser Agosto Negro, não sei exatamente qual é o período, mas eu posso te falar na íntegra, ah... foi no lançamento do filme mesmo, o Agosto Negro neh, tem haver Os Panteras Negras tiveram conotação com alguns lideres nacionais... tem algumas coisas que eu tenho problema de memórias.. mas eu sempre tive a par sempre me interessou essa coisa do MNU. O MNU é o seguinte, ele teve uma grande contribuição na marcha que a gente fazia em treze de maio neh, a gente saia do Paissandu da nossa senhora do rosário e dava a volta atrás... sempre foi assim e eu quero explicar pro pessoal que essa marcha da paulista, a marcha que teve la em Brasília não é uma coisa nova, sempre se reuniu ali pra fazer alguma coisa na igreja dos pretos, sempre... sempre tinham fatos que originavam esses encontros la no Paissandu, primeiro que os movimentos que tinham la, os movimentos neh, é para impedir... porque a nossa senhora do rosário a igreja dos homens pretos era ali na 15 de novembro, no Carmo era por ali, era por ali, eles foram trocando de lugar... e essa coisa do Paissandu era pra que ninguém deslocasse essa igreja pra outro lugar, a escultura da mãe preta foi um trabalho de preservação, se não já tinham tirado a mãe preta de la que por conseguinte ta mal preservada...

É uma das poucas igrejas do centro que é praticamente fechada...

LIBERTO: é... ta certo? Eu acho que os negros católicos deveriam ir com mais força pra... aquilo ali tem que funcionar todos os dias, tem que ter movimentos ali todos os dias, os atos tudo tem que ser no Paissandu num pode morrer isso, esses movimentos essas atividades tem que ir tudo para o Paissandu, num pode morrer aquilo ali, tem que conservar melhor aquela mãe preta todo dia tem que uma pessoa da negritude, tem que ir la cuidar daquela escultura da mãe preta neh, a mãe preta tem uma musica do Caco Veio, é conhecida no

mundo inteiro mas, o Brasil pouco conhece, alis Brasil pouco conhece as nossas coisas neh..., eu falo essas coisas com uma certa revolta é... eu estou rindo aqui mas, por dentro eu queimo é inaceitável determinadas coisas que param de acontecer no país, que não podia neh. O centro da cidade de São Paulo, essa cidade que eu tanto amo, o centro dessa cidade que eu tanto amo, gosto de São Paulo, já desde o primeiro dia gosto de ta aqui em São Paulo, o lado bom, os carnavais, os movimentos todos que foram feitos em São Paulo eu participei de quase todos, sempre estive presente neh, e com muita emoção, com muita emoção e quem vai reavivar São Paulo, o centro de São Paulo são os negros, só os negros podem dar um jeito naquele abandono, naquela exclusão que esta lá em massa e a maioria negra, crianças, idosos, mulheres negras um monte, eu acho que naquela extensão desde a Santa Cecília até a Bela Vista ai passa ali pelo Campos Elíseos neh, vai até o Bom Retiro e sobe pra Bela Vista aquilo ali tem que, é os negros que vão, é os negros que vão revitalizar o centro da cidade, não existe outra comunidade que possa dar um jeito nisso, nós não temos que esperar também as autoridades, vamos la pro centro de São Paulo, vamos trazer, vamos revigorar o MNU, Soweto, o que for neh, vamos fazer as nossas lutas políticas ali no centro teatro municipal, praça da republica, através das danças, através das capoeiras, através do teatro, movimentar aquilo ali, não vamos ficar esperando subversão, não vamos ficar esperando apoio de governo de nada, porque nós vamos ter que agradecer eles, pelo apoio neh, os caras não merecem isso é... o que a gente pode lembrar... interestadual, tem o [inaudível] neh, foi deputado federal, ok tem um monte de gente... muita gente... Tereza Santos, poxa Tereza Santos foi enorme...

LA: quase não se ouve falar dela em lugar nenhum...

LIBERTO: de ninguém... de ninguém e a gente acaba esquecendo... o que consistia no movimento também era a questão da gente ta lembrando, o movimento negro tava ligado a você lembrar os grandes nomes do passado entendeu... e eu pensei que agora com a lei noventa e

Dez mil seiscentos e trinta e nove.

LIBERTO: dez mil seiscentos e trinta e nove fosse... as pessoas ter mais facilidade de ta colocando essas coisas, agora você vai perceber que as pessoas não conseguem fazer um discurso porque não coloca o nome dessas pessoas com mais ênfase, o que eles realizaram, então... vem do diálogo... vem do diálogo, a gente não consegue dar uma resposta pras pessoas por nós não estamos na realidade fazendo o que temos que fazer, se bem que tem pessoas na internet que coloca nomes pra nós é novidade, mas ta com a preocupação de colocar na internet, mas é pra ajudar no contexto. Eu através desses trabalhos que eu faço aqui, as pessoas chegam aqui, “pô mas como é que você ta aqui nesse abandono ninguém conhece, num sei o que”, mas, é assim mesmo você não consegue alavancar as ideias. A outra pergunta, qual seria?

E qual foi à importância do MNU na sua vida e no processo de construção, ou não, da sua identidade enquanto negro? Se o MNU influenciou nesse processo de formação.

LIBERTO: influencia, os jovens não é Lourival, você vindo na minha casa pra me entrevistar... pra me entrevistar sabe... isso é uma contribuição na minha formação como militante de movimento negro, NE minha formação como serviram HHamilton Cardoso neh, Arnaldo Xavier a Sueli Carneiro foram jovens que me deram assim um apesar de eu ter o pai que eu tenho, detentor do conhecimento dentro do teatro, dentro da arte como um todo neh, os jovens são tão inteligentes que eles quando nascem pra fazer o trabalho que você ta fazendo é uma contribuição muito grande, porque você me ouvindo, ouvindo outros e outros você é uma pessoa inteligente...

Obrigado risos...

LIBERTO: ...você é uma pessoa inteligente, é a gente... cem pessoas de lado falando a mesma língua, você entendeu, não precisa ter cem anos de idade ou cem anos numa atividade, eu to falando cem anos pra... muito tempo, não precisa ter uma experiência longa, a partir do momento que você começou a se interessar você está dando uma contribuição porque o nosso trabalho esta sendo vivenciado, ta sendo colocado como referencia, ta certo, a mesma coisa é o pessoal do MNU, eu aprendi muito com eles, de um lado é saber o que o

Solando sabe, do outro lado é o que o jovem sabe de acordo com a visão deles, o jovem tem uma visão, Solano tinha outra, Pinheirão tinha outra, o professor Aristides Barbosa tinha uma outra e juntando tudo, juntando o jovem com os velhos nós temos... sabe?, uma conclusão satisfatória, é tão bom eu apresentar a peça que eu apresento pra você e outros jovens que estão entretidos na coisa, não adianta a peça ser boa e ninguém entender nada que nós estamos falando, mas se eu fizer um espetáculo de pessoas como você neh, e eu to falando isso ai, das pessoas que não conhecem, que não tem ideia do que a gente está falando porque tem muita gente que não tem nem ideia, ele vai lá, assiste, acha bonito, mas não sabe do que nós estamos falando entendeu? É isso essas lições dos jovens de agora, nós temos o Douglas que foi agora foi candidato, ele foi eleito não neh?

Não, ele ficou atrás da Eliza Penha e da Sâmia, a Sâmia que foi eleita.

LIBERTO: então, tem o Juninho do Círculo Palmarino, e tem o [inaudível], muitos jovens que estão ai neh, tem o Fialho lá no EMBU, o Petróleo, tem essa turma toda que tá fazendo um trabalho muito bonito, agora eu fui lá, me receberam, lá eles tem um projeto chamado samba... samba de verdade, um negócio assim, samba verdadeiro, enfim, os jovens estão ai, tem a Regina Tiê uma japonesa que é descendente de japonês, tá fazendo um trabalho maravilhoso neh, tem um pessoal que tá... a Leci Brandão, que não é jovem mas ela se torna jovem porque ela tem um monte de jovem com ela, que dá a maior força pra ela, e ela com a experiência dela e os jovens com sua já experiência no movimento tá assim uma contribuição muito grande pra ela, a Raquel minha irmã, nem se fala, a Raquel tem uma objetividade muito importante, ela é objetiva no trabalho dela, faz com conhecimentos e todos estão fazendo isso, há uma... eu costumo dizer que os trabalhos sociais no Brasil estão em alta, o que precisa é divulgação, o pessoal não quer mostrar isso, eu enxergo que é um movimento que tá em alta, todos os movimentos estão em alta, o sindical, o partidário onde tá a influência negra, os GT's, os partidos, as centrais sindicais, tem o Wiliberto Tenório lá do PSTU, é uma cara que desenvolve um trabalho maravilhoso, no mundo com os africanos, com o líbios com o sírios, toda aquela turma que tá lá na exclusão ele tá no meio, ele conta história maravilhosamente, ele consegue fazer um contato, ele

consegue fazer um contato em inglês com a turma, falando inglês ele passa as informações, então o Wilson ele tá ligado com o mundo, e você eu acho que você devia fazer um trabalho com o Wilson, chamar ele pra uma entrevista antes de você fazer a conclusão dos seus trabalhos.

Eu pedi, eu solicitei e ele não me respondeu ainda, mas, ele está na minha lista...

LIBERTO: o Wilsinho?

É o Wilson Tenório

LIBERTO: ah eu vou te ajudar, já vou mandar uma carta pra ele, um e-mail já pra você conversar com ele, ele tem um trabalho muito importante ele fala do Solano também com muita propriedade neh, e enfim, a gente tá... hoje a gente tá saindo pra galera sabe como é?... a gente consegue, com pessoas da sua idade aprender coisas... as vezes eu não entendo, eu não entendo bem, eu não consigo compreender a diferença que existe o hoje lá de trás, é como se fosse uma linguagem diferente, mas é o mesmo trabalho, o mesmo pensamento só que de maneira diferente neh, e o jovem ele precisa entender, até aquele jovem mal criado que eu tenho, eu tenho pelo menos três mal criados (risos), tá até na droga o que eu posso fazer? Neh, esse é o mais difícil ainda neh, eu falo pra ele olha o nome do velho... você é bisneto do homem... meu neto mais novo, e tem potencial, tem potencial, mas tem preguiça neh, mas não é esse o todo mal, é todo lado bom, todo lado bom... o negro jovem... eu tô assim pasmo com o trabalho que eles estão fazendo, hoje o negro estuda mais neh, o negro hoje estuda mais, ele tem uma atuação, dentro da linguagem dele mas, sem fugir da temática, faz ao jeito deles, porque é assim, porque as pessoas tem que procurar o seu jeito a sua características, é como a música neh, a música no mundo inteiro e no Brasil, lá na Bahia tem o afoxé, tem o bloco afro tem num sei o que... tu vai no Recife é frevo, maracatu, cada um vai procurando a sua característica. O negro está fazendo isso o jovem negro ele tá procurando o que ele pode fazer de melhor dentro da sua característica, dentro do seu conhecimento e do seu pensamento, isso que é mais importante, mas sem conflitos, a verdade é essa, melhorou muito essa coisa, lá em setenta e oito, lá em sessenta, lá em oitenta neh, havia um conflito entre os negros

assim, era um negocio conflitante, eles sabiam que era importante aquela pessoa no seu lado, aquela coisa toda... mas, fazia uma fuxico aqui, outro fuxiquinho ali e eu falava que não é por ai... Os negros hoje não, os negros hoje chamam, ele pode até não te chamar... te deixar de lado enquanto você ta de fora, mas enquanto você dentro do grupo a partir dali ele passa a agir com você como a melhor pessoa do mundo, não mecha com esse menino, não mecha com o Lourival, hoje o negro é assim... esse cadinho, essa ligação forte, melhorou muito o nosso povo.

Você via uma relação do MNU com o movimento de trabalhadores nas décadas de setenta e oitenta? Você acha que tinha uma ligação ou eles eram separados...

LIBERTO: é... tinha, por isso que eu digo pra você, o forte de entidade como o MNU era a base dos sindicatos, era através das ideologias dos negros do passado que eles liam, que eles estudavam, então você esta entendendo? O que pegou, que eu tenho experiência disso que eu fui seis vezes delegado sindical...

Qual era sua categoria?

LIBERTO: era Sabesp, fui eleito seis vezes eu tinha num dado momento mil e duzentas pessoa pra defender, num dado momento baixou pra oitocentas de acordo com as demissões, com as mudanças que tiveram, com a dispersão que teve no sentido de ta um pra lá o outro pra cá, as unidades foram aumentando e a central foi diminuindo, diminuindo... eu acho que um delegado sindical defende sei la acho que duzentos e cinquenta pessoas na Leopoldina hoje, agora você vê o marasmo neh, de mil e duzentas pessoas... mas, o delegado sindical na época tinha que se doar ao sindicato, ele ia trabalhar mas na hora do trabalho tinha que entregar o jornal, tinha que conversar com o pessoal, e eu estava sempre... também nunca dei muita importância por isso que fiquei la durante vinte anos neh, fiquei vinte anos na Sabesp militando mesmo e... pra mim num tinha superintendente, num tinha gerente não tinha nada, eu acabei sempre respeitei neh, e eles sabiam, quando eu falava que ia parar a área sai de baixo, eles iam la negociar com a chefia, o pessoal todo porque eu parava mesmo, embargava obras, e sempre estive de olho nas

entidades negras, sempre participei, ao mesmo tempo eu estava no samba; ao mesmo tempo no carnaval, fui mestre sala; fui diretor de comunicação e cultura na UESP em oitenta e três; participei da segunda conferencia internacional dos orixás na Bahia, tudo ao mesmo tempo; fui convidado pelo Unegro pra receber o que era o terceiro ou quarto troféu Clementina de Jesus, interessante nesse dia eles me chamaram pra declamar o tem gente com fome, “trem sujo da Leopoldina correndo, correndo parece dizer, tem gente com fome, tem gente com fome...” quando chegou na hora de falar o “psiu”, neh “se tem gente com fome da de comer, se tem gente com fome da de comer, se tem gente com fome da de comer”, mas eu fui todo autoritário, ACM, quando eu acabei o poema ninguém se mexeu, aquilo foi uma porrada, mas eu falaria a mesma coisa, eu falei pra eles, se vocês deixarem eu falar eu falo novamente. Foi o princípio de esvaziamento dos... tinha assim, um movimento muito grande na Bahia, o Popus se meteu com o ACM, que é uma estrutura que perdura até hoje.

E acabou de ganhar de novo

LIBERTO: Acabou de ganhar 74%, onde já se viu, um cara ganhar, um boneco, o cara é um boneco, o cara é uma pessoa sem classificação, é 74%, então essas coisas foram afastando, esses foram os motivos que foram me afastando e que eu pensei o que eu to fazendo aqui, mesmo em São Paulo. Então essa renovação de jovem que vem vindo, isso tira um pouco dessa problemática toda, vai tirar, ta tirando né. Porque também tem sempre que renovar, os trabalhos vão se renovando, eu fiz, é que nem aqui em casa, eu fiz aqui no centro cultural, eu sempre fiz vários eventos, mas lá na frente vai ficando as investidas, por um lado é os negros jovens que estão com um papel importante na sociedade, papel importante dentro do trabalho que eles fazem de militância isso é um lado, e tem o outro lado de pessoas que saíram fora desse métier, desse contexto, então eu me afastei para tomar um folego, é aquela coisa de fazer com que a onda cresça e depois a onda vem e acaba com essa turma toda, com esse... nem é para acabar, é para acordar essa turma, um despertar geral no que eles estão fazendo, né. Eu tenho duvida na questão da Dilma, acho que todos têm duvida se ela cometeu algum deslize ou não, nem estou falando da pedalada fiscal, eles não conseguiram provar, tanto é que quando

eu fiz um depoimento na internet de que tirar a Dilma não adianta nada, que o que precisa fazer uma bela de uma bancada, uma bancada consistente e fazer andar nos eixos, fazer andar no eixo, não adianta você trocar governo nem nada se o país não tem estrutura, se não tem uma comprovação de estrutura, o Brasil é todo desestruturado, não tem cabimento um cara que é eleito pelo povo ganhar o que ganha, isso é, isso é... tem que ganhar nada, nós temos que fazer disso um princípio, pode até ser uma ideia retrograda, mas eu não [é bem avançado, não é retrogrado não] é mesmo. O cara precisa cuidar da população, nós precisamos de caras que cuidem da população, a ideia do Lula, a ideia da Dilma não é uma ideia Perfeita, mas é uma ideia que se tiver pessoas ali, pra fazer o acompanhamento, uma bancada coesa, uma bancada com realmente vontade de trabalhar, que fique lá em Brasília nos seus aposentos, com família ou sem família, que cuida da população, que vai lá debater, que pode até debater, se atracar, mas que depois dessa briga tenha algo que nos favoreça, né. O que nós, deles, estamos precisando? Né, nós estamos precisando mais de faculdade, nós precisamos de direitos, de oportunidades, isso não foi dado completamente para nós, as pessoas estão na ilusão aí que o negro hoje estuda mais, mas ele ainda não está sendo dado o valor real para essas pessoas. E voltando o MNU desses avanços que vieram tem uma grande contribuição daquela rapaziada, daqueles grupos, a questão do grupo Lezu, o Lezu ajudou muito nessa... é aquela coisa as pessoas estão falando, por que lezu? Porque Lezu foi papado, ele foi se omitindo na divulgação, na participação, se omitindo na questão do apul, mas era um grande encontro o Brasil inteiro tava lá, e é isso, o MNU, você pode escrever aí e eu assino em baixo uma pessoa não poderia perder a família como ele perdeu se não fosse uma coisa importante, se não fosse uma intervenção legal por parte dele, não que ele tenha, não que eu vou glorificar ele porque ele largou a família, não é isso, é que quando a pessoa se desempenha, quando a pessoa tem um desempenho assim não tem como, eu teve um dado momento que eu tomava café da manhã, eu tomava era café da manhã, almoço e janta, eu jantava samba. Eu ia trabalhar na Sabesp, depois do expediente do Abal eu ia nas reuniões e depois ia na reunião da escola de samba e saía às 3h da manhã, sem condução, sem nada e virava nos trinta como dizia. Então eu me virava nos 30, chegava em casa, as vezes as 4h da

manha dormia uma hora, tomava banho para as sete horas estar na Sabesp, e trabalhava na prefeitura a noite, tava em reunião do partido, tava em reunião da escola de samba, tava na reunião do grupos, tava em algum lado, eu fui quatorze vezes, nós fomos quatorze vezes no sindicato da Sabesp para viajar 28 horas, 14 para ir 14 para voltar bate volta, fiz quatorze bate e volta. E o grupo não tava eleito ainda, os caras queriam tirar ou acabar com os direitos trabalhistas, e vinha tudo aquela meia dúzia de pessoas que eles ganharam chegava lá e emundava tudo, é da ou desce. Não tinha como, contar com a população geral? Não, tem como, aumento de condução, arrocho salarial, né previdência, né os direitos que a carteira do trabalho nos dava, eles que tirar faz tempo, não é novo essa coisa do Temer, ele não vai conseguir, não tem como mexer naquilo ali, a culpa das dividas nacionais nunca foi do trabalhador, muito pelo contrario, o trabalhador é que sustenta esse negocio e mal remunerado, tudo isso era discutido no MNU, sabe a questão trabalhista, a questão do negro, o ataque as mulheres negras, a valorização da mulher, os movimentos de favela, os movimentos de favela, a construção. Isso serviu de base para o partido, os partido não davam uma sala dessa aqui pros negros, não tinha os negros quando fosse discutir tem que discutir nos programas gerais, tinha que discutir na politica gerais como a gente chamava então lá a maioria as coisas discutidas para os negros era na assembleia Geral, era nas conferencias, era na plenária, a direção era dos não negros e ate hoje é assim. Brasília quem domina esse país aqui, quem dirige esse país aqui são não negros e até hoje é assim, e as pessoas tem coragem de dizer que não tem racismo, é pior que os Estados Unidos, lá não tem tapinha nas costas, não tem tapinha, lá ou é ou não é.

Eu vi uma frase essa semana que a diferença Brasil e Estados Unidos é que lá a policia, enquanto representação do estado mira a arma na sua cara, se for pra te atirar, atira pela frente aqui no Brasil

LIBERTO: O negro se destacou no teatro... tudo, atribuição do negro, né eu ate acho que o Brasil não cresce mais para não dar esse credito para o negro, ele sabe que quem construiu isso aqui e ainda constrói é o negro, através da musica, através do teatro através dos estudos, e ate mesmo através do

sofrimento, que ele consegui se virar e dar um jeitinho aqui, outro jeitinho ali e fazer as coisas, é que nem aqui em casa, isso aqui é sustentado pela, por mim e pela minha mulher. É um misero salario depois de aposentado, um misero salario e a gente se vira aqui, de uma forma tal, pega emprestado e tal... agora também não adianta nada eu chegar pros negros e dizer eu preciso da sua contribuição lá em casa, o que alias eu vou fazer uma critica aqui, porque eu participei de todos os movimentos, todos. No principio, principiei o Quilombo Hoje, MNU, Sou negro, em todos eu estive presente e mais as associações que existe por ai, eu pensei que só colocar meu nome no começo da atividade, por que nós nunca fundamos isso aqui, não fizemos fundação porque não tem como, eu iniciei as atividades, gente inicia as atividades, eu iniciei a atividade e falei para minha mulher, ela falou para mim vamos esperar mais não, vamo aproveitar meu aniversario e vamo fazer um evento aqui, fizemos, chamamos o pessoal, veio la meia dúzia de pessoas, mas foram, eu agradeço até hoje a eles, não importa o numero de pessoas, mas eu tinha comigo que a hora que eu apresentasse, divulgasse as pessoas viriam não precisava nem um convite, convite mesmo, nunca cobreí nada de ninguém, sempre entendi que a luta do negro é uma luta dura, o negro precisa de apoio, de movimento, dos atos, dos eventos, onde tiver evento a gente tem que estar presente, não importa como, não importa se o Martinho da Vila e vem pro Anhangabaú no dia da consciência negra e ganha algum e enche de gente, não precisa falar duas vezes, ai você chama para pra avenida paulista é 500 mil, 2 mil, 3mil pessoas, eu queria um milhão essas coisas não precisa fazer estardalhaço, essas coisas tem que ter na cabecinha do nosso publico, né a gente vê ai o futebol a pessoa vai pro Brasil inteiro ver seu time, acho legal, acho bonito esse amor que as pessoas tem pelo seu clube, eu também sou torcedor do fluminense, né, mas de um lado eu falei né da negritude de quando ela pega na pele, pega firme e tem a camada do negro desinformada totalmente, agora ele é desinformada porque ele quer, ou pelo menos uma terça parte que é grande, é enorme né, “eu não tinha dinheiro pra ir, a condução ta cara” po faz uma reunião no bairro, é um dia importante nós precisamos de um feriado nacional, enche aquilo la e os caras não vao ter jeito de colocar o feriado nacional, se a gente não tivesse a importância dada pelo próprio negro é difícil, nós vamos ficar nessa coisa do... da Paulista, com aquele publico, não da pra gente pagar a condução para

toda a São Paulo, vai lá no bairro, vende uma latinha, vende não sei o que, faz qualquer coisa, faz uma reunião, quem pode dar mais, quem é o cabeça do grupo, vamos dar pra fulano, vamos pegar fazer uma vaquinha, quanto que deu? R\$ 50,00, vai lá fulano, vai nos representar que você tem condição de falar. A negrada precisa partir desses princípios como é que nós vamos mudar uma rua de São Paulo para Solano Trindade, av são joao, por exemplo, como nós vamos mudar por exemplo, vamos fazer uma reunião, sabe vamos fazer as pessoas pensar quem foi Rio Branco e quem foi Zumbi, então nós vamos chamar a partir de hoje essa avenida aqui vai se chamar Zumbi, não está nos anais, mas nós mesmos vamos, Zumbi, Zumbi, Zumbi, zumbi a filosofia Negra, Zumbi, Zumbi, Zumbi. A teoria negra, Zumbi, Zumbi, Zumbi acaba virando Zumbi. O negro tem essa força, zumbi foi o único herói verdadeiro do Brasil, o verdadeiro Heroi, único. Se for falar da construção desse país aqui, zumbi é a maior força que nós temos (canta Música para Zumbi). O negro já sabia que Zumbi ia nascer, o homem apareceu foi líder por muitos anos, a burguesia demorou 23 anos para derrubar Zumbi, não conseguia, só Domingos Jorge Velho ele tem nome de rua por ai, não devia ter, bandeirantes, pelo amor de Deus vira essa boca pra lá. Essa é a contribuição que eu tenho para dar pra você. Não sei se fui claro nos seus objetivos.

Agora a ultima pergunta: pra você o que falta no movimento negro hoje no Brasil?

LIBERTO: O que eu acabei de falar pra você, a negada tem que se tocar, se amar mais, tem que ter amor pelo outro tem que saber que nós viemos, tem que saber das condições que nós chegamos nesse país, porque quem nos colocou nessa condição não vai nos tirar. Eu não acredito que um governo vá ter paixão pela gente, pra melhorar nossa vida, nós vamos ter que sair disso e aquela coisa que falei, dia da consciência negra vão vender latinha, vão fazer uma reunião sabe, vão fazer uma feijoada, vão fazer um samba, qualquer coisa pra arrecadar dinheiro pra vir para Avenida Paulista, temo que alugar uma van, não temo nem que vir de ônibus, aluga uma van, eu tenho quase certeza que se fizer uma feijoada vai arrecadar uns 300 paus da van, 200 sei la, até menos se o for um companheiro lá consciente, entendeu. Pega o carro do amigo,

conscientiza os amigos vamos fazer da consciência negra o ano inteiro, vamos começar de janeiro já, vamos fazer uma consciência negra em Carapicuíba, depois vamos fazer em Mauá, depois vamos fazer lá em Diadema, depois vamos fazer lá em Embu, um mensal e dizer assim, pessoal falta 365 dias para o dia da consciência negra, falta 150 dias, a internet bater, bate tudo isso, não precisa ter dinheiro, basta ter cabeça. Dinheiro é a nossa destruição, dinheiro na mão de pessoa desinformada vai pegar e vai gastar na França, ele vai pra França, vai não sei o pra onde, ele vai gastar a esmo, ele não vai causar para uma causa própria sabe, esses ensinamentos, esses ensinamentos de base das pessoas, se não sabe pergunte, quem foi Rui Barbosa? Ai a gente, quem foi fulano de tal. Se preocupar com a raça negra não é pegar uma cesta básica e dar pro cara que tá com fome não, não é isso. É políticas afirmativas, é ser humilde, esses neguinho que tá melhor de vida pra com esse nariz empinado, os caras qualquer coisa que recebe, é pagodeiro, é jogador de futebol, poxa vamos se instruir, vamos se preocupar, jogue bola, ganhe seu dinheiro, cuide da sua família que é importante, é importante cuidar da família, mas não dê a ela o luxo, de o conhecimento, poxa eu vejo um monte de gente aí ganhando dinheiro não sabe falar no microfone meu querido, e negros, pô que legal, fala um monte de abobrinha, poxa os caras não consegui defender o outro negro não, na entrevista, o cara não tem referencia não tem nenhuma, poxa então procure fazer isso aí, eu não sou nenhum bam-bam-bam da política, do movimento negro, mas a gente tem a preocupação 24h, poxa a internet tá cheia de vídeos que fala de atores negros, tem filme brasileiros bons, né. Vamos fazer uma reunião pelo menos uma vez por mês, uma reunião de dia inteiro falando dessas coisas, traga uma fotografia de fulano, ou traz um poema falando de alguém, mesmo que não seja dele, de um vizinho, sei lá traz, vão expor aqui, não precisa de beleza não, põem em qualquer lugar onde a pessoa pode visionar, sabe ter visão da coisa. Vamos falar, vamos fazer, vamos nos encontrar que nós vamos fazer da consciência negra que começa em janeiro, vai pelas cidades todas pega a grande São Paulo ou o interior né, nesse ônibus, vai três no ônibus, vai um músico, vai um professor, vai um engenheiro e vai um advogado, vai professor, vai não sei o que, sei lá, vai empregada doméstica, vai sabe a pessoa que trabalha no recolhimento do lixo na rua, não é vergonha nenhuma, vai a dona de casa sim, como se trata de

uma família, sabe é isso, um ônibus cheio de gente inteligente, astutas, chega lá da uma pasta com pauta do dia, neguinho vai ser sentir importante, sabe essa pasta aqui é pra você, pra você acompanhar todo o movimento, vai acontecer tudo isso que ta na pasta. Já vai com a pasta pronta pro cara saber, começa a uma hora da tarde, da de manha pro neguinho ele vai lá e lê tudo que ele pode responder, o que ele pode perguntar, o que ele pode, que tipo de coisa, tipo de intervenção ele vai fazer. Não adianta esse pessoal fazer esse discurso astronômico, não vai adiantar nada, não adianta ficar nas quatro paredes, agora é rua, pelo menos uma vez por mês o pessoal com a camiseta do MNU, do sou negro, da Casalloica, de tudo de escola de samba, sair na rua e parar nas feiras de arte, parar nas feiras livres, parar no cinema, no futebol, ir pegando as propostas, é isso que precisa. Uma vez por mês, e aquela coisa, feijoada, vender latinha, não importa. Ou quem ganha um pouquinho mais pode contribuir com 10, com 20, com 30. Tem que mostrar, sabe tem que mostrar o interesse o amor por aquilo, tem pessoas que podem se tornar conscientes do que ta fazendo, ou os conscientes dar uma força parar com o “A não vou brigar mais, não vou falar mais nada” para com isso, mentira, ele não vai viver legal, eu tenho amigos meus que estão mal porque parou de lutar, pararam, tão doente. A atividade é revigora as pessoas, as pessoas não conseguem fazer fofoca do vizinho, nem de ninguém sabe, as pessoas só apreendem estando em atividade. Ninguém ta desautorizado a ir a casamento, ninguém esta desautorizado a ir no campo de futebol, ninguém ta desautorizado a ir na feira, ninguém esta desautorizado a ir a um monte de coisa, mas se politizem , pode fazer o que quiser na vida, sabe ir a baile, desfilar na escola de samba, não tem mal nenhum, muito pelo contrario, a pessoa tem que espairer, vai tomar uma cerveja, uma cachacinha, não faz mal a ninguém, mas 24h por dia conscientização, nos precisamos de tudo isso, sabe, não sabe apreende, vai tocar um surdo, aprende, não é mal nenhum, vai cuidar da família, mas tem gente que casa e morre, sabe casou, morreu. Fica lá assistindo Faustão, quando vai no bar, bebe, briga, bate na mulher ele no movimento vai ter muito o que pensar ele não vai ter tempo para essas palhaçadas, isso eu to falando de modo geral, esses caras que não deixa a mulher, que não deixa mulher, que não quer ir pros movimentos culpa a mulher mais vai lá e faz o papel que ela faz, passar, lavar, fazer comida pros filhos e cuidar dos filhos, se não sabe

fazer é outra coisa, faz algo, mesmo na praia quem tiver lá, ele vai lá serve as pessoas, para com esse papo de dizer que não é baba de ninguém, os cara fala não sou baba de ninguém, sabe machismo do caramba, machista pra chuchu, nós precisamos ter uma cabeça livre, pensamento livre para poder fazer todas essas coisas, as pessoas precisam se libertar de determinadas coisas, eu já falei aqui ninguém tá desautorizado a fazer nada, viajar, sabe ir a praia, fazer qualquer coisa, mas não se esqueça do momento político do país, seja ele movimento negro, seja movimento de favela, seja a favor dos brancos, brancos que não são racistas, branco que não são racistas são danada essas pessoas. Vamo botar isso na cabeça, enfim é isso que eu aprendi meu querido, eu sou assim não cobro nada de ninguém.

ANEXOS

Anexo 1

MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO – MNU

Fundado em 18 de junho de 1978

CARTA DE PRINCÍPIOS

Nós, membros da população negra brasileira – entendendo como negro todo aquele que possui na cor da pele, no rosto ou nos cabelos, sinais característicos dessa raça –, reunidos em Assembléia Nacional, CONVENCIDOS da existência de:

- discriminação racial
- marginalização racial, política, econômica, social e cultural do povo negro
- péssimas condições de vida
- desemprego
- subemprego
- discriminação na admissão em empregos e perseguição racial no trabalho
- condições sub humanas de vida dos presídios
- permanente repressão, perseguição e violência policial
- exploração sexual, econômica social da mulher negra
- abandono e mal tratamento dos menores, negros em sua maioria
- colonização, descaracterização, esmagamento e comercialização de nossa cultura
- mito da democracia racial

RESOLVEMOS juntar nossas forças e lutar por:

- defesa do povo negro em todos os aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais através da conquista de:
 - maiores oportunidades de emprego
 - melhor assistência à saúde, à educação e à habitação
 - reavaliação da cultura negra e combate sistemático à sua comercialização, folclorização e distorção
 - extinção de todas as formas de perseguição, exploração, repressão e violência a que somos submetidos
 - liberdade de organização e de expressão do povo negro

E CONSIDERANDO ENFIM QUE:

- nossa luta de libertação deve ser somente dirigida por nós
- queremos uma *nova* sociedade onde *todos* realmente participem
- como não estamos isolados do restante da sociedade brasileira

NOS SOLIDARIZAMOS:

- a) com toda e qualquer luta reivindicativa dos setores populares da sociedade brasileira que vise a real conquista de seus direitos políticos, econômicos e sociais;
- b) com a luta internacional contra o racismo.

POR UMA AUTÊNTICA DEMOCRACIA RACIAL!
PELA LIBERTAÇÃO DO POVO NEGRO!